

Não Despertem os Mortos

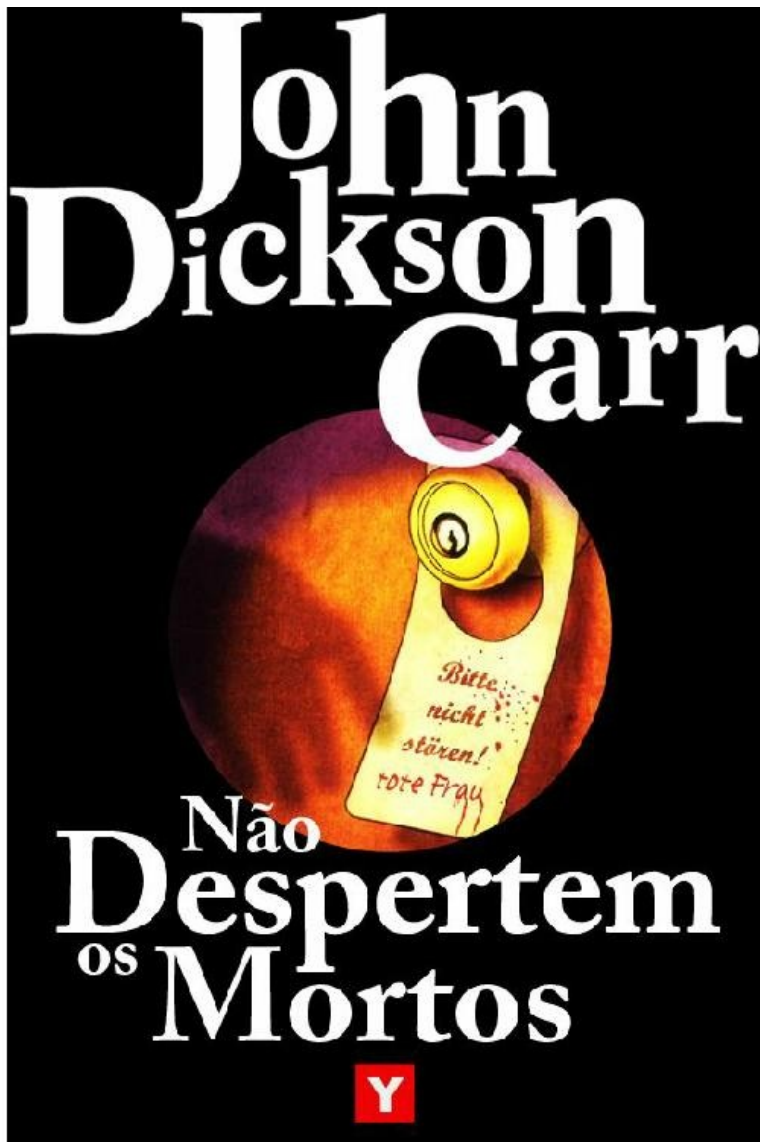
John Dickson Carr

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Não Despertem os Mortos

John Dickson Carr



John Dickson Carr

**Não Despertem
os Mortos**

Digitalização de Papyrus Digitais

CÍRCULO DO LIVRO

Sistema Alexandria N.A. :264296 Tombo : 23827

Círculo do Livro

264296

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal, 7413 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "To wake the dead"

Copyright John Dickson Carr

Tradução de Jamir Martins

Capa de Gilberto Miadaira

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Editora Cultrix Ltda.

Composto pela Linoart Ltda. Impresso e encadernado em oficinas próprias 2468 10 97531

I

O Crime de Filar Café

Numa fria manhã de janeiro em que o cinza do ar se diria pintado a pincel, Christopher Kent deu consigo em Piccadilly, tiritante de frio. Estava a poucos passos de Piccadilly Circus, e o relógio da Guinness dizia serem sete e vinte. A única coisa que via mover-se nos arredores era um táxi, cujo motor roncava de modo bem distinto, que, após fazer o balão na ilha de Eros, enfiou por uma Regent Street ainda quieta àquela hora. O vento que começava a soprar do leste agitou o ar com a mesma violência com que se sacodem tapetes. Christopher Kent viu passarem, varridos do vento, um floco de neve e depois outro. Fitou-os sem ressentimento, mas com ar nada divertido.

No banco da esquina poderia descontar um cheque para o que

entendesse.

Todavia, achava-se sem um níquel de seu no bolso, e não era provável que viesse a obter algum nas próximas vinte e quatro horas. Esse o problema. Estava sem comer desde a manhã da véspera, e a fome começava a constrangê-lo.

Instintivamente viera dar quase às portas do Royal Scarlet Hotel. No dia seguinte

— às dez horas da manhã de 1.º de fevereiro, para ser exato — entraria no hotel a fim de encontrar-se com Dan Reaper, conforme o combinado. Depois, toda a pendência entre eles estaria resolvida. Seria agradável ganhar de Dan, mas no momento a fome e a fraqueza que sentia quase lhe convertiam em ferocidade o primitivo bom humor.

Como é natural, os fatos que o levavam àquele encontro eram pouco razoáveis.

Era o filho de um fabricante de cerveja na África do Sul, recém-falecido. Sul-africano por criação, já vivera em muitos outros países mais que no seu próprio, pois não via a Inglaterra desde a idade de dois anos.

Sempre algo acontecera para evitá-lo. As Cervejas Kent exigiam atenção, mas ele apenas se limitava a prová-las, com tédio. Tinha outras idéias. Educado em sólidos princípios pelo pai, com quem concordava em praticamente tudo (menos quanto à fascinação do mundo dos negócios), cedo adquirira o gosto da ficção sensacional. Aos vinte e poucos anos entrara a produzi-la, determinado a fazer isso da melhor forma possível. Dan Reaper é que não gostara da idéia.

Parado agora sobre o rígido pavimento londrino, lembrava-se de um dia mais agradável, três meses antes, em que, tendo na mão uma bebida gelada, ouvia o rumor do mar na praia de Durban. Discutia com Dan, como sempre. Lembrava a pele bronzeada, os gestos vívidos e modos categóricos do outro. Aos cinquenta anos Dan lograra prosperar numa terra de jovens, e era um dos que tinham feito de Johannesburg uma nova Chicago. Conquanto vinte anos mais velho que Kent, davam-se já havia tempos, e nada apreciavam mais que discutir o valor das obras de criação.

Membro da Assembléia e já em vias de tornar-se alguém de importância na política, Dan argumentava de modo autoritário, como sempre.

— Não tenho tempo para ler romances — dissera. — Biografias, histórias, ainda vão lá. Só me interesso por coisas reais. Que compensem o tempo que se perde com elas. Quanto ao resto, sou como a velha Patterson: "De que serve? É tudo um mundo de mentiras". Mas se uma pessoa entende que deve escrever romances, que ao menos os tire da experiência, de uma experiência total de vida... Como a minha, por exemplo.

Às vezes penso que eu até poderia...

— Sim; já sei — interrompera-o Kent. — Já ouvi isso tudo antes. Tolice! Escrever é um negócio como outro qualquer, e tem que ser aprendido. Agora, quanto a essa sua maldita experiência...

— Nega que seja necessária?

— Não sei — admitira Kent com sinceridade. E lembrava-se que nessa altura estivera a estudar os matizes do azul, na água como no céu, através do copo. — Uma coisa sempre me irrita nesses resumos biográficos de autores que a gente vê em orelhas de livros. É incrível como todos se parecem. Em nove de dez casos lê-se: "No decurso de uma vida extremamente aventureira, Fulano de Tal foi madeireiro, vaqueiro, jornalista, mineiro e garçom; tendo percorrido o Canadá, esteve longa temporada em Caixa-Pregos..." e por aí afora. O número de escritores que já foram vaqueiros no Canadá é assombroso. Algum dia, se me pedirem para escrever uma nota autobiográfica, hei de pôr fim nessa baboseira. Escreverei: "Nunca fui mineiro, vaqueiro, jornalista, ou garçom, e, para ser franco, jamais trabalhei um dia sequer na vida, até começar a escrever".

Com isto ferira o ponto sensível de Dan.

— Sei muito bem que não — replicara ele, inflexível. — Você sempre teve a seu alcance todo o dinheiro que quis! E claro que nunca trabalhou. Isso o mataria!

Daí a altercação, animada por um ou dois tragos de John Collis, mergulhou de chofre no terreno dos negócios, e Dan se fez ainda mais acalorado:

— Aposto mil libras — gritara ele, empolgado por sua imaginação romântica — que você não passaria pelo que eu passei. Olhe, você não poderia começar vida nova em Johannesburg de bolsos vazios. Nem seria capaz de arranjar meios de chegar ao litoral: Durban, Cidade do Cabo, Port Elizabeth, aonde for; não conseguiria arranjar uma passagem para ir me encontrar na Inglaterra, em dado lugar que

previamente marcássemos, digamos daqui a dez semanas! Digo que não seria capaz de fazer isso sem lançar mão do talão de cheques ou do próprio nome para obter ajuda. Bah!

Kent não revidou que aquela idéia em ficção já não era original. Mas ficou interessado.

— Topo — respondeu.

Dan fitou-o com ar suspeito; tudo lhe pareciam armadilhas.

— Está falando sério? Olhe que se você fizesse uma coisa dessas ou mesmo que só tentasse fazê-la, a experiência lhe faria muito bem. Aprenderia o que é a vida. E

colheria matéria para algum livro que fosse baseado em fatos reais, para variar. Mas

você está brincando. Amanhã já mudou de idéia.

— Veremos.

— Ah, ah — respondeu Dan, e enfiou a cara dentro do copo. — Está bem! —

concluiu apontando um dedo rechonchudo. — Em princípio de janeiro eu terei mesmo que ir à Inglaterra a negócios. Melitta vai comigo, também o seu primo Rod e Jenny; e talvez Francine e Harvey. — Dan sempre viajava como um imperador, arrastando após si uma comitiva de amigos. — Preciso dar um pulo até a casa de Gay, em Sussex, assim que desembarcar. Mas na manhã de 1º de fevereiro estaremos em Londres.

Acha que pode fazer essa viagem e encontrar-se comigo, na minha suíte do Royal Scarlet Hotel, às dez em ponto da manhã do dia 1º? Pense bem no caso, meu caro. Mil libras... Mas veja lá, nada de trapaças.

Mais dois flocos de neve carregados pelo vento passaram por ele, e foram impelidos para longe. Kent fitou Piccadilly enquanto, em sentido figurado, apertava mais a cinta. Bem, conseguira. Ali estava; ou, ao menos, conseguiria se se agüentasse por mais vinte e quatro horas. No momento sua principal impressão era que quase tudo o que Dan tinha tão confiadamente predito dera errado.

Experiência? Matéria para livros? No momento, não sabia se ria ou

imprecava.

Nada aproveitável acontecera em sua aventureira viagem. O próprio Dan, a caminho da África em cima de um bote, após a guerra, podia ter tido alguma visão da grandiosa aventura, tanto quanto qualquer vislumbre místico; Kent, porém, não cria. Não fora divertido. Só monotonia e trabalho; e trabalho de quebrar as costas; que o teria matado nas duas primeiras semanas, se ele não tivesse constituição tão sólida. Sua teimosia é que o fizera prosseguir. Poderia ter aprendido mais sobre a natureza humana deixando-se ficar numa hospedaria de Johannesburg, o que seria até mais aventureiro.

Mas ali estava, afinal. Fazia quase uma semana que aportara em Tilbury a bordo do Volpar, com um salário de estivador no bolso, de que já gastara quase tudo numa grande pândega com os companheiros de tripulação. Com o tempo talvez recobrasse o senso de aventura. No momento, tudo o que sabia era que estava faminto.

Aproximou-se mais das grandes portas giratórias do Royal Scarlet Hotel, cuja construção em pedras brancas se destacava de Piccadilly. No interior do hotel, podia ver as mulheres que acabavam o trabalho de faxina; os tapetes estavam sendo recolocados no lugar, silenciosamente; e a quietude da manhã só era quebrada por algum ruído eventual de passos.

O Royal Scarlet, apesar de imponente, não era caro. Dan Reaper sempre o preferia, embora, via de regra, ocupasse meio andar e acabasse sempre pagando quase o mesmo que no Savoy. O princípio da coisa era, segundo explicava, nunca deixar que hotéis careiros cobrassem pela fama. Depois, o gerente também era sul-africano e seu amigo. Estavam anexando um novo andar, para o ano da coroação, que, dizia-se, haveria de ser qualquer coisa de realmente novo em matéria de luxo; o que também despertara a curiosidade de Dan.

Christopher Kent aproximou-se ainda mais do hotel. A temperatura parecia amena

do outro lado daquelas portas de vidro; a gente podia repousar lá, mesmo faminto, numa confortável poltrona. Espiando o saguão pelo vidro, Kent tomou consciência de um ressentimento irracional contra Dan. Dan, expansivo *père de famille*^{1} sem família alguma, Dan que não hesitava em meter-se em todo tipo de encrencas para obter por nove xelins e alguns quebrados um artigo no valor de dez. Nesse momento estaria na casa de Gay, em Sussex, enfiado numa cama confortável. Mas logo apareceria ali, puxando um cordão de amigos e

serviçais. Kent memorou-os todos. Melitta, esposa de Dan; Francine Forbes, sobrinha; Rodney Kent (que era primo de Kent), seu secretário político; e Jenny, esposa de Rodney. Harvey Wrayburn, grande amigo da família, decerto também viria. Um dia mais, e estariam todos em Londres...

Sentia o estômago roncar. Nunca pensara ser possível sentir tamanha fome.

Com o canto do olho percebeu algo branco, grande demais para ser floco de neve.

Caía-lhe do céu; passou-lhe pelo ombro, e ele, num gesto automático, estendeu a mão para apanhá-lo. Era um pequeno cartão dobrado, do tipo que dão a quem tenha reservado quarto. A inscrição era em vermelho:

ROYAL SCARLET HOTEL

Data: 30/1/37. Despesa: 21/6 (Dupla). Quarto: 707.

A despesa inclui quarto, banho e café matinal. Não assumimos responsabilidade por valores que não sejam depositados no cofre da gerência.

"Quarto, banho e café matinal." Kent olhava fixamente o cartão; a princípio ocorreu-lhe ser aquela uma boa idéia para explorar depois literariamente; logo, num assomo de surpresa, compreendeu que poderia dar-lhe um fim mais prático.

Lembrou-se de como se faziam aquelas coisas. A gente entrava na sala de jantar e dava o número do próprio quarto ao garçom, ou a alguém postado à entrada com um livro. Então eles nos serviam café. Se entrasse com desembaraço e desse o número de um quarto realmente reservado, poderia comer bem e depois desaparecer sem ser notado. Por que não? Como iriam saber que ele não era o verdadeiro ocupante do quarto? Eram apenas sete e meia. Poucas seriam as possibilidades de que o verdadeiro hóspede descesse tão cedo; e, de qualquer modo, era um risco que teria de correr.

A idéia atraiu-o enormemente. Embora já tivesse empenhado quase tudo o que trouxera consigo e necessitasse cortar o cabelo, o terno que vestia ainda estava apresentável; e barbeara-se na noite anterior. Empurrou a porta giratória e entrou no vestíbulo, desfazendo-se do

chapéu e do sobretudo.

Seria a mais branda forma de fraude; mas Kent subitamente notou que nunca antes se sentira tão culpado. Um estômago vazio nos dá bem pouca segurança; imaginava se não o estariam encarando, se não lhe penetrariam a intenção. Teve mesmo de conter-se para não atravessar o vestíbulo numa corrida como se o estivessem perseguindo.

Apenas um porteiro, em seu uniforme azul-escuro, cor natural num hotel com o nome de Royal Scarlet, parecia olhar para ele. Kent atravessou o vestíbulo e ganhou o enorme refeitório que parecia acabar de despertar.

Já havia, folgava ele em ver, várias pessoas à mesa. Se fosse o primeiro a chegar, um vigarista, engoliria à pressa o desjejum. Foi isso mesmo o que acabou fazendo, à vista de tantos garçons. Mas procurou caminhar com aquele ar de fria despreocupação de alguém levando o jornal da manhã. Logo, porém, um garçom lhe fez uma medida e tudo se consumou.

Posteriormente ele admitiu estar com o coração na boca quando o homem lhe puxou uma cadeira numa mesa isolada.

— Pois não, cavalheiro.

— Ovos com bacon, torradas e café. Uma boa porção de ovos com bacon.

— Perfeitamente, senhor — respondeu rápido o outro, sacando um bloco de papel.

— O número do quarto, por favor?

— Sete-zero-sete.

O garçom não pareceu surpreender-se; anotou simplesmente o número, destacou uma duplicata em carbono, de sob a folha em que escrevera, e foi-se pressuroso. Kent recostou-se no espaldar da cadeira. Ali dentro a temperatura estava muito agradável; o aroma de café que impregnava o ar agravou-lhe um pouco o aturdimento; mas ele se dominou afinal. Antes que tivesse tempo de considerar se não lhe tirariam o "pão" a caminho da boca, foi-lhe posto diante um prato cheio do que parecia serem os mais esplêndidos ovos e o *bacon* mais suculento que jamais vira. Uma bandeja de torradas e um serviço de café em peltre polido vieram acrescentar maior brilho à mesa: o amarelo e o vermelho-pardo do bacon com os ovos, contra a faiscante

porcelana e as alvíssimas toalhas, tudo isso daria uma pintura de rara qualidade.

— "Bandeiras" — citou ele, mirando os ovos; — "bandeiras amarelas, gloriosas, douradas, Do cimo a ondear, altivas ..."

— Mais alguma coisa, senhor? — perguntou o garçom.

— "Lutamos até o fim, sorvemos até a escória" — prosseguiu Kent com arrojo. —

"E ousamos ser Daniéis, a bacon e ovos." É só isso, obrigado.

Depois entrou a comer. Com dificuldade, a princípio, pois o estômago se lhe abria e fechava, como uma sanfona; logo, porém, começou a sentir uma sensação de bem-estar. Recostou-se de novo na cadeira, em paz com o mundo, desejando ter o que fumar. Mas não iria tão longe. Já se alimentara; cumpria agora ir saindo antes que...

Foi então que notou dois garçons. Um deles acabava justamente de chegar; olhavam para sua mesa e confabulavam entre si.

"Fui descoberto", pensou ele. Mas sentia-se quase divertido.

Pondo-se em pé, com o ar mais digno que podia assumir nas circunstâncias, entrou a caminhar rumo à porta. Por trás dos garçons, notava ele, havia uma espécie de

atendente, trajando uniforme azul-escuro. Bem podia adivinhar o que significava aquilo, antes mesmo que o homem avançasse um passo e lhe dirigisse a palavra.

— O cavalheiro quer ter a bondade de me acompanhar? — disse o homem, no que parecia ser uma sinistra inflexão de voz.

Kent suspirou fundo. Então estava acabado. Perguntava-se se aquilo seria motivo bastante para ser lançado na prisão. Imaginava as gargalhadas de Dan Reaper, e dos outros que, chegando no dia seguinte, o achariam preso por filar café; ou lavando pratos para compensar a despesa. Esse pensamento o enfureceu, mas não tinha outra saída, a não ser que disparasse no rumo da porta; e isso era coisa que ele não faria.

Caminhou, tão calmo quanto pôde, ao lado do atendente que o conduziu pelo vestíbulo em direção do porteiro do hotel. Esse dignitário, homem robusto, com bigodes que lhe davam um aspecto de

militar, não tinha aparência nada sinistra; mostrava-se polido e embaraçado. Após relancear os olhos em torno, como a suspeitar inimigos ou espiões presentes, dirigiu-se a Kent com confidencial cordialidade.

— Sinto muitíssimo incomodá-lo, senhor — começou ele; — mas desejaria que nos ajudasse a sair de uma dificuldade. É o senhor o cavalheiro hospedado no 707?

— Sim, perfeitamente.

— Oh! Bem, é o seguinte. O seu quarto, o 707, foi ocupado até o dia de ontem —

aqui o homem tornou a despedir em torno olhares cautelosos e acautelantes — por uma senhora americana que embarca hoje à tarde no *Directoire* de volta à sua terra.

Ela nos telefonou ontem, tarde da noite; mas claro que não quisemos incomodá-lo enquanto não o soubéssemos de pé. O fato é que essa senhora, ao deixar o hotel, esqueceu um bracelete valiosíssimo aqui; na gaveta do aparador, parece-me, sob o forro de papel, onde o escondera. A proprietária diz que a jóia vale muito e que não quer voltar a seu país sem tê-la consigo. Pena que a arrumadeira não encontrasse a jóia ontem, antes que o senhor chegasse; mas o cavalheiro sabe como essas coisas acontecem. Agora, bem, sabemos que isto representa um incômodo para o senhor; mas se encontrasse esse bracelete imediatamente nós poderíamos remetê-lo a Southampton ainda em tempo de alcançar o navio dessa senhora americana. Peço-lhe, pois, a fineza de subir comigo e dar uma vista d'olhos nessa gaveta.

Kent passou a manifestar enfado.

— Receio que tenha de sair — começou lentamente a dizer. — Mas não há razão para o senhor mesmo não subir e olhar...ou a arrumadeira, ou quem quiser. Têm toda a minha permissão para fazê-lo, e poderiam usar uma chave-mestra.

O porteiro assumiu um ar de relutância ainda mais acentuado.

— Ah, eis justamente o problema, senhor — disse, apontando com a cabeça. —

Nas circunstâncias...

— Quais circunstâncias?

— Sua senhora estando ainda dormindo, e tendo pendurado à porta um cartão de

"silêncio" — explicava o homem, com decoro —, bem pode ver que não poderíamos...

— Minha senhora?

— Sua esposa. Não ficaria bem despertá-la com uma solicitação dessas. Mas creio que se nos fizesse a gentileza de explicar-lhe...

Enquanto sua mente registrava tais razões, Kent achou-se impelido, como por uma força hipnótica, a pôr-se no rumo do elevador mais próximo.

II

Crime de Morte

Havia, segundo verificou depois, poucas escapatórias disponíveis. Na verdade, não havia escapatória alguma, salvo abalando dali quanto antes: ação que, em seu foro íntimo, interpretava como assaz comprometedora, além de passível de suscitar perseguição imediata. Depois, agora que tinha o estômago forrado de boa comida, começava a tomar interesse na situação. Lembrava uma passagem de um de seus livros; o que tanto bastou para fazer agitar-se nele um diabrete. Pelo visto teria de irromper no quarto de um inocente casal de esposos, que àquela hora ainda dormiriam...e descobrir algum jeito de safar-se da situação. Aventuras (poderia ter dito a Dan Reaper) a gente encontra entre quatro paredes, mais que ao ar livre.

No elevador, o porteiro mostrou-se muito cordial.

— Passou bem à noite, senhor? Dormiu bem?

— Muito bem, obrigado.

— Espero que não se tenham molestado com os homens que consertavam o segundo elevador. O andar de cobertura é novo; temos muito orgulho dele; mas ainda não está bem acabado. Ainda falta instalar o segundo elevador. Estão trabalhando dobrado para aprontá-lo antes da Coroação. Ah, chegamos!

No sétimo pavimento do Royal Scarlet, os quartos eram maiores e em

menor número. Tinha quatro alas, das quais a ala A (à direita de quem descia do elevador de serviço) era a única que dizia respeito a Kent. Em frente ao par de elevadores, um ao lado do outro, começava uma ampla escadaria, e alguns operários fuçavam no mecanismo do outro elevador sob um fecho de luz forte.

A ala A era bastante ampla e luxuosa, muito embora Kent apreciasse o ar menos desabridamente moderno que cromo, vidro e murais lhe acrescentariam. À direita dos elevadores, estendia-se um corredor largo que mais além se dobrava em ângulo reto.

O piso revestia-se de um tapete cinzento muito espesso, e as paredes decoradas lembravam um salão de fumar ou um saguão de aeroporto. De um lado via-se representada, em tamanho natural, uma cena de pugilismo; o outro parecia composto de um alfabeto colorido, totalmente maluco. Luzes mortíferas iluminavam-no, dando, no conjunto, a impressão de crisálidas. Era coisa nova, ainda na sua crueza e lisura de obra recém-findas.

Kent ia se sentindo cada vez menos à vontade à medida que caminhavam. O

número 707 ficava na esquina do corredor, e tinha a porta voltada para o lado oposto aos elevadores. Kent, caminhando um pouco à frente do porteiro, foi o primeiro que a viu. Fora, junto à soleira, havia um par de sapatos marrons, femininos: o material de que teria sido feito, ele não sabia ou não notou. E, pendente da maçaneta, via-se um desses avisos em papelão, rezando: "Pede-se silêncio para o bem dos que se acham

recolhidos". Não foi isso, contudo, o que o fez estacar, cobrindo o cartão com o próprio corpo, como por instinto. Perpendicularmente ao aviso impresso, lia-se rabiscado em vermelho:

"MULHER MORTA"

No espírito de Kent aquilo assumiu uma nitidez fatídica. Ao fim da curva do corredor havia uma janela que dava para uma escada de incêndio; pareceu-lhe notar uma dezena de coisas num só relance. Não lhe escapou o gabinetezinho, no extremo do corredor; viu-lhe dentro uma lâmpada poderosa e uma criada em seu uniforme azul e branco. Entretanto, tudo se centrava naquelas palavras: "Mulher morta", no cartão pendente da maçaneta.

Na certa essas palavras já tinham sido notadas por mais alguém além dele. Aquela criada, por exemplo, se já tivesse passado por ali... E ele

estranhou a própria voz, ao dizer:

— Receio que não tenha a chave.

(Deveria confessar tudo agora, ou bancar o durão?)

— Oh, não faz mal, senhor — tornou o porteiro, como a consolá-lo, num tom surpreendentemente natural. — A arrumadeira nos resolve isso num instante. Psiu! —

chamou.

E já ia em direção da mulher. Christopher Kent permaneceu onde estava: nada fez porque não foi capaz de pensar em nada que pudesse fazer. De uma coisa, porém, não gostou. Estirou o braço rapidamente e virou o cartão de bruços, de jeito que o seu verso (impresso como o anverso, mas sem a anotação em vermelho) ficasse à mostra.

— Aqui estamos, senhor — disse o porteiro. A chave estalou na fechadura e a porta mal se abriu uma polegada. Ainda que o porteiro não se tivesse afastado discretamente para um lado, Kent já lhe teria passado à frente.

— Tenha a bondade de esperar só um instantinho — disse.

— Perfeitamente, senhor; não há pressa.

Enchendo-se de determinação, Kent entrou sorrateiramente e fechou a porta atrás de si; era do tipo que, uma vez encostada, fechava-se por si.

O interior do aposento estava quase totalmente às escuras. Grossos anteparos de cor creme vedavam quase por completo a entrada de luz por ambas as janelas.

Nenhuma teria estado recentemente aberta, pois o ar estava abafado. Contra a parede que lhe ficava à esquerda, Kent mal distinguia o vulto de duas camas gêmeas: esperava que a qualquer momento alguém se erguesse de chofre e lhe perguntasse que diabo estava ele fazendo ali. Mas não houve sombra de movimento, e logo verificou que ambas as camas estavam vazias. Começou a pensar que o teor da anotação manuscrita no aviso à porta talvez fosse verdadeiro.

Mais ao fundo distinguiu o vulto de uma grande mala de roupa, do tipo vertical, que se abria como um livro. Estava parcialmente aberta e algo se projetava de dentro dela sobre o solo. A princípio pareceu-lhe

apenas uma massa escura; logo viu uma perna

coberta de meia de seda cinzenta; depois a mão. Era o corpo de uma mulher; estava caída de lado e tinha a cabeça entre as folhas da mala. Alguma coisa branca lhe pendia parcialmente do ombro.

Os que se ocupam com tais assuntos vez por outra se perguntam que faria um homem comum ao ver-se de repente às voltas com um cadáver; Kent já se perguntara isso antes. Não fez coisa alguma. O tempo que demorou no interior do quarto, conforme verificou depois, foi cerca de três minutos.

Antes de tudo teria de aproximar-se do cadáver e examiná-lo. Movia as mãos com pouca segurança e à direita da porta seus dedos tatearam algo que o fez recuar. Havia ali uma pequena mesa: e sobre ela uma grande pilha de toalhas de banho dobradas.

Não lhe ocorreu acender a luz nem erguer o anteparo das janelas. Tinha uma caixa de fósforos no bolso, ainda com alguns palitos. Encaminhou-se mansamente para a mulher, agachou-se junto dela e riscou rapidamente um fósforo. Não havia dúvidas de que tinha sido assassinada. Após uma rápida olhadela, extinguiu a chama do fósforo com um sopro, na mesma precipitação com que o acendera: engoliu em seco, procurando aplacar a náusea que de súbito o acometera.

Ao que sabia, nunca vira aquela mulher antes. Parecia jovem e usava o cabelo curto: um dos poucos detalhes que ele tinha certeza de haver notado. Estava completamente vestida no seu costume cinza-escuro e blusa de seda branca; apenas, em lugar de sapatos, usava chinelos de pele preta. Fora estrangulada: o assassino teria envolvido as mãos em algo a fim de não deixar marcas; decerto a toalha de rosto amarfanhada, agora pendente do ombro da mulher. Mas não era só isso. Seu rosto dava mostras de ter sido duramente espancado — após a morte, sem dúvida, pois não havia muito sangue. Estava completamente fria.

Kent atravessou pé ante pé o aposento. Havia uma cadeira perto da janela, e ele se sentou, embora por instinto evitasse tocar no que quer que fosse.

— Meu velho — disse à meia voz consigo mesmo —, você está metido numa terrível embrulhada.

Ele próprio declarara ter passado a noite naquele quarto, com uma mulher que nunca vira antes. Claro que tinha uma coisa em seu favor, graças à qual não estava realmente em perigo de acabar preso ou

enforcado: a mulher fora assassinada muitas horas antes. Ele passara a noite num café do Embankment, e podia prová-lo; felizmente, era um álibi seguro.

Mas a encrenca já estava armada. Se não quisesse passar o dia seguinte, e talvez mais tempo, numa cela — sem contar que podia ser forçado a revelar seu verdadeiro nome e, conseqüentemente, perder para Dan a aposta de mil libras, além de cair no ridículo —, tinha que dar um jeito de sair daquela embrulhada. Toda a sua teimosia levantou-se contra aquela situação embaraçosa. Lutaria? Claro; por que não, se houvesse chance? Mas, em sã consciência, não podia deixar aquela mulher ali, estendida...

Ouviu um toque discreto à porta.

Ergueu-se rápido, à procura do aparador. Um nome e um endereço vieram-lhe à mente, com a mesma clareza do manuscrito que vira sobre aquele cartão. Eram nome e endereço de um homem que jamais vira, mas com o qual freqüentes vezes se correspondera: Dr. Gideon Fell, Adelphi Terrace, número 1. Tinha de chamar o Dr. Fell.

Nesse ínterim, se achasse o maldito bracelete que a americana deixara numa gaveta do aparador, poderia livrar-se do porteiro.

Localizou o móvel, entre as janelas; agora não podia deixar de tocar nas coisas.

Um raio de luz, que mal se insinuava pelas frinchas laterais dos anteparos corridos das janelas, iluminava-o palidamente. Mas não achou o bracelete, pois não estava ali. O

pressentimento de algo ainda pior e mais perigoso fê-lo estremecer: não suspeitava exatamente daquele porteiro de bigodes encerados, que agora o esperava pacientemente à porta, mas já lhe parecia haver algo mais complexo em torno daquele crime. Nada havia nas gavetas daquele móvel além do seu forro de papel.

Erguendo cautelosamente um canto do anteparo que cegava a janela, Kent espiou fora do aposento. As janelas davam para o poço de ventilação, que era todo revestido de ladrilhos. Ainda havia algo errado em tudo aquilo. Pouco antes, aquele cartão dobrado, de número 707, com que tudo começara, lhe caíra às mãos de alguma janela.

Mas na ocasião ele estava na frente do hotel. Logo, caíra de algum outro quarto...

O toque discreto à porta se fez ouvir de novo. Dessa vez lhe pareceu que o porteiro limpava a garganta.

Kent voltou-se e examinou o cômodo em que estava. À sua direita havia outra porta; mas a parede desse lado fazia ângulo com os dois corredores da ala. Fez um cálculo rápido e correto. A menos que aquela porta fosse de um armário, devia abrir diretamente para o corredor que não podia ser visto pelo porteiro. Realmente: correu o trinco e abriu-a, dando com os operários que consertavam o elevador. Era aproveitar a oportunidade; ou, em outras palavras, dar às gâmbias! Saiu, fechou a porta após si e caminhou para as escadas. Quinze minutos depois, no meio de uma tempestade de neve, tocava a campainha do número 1 de Adelphi Terrace.

A porta foi aberta pelo próprio Dr. Fell, que lhe enchia o vão inteiro, lembrando uma carranca de navio pelo modo como se inclinava porta afora. Luzia-lhe o rosto, refletindo o fogo da lareira que lhe chegava através das janelas da biblioteca; seus pequeninos olhos piscavam por trás do *pince-nez* atado a um cordão grosso e preto; parecia mal enxergar o visitante, por sobre a saliência do próprio estômago, do alto da sua maciça e ofegante bonomia. Ao vê-lo, Kent mal conteve o riso. Era como encontrar-se com o velho King Cole em pessoa. Antes de ouvi-lo dizer quem era e ao que vinha, o Dr. Fell inclinou afavelmente a cabeça e aguardou.

— Sou Christopher Kent — explicou o visitante, quebrando a regra e perdendo a aposta. — Receio que transpus uma distância de seis mil milhas só para lhe dizer que me meti em encrencas.

O Dr. Fell pestanejou ao ouvir isso. E embora não alterasse o ar de bonomia, seu aspecto se fez grave. Parecia flutuar na soleira (como se isso lhe fosse possível) qual um grande balão apoiado a uma bengala de cabo de marfim. Depois olhou em torno,

para as janelas descortinadas da biblioteca. Por elas Kent distinguiu uma mesa posta para o café e um homem alto, de meia-idade, passeando-lhe em torno, com ar de impaciência.

— Ouça — disse o Dr. Fell com gravidade —, creio que sei quem é e por que veio.

Mas devo adverti-lo... Vê aquele sujeito lá dentro? É o Superintendente Hadley, do Departamento de Investigações Criminais; já lhe escrevi sobre ele. Feito o esclarecimento, não quer entrar e saborear um charuto?

— Com prazer.

— Ah! — exclamou o Dr. Fell, com um sorriso satisfeito.

Caminhou pesadamente para uma sala ampla, forrada de livros até o teto; e o vigilante, cauteloso e explosivo Hadley, cuja figura Kent já antes pudera compor mentalmente, arregalou os olhos ao ouvir o nome do recém-chegado. Então se sentou calmamente, exibindo uma expressão anódina. Kent achou-se numa confortável poltrona ao lado da mesa do café, com uma xícara na mão e logo contou sua história sem maiores preâmbulos. Agora que decidira perder a aposta e já assentara não se importar com a vitória de Dan, achou-se muito satisfeito de poder sentir-se outra vez como ser humano.

— ...E essa é a história toda — concluiu. — Talvez tenha sido um erro abandonar o local; mas se tenho de ir para a cadeia prefiro ser preso por um policial a ter que dar aos empregados do hotel as razões de ter filado o café. Não matei aquela mulher.

Nunca a vi antes em toda a minha vida. E, felizmente, creio que posso provar onde passei a outra noite. Esse é o relatório completo de meus crimes.

Hadley não o desfitara um só momento enquanto o ouvia. Parecia afável, apesar de aborrecido.

— De fato, isso não é coisa que se faça — disse o homem. — Mas creio que não haverá consequências danosas se puder provar onde passou a noite. E de certo modo foi bom que o fizesse. Não, Fell? O caso é... — Tamborilou com os dedos sobre a pasta de documentos e inclinou-se para diante na cadeira. — Não vem ao caso onde estive a noite passada. Mas, e quanto à quinta-feira da semana retrasada: dia 14 de janeiro, para ser exato?

— Estava a bordo do *Volpar*; partira da Cidade do Cabo e rumava para Tilbury.

— Seria difícil provar isso?

— Não. Mas por quê?

Hadley relanceou os olhos sobre o Dr. Fell, que enchia uma enorme poltrona, a papada a derramar-se do colarinho, os olhos fitos no ar. Ao ouvir Kent mencionar a aposta despedira ruídos aprobatórios; agora, porém, os ruídos que fazia eram bem outros.

— Eu não seria muito original — declarou depois de limpar a garganta — se observasse que não gostei nada disso. Humm. Ah! Não. A coisa em si não foi surpreendente nem original. Não é bastante excêntrica. Não é lá muito extraordinária.

Apenas completamente brutal e inteiramente insensata. Com os diabos, Hadley...!

— Escutem aqui, o que foi que aconteceu, afinal? — perguntou Kent. Sentia uma atmosfera de ansiedade naquele cômodo confortável aquecido a fogo de lareira.

— Sei que o senhor encontrou uma mulher naquele quarto — disse Hadley. — A informação me foi dada por telefone, menos de cinco minutos antes que o senhor chegasse. Foi estrangulada. Após a morte parece que a surraram a ponto de ficar quase irreconhecível. O senhor a viu, à claridade de um fósforo, com a cabeça pousada no chão. Mas, Mr. Kent, presumo que nos tenha dito a verdade. — Suas pálpebras se moveram brevemente e ele prosseguiu. — Assim, pois, receio que tenha más notícias para o senhor. Se tivesse olhado mais atentamente o cadáver, talvez o reconhecesse. A mulher assassinada era Mrs. Josephine Kent: esposa de seu primo Mr. Rodney Kent.

Ele olhou de Hadley para o Dr. Fell e verificou que nenhum deles parecia estar brincando.

— Jenny! — exclamou. — Mas isso é... Emudeceu, pois não sabia o que dizer.

Aquelas duas idéias, Jenny Kent e morte, é que não combinavam; uma era um estêncil que não se ajustava perfeitamente sobre a outra. Tentou formar uma imagem mental dela. Pequena, categórica e elegante. Cabelos castanhos. A descrição, porém, quadraria a mais de mil mulheres. Parecia impossível que tivesse sido sobre o rosto da mulher de seu primo que ele riscara aquele fósforo há menos de meia hora; e enfim, por que não seria? Aquele corpo morto, ao lado da mala, não parecia ter nada da elegante e atraente Jenny.

Hadley fitou-o com determinação.

— Não há dúvida de que é Mrs. Kent, se é nisso que está pensando — disse-lhe.

— O grupo de acompanhantes de Mr. Reaper chegou ao Royal Scarlet à noite passada e estava ocupando aquela ala do sétimo andar.

— O grupo todo? Quer dizer que eles já estavam lá quando cheguei?

— Exato. Conheceu bem Mrs. Kent?

— Acho que já devia esperar por essa — murmurou Kent, refletindo que muitos problemas teriam sido poupados se soubesse daquilo antes. Tentava recompor as idéias. — Jenny? Não sei — respondeu com genuína hesitação. — Não era o tipo que se possa conhecer bem, mas, apesar disso, todo mundo gostava dela. É difícil explicar.

Creio que podia ser definida como "encantadora". Não era desagradável; mas não se podia imaginá-la numa festa, ou fazendo qualquer coisa que não estivesse estritamente de acordo com Hansard.

E era atraente de um modo estranho, sem ser propriamente bonita; cútis clara; muito tranqüila. Rod a adorava; estavam casados só há um ou dois anos e... — Nesse ponto fez uma pausa e exclamou: — Santo Deus, isso é capaz de matar Rod!

A imagem do primo Rodney apresentou-se bem nítida à mente. Simpatizava mais com Rod que com a mulher agora morta, pois tinham crescido juntos e eram muito

amigos.

Para Christopher Kent tudo sempre fora fácil. Para Rodney nada viera com a mesma facilidade. Rodney encarava tudo com seriedade absoluta. Calhara à maravilha para secretário político de Dan Reaper. Responder cartas com interesse e eficiência; reunir fatos para os discursos de Dan (fatos colhidos por Rodney Kent eram sempre incontestáveis) e até mesmo deitar no papel uma prosa sincera que depois Dan erigava de má retórica.

— Claro, o quarto para dois no hotel! — lembrou-se Kent de súbito. — Rod devia ter estado com ela. Mas onde estaria ele na ocasião do crime? Não estava lá de manhã. Digo que isso é capaz de matá-lo também...

— Não — disse o Dr. Fell. — De qualquer modo, já lhe poupamos o dissabor de receber essa notícia.

De novo, tomou consciência de que o Dr. Fell e Hadley o estavam olhando.

— Bem, podemos liquidar logo essa questão — prosseguiu o superintendente. —

Deve estar imaginando como fiquei sabendo de tanta coisa sobre o senhor e seus assuntos. Essa aposta que fez não é novidade para mim; Mr. Reaper já tinha me falado a respeito. Tentamos entrar em contato com o senhor, mas não sabíamos em que navio estava nem o nome que estava usando... Essa não é a primeira vez que entro em contato com esse grupo. Seu primo... Mr. Rodney Kent... Foi assassinado no dia 14 de janeiro, da mesma forma que a esposa ontem.

III

A Declaração de Ritchie Bellows

— Conseqüentemente — continuou o policial —, creio que o senhor nos pode ajudar. — Pela primeira vez exibia uma aparência humana no rosto, à sombra de um sorriso exasperado. — Procurei aí este vadio para ver se me auxiliava — e apontou com um gesto de cabeça o Dr. Fell, que lhe fez uma carranca —, porque este parece um desses casos sem nexo que ele tanto aprecia. Temos aqui dois jovens, um casal feliz. Ponto sobre o qual todos concordam (pelo menos, todos com quem falei) é que nenhum deles tinha um inimigo sequer no mundo. Certo é que não tinham nenhum inimigo na Inglaterra, pois nenhum deles jamais saíra da África do Sul antes, nem sequer uma vez. Parece não haver dúvida de que era um casal tão inofensivo quanto qualquer um que se possa encontrar em qualquer parte. Contudo alguém teve a pachorra de espreitá-los e matá-los. Um na residência de Sir Gyles Gay, em Sussex, o outro aqui no Royal Scarlet Hotel. Após matá-los, o assassino inclinou-se sobre eles e golpeou-lhes o rosto, o que sugere um raro comportamento vingativo. Bem?

Houve uma pausa.

— Naturalmente, farei tudo o que puder para ajudar — disse Kent, com amargura.

— Mal consigo acreditar! E... Puxa, é indecente! Como o senhor disse, eles não tinham inimigos. Por falar nisso, onde Jenny está hospedada? Digo, será que ela não precisa de dinheiro ou qualquer outra coisa para... Não, esqueci; ela está morta. Mas não têm alguma idéia de quem foi?

Hadley hesitava. Depois, empurrando o prato vazio para um lado, abriu a pasta em cima da mesa.

— Há um fulano que metemos na cadeia; não sob acusação de homicídio, claro; embora seja exatamente essa a razão por que ele está lá. Seu nome é Bellows. Há um bocado de indícios que o apontam

como o assassino de Rodney Kent.

— Bellows — interveio pavorosamente o Dr. Fell — tornou-se agora a personagem mais importante do caso, no meu fraco entender.

— Não acredito que você entenda nada. Supondo que Bellows matasse ou não Rodney Kent, estou certo de que não matou Mrs. Kent, porque ele está preso.

Uma comprida fungadela rolou pelo nariz do Dr. Fell abaixo. O ardor da batalha, permanente entre esses dois, fê-los ignorar por um momento o visitante. A controvérsia afogueou o rosto do Dr. Fell.

— O que pacientemente venho tentando fazê-lo ver — tornou ele — é que a declaração de Bellows, que tão ridícula lhe pareceu na ocasião...

— A declaração de Bellows não pode ser verdadeira. Em primeiro lugar, encontramos impressões digitais dele no quarto. Em segundo, quando alguém, ébrio,

afirma com seriedade ter visto um homem num resplendente uniforme de porteiro de hotel vagando pelos corredores de uma casa de campo de Sussex às duas horas da manhã...

— Ei! — protestou Kent.

— Acho — disse o Dr. Fell brandamente — que seria melhor enfronhar aqui o nosso amigo nos detalhes. Hummm. Reexamine a evidência, Hadley, e peça as informações que quiser. Eu, por mim, bem quisera não ter de ouvir tudo de novo.

Parece uma tolice rimada do Lear: flui com tanta naturalidade que por um instante a gente chega a pensar que lhe vê algum sentido. Admito que um porteiro de hotel numa casa de campo representa uma dificuldade; mas não entendo em que é que tal dificuldade possa depor contra Bellows.

Hadley voltou-se para Kent.

— Antes de mais nada — perguntou —, conhece Sir Gyles Gay?

— Não. Dan me falou muito sobre ele, mas não cheguei a conhecê-lo pessoalmente. Ele ocupa um cargo governamental, não é?

— Ocupava. Foi subsecretário da União Sul-Africana: isto, segundo

apurei, é uma espécie de ponte entre Whitehall e Pretória. Mas afastou-se há mais ou menos um ano, e ainda não faz um ano que comprou uma casa em Northfield, Sussex, na divisa de Kent. — Hadley fez uma pausa para refletir. — A principal razão que trouxe Reaper à Inglaterra era, ao que parece, visitar Sir Gyles. Assunto de negócios; uma propriedade de Middleburg que Reaper estaria para comprar ou vender a ele; mas também seria visita amigável. Gay é solteiro, e parece ter acolhido muita gente em sua casa de campo.

De novo o superintendente fez uma pausa para refletir. Depois, num gesto de franco desabafo, ergueu-se e entrou a caminhar pela sala com os olhos postos no chão. Sua voz era tão indeterminada quanto o ralo bigode. Kent teve a impressão de que o homem nunca deixava de estar alerta.

— Terça-feira, dia 12 de janeiro, Reaper e seu grupo saíram de Londres, com destino a Northfield; tinham chegado à Inglaterra no dia anterior. Tencionavam permanecer lá pouco mais de duas semanas, retornando a Londres na tarde de 31 de janeiro (ou seja, hoje) em tempo de Reaper encontrá-lo no Royal Scarlet se o senhor, tendo ganho a aposta, lá aparecesse no dia de amanhã. Parece que todas as pessoas do grupo andaram especulando sobre isso.

"O grupo em Northfield era de seis pessoas. Sir Gyles Gay, o anfitrião. Mr. e Mrs.

Reaper. Miss Francine Forbes, sobrinha deles. Mr. Harvey Wrayburn. E o seu primo, Mr. Rodney Kent", prosseguiu Hadley. Fazia-se tão formal como se estivesse apresentando as provas irrefutáveis de alguma coisa. "Mrs. Kent não estava lá. Tinha duas tias em Dorset (verificamos isso) que resolvera visitar; nunca as vira antes, embora há muito soubesse da existência delas. De sorte que ela foi até lá antes de chegar a Northfield. Creio que deve conhecer todas as pessoas desse grupo de Mr.

Reaper, não?"

— Oh, sim — disse Kent, lembrando-se de Francine.

— E está disposto a fornecer toda informação que for preciso sobre eles?

Kent fitou o homem nos olhos.

— Escute aqui, não adianta dizer que não entendi a insinuação, mas não vai achar nenhum assassino entre eles. É incrível, mas conheço a

maioria deles melhor do que jamais conheci meu próprio primo.

— Ora, quem falou em assassino? — disse Hadley com um sorriso duro, como a varrer o assunto para um lado, visto não ser importante. — Por enquanto só estamos procurando reunir os fatos.

"Ora, os fatos do caso são bastante simples. Ninguém percorreu o lugar em horas mortas. Nenhum grupo de pessoas disse nada que contradissesse as histórias contadas pelos outros. Mas o fundo da coisa é pouco usual, o que parece atrair Fell."

"Northfield é um lugarejo atraente, como esses que a gente vê com frequência em Kent ou em Sussex. Consiste em uma aldeia muito verde com uma igreja no meio e mais uma estalagem com uma dúzia de casas em torno. É bastante retirada, em meio a mil ruelas ideadas exatamente como labirinto para automóveis; suas construções são antigas e tudo tem um ar de antigüidade."

O Dr. Fell lançou um grunhido.

— Este lirismo às avessas — interrompeu ele — é inspirado pelo fato de que Hadley, apesar de escocês, é um bom londrino que detesta o interior e deplora profundamente a circunstância de as estradas terem precedido os automóveis no tempo.

— Pode ser — admitiu Hadley com muita seriedade. — Mas, seja como for, eu estava lá à procura de algum indício. Digam o que for, não é lugar para se ficar no auge do inverno. Perguntava-me justamente por que o grupo *todo* de Reaper resolvera enfiar-se ali. Preferindo isso a ficar na cidade e assistir a alguns *shows*.

"Bem, nos últimos quarenta anos o velho Ritchie Bellowes, pai do nosso principal suspeito, foi uma das grandes personalidades locais. Está morto agora, mas ainda é muito lembrado. Era arquiteto e construtor prático, e gostava de fazer grande parte das obras com as próprias mãos. Construiu metade das casas modernas do distrito.

Parecia ter um fraco por madeira entalhada e todas essas coisinhas; mas seu passatempo predileto era edificar réplicas de residências do tempo dos Tudors ou dos Stuarts; o que fazia tão bem, com traves e tábuas de assoalho tiradas de outras casas, que mesmo um arquiteto capaz se enganaria quanto à idade delas. Era uma espécie de piada essa aldeia, e o velho parecia ter um estranho senso de humor. Adorava portas e passagens secretas. Mas asseguro-lhe que tenho plena certeza de que não existe nenhuma passagem secreta ou coisa parecida na casa de que estou falando."

"Essa casa, que ele construiu para seu uso pessoal, foi adquirida por Sir Gyles Gay há alguns meses. É bastante ampla: oito quartos de dormir; e fica no fim de uma trilha que desce junto à igreja. É uma imitação da moda prevalecente ao tempo da

Rainha Ana, e até muito bonita se a gente não desgostar do estilo grave e pesado.

Algumas janelas dão em cheio sobre o cemitério, o que dificilmente se ajusta à minha idéia de sublimidade rural."

"O que temos de levar em conta é a posição do moço Ritchie Bellows, filho do velho arquiteto. Digo-lhe com franqueza que não sei como ele entra nesta história, e gostaria muitíssimo de saber. É outra sumidade local. Nasceu e criou-se naquela casa.

Segundo apuramos, teve a mais fina educação e não há dúvida de que é um sujeito inteligente. O que parece impressionar todo mundo é sua capacidade de observação, ébrio ou sóbrio: o tipo de pessoa diante de quem a gente pode exibir uma série de cartas e depois pedir que as nomeiem todas pela ordem em que foram apresentadas.

Na verdade, distraiu com pequenos entretenimentos desse tipo, testes de capacidade mental, os hóspedes de Sir Gyles durante os primeiros dias que passaram na casa."

"Ficou muito bem de vida com a morte do pai. Depois veio a decadência. Não parece ter tido nunca nenhum vício propriamente dito; sabe-se apenas que além de ser um preguiçoso de marca, ele tem o braço esquerdo parcialmente paralisado, e é amigo de beber. A queda começou sendo gradual, depois foi abrupta. Primeiro seus negócios foram pelos' ares; isso representou um grande golpe para ele, mas o modo como ele se pôs a esbanjar dinheiro em nada melhorou a situação. Depois a mulher lhe morreu de tifo no litoral; outro golpe. Antes disso já bebia moderadamente. Nessa ocasião, porém, ele se transformou em algo como o bêbado oficial da localidade. Não dava trabalho nem armava barulho. Todas as noites, ele deixava o bar da Stag and Glove, por sua própria conta, com polidez extrema. Acabou tendo de vender a casa estilo Rainha Ana (Quatro Portas é como a chamava) pela melhor oferta. Agora vive em quarto de aluguel com uma piedosa viúva; e está sempre perto da velha casa, desde que Sir Gyles Gay a comprou. Nisso pode estar à origem do problema."

"Agora chegamos aos fatos puros ocorridos na noite do crime. Não contando criados, havia seis pessoas na casa. Sir Gyles e seus cinco

hóspedes dormiam no mesmo pavimento. Todos em aposentos separados (Mr. e Mrs. Reaper ocupavam quartos contíguos); e todos esses cômodos abriam para um corredor central que dividia a casa. Como um hotel. Na casa, todos se recolhiam por volta de meia-noite.

Pelo visto, não havia nada de anormal nem suspeito relacionado com alguém nem com nada acontecido naquela noite; pelo contrário, creio que passaram um sarau bastante tedioso. Depois da meia-noite só uma pessoa, segundo testemunho declarado, deixou o próprio quarto. Por volta das duas e cinco, Mr. Reaper acordou, enfiou-se no chambre, acendeu a luz e saiu rumo ao banheiro. Até então ninguém se lembra de ter ouvido ruído algum na casa."

"Agora, comparemos isto com as locomoções de Bellowes naquela noite. Ele deixou a Stag and Glove, que fica a umas duzentas jardas da trilha que leva a Quatro Portas, às dez em ponto: é o horário em que fecham. Não bebeu mais que de costume nessa noite; seis quartilhos de cerveja, segundo o estalajadeiro. Mas, para arrematar a noite, pediu uísque, e, quando saiu, levou consigo meia garrafa. Então parecia ser o mesmo de sempre. Foi visto na estrada rumando para Porting, a aldeia vizinha, e depois dobrando numa trilha que dá para um bosque chamado Grinning Copse: outro

lugar que apreciava freqüentar, onde costuma sentar-se sozinho e beber. A noite de 14

estava fria e havia uma lua muito brilhante no céu. Daí em diante perdemos de vista o rastro dele."

"Às duas e cinco, portanto, Reaper, dentro da casa, abriu a porta do quarto e saiu ao corredor principal. Junto à parede do corredor, não longe da porta do quarto ocupado por Rodney Kent, há um sofá revestido de couro. À luz da lua, que entrava pela janela ao fim do corredor, Reaper avistou um homem estirado sobre ele, dormindo e roncando. Àquela luz não pôde reconhecê-lo; mas só podia ser Bellowes, inquestionavelmente bêbado a ponto de não poder parar em pé."

"Reaper acendeu as luzes e bateu à porta de Sir Gyles."

Este conhecia Bellowes, de quem parecia não desgostar. Ambos acharam que o tal, embriagado, viera para ali guiado pelo próprio instinto, como fizera toda a vida: achou-se em seu bolso uma chave da casa. "Nesse ponto viram escancarada a porta do aposento de Rodney Kent."

Hadley fez uma pausa na narrativa.

Pela janela via-se a neve cair com silenciosa insistência, ensombrando aquele cômodo forrado de livros. Numa espécie de hipnose induzida pelo claro do fogo, Christopher Kent tentava situar a pessoa em questão que sempre soubera em climas mais quentes — o louro e sério Rodney — na gélida atmosfera de uma residência estilo Rainha Ana, próxima de um cemitério. Durante a narrativa o Dr. Fell não se movera, salvo para cocar a formidável cabeleira de estrias grisalhas.

— Bem — tornou Hadley abruptamente —, encontraram seu primo morto ali, Mr.

Kent. Estirado aos pés da cama. De pijama e chambre, mas ainda não tinha ido se deitar quando o assassino o atacou. Foi estrangulado por um par de mãos envoltas numa toalha de rosto; a toalha foi encontrada depois no ombro dele. (Esse quarto é mobiliado à moda severa de 1860; aparadores com tampo de mármore e todas essas velharias.) Após o estrangulamento, foi espancado no rosto com mais de dez golpes. O

instrumento utilizado nessa operação, claro, não foi encontrado.

"Foi um serviço muito sujo, porque os golpes devem ter sido dados minutos após a morte, por ódio ou mania. Mas isso não impediu a identificação da vítima, além de qualquer sombra de dúvida. Finalmente, o assassino deve tê-lo pego assim que ele se recolheu ao quarto, pois o testemunho médico demonstra que já fazia bem umas duas horas que estava morto. Tudo claro até aqui?"

— Não — disse o Dr. Fell. — Mas prossiga.

— Um momento — interveio Kent. — Há algo ainda mais estranho aqui. Rod era magrinho mas muito forte. O assassino precisava ser muito rápido e fortíssimo para pegá-lo assim, sem produzir nenhum ruído; ou houve luta?

— Não necessariamente. Não, não havia nenhum sinal de luta. A nuca do cadáver tinha uma contusão feia, mas que não chegou a cortar a pele. Podia ter sido produzida pela própria cama. Ou o assassino pode ter batido nele com o mesmo instrumento que depois usou na tentativa de torná-lo irreconhecível.

— Quer dizer que prenderam esse tal de Bellows? Hadley era irritável. Media o tapete com os pés, com meticulosidade concentrada.

— Não sob a acusação de homicídio. Tecnicamente, por invasão domiciliar —

respondeu ele. — Naturalmente, ele era suspeito. Para começar, suas impressões digitais foram encontradas no aposento, em torno do interruptor de luz: apesar de ele dizer que não se lembra de ter estado lá e ser capaz de jurar que lá não entrou. Em segundo lugar, ele é a única pessoa que podia plausivelmente ter cometido o crime.

Estava embriagado; pode ter-se sentido desgostoso por causa da casa; pode ter voltado lá e ter-se enfurecido a ponto de...

"Espere aí!", interrompeu-se Hadley, prevendo objeções. "Eu bem reconheço que esta teoria é frágil, e até vou dizer por quê. Se ele matou a vítima à meia-noite e depois saiu e caiu no sono em cima do sofá, logo ali fora, que fim levou o instrumento que ele usou para golpear o morto? Depois, nele não se achou sombra de sangue, nem em suas roupas. Por fim, dá-se que tem o braço esquerdo parcialmente paralisado (uma das razões, aliás, de nunca ter-se entregado ao trabalho com afinco), e seu médico é de opinião que ele não poderia estrangular ninguém. O motivo da embriaguez também é frágil. Se ele tivesse alguma queixa contra alguém, essa pessoa teria que ser Sir Gyles Gay. Dificilmente teria ele entrado na casa (com o mal já premeditado, pois sabemos que uma arma foi usada) e agredido alguém que lhe era completamente estranho; especialmente sem com isso fazer o mínimo ruído. Admito também que no povoado onde ele já há anos exerce a sua bebedice, ninguém jamais o viu dar mostras de selvageria ou cultivar sentimentos de vingança. Aí está."

"Há ainda a declaração dele, que mais parece um amontoado de tolices. Não se mostrou coerente a não ser no dia seguinte, e, mesmo preso, não parecia compreender o que se passava. Quando contou sua história pela primeira vez, o Inspetor Tanner, julgando-o ainda ébrio, não se deu ao trabalho de anotar o que ouvia; mas ele repetiu tudo depois, já sóbrio, e desde então não altera uma palavra de tudo quanto disse."

"De acordo com ele. . . Bem, aqui está."

Abrindo a pasta de documentos, Hadley apanhou uma folha escrita a máquina, dentre um maço, e percorreu-a com a ponta do dedo.

"Lembro ter estado em Grinning Copse, aonde fui quando a taverna fechou, e lembro que bebi quase toda a meia garrafa que levava comigo. Não tenho idéia de quanto tempo fiquei ali.. A certa altura me

pareceu que alguém falava comigo; mas deve ter sido imaginação. A última coisa que lembro claramente é estar sentado num banco de ferro no bosque. Depois disso, só recordo que de repente me vi de volta a Quatro Portas, sentado no sofá no corredor em cima da escada."

"Não sei dizer como fui parar lá; mas não achei isso nada estranho. Pensei comigo:

'Ora viva, estamos em casa', nada mais. Como já estava lá e não tinha vontade de me deslocar, achei que bem podia me esticar ali mesmo e tirar uma pestana.

"Dessa vez acho que não peguei logo no sono. Enquanto estive lá vi alguma coisa;

acho que porque olhei em torno. Estava claro por causa do luar; há uma janela na ponta desse corredor, na ala sul, e a lua estava no seu auge. Não sei como, mas eu o vi junto à porta do Quarto Azul."

"Eu o descreveria como um homem de estatura média, usando um uniforme como esses que a gente vê nos grandes hotéis como o Royal Scarlet ou o Royal Purple. Era azul escuro, túnica comprida, botões de prata ou bronze. Acho que também tinha uma listra em volta do punho, uma listra vermelho-escura. Carregava uma bandeja, e a princípio estive parado num canto, imóvel."

"Pergunta: E o rosto dele?

"Não vi, porque devia estar na sombra ou teria um buraco no lugar dos olhos, não sei.

"Aí, ele começou a andar e, passando para trás de mim, desapareceu não sei onde. O seu modo de andar tornou a me sugerir um porteiro de hotel.

"P.: Para onde foi ele?

"R.: Não sei.

"P.: Não achou esquisito que um porteiro de hotel passeasse pelo corredor dessa casa, levando uma bandeja, no meio da noite?

"R.: Não; nem me importei muito com isso, ao que me lembro. Virei-me no sofá e ferrei no sono; ou, pelo menos, não me lembro de mais nada. Depois, não era uma bandeja comum; seria mais uma pequena

salva para carregar cartões de visita."

— O que torna as coisas ainda mais absurdas — comentou Hadley, arremessando a folha datilografada sobre a mesa. — Uma salva para cartões de visita, ora essa!

Raios, Fell, se isso não for *delirium tremais*, ou é profecia ou é verdade. Uma salva para quê? Para carregar a alma? Eu não digo que esse tal de Bellows seja o culpado; apenas entre nós três, não acho que ele seja culpado. Mas, se ele foi sincero no que declarou e se o porteiro de hotel não for apenas uma visão ou um delírio, em que ficamos?

— Bem, vou lhe responder já — disse modestamente o Dr. Fell. Apontou a bengala de marfim para Hadley e aplicou-lhe o olho à maneira de quem faz mira com uma espingarda. — Esse seu beberrão, convém lembrar, é um fulano capaz de descrever uma vitrina cheia de bugigangas após uma rápida olhadela. Ter uma pequena *causerie*{2} com Ritchie Bellows, que presentemente se acha mofando na prisão, é o mais indicado no momento. Verrume sobre esse depoimento; descubra o que foi que ele realmente viu ou pensa ter visto, e assim talvez tenhamos algum vislumbre da verdade.

Hadley considerou a sugestão.

— Claro — disse depois; — há também a teoria de que Bellows tenha cometido o primeiro crime sob a ação do álcool; e outra pessoa, valendo-se do mesmo processo e da história de Bellows sobre um fantasma com jeito de porteiro de hotel, teria matado Mrs. Kent, depois, no Royal Scarlet...

— Acredita nisso?

— Para ser franco, não.

— Pois fico-lhe muito grato — tornou o Dr. Fell. Pôs-se a fungar, durante alguns instantes, fitando Hadley com ar apenas descritível como de rubra dignidade. — Esses dois homicídios são obra de uma única pessoa: o que passe disso, meu caro, estará artisticamente errado: e tenho o desagradável pressentimento de que alguém por trás de tudo está dirigindo o espetáculo com muita arte. — Tendo dito isto, permaneceu alguns instantes piscando, olhos fitos nas mãos com que segurava a bengala. — Aham.

Veja o que aconteceu no Royal Scarlet a noite passada. Todo o grupo de Reaper estava presente de novo, não é?

— Tudo o que sei — disse Hadley — é o que Betts me informou há pouco por telefone. Sim. E Gay estava pessoalmente com eles; o que dá seis pessoas, exatamente como na Quatro Portas.

— Gay foi com eles para o hotel? Por quê?

— Fraco por companhia, acho eu. Gay e Reaper são unha e carne.

O Dr. Fell despediu sobre o interlocutor um olhar de curiosidade, como interessado na escolha daquela frase. Mas voltou-se para Kent, trovejando à guisa de desculpa: —

Isto dificilmente será o que se poderia chamar de tradicional hospitalidade inglesa.

Andei mesmo querendo vê-lo, porque há alguns pontos relacionados com ficção sensacional que gostaria muito de discutir. Mas, francamente, desejaria fazer algumas perguntas agora. Esses seus amigos... Nunca os vi antes e queria que os descrevesse para mim. Nada de antecedentes complicados; apenas uma palavra ou frase sobre cada um deles; a primeira que lhe vier à mente. Está bem?

— Perfeito — anuiu Kent —, apesar de eu ainda achar que...

— Bem: Daniel Reaper?

— Conversa e ação — replicou o outro prontamente.

— Melitta Reaper?

— Só conversa.

— Francine Forbes?

— Feminilidade — disse Kent, depois de uma pausa.

— Concluo — interveio Hadley com voz inexpressiva — da conversa que tive com Mr. Reaper que o senhor andou bastante interessado na moça.

— De fato — admitiu o outro com franqueza. — Só que não nos entendemos muito bem. Ela se interessa vivamente pelos novos movimentos políticos e por novas teorias de toda espécie; ela é a encarnação do Guia da Mulher Inteligente sobre Socialismo, Capitalismo, Sovietismo e por aí além. Eu sou diferente. Em política, a exemplo de Andrew Lang, nunca passei de um jacobita; e, em minha opinião, se um sujeito tem iniciativa bastante para fazer a própria

fortuna, viva ele! Conseqüentemente, para ela eu não passo de um reacionário descarado. Aliás, uma das razões que me levaram a

aceitar essa aposta é justamente mostrar a ela que...

— Ei! — freou-o o Dr. Fell. — Está bem, está bem. O próximo nome da lista é Harvey Wrayburn.

— Acrobata.

— No duro? — indagou o Dr. Fell, arregalando os olhos. — Ora, Hadley, isso é interessante. Lembra-se de O' Rourke no caso do Homem Vazio?

— Não é acrobata em sentido literal — interveio Hadley. — Mas acho que sei o que quer dizer. — E semicerrou os olhos, olhando para Kent. — Sujeito muito versátil, Fell. Parece conhecer um bocado, ou ter tido alguma experiência pessoal em qualquer coisa. Conversamos sobre crimes e ele se revelou uma verdadeira enciclopédia sobre o assunto, exatamente do jeito que você gosta. Parece muito decente e — acrescentou com todo o escrúpulo que tinha em dizer isso de qualquer pessoa — bastante íntegro.

— Ele é — confirmou Kent.

— Assim é o homem. Entretanto — acrescentou o superintendente —, não quero falar muito antes que tenhamos todos os nossos fatos. Mas nunca vi nada mais insuspeito e inofensivo. Examinamos o passado de toda essa gente. Interroguei-os até cansar. Nenhum deles tem ódio de nenhum outro. Entre eles não há quem seja desonesto. Quanto ao último recurso, quase sempre infalível nesses casos, isto é, procura-se alguém que mantivesse um caso amoroso com a esposa de algum outro, não conduziu a nada. Parece não haver razão absolutamente nenhuma por que um jovem casal comum, cuja morte não beneficiaria, nem mesmo agradaria a ninguém, devesse ser cuidadosamente espreitado e assassinado. Mas, vejam só, não apenas foram assassinados, como ainda por cima espancados com uma fúria paciente após a morte. A menos que algum membro desse grupo de pessoas seja um maníaco homicida (no que me recuso a crer, pois nunca dei com um caso desses em que os sintomas de loucura não fossem transparentes mesmo quando a pessoa não estivesse em meio a um acesso), nada disso faz sentido. Que acha?

— Há apenas uma coisa, Hadley. Após a morte do homem, você ao menos tinha a esposa para interrogar. Ela não lhe deu nenhuma pista?

— Não. Disse que não sabia de nada, e sei que estava falando a verdade; assim sendo, por que alguém haveria de matá-la? Como já disse, ela estava com as tias em Dorset, quando aconteceu. Ficou meio fora de si, e foi para a cama sob o efeito dos sedativos das tias. Só saiu de baixo dos olhos do médico para tornar a se reunir com o resto do grupo em Londres: e na primeira noite que passa aqui, é assassinada. Repito, que acham disso tudo?

— Bem, vou lhe dizer — começou o Dr. Fell. Inflou as bochechas, parecendo ainda mais volumoso que o natural e reclinou-se na poltrona. — Lamento dizer que não posso oferecer ajuda no momento. Só posso indicar algumas coisas que me parecem intrigantes. Preocupam-me toalhas. Preocupam-me botões. Preocupam-me nomes.

— Nomes?

— Verdadeiros ou falsos — confirmou o Dr. Fell. — Vamos até o hotel?

IV

Serviço Hoteleiro de Assistência ao

Crime

Antes de serem apresentados ao gerente do Royal Scarlet Hotel, Kent esperava ver nele um tiranete abrigado num espesso capote contra o frio da manhã, algo como um garçom-chefe, estrangeiro e possivelmente de extração semítica. Entretanto, Mr.

Kenneth Hardwick, bem ao contrário, revelou-se um afável e cordial produto da ilha, trajado em cinza. Era grisalho, de meia-idade, tinha um rosto vigoroso, nariz aquilino e olhos pestanejantes; sua característica principal, bem como a do hotel, parecia ser uma inexorável eficiência, mas fora abalado por aquele assassinato, embora revelasse a maior prontidão em tratar do caso sem espalhafato.

O Superintendente Hadley, o Dr. Fell e Kent sentaram-se nos aposentos particulares do gerente, no sétimo andar. O gabinete em que costumava tratar de assuntos corriqueiros ficava ao fim de uma escada, logo abaixo; mas dois cômodos do novo andar, na ala D, tinham sido separados para ele. A sala em que estavam, grave mas confortável, revestida de carvalho, tinha duas janelas que davam para o poço de ventilação, coberto de ladrilhos brancos. Hardwick estava sentado atrás de uma grande mesa, sobre a qual brilhava uma lâmpada em plena luz do dia, e ele tamborilava com os dedos sobre a

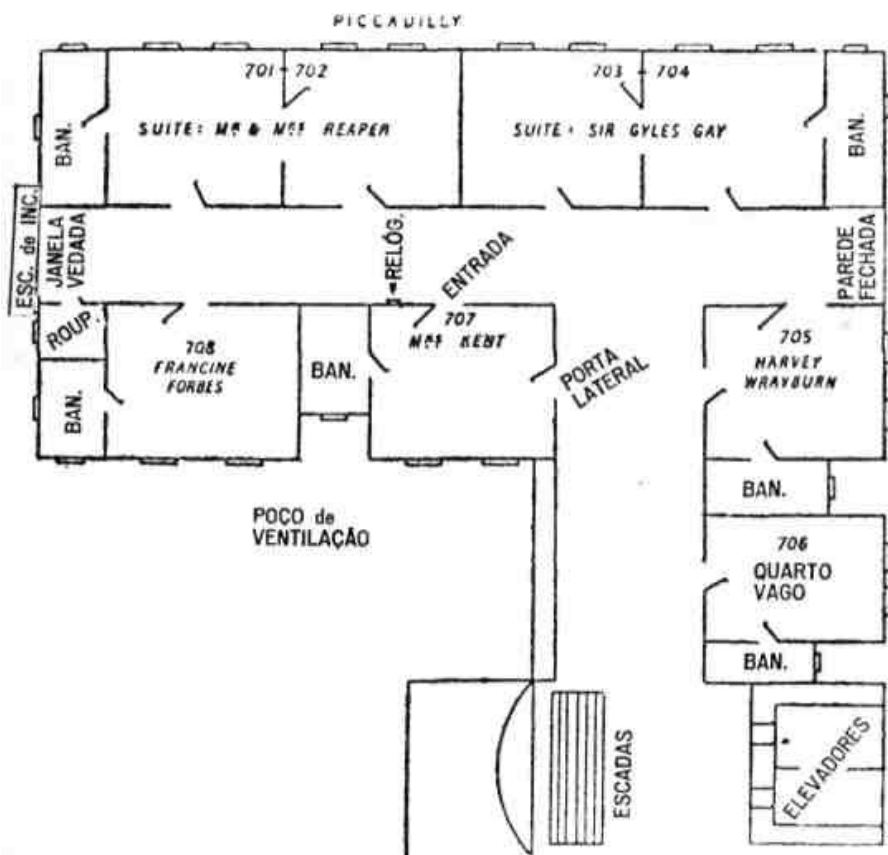
planta da ala A, que tinha estendida diante de si. Constantemente punha e tornava a tirar o *pince-nez*, único sinal de perturbação que demonstrou durante a sua exposição dos fatos.

— ...de modo que — concluiu ele —, antes que o outro Mr. Kent chegasse aqui esta manhã, a situação era essa. Mr. Reaper reservou os quartos para seu grupo há seis semanas, pedindo com insistência acomodações neste andar. É claro que eu estava a par da morte de Mr. Rodney Kent, ocorrida há duas semanas, e isto foi péssimo. — Pareceu ganhar mais confiança com o gesto de ajeitar melhor o *pince-nez*.

— Embora não tivesse saído praticamente nada do caso na imprensa, muito menos qualquer sugestão do que quer que fosse, exceto... Humm... Um ataque de um ébrio...

— De fato — confirmou Hadley. — O Ministério do Interior instruiu-nos no sentido de ocultar isso à curiosidade pública. O inquérito foi adiado.

— Compreendo — e Hardwick inclinou-se um pouco mais para frente. — Agora a situação é esta, superintendente. Creio que seria tolice minha perguntar se o caso pode ser abafado. Não tive nem tenho a intenção de perguntar-lhe isso. Mas qual é a situação? Se houve certa discrição quanto à morte de Mr. Kent, será assim também com relação à de Mrs. Kent? Até o presente instante, ninguém, exceto as pessoas imediatamente implicadas, sabe coisa alguma sobre o assunto. É assim que sempre trabalhamos, de modo que estamos acostumados à discrição. Isto é facilitado pela circunstância de que o grupo de Mr. Reaper ocupa sozinho toda a ala A; estão mais ou



PLANTA DA ALA A,
SÉTIMO ANDAR, ROYAL SCARLET HOTEL

menos isolados...

— Isolados — repetiu Hadley. — Até que eu receba novas instruções, a coisa será conservada em segredo, não há dúvida. Agora, vamos aos detalhes. Quais são exatamente os aposentos ocupados por essas pessoas?

Hardwick empurrou a planta sobre a mesa.

— Eu já os assinalei aqui — respondeu. — Como pode ver, o número 707 é de

"Mr. e Mrs. Rodney Kent". Estava assim no registro, e não foi alterado. Foi por isso que, hoje cedo, os criados não estranharam que houvesse um segundo ocupante do quarto quando alguém lhes reclamou o café matinal.

Bateram à porta. O Sargento Betts, ajudante-de-campo de Hadley, entrou com um livro de notas significativamente à mostra.

— O médico já terminou, senhor — disse. — Quer vê-lo agora. Verifiquei também as outras coisas que o senhor me pediu.

— Ótimo. Onde estão os hóspedes?

— Em seus quartos. Tive alguma dificuldade com Mr. Reaper, mas Preston está montando guarda no corredor.

Hadley emitiu um grunhido enquanto aproximava a cadeira para estudar a planta.

Houve um longo silêncio. A luz de sobre a mesa batia contra a face de Hardwick, destacando-lhe a expressão vigilante e o meio sorriso fixo. O Dr. Fell, lembrando um enorme bandoleiro na sua capa preta, com o chapéu de aba larga em cima do joelho, examinava atentamente a planta por sobre o ombro de Hadley. Mal ouviam a orquestra que tocava no saguão embaixo, cuja música lhes chegava, abafada, pelo poço de

ventilação; apenas uma vibração quase imperceptível.

— Vejo — recomeçou bruscamente o policial — que todos os quartos têm banheiros próprios. E só um está vago.

— Exato; o número 706 está vago. O mais próximo dos elevadores. Os operários ainda estão trabalhando lá; e achei que poderiam incomodar alguém instalado tão perto deles.

— O senhor cuida pessoalmente desses arranjos?

— Normalmente, não; só nesse caso; conheço Mr. Reaper e também já morei na África do Sul.

— Esses aposentos já tinham sido ocupados antes?

— Ah, sim. A única diferença era que o grupo de hóspedes chegou um dia mais cedo que o planejado.

— Como foi isso? O senhor sabe?

— Bem, Mr. Reaper telefonou-me de Northfield ontem à tarde. Disse (compreende-se que estava muito nervoso) — e Hardwick fez um leve gesto de súplica;

— disse que achava melhor não permanecerem por mais tempo no interior, e a polícia não fez objeções a que viessem para Londres. Foi fácil acomodá-los; a temporada é fraca. Na verdade, só tínhamos um quarto ocupado (o 707); por uma senhora que deveria desocupá-lo ontem à tarde.

Hadley relanceou os olhos sobre Kent.

— É a tal americana que afirmou ter esquecido o bracelete no aparador do quarto?

— Afirmou? — repetiu o gerente. — Não sei aonde o senhor quer chegar. Ela deixou *realmente* um bracelete no aparador, por esquecimento. Myers, o porteiro de serviço, encontrou-o lá ao mesmo tempo em que descobriu... Mrs. Kent.

Christopher Kent olhou-o fixamente. Tinha na memória uma imagem demasiado vívida daquele aparador, com suas gavetas fáceis de abrir, todas forradas de papel, para permanecer calado por mais tempo.

— Um momento. Nisso deve haver algum engano — disse. — Durante minha curta aventura de hoje cedo, examinei todo aquele móvel e posso jurar por tudo o que quiserem como não havia lá nem sombra de bracelete.

Hardwick tornou a falar, após uma pausa. As rugazinhas lhe voltaram à testa; olhou rápido de um para outro dos convidados:

— Não sei o que dizer. Só sei que tenho o bracelete agora; argumento, por si só, decisivo. Foi Myers que o trouxe, quando veio dar parte do outro caso. Veja-o.

Puxou uma gaveta do lado esquerdo da mesa. Abriu um envelope lacrado e exibiu a jóia, aproximando-a da luz. Era de ouro branco, elos grandes, e tinha no centro uma pedra muito curiosa. Quadrangular, negra, polida e pouco brilhante, tinha gravada sobre si uma inscrição romana, apenas legível. "*Claudite jam rivos, pueri*", rezava, "*sat prata*

biberunt." Por trás de Hadley o Dr. Fell produzia intermináveis ruídos de excitação.

— De fato, é algo incomum — comentou Hardwick.

— Esta pedra... obsidiana, opala negra, o que é? Parece ter sido arrancada de algum anel para ser incrustada no bracelete. Mas a inscrição é ainda mais extraordinária. Os meus restos de sofrível

latinidade não me açodem nisso. Eu traduziria, de um modo talvez pouquíssimo reverente, como "Parem o licor, rapazes; pois os prados já beberam muito", o que parece não ter nexos.

Fitou o Dr. Fell com um sorriso inquisitivo.

— Oh, Baco! — grunhiu o Dr. Fell, pouco informativo.

— Digo, não admira que ela queira isto de volta! A pedra não tem nenhum valor em si mesma; mas há muitos conservadores de museu que seriam capazes de cortar-lhe a garganta para obtê-la. Se for o que estou pensando, devem restar bem poucos exemplares. Quanto à inscrição, o senhor não esteve longe de acertar com o significado. É um rosário de metáforas no estilo mais esquivo de Virgílio; sua exortação aos pastores; qualquer livro escolar traz a tradução disso. "Cessai o canto, mancebos; que já vos recreastes bastante." Aham. Ah. Sim, eu diria que realmente a pedra foi tirada de algum anel para ser engastada nesse bracelete. Ouro branco; elos grandes...

Não vale nada. Só a pedra é antiga. É claro que o modelo original foi criado na Grécia; os romanos apenas copiaram. É única! Ora! Hadley, você está olhando para uma engenhosíssima peça do mundo antigo.

— Engenhosa? — perguntou Hadley. — Engenhosa para quê? Quer-me dizer que é uma pedra fatal ou coisa parecida?

— O toque profissional — disse o Dr. Fell, com austeridade, olhando-a fixamente.

— Não, nada disso; mas era igualmente prática. O povo romano era muito prático, aliás. Quem é a proprietária disto, Mr. Hardwick?

O gerente pareceu embaraçado ao responder:

— Uma tal Mrs. Jopley-Dunne. Tenho aqui o endereço dela.

— Conhece-a, por acaso?

— Sim; muito bem, aliás. Sempre se hospeda aqui quando vem à Inglaterra.

Arquejante, o Dr. Fell tornou a sentar-se, abanando a cabeça. Um Hadley exasperado aguardava que falasse; mas, quando os olhos do doutor mergulharam no vácuo, Hadley tornou a matérias mais práticas.

— O bracelete pode esperar; uma coisa por vez. No presente momento, estamos interessados no grupo de Reaper. A que horas chegaram aqui?

— Perto das seis da tarde, ontem.

— Como estavam eles? Digo, em que estado de humor?

— Sombrios, sem dúvida — disse Hardwick, com uma gravidade que, na opinião de Kent, mascarava um gélido sorriso. O que tampouco passou despercebido de Hadley.

— Prossiga — disse o superintendente. — Que aconteceu então?

— Fui recebê-los e conduzi-os para cima. Como já disse, conheço pessoalmente Mr. Reaper. Bem, nas circunstâncias, aconselhei-o a ir ver algum espetáculo com os amigos, de preferência cômico. Os senhores compreendem.

— E ele fez isso?

— Sim; arranjou seis entradas para *She will when she won't*.

— Foram todos?

— Sim. Não creio que Mrs. Kent quisesse ir, mas foi persuadida. Por acaso eu estava saindo do meu outro gabinete (que fica ao fim da escada, embaixo) cerca das onze e quinze, encontrei-os quando voltavam do teatro. Sem dúvida, pareciam bem menos sombrios. Mr. Reaper parou para comprar um charuto e disse-me que todos tinham apreciado o espetáculo.

— E depois?

— Subiram. Pelo menos... — disse Hardwick, inclinando a cabeça para um lado e escolhendo as palavras com escrúpulo — ...entraram no elevador. Não tornei a ver nenhum deles. Só na manhã seguinte fiquei sabendo do caso, quando Myers veio me contar sobre a descoberta do corpo. — Nesse ponto, retirou o *pince-nez* e guardou-o no estojo que fechou num gesto brusco. Por alguns instantes, permaneceu a fitar, meditativo, o mata-borrão. — Não pretendo — disse depois — fazer maiores comentários sobre a natureza do caso. Os senhores o conhecem; eu o conheço; e ele já é bastante eloqüente por si mesmo. — Só então perguntou, erguendo os olhos: —

Viu o rosto dessa mulher?

— Ainda não — respondeu Hadley. — Mas ainda tenho uma pergunta a fazer. O

senhor afirma que havia operários trabalhando num dos elevadores. Trabalharam a noite toda?

— Sim.

— Sabe a que horas pegaram e a que horas largaram o serviço?

— Perfeitamente. Essa turma, de três homens, pegou às dez da noite passada e foi até as oito desta manhã. Ainda estavam de serviço quando o corpo foi achado.

— Supondo que alguma outra pessoa, um estranho, alguém não ligado ao grupo de Mr. Reaper, entrasse na ala A ou saísse dela, em qualquer tempo durante a noite, esses trabalhadores o veriam, não é mesmo?

— Eu diria que sim. Essa ala permanece iluminada a noite toda. Qualquer um que quisesse entrar ou sair teria de usar o elevador ou a escada; e os trabalhadores estavam justamente entre ambos.

Hadley lançou um olhar interrogativo ao Sargento Betts, que fez um gesto de concórdia.

— Exato, senhor — confirmou ele. — Obtive uma declaração dos três homens.

Parecem bastante decentes e dizem todos a mesma coisa a respeito do caso.

Lembram de ter visto Mr. Reaper e seus amigos subindo por volta das onze e quinze.

Na verdade, Mr. Reaper parou e lhes fez algumas perguntas sobre o funcionamento dos elevadores e perguntou-lhes como ia indo o trabalho. Viram o grupo separar-se na dobra do corredor. Depois disso, juram que ninguém mais entrou nem saiu por aquela ala durante toda a noite.

— Está bem. Mas não existe alguma outra entrada que um estranho pudesse usar?

A pergunta de Hadley foi dirigida ao ponto exatamente central entre Betts e o gerente. Após uma pausa, este último abanou a cabeça.

— Isso é improvável — disse.

— Por quê?

— Olhe essa planta. Não digo que seja impossível, mas veja por si mesmo. —

Hardwick esguelhou a planta na mesa.

— Há duas outras entradas, teoricamente. Um estranho (imagino que o senhor se refira a algum gatuno) poderia subir a escada de emergência até a janela situada no extremo dessa ala. Mas essa janela não só permanece solidamente fechada por dentro, como até está emperrada, a tal ponto que, segundo eu soube ontem mesmo, não pôde ser aberta. Um empregado ficou de tratar disso esta manhã. Além do mais, o único outro jeito de entrar seria galgando a parede lateral do edifício; a que dá para Piccadilly, ou a que dá para o poço de ventilação; o intruso teria de transpor algum outro aposento, sem ser visto, e repetir tudo quando saísse. Conhecendo esse hotel como conheço, eu diria que isso é tão improvável a ponto de quase ser impossível.

— Compreende o senhor a que levam essas minhas perguntas?

— Oh, sim; perfeitamente.

Hadley voltou-se para Betts:

— Bem, eliminando estranhos, *alguém mais* entrou nessa ala, ou saiu durante a noite? Nem empregados do hotel?

— Ninguém, a não ser a arrumadeira. Ela deixou o serviço às onze e meia.

— Certo, mas... — Hadley escrevia num livro de notas. — E quanto ao engraxate?

Não haverá um engraxate no hotel? Costuma-se aqui deixar os sapatos fora do quarto, à noite, para serem engraxados...

Betts fez um gesto de assentimento:

— Sim, senhor. Só que o engraxate que na verdade é um subporteiro, só hoje de manhã apareceu nesta ala, muitas horas depois do crime. Parece que não recolhem sapatos à noite, quando algum hóspede permanece fora até tarde. Deixam para fazer isso às cinco da manhã seguinte; então os recolhem, engraxam e devolvem. O

engraxate chegou às cinco e conversou com os homens que estavam trabalhando no elevador. Mas só uma hóspede, nessa ala, deixou os sapatos para engraxar: Mrs.

Kent. E o engraxate viu nisso algo de estranho.

— Estranho? — repetiu Hadley, esganiçando a voz.

— Em primeiro lugar, eram dois sapatos de camurça marrom; e é sabido que camurça não leva graxa. Em segundo lugar, não pertenciam ao mesmo par, embora se parecessem muito. Um era um pouco mais claro que o outro, e mais cambaio. Notando o engano, o engraxate os deixou onde estavam e se foi.

O Dr. Fell interveio, com uma expressão de interesse no rosto:

— Um momento. Estou interessado no funcionamento desta cidadela. Em como funciona um hotel. Quem estaria fazendo o que devia fazer e quem estaria deslocado do devido lugar, a essa hora da noite?

— Há perto de trezentas pessoas trabalhando aqui — explicou Hardwick —, e levaria tempo para explicar como tudo funciona. Mas posso dizer-lhe isto: após as onze e meia da noite ninguém teria nada que fazer cá em cima. Ninguém... Exceto um dos quatro subporteiros.

"É mais ou menos assim: as criadas, que ficam de serviço, para atender aos toques de campainha e tudo mais, durante o dia, largam às onze e meia da noite. Isso por razões de moralidade", explicou brandamente; "não se quer um monte de mulheres em torno quando a gente se recolhe. Nessa hora, qualquer empregado que pudesse ter motivo para subir durante o dia (garçons, moços de recado) também já está fora de serviço. Os andares do prédio ficam aos cuidados dos quatro subporteiros chefiados pelo porteiro de plantão."

— E creio que há duas turmas de empregados, não é? — indagou Hadley.

— Oh, sim. A turma da noite entra às oito e vai até a mesma hora da manhã seguinte. Cada homem se encarrega de um ou dois andares, dependendo do número de hóspedes que tivermos. Cada qual atende às necessidades de seu próprio andar.

Ajudam a carregar malas, fornecem chave a quem esqueceu a sua ou tenha voltado meio alto para o hotel; toda essa espécie de trabalhinhos. Também recolhem sapatos, às cinco da manhã, como disse o sargento.

— O que eu quero saber — insistiu Hadley — é se alguém *realmente* subiu aqui, na outra noite, além da criada.

— Não, senhor — respondeu Betts. — Isto parece ser um fato positivamente incontestável.

Após um toque preliminar, muito leve, à porta, esta se abriu e Dan Reaper entrou.

Atrás dele vinha Francine Forbes, como um guarda-costas.

Kent ergueu-se num gesto automático. Ela o viu, porém Dan nada notou. Mais que nunca, em Londres, Kent compreendeu que Dan era construído em larga escala como um mapa do relevo africano, e precisava de espaço para respirar. Entretanto, apesar de sua fervilhante energia, parecia mal; trazia uma preocupação constante em algum canto da mente. O cabelo, ressecado e grisalho nas têmporas, fora aparado rente, no estilo teutônico; os olhos muito claros, num rosto ainda corado, circundavam-se de

umas rugazinhas que lhe davam ao rosto grave o curioso aspecto de ter sido uma vez massageado com um ralador de noz-moscada. A boca, que exprimia a um só tempo generosidade e suspeição, repuxava-se de modo que o lábio inferior lhe cobria todos os dentes de baixo.

A aparência de Francine contrastava com isso tudo, se bem que, a julgar por algumas de suas características mentais, podia até ser tida como filha dele. Era mais calma que Dan; talvez até mais determinada: e era essa determinação o que a punha em conflito com Christopher Kent sempre que se encontravam. Delgada, com aquele tipo de pele clara que nunca se bronzeia e que sempre parece ter certo brilho: acentuado ainda mais por cabelos claros e curtos, sobrancelhas castanhas e pálpebras alongadas. Parecia (não há outra palavra para dizê-lo melhor) prenhe, se bem que de uma prenhez cheia de vitalidade. O vestido escuro era exagero da moda, menos por estar tão pleno que por ajustar-se tão plenamente a ela.

— Ouça, Hardwick — começou Dan, autoritário, espalmando as mãos sobre a mesa; só então viu Kent e assobiou de surpresa. — Como foi que...? — prosseguiu, num rugido intimidativo.

— Creio — disse Hadley — que já conhece Mr. Kent, não?

— Mas claro. É um dos meus melhores... — replicou Dan, interrompendo-se de novo e erguendo os olhos com vivacidade. — Já

disse a ele quem você é, Chris?

Porque se disse...

— Já sei: perdi a aposta. Não faz mal; estamos metidos em coisa séria demais para pensarmos em apostas. Como vai, Francine?

Dan corou, rangendo os dentes. Parecia embaraçado, pensava o outro, porque seu senso de conveniência brigava com o desejo íntimo de explicar-se.

— Horrível — disse ele. — A coisa mais horrível com que já topei. Tentamos encontrá-lo, Chris, mas é claro que... Mas não se preocupe nem um pouco com nada.

Eu me encarreguei de tudo. Ele foi sepultado em Hampshire; a família é de lá; tudo do melhor; custou mais de quinhentas libras, mas valeu à pena. — Depois dessa declaração espasmódica, até mesmo os seus rijos nervos pareceram debilitados.

Falava como a queixar-se. — Mas preferia estar saboreando uma bebida com todo o conforto lá na Câmara Municipal de minha terra. E, agora, Jenny! É capaz de fazer uma idéia do que isso tem sido para nós?

— Não.

— Mas você pode dizer a eles, não é? Que ninguém seria capaz de pensar em assassinar Rod ou Jenny.

— Posso e já o fiz.

Hadley deixou-os conversar, enquanto os observava. Nem bem tomou ciência da saudação de Kent, Francine Forbes ficou aguardando, com aquele mesmo ar de quem acaba de tomar um banho frio; impressão que se devia tanto à luminosidade de sua pele quanto à atmosfera intelectual que a rodeava. Mas ela não estava à vontade.

Embora seus longos olhos não se mexessem, as mãos esfregavam nervosamente os lados do vestido.

— Se já acabamos de comentar a façanha de Chris — disse ela com voz débil, fazendo-o arder de fúria durante uma fração de segundo —, talvez seja melhor contar ao senhor, Mr. Hadley, o motivo de estarmos aqui. Nós dois viemos aqui, em nome dos outros, para lhe dizer que ficaremos muito felizes em não ser trancafiados em compartimentos

separados, como casos isolados, até sabermos o que foi que aconteceu. Sabemos que Jenny está morta. E não sabemos mais nada.

Hadley estava de muito bom humor. Empurrou-lhe uma cadeira, que ela recusou com um giro de mão indicativo de que só estava interessada na missão a que viera e em nada mais.

— Receio que seja só isso que sabemos por ora, Miss Forbes — respondeu-lhe o superintendente. — Viremos aqui para interrogá-los um a um, logo que tenhamos terminado nosso trabalho no quarto em que se cometeu o crime. Isso mesmo, assassinato: igual ao outro, acho eu. A propósito, quero que conheça o Dr. Gideon Fell, de quem talvez já tenha ouvido falar.

Ela fez um breve aceno de cabeça, saudação que o doutor, em meio a vastos ofegos, reconheceu com uma chapelada. Observava-a através do *pince-nez* com uma expressão de amplo e benévolo interesse, que parecia irritá-la. Mas Francine conservou os olhos fixos em Hadley.

— Foi estrangulada?

— Foi.

— Quando? — perguntou Dan, como a defender direitos próprios.

— Isso ainda não sabemos; como já disse, ainda não vimos o quarto nem o médico. Compreendo — prosseguiu Hadley suavemente — que lhes seja difícil no momento permanecer em seus quartos individuais. Mas, acreditem, ajudaria a manter as coisas em segredo e evitaria atrair a atenção sobre o ocorrido e sobre vocês, se ouvissem o meu conselho e voltassem agora para os seus respectivos quartos. A menos, é claro, que tenham algo importante para nos contar a respeito da noite passada...

— Não, não — respondeu Dan, limpando a garganta. — Isso não, por Deus!

— Ouvi dizer que seu grupo de amigos chegou do teatro por volta das onze e quinze, a noite passada.

— Isso mesmo.

Hadley não prestou atenção ao olhar suspeito do outro.

— Quando voltaram, Mr. Reaper, visitaram uns os quartos dos outros ou cada qual foi direto para o seu próprio quarto?

— Cada qual foi para o próprio quarto. Estávamos cansados.

A essa altura Francine assumira uma expressão tão aborrecida que Kent teve

ganas de administrar-lhe umas palmadas no lugar devido. O que nunca pudera apurar ao certo era se nela aqueles modos eram genuínos ou pura afetação.

— Muito bem; viu ou ouviu alguma coisa suspeita durante a noite?

— Não — respondeu Dan, categórico.

— E a senhorita, Miss Forbes?

— Não, obrigada — respondeu Francine, como a recusar alimento ou bebida.

— Nenhum dos senhores saiu do próprio quarto em hora nenhuma?

— Não — respondeu Dan, e hesitou por uns instantes. — Não; eu não saí do meu quarto. Apenas enfiei o rosto pela porta e espiei no corredor.

— Por que fez isso?

— Para olhar o relógio. Há um relógio lá, junto à porta de Francine. O meu tinha parado. Chamei minha esposa para perguntar-lhe as horas, mas ela estava tomando banho e não me ouviu. Então abri a porta — disse Dan, fazendo um derramado gesto elucidativo — e olhei para o relógio. Foi só.

— E que horas eram?

— Meia-noite e dois minutos — respondeu o outro prontamente. — Acertei o relógio então.

O Sargento Betts caminhou discretamente em torno, indo parar atrás da poltrona de Hadley. Escreveu umas poucas palavras à margem de seu livro de notas e apresentou-o ao outro. Kent, que estava mais próximo, conseguiu lê-las antes que Hadley passasse o livro ao Dr. Fell. Estava escrito: "O médico diz que ela morreu perto da meia-noite".

— Viu ou ouviu alguém nessa ocasião, Mr. Reaper? Alguém que estivesse no corredor, por exemplo?

— Não — disse Dan. — Ninguém a não ser um empregado do hotel, à porta de Jenny, com uma pilha de toalhas.

V

Um Novo Tipo de Guilhotina

O que Kent não sabia era se Dan compreendia ou não a significação do que acabava de dizer — ou mesmo se não o fizera deliberadamente, tendo vindo ali especialmente para isso. Era difícil supor que alguém com sua inteligência e instinto prático pudesse deixar de notá-lo. Mas ele o dissera no seu tom mais casual e positivo, como se a questão não fosse realmente importante. Algo pesou na atmosfera daquele cômodo, e todos que ali estavam o sentiram.

— Mas... — explodiu Hardwick subitamente; logo, porém, recompôs-se e continuou, polidamente, calado.

— Queira sentar-se um instante, Mr. Reaper — disse Hadley. — À meia-noite e dois minutos o senhor viu um empregado do hotel, no corredor, carregando um monte de toalhas? Era homem?

— Era.

A atmosfera carregou-se ainda mais, e Dan notou-o.

— Uniformizado?

— Sim, claro. Acho que sim.

— De que espécie era o uniforme?

— Ora, da espécie comum. Azul escuro; estria vermelha no punho; botões de bronze ou prata; coisas assim. — E de súbito, Dan se fez grave, então arregalou os olhos como procurando distinguir alguma coisa ao longe. — Ohô! — exclamou ele.

— Compreende agora? Na ocasião em que Mr. Kent foi assassinado, um homem vestido como empregado de hotel foi visto na residência de Sir Gyles Gay...

— Ah, *vootzach!* — disse Dan. E ao fim de uma pausa prosseguiu: — Vejo aonde quer chegar, é claro. Mas acha que me surpreende avistar um empregado de hotel dentro de um hotel? Pensa que acho o fato suspeito? Que mais se poderia ver dentro de um hotel? Nem mesmo olhei para ele duas vezes. Apenas dei uma espiada lá fora, notei-o com

o canto do olho e tornei a fechar a porta. Assim.

Dan fazia muitos gestos sempre que argumentava. E argumentava agora, até com certo calor. Não lhe faltariam razões.

— Isso não vem ao caso, Mr. Reaper. Temos provas, ou pensamos tê-las, de que nenhum empregado do hotel esteve nessa ala entre onze e meia da noite passada e às cinco horas desta manhã.

— Oh — disse o outro, assumindo sua expressão oficial. — Eu não sabia disso, superintendente. Só digo o que vi. Que provas são essas?

— Os trabalhadores que estão consertando o elevador afirmam que ninguém subiu nem desceu durante esse tempo.

— Nem pelas escadas?

— Nem.

— Entendo — tornou Dan, com brusquidão. — Bem, em que é que isso me transforma?

— Numa testemunha muito importante, talvez — respondeu-lhe Hadley, sem entusiasmo. — Quanto a esse homem do corredor, chegou a ver o rosto dele?

— Não. Ele estava carregando uma enorme pilha de toalhas de banho! É isso!

Devia haver uma dúzia de toalhas! E ocultavam o rosto dele para mim.

— Quer dizer que ele estava voltado para o senhor?

— Sim, ele caminhava... Espere, já me lembro! Eu estava parado diante da porta do quarto da minha suíte, olhando para a esquerda... Para o relógio de parede, é claro!

Ele caminhava em minha direção. Como já disse, ele estava junto à porta de Jenny.

— E que fazia ele?

— Como já expliquei — tornou o outro num tom quase tão inexpressivo quanto o de Hadley —, mal notei o homem. Acho que não levei mais de alguns segundos com a porta aberta; só o tempo de olhar as horas. Eu diria que ou ele estava andando em minha direção

ou estaria parado.

— Andando ou parado? Só quero sua impressão, Mr. Reaper.

— Bem, acho que parado, então.

Não seria fantasma dos mais aterrorizantes para se encontrar nas dependências de um hotel comum; mas era um fantasma do tipo paciente, que estrangula suas vítimas e depois lhes espanca o rosto. Kent achou-se pensando que era ainda mais desagradável, porque fora dado como "estando parado" próximo à porta de Josephine.

— Toalhas de banho — disse Hadley. — Um monte de toalhas de banho foi encontrado no quarto em que o crime foi cometido. Parece que essa misteriosa personagem ao menos chegou a entrar naquele quarto...

— O rosto dela foi...? — gritou Francine, de repente.

— Foi. E usaram uma toalha de rosto para estrangulá-la, como no outro caso —

respondeu Hadley. A moça não teve delírios nem coisa alguma de natureza dramática; mas seus olhos tornaram-se tão luzidios que os outros pensaram que estivesse a ponto de chorar. Hadley não sentiu nenhum embaraço. Voltou-se para Dan:

— Esse homem... Não lhe pareceu estranho que carregasse toalhas? Esse não seria um serviço para criadas?

— Não sei que serviço seria o dele — respondeu Dan. — É claro que não me pareceu nada estranho, nem pareceria, mesmo que eu notasse todas as sutilezas que o senhor parece descobrir no caso. Em meu país, nos hotéis, é raro achar-se alguma criada. Todo o serviço é feito por homens... Indianos, na maioria. Vejo agora que,,de

fato, é bastante estranho; mas na ocasião não me pareceu.

— Não pode nos dizer nada que descreva o homem? Alto, baixo? Gordo, magro?

— Era do tipo comum, só isso.

Neste ponto Hardwick interferiu. Estivera discretamente à margem do grupo; mas parecia tão seguro de si e tão fidedigno que Dan se voltou para ele como quem ia cumprimentá-lo.

— Falou de um uniforme — começou lentamente. — Que tipo de uniforme era?

Temos vários, como sabe.

Hadley fez um gesto aprovador:

— Eu ia perguntar isso mesmo. Quais os tipos de uniforme que usam aqui, antes de mais nada?

— Àquela altura da noite, não muitos: como já disse há pouco. Se acontecesse durante o dia, seriam muitos. Mas quando chega a meia-noite só há três espécies de empregados que usam uniformes; todos os outros, desde o garagista até o moço de recados, já largaram o serviço. Ficam Billings, o porteiro da noite, e seus quatro auxiliares. Há ainda os dois ascensoristas e os dois empregados que permanecem no saguão... Sabem como é, para servir alguma bebida noturna. E é só.

— Bem?

— O porteiro — replicou Hardwick, semicerrando os olhos — usa uma longa túnica azul, assertoada, botões prateados até o pescoço: colarinho com lapela e gravata preta de laço: estria vermelha no punho e no colarinho. Os quatro subporteiros usam uma túnica assertoada, com lapelas, e uma menor, de peito simples, que lhes chega até o pescoço; botões prateados, dragonas nos ombros. Os homens do saguão usam um uniforme azul que lembra traje de noite, botões prateados e insígnia vermelha.

Quanto a terem subido, esses dois...

— Nunca pensei que fossem tantos — grunhiu Dan. — Não adianta. Se eu continuar pensando no caso só vou enfiar idéias na minha mente e com certeza fornecer-lhes alguma pista falsa. Só lembro da túnica e dos botões de sob a pilha de toalhas. Segurava as toalhas na frente do rosto.

Hadley fez uma careta para o livro de notas.

— Mas não pode nos dizer, por exemplo, se a túnica era longa ou curta? Ou se o colarinho era fechado ou aberto?

— Não lhe vi colarinho. E tenho a impressão de que era curta; mas não posso jurar.

Hardwick interrompeu, num ímpeto explosivo:

— Isso é mais sério do que pensam. Há algo que precisa saber, superintendente, se bem que não ajude muito. Alguns anos atrás tivemos um subporteiro noturno que, como depois se soube, era um larápio muito esperto. O método que usava para furtar os hóspedes era dos mais seguros. Ele se encarregava de dois andares, como

sempre. No meio da noite, subia para atender um chamado ou para "dar uma volta", como costumam. Em cima, tinha escondido um pijama e um par de chinelos, bem como um chambre ocasionalmente. O pijama ele vestia em cima do uniforme. Tinha, claro, uma chave mestra capaz de abrir todos os quartos da sua ronda. De modo que simplesmente entrava de mansinho e furtava o que bem quisesse. Se o hóspede despertasse já tinha uma magnífica explicação que nunca falhara: "Desculpe; errei de quarto". Em qualquer caso, seria tido por hóspede. Se o vissem saindo ou entrando num quarto, ou andando pelo corredor, não despertaria a menor suspeita: era um hóspede que ia ao lavatório ou aonde quisesse. Quando dessem pelo furto, as suspeitas sempre recaíam naturalmente sobre os hóspedes. Bem, ele fez isso por algum tempo, até que uma vítima se recusou a aceitar a desculpa de "quarto errado" e o prendeu{3}.

Hardwick fez uma pausa.

— Não vão pensar — aduziu procurando parecer engraçado — que estão dentro de um antro de ladrões. Mas achei que seria bom mencionar esse caso. É essa a razão por que pendurei aquele aviso atrás das portas de todos os quartos: "Corra o trinco, por favor".

Francine aceitou o desafio, se isso era mesmo um desafio:

— Está parecendo haver uma moral aí nessa história — disse ela. — Se um empregado pode passar por hóspede, um hóspede também pode passar por empregado.

Fez-se um silêncio pesado, e o calor pareceu aumentar no recinto.

— Desculpe, Miss Forbes — disse depois Hardwick, sem nenhuma pressa —, mas eu não quis honestamente dizer isso. Eu... Humm... Apenas mencionei o acontecido.

Em todo caso, posso apurar quais tenham sido os movimentos de todo o pessoal que esteve de serviço aqui ontem à noite.

— Podia fazer isso já — sugeriu Hadley, erguendo-se com decisão —, enquanto vamos dar uma olhada no corpo. Só mais uma pergunta: já que falou em chaves mestras, as fechaduras de todos os quartos são

iguais?

— Não. Há uma diferença gradual entre elas. De modo geral cada criada tem a seu cargo certo número de quartos; quase sempre doze, mas pode ser menos. Ela só leva uma chave, que abre todas as portas do grupo de quartos em que tem de trabalhar. Cada grupo tem uma fechadura diferente. As fechaduras podem ter réplicas em diferentes partes do hotel, é claro, mas há perto de vinte combinações diferentes.

Os subporteiros carregam uma chave mestra capaz de abrir qualquer porta dos dois andares a eles confiados; e assim por diante, gradualmente, até chegar a mim, que tenho uma chave que abre todas as portas do edifício. Mas essa minha chave não abre as portas do último andar, anexado há pouco. Estamos pensando em experimentar, decerto sem êxito, prover todas as portas com fechaduras Yale, de modo que não haja duas iguais. Isso seria muitíssimo mais trabalhoso e causaria muita confusão; mas seria impossível alguém não-autorizado abrir ainda que fosse uma rouparia.

— Obrigado. Bem, então vamos ao 707. É melhor vir junto, Mr. Kent.
— Hadley voltou-se para Francine e Dan: — Preferem esperar-nos aqui mesmo, ou acham melhor voltar a seus quartos?

Por única resposta Francine foi à cadeira, que ele anteriormente lhe tinha oferecido, e sentou-se nela como quem se decide a esperar muito. Dan, desculpando-se por ela, informou que aguardariam ali mesmo.

Estava bastante quente nos corredores e havia ocasionais correntes de ar frio onde acontecesse haver janelas abertas ou clarabóias erguidas. O erguer das janelas proporcionava a quem passasse por elas breves vislumbres da vida do hotel e reunia os ruídos que constituíam o murmúrio vazio que lhe servia de fundo. Vozes fantasmas provinham do poço de ventilação. Ouviam-se o retinir de um prato e o zumbido de um aspirador de pó. Figuras indistintas cruzavam a linha de visão que se tinha das janelas; Kent farejou no ar que ali haveria frango assado para o almoço. Tudo isso estava disposto em camadas sob eles, que se encontravam em meio à modernidade calma da ala A. Os três, seguidos pelo sargento, olharam aquele amplo corredor, com suas decorações murais luzidias e cada uma das lâmpadas embutidas em mangas de vidro fosco.

— Bem? — instigou Hadley.

— Achei a pista essencial — informou o Dr. Fell, falando sério. —

Hadley, vou confiar-lhe o segredo.

— Está bem — disse o outro, com certa amargura. — Eu só estava vendo quando isso ia começar. Diga logo.

— Estou falando sério. Um assassino vestir-se como empregado de hotel é errado; e portanto (digo: portanto) significa alguma coisa.

— Imagino que você não iria considerar a fantástica teoria de que o assassino estava vestido como empregado de hotel apenas por ser um empregado de hotel de verdade, não é?

— Talvez. Mas é isso o que quero salientar — instou o doutor, tocando na manga do outro. — Nesse caso a coisa fica muito pior. Temos aqui algo muito perigoso que pode estar em qualquer canto ameaçando esse grupo de pessoas. Ora, uma ameaça pode ser assustadora ou não; mas sempre é eficaz. Se não for eficaz não tem sentido.

No primeiro crime tivemos por cenário uma casa isolada, próxima de um cemitério, em Sussex: um cenário apropriado a quase toda espécie de ameaças exceto a que um empregado de hotel, todo uniformizado e de salva em mãos, pudesse representar. Em vista do que aconteceu aqui no hotel, acho que não devemos considerar o caso de Northfield como simples coincidência ou mera alucinação de ébrio.

"É que esses dois crimes ou foram praticados por um empregado de hotel verdadeiro ou por um membro do grupo de Reaper que se teria vestido para parecer empregado de hotel. Mas, se a primeira hipótese é a verdadeira, por que o criminoso iria vestir deliberadamente o uniforme de trabalho para ir assombrar uma casa de campo de Sussex no meio da noite? Se a segunda, por que é que um membro do

grupo de Reaper iria vestir essa indumentária infernal?"

Hadley estava perturbado.

— Ei, calma aí! — protestou ele. — Você está tirando um monte de conclusões apressadas! Estou começando a achar que você está assustado com a sugestão de haver alguém duplamente assassino andando por aí fantasiado. Imagine, por um momento, que o que Bellows viu em Northfield tenha sido mesmo alucinação: suponha que o empregado com as toalhas, aqui, fosse um inocente empregado da casa, que de algum modo deixaram de notar enquanto subia... — Nesse ponto o superintendente se interrompeu, porque não podia convencer-se do que dizia. Mas, quanto ao princípio da coisa, estava muito intrigado. — O que eu quero dizer é que não há sombra de

indício que nos leve a concluir que Mr. e Mrs. Kent fossem assassinados por alguém vestido desse modo. É provável, concordo; mas onde estão as provas?

— Bem — tornou o Dr. Fell com brandura —, nosso amigo Hardwick deve poder verificar os movimentos de seus empregados à meia-noite de ontem, não é?

— Acho que sim.

— Aham, sim. Imagine que todos eles expliquem direitinho suas andanças por aí...

Isso significaria, suponho, que alguém teria se disfarçado. Logo, que é feito dessa sua inocente personagem que primeiro surge numa alucinação e depois só por puro acaso aparece? — O doutor acendia o cachimbo, e a fumaça lhe envolvia o rosto de viés. —

Ora essa, Hadley, por que você se opõe tanto à idéia?

— Não estou me opondo à idéia. É que ela me parece desastrosamente tola, só isso. Por que alguém iria se vestir desse modo? A menos, é claro...

O Dr. Fell resmungou:

— Ah, claro. Sempre se pode dizer (simplesmente) que o assassino é um lunático com a mania de agir vestido com esse tipo especial de fantasia. Não posso crer nisso, porque no meu fraco entender o uniforme de um porteiro de hotel é coisa que dificilmente assentaria a um anjo vingador ou a qualquer forma de violência secreta.

Mas você quer provas, indícios! Os crimes parecem não ter a mínima razão de ser; são gratuitamente brutais; e não parece haver razão para o assassino insistir em estrangular suas vítimas com as mãos envoltas em toalhas, o que a meu ver é um processo desajeitado e pouco seguro. Até que enfim chegamos!

Tinham dobrado o cotovelo do corredor, onde o Sargento Preston estava de guarda. O Dr. Fell apontou para o cartão, em que se pedia silêncio, ainda pendente da maçaneta da porta fechada, e que anunciava, em tinta vermelha, a presença no quarto de um corpo morto de mulher. Depois tocou com a ponta da bengala os sapatos marrons de camurça, empurrando-os um pouco para a esquerda da porta.

— Sapatos de diferentes pares — comentou asperamente. — Veja, não peço que tire deduções apressadas, mas tenha a bondade de notar: sapatos de diferentes pares.

Hadley voltou-se para o Sargento Preston:

— Alguma novidade?

— Duas séries de impressões digitais, senhor. Estão revelando as fotos agora; o gerente nos emprestou a câmara-escura do hotel. O médico está à sua espera.

— Ótimo. Dê um pulo até lá embaixo e chame o porteiro; chame também a camareira que esteve de serviço à noite passada. Traga-os para cá, mas diga que esperem fora até que eu chame.

A seguir Hadley abriu a porta. Os anteparos de cor creme agora estavam erguidos, de modo que Kent teve uma boa visão do quarto que antes só vira em penumbra. Por um ou dois segundos hesitara em entrar. Já sabia o que haveria estendido no assoalho; sabia que era Jenny; sentiu, pois, certa náusea. Durante várias horas tentara se convencer de que não era como se tivesse perdido alguém que lhe fosse muito chegado, em Jenny nem em Rod. Apenas tinha o mesmo nome deles; mas outros amigos, Francine especialmente, lhe eram muito mais chegados que aquele amável casal desaparecido. O que lhe dava nos nervos, porém, era a natureza desconexa dos crimes; subitamente sentiu que aquilo o indispunha até mesmo com sua atividade de romancista.

Então Hadley tocou-lhe no cotovelo fazendo-o entrar. Duas amplas janelas abriam para o poço de ventilação, as cortinas de veludo cinzento estavam totalmente afastadas, mostrando o ladrilhado branco de fora, que lembrava uma parede de frigorífico: a neve salpicava-lhes os parapeitos. O quarto media perto de vinte pés quadrados, com teto proporcionalmente baixo. Era uniformemente colorido de cinza e azul, com leves configurações no apanelado e mobília de madeira lisa segundo a moda da ocasião. Quase não havia sinal de conflito. À sua esquerda estavam as camas gêmeas, cujas colchas de seda azul permaneciam intocadas. Na parede à esquerda estava a outra porta que passava para o corredor; e, mais além, um toucador. O

aparador (como já sabia) ficava entre as janelas. Na parede da direita ele agora notava uma porta que dava para o banheiro, e um amplo guarda-roupa. Completando a volta do quarto, a pilha de toalhas de banho ainda estava em cima da mesinha à direita da porta.

Decerto Jenny estaria desfazendo as malas quando o assassino a surpreendeu. A porta do guarda-roupa estava entreaberta, e ele pôde ver o único vestido pendurado dentre os muitos que ficaram na mala. Havia ainda vários pares de sapatos dentro do guarda-roupa. Mas ele notou uma grande diferença relativamente ao que vira de manhã. A enorme mala ainda estava na mesma posição, voltada para a porta, a cerca de dois metros e meio da janela da direita, e completamente aberta. Mas o corpo, que antes estivera ao lado direito da mala e com a cabeça dentro dela, agora se estendia de rosto para cima, cerca de um metro e meio mais próximo da porta. Folgou em ver que o rosto agora estava coberto com uma toalha. Então Kent viu o próprio rosto refletido no espelho de cima do aparador, e recuou instintivamente.

— Estou vendo — disse após limpar a garganta — que moveram o corpo.

Um homem de meia-idade e de óculos, que estivera sentado de través e tinha uma maleta de médico no chão ao lado, ergueu-se rápido.

— Mover o corpo? — repetiu Hadley. — Claro que não. Foi achado exatamente como está... Não é, Betts?

— Isso mesmo, senhor — confirmou o sargento. — Afora o primeiro soldado que esteve aqui, fui eu a primeira pessoa a entrar; e foi assim que o encontrei.

— Bem, não estava assim antes — disse Kent. E descreveu a posição em que vira o corpo. — Tenho uma boa razão para saber disso. Alguém deve tê-lo puxado depois que saí.

Hadley descansou a pasta sobre a cama: — Tragam já esse porteiro! Onde se meteu o raio desse por...! Ah, já mandei buscá-lo. Olhe bem tudo, Mr. Kent; não tenha pressa. Algo mais lhe parece diferente?

— Não; não que dê para notar. Não cheguei a ver bem o quarto; os anteparos das janelas estavam descidos; mas tudo parece igual. Não notei esse guarda-roupa antes, se bem que seja improvável que não estivesse aí há apenas algumas horas. Mas ainda há outra coisa, além da posição do corpo: aquele bracelete que a última ocupante do quarto teria esquecido no aparador. Se for esse o aparador — disse apontando o móvel —, sou capaz de jurar de novo que nele não havia nenhum bracelete às oito horas da manhã de hoje. Entretanto, de acordo com o gerente, o porteiro o achou aí depois da minha saída. Gostaria de saber quanto tempo decorreu entre a minha saída e a entrada dele.

— Trataremos disso — falou Hadley. — Por ora... Que é que nos diz, doutor?

Hadley ajoelhou-se ao lado do corpo, descobriu-lhe o rosto e rosnou; Kent deu-se por feliz de que as costas do policial lhe encobrissem aquela visão. O médico aproximou-se, interessado.

— Então o corpo foi movido — comentou, com um rápido olhar sobre Kent e um sorriso de satisfação. — Não admira. Isso explica o caso. Se estiver certo, esse é um novo método de praticar assassinatos.

— Novo? Ela não foi estrangulada?

— Sim, sim, foi estrangulada, asfixiada, o que quiserem; mas com uma diferença.

Com certeza ela foi desacordada antes, muito embora haja oito contusões no rosto e na cabeça e eu não possa dizer qual delas corresponde ao golpe que a fez dormir. Eu diria que ela morreu aproximadamente à meia-noite; pouco antes, pouco depois. — O

médico, que espiava por cima dos óculos, ajoelhou-se ao lado de Hadley. — Mas veja isso! Olhe para o pescoço, tanto na frente como atrás.

— Vincos, como se — murmurou Hadley — tivessem sido produzidos por uma corda ou fio. Mas...

— Mas não achamos nem corda nem fio, e as marcas não se estendem em toda a volta do pescoço — assinalou o outro. — Isso explica tudo, inclusive a toalha, se bem que o fulano, diria eu, teria usado uma toalha de banho espessa em vez desta. Agora dê uma olhada nessa mala. É bastante grande, com espaço de sobra num dos lados, onde os vestidos estão pendurados... E ela é uma mulher pequena. Nota-se ainda que

as roupas dentro dela parecem um tanto amarrotadas e revoltas. O problema é seu, naturalmente, mas eu diria que o pescoço da mulher foi prensado entre as folhas da mala, com a toalha em torno para prevenir corte...

Hadley ergueu-se estalando os dedos.

— Não há dúvida — prosseguiu o médico —, uma coisa medonha. Eis o que eu penso: a toalha protegia o pescoço dela, e o corpo estava na parte da mala onde estão os vestidos. Então o assassino lentamente

pressionou ambas as partes da mala até que a moça acabasse estrangulada. Depois disso ele a deixou cair e administrou-lhe uns bons golpes. Muito hábil, realmente. Tudo serve para matar hoje em dia, não é mesmo?

VI

Quinze Toalhas de Banho

Houve um silêncio, após o qual Hadley tornou a cobrir o rosto da morta com a toalha e deu um suspiro fundo. A enorme mala, muito sugestiva apesar do vestido cor-de-rosa que lhe pendia de dentro, atraiu todos os olhos.

— Eis um assassino — disse Hadley, cerrando as mãos — que hei de ver ser enforcado, nem que seja a última coisa que veja. Ouça, doutor: o senhor examinou o outro corpo? O corpo do marido, não é? Ele não foi morto com a ajuda de nenhum truque como esse, foi?

— Não, aquele parece ter sido um caso de simples estrangulamento em que o assassino trazia as mãos envoltas em toalha. Mãos muito fortes, porém... — Levou um dedo à têmpora e imprimiu-lhe um movimento giratório. — Demência precoce, superintendente. Estou farejando isso em toda essa história; pelo menos até aqui. O

problema é que tudo parece ter sido muito bem pensado e decidido. Entretanto, o problema é seu. Se não precisam mais de mim, já vou. Quando quiser que mande buscar o corpo, é só dizer.

— Obrigado, doutor. É só isso — disse Hadley. E, por algum tempo, moveu-se em círculos, lentamente, examinando o corpo e a mala de roupas, e tomando notas. —

Betts!

— Pronto, senhor.

— Aquele cartaz de silêncio pendurado na porta, descobriu de onde veio?

— É daqui mesmo — respondeu o sargento. — Cada quarto tem o seu; fica numa gaveta do aparador, para o caso de o hóspede querer usar. É "bossa nova", acho eu.

Quanto à anotação em vermelho...

Atravessou o quarto no rumo de uma pequena escrivaninha, posta de viés no canto direito, próximo a uma janela. O tapete azul-escuro era tão espesso que abafava os passos deles quando se moviam. Kent calculava que também aquelas paredes novas fossem à prova de ruído. Tendo afastado a cadeira que havia à frente do móvel, Betts indicou uma folha de mata-borrão. Além da caneta e do tinteiro do hotel junto aos apetrechos de escrita no quadro de escaninhos que lhe ficava em cima, havia uma caneta-tinteiro, pequena, cor de ágata.

— Da hóspede, com certeza — sugeriu o sargento. — Tem as iniciais dela gravadas e está carregada com tinta vermelha.

— Era dela — confirmou Kent, que a reconheceu mesmo a distância. O calor abafado do quarto fazia-lhe a testa porejar. — Ela tinha duas, uma com tinta azul e outra com vermelha. Eram como amuletos.

Hadley carranqueou para a caneta.

— Mas, por que tinta vermelha?

— Uma mulher de negócios competente. Tinha parte nos lucros de uma loja de modas, da Pritchard Street, o que sempre manteve em segredo. Decerto achava isso pouco digno. — E de súbito Kent sentiu-se tentado a rir. Muitas imagens lhe vieram à memória. A expressão "mulher de negócios competente" parecia ser a última coisa capaz de descrever Jenny, pois não sugeria a extraordinária atração que (de maneira puramente espiritual) tinha virado tantas cabeças. Harvey Wrayburn dissera uma vez que ela parecia atrair a mentalidade adolescente. Imerso nessas lembranças, ouviu a voz de Hadley:

— Não tem impressões digitais?

— Não, senhor.

— Mas se ela tinha duas canetas, onde está a outra?

— Deve estar na mala — disse Betts. — Na bolsa, em cima do toucador, não está.

Perturbado, Hadley examinou a mala. Era velha e cocada, embora sólida; e o seu nome de solteira "Josephine Parkes" já se tinha quase dissipado, gravado que fora com tinta branca a um canto; o sobrenome fora substituído por um "Kent" também branco e brilhante. O compartimento superior, do lado direito, formava uma espécie de bandeja, abarrotado de lenços e meias muito bem arranjados. No meio de uma pilha de lenços, Hadley encontrou a segunda caneta, e bem

assim um estojozinho dourado, com a chave na fechadura, em que havia jóias. Revolvia as canetas na mão, murmurando.

— Isso não encaixa. Ei, Fell, que me diz? Com certeza ela estava começando a desfazer as malas, quando o assassino a surpreendeu. Começava pelos vestidos...

(Minha esposa sempre começa pelos vestidos), para evitar que amarrotassem. Mas a vítima só tinha tirado um vestido e alguns sapatos; decerto para trocá-los, pois está de chinelos agora. A única coisa que ela tirou, além disso, foi esta caneta abastecida com tinta vermelha, que estava sepultada sob uma pilha de lenços. A menos, é claro...

Durante todo esse exame, o Dr. Fell permanecia recostado na parede, de chapéu caído sobre os olhos. Depois se endireitou, guardando o cachimbo.

— A menos que o próprio assassino a tirasse. Caso em que já saberia onde procurá-la. Aham, sim — disse o Dr. Fell, ofegante. — Mas, Hadley, eu lhe ficaria muito grato se você recapitulasse o que pensa ter ocorrido aqui. É muito importante. Temos aí outra dádiva dos céus. Os hóspedes parecem ter ficado quietos em seus quartos, salvo o assassino. Não temos necessidade nenhuma de levantar um cronograma que dê conta das pessoas que transitaram, umas após outras, por esses corredores ou de quem encontrou quem no instante em que ia despachar uma carta às nove e quarenta e seis. O que importa fazer é meramente atentar para o que nos revelam os indícios físicos. Mas, oh, Baco! Tenho a impressão de que isso não vai ser nada fácil. Comece, faça o favor.

— Por onde?

— Pelo aparecimento do assassino.

— Supondo que o assassino seja o "empregado" que Reaper viu quando saiu à porta, ali pela meia-noite?

— Supondo tudo o que quiser. Hadley examinou o livrinho de notas.

— Já conheço esse seu tom de voz — disse, suspeitoso. — Deixe-me só dizer-lhe uma coisa: não vou ficar aqui fazendo análises minuciosas para no final você simplesmente acenar a mão e anunciar que já sabia de tudo; isso, porém, não é o mais importante. Ora, por tudo quanto lhe é mais sagrado, eu tenho que trabalhar enquanto você só está se divertindo. Concorde ou não, pouco importa; só não me venha com

caminhos tortuosos. Está bem?

— Você me lisonjeia — tornou o Dr. Fell, com dignidade. — Está bem; diga lá.

— Na minha opinião, existe uma dificuldade principal. Há oito marcas de golpes no rosto e na frente, e nenhuma na nuca. Mas ela não podia estar consciente quando foi posta dentro dessa cruel imitação de guilhotina; tinha que ser posta dentro da mala; e teria gritado e sido ouvida. Sei que as paredes parecem muito sólidas, mas paredes à prova de som são como as máquinas silenciosas: sempre se ouve alguma coisa. Isto parece significar que o assassino a atacou cara a cara com algum instrumento, e que um dos golpes a fez desmaiar.

— Sem dúvida. Entretanto, deve se lembrar — assinalou o Dr. Fell erguendo a cabeça — que Rodney Kent foi golpeado na nuca.

— Se o assassino, portanto, usou uma arma bastante grande para deixar tais marcas, como é que ela não gritou nem fugiu nem ofereceu resistência apreciável quando o viu chegando? E, num hotel bastante iluminado, como pôde ele carregar a arma sem ser notado?

O Dr. Fell desencostou-se da parede. Inclinando-se sobre a grande pilha de toalhas sobre a mesa, começou rapidamente a pegá-las, uma a uma, sacudindo-as e soltando-as depois. Na sexta toalha, quando o soalho já estava coberto delas, algo caiu, produzindo um ruído surdo, e rolou para os pés de Hadley. Era um atizador de lareira, de ferro, com perto de dois pés de comprimento; na extremidade havia alguns fios de linho, pois algumas farpas resultantes da ferrugem os tinham feito aderir à toalha.

— Ouça aqui, rapaz — disse o Dr. Fell, voltando-se para Kent como a desculpar-se; — por que não vai lá embaixo tomar alguma coisa? Deve ser desagradável para você ficar aqui, vendo-a assim e...

— Não se incomode — respondeu Kent. — Isto me surpreendeu, eu estou bem.

Quer dizer que então foi assim?

Calçando luvas, Hadley colheu do chão o atizador e virou-o.

— É isso mesmo o que queremos — disse ele. — Já entendi. Foi um bom esconderijo para a arma; tendo a mão no cabo desta coisa, com a toalha escondendo-a da vítima, pode-se sacá-la e golpear antes que a outra pessoa possa fazer algo.

— Exato. Mas não é só isso. Também seria natural perguntar: por que *tantas*

toalhas? São quinze ao todo, já contei. Se elas só tinham por função ocultar o atizador, por que empilhá-las assim, de jeito que até podia atrapalhar os movimentos do assassino na hora de bater? É que essas quinze toalhas não serviriam apenas para esconder o atizador: elas também esconderiam...

— O rosto do assassino — disse Hadley.

O Dr. Fell tornou a retirar o cachimbo do bolso e a fitá-lo.

— Exato — disse ele. — Isso nos leva à questão: se o assassino fosse realmente um empregado do hotel, por que iria dar-se ao trabalho de ocultar o rosto, fosse no corredor ou fosse diante de Mrs. Kent? O corredor seria o lugar mais natural para ele estar; não despertaria a menor suspeita, desde que não o vissem entrando neste quarto, e carregar uma pilha tão grande de toalhas só faria chamar atenção sobre si.

Diante de Mrs. Kent, quando lhe batesse à porta, também não despertaria suspeita, pois sempre seria um empregado obviamente no desempenho de sua função. Mas se ele fosse um membro do mesmo grupo de pessoas de que ela fazia parte, alguém que ela conhecesse bem, então precisaria mesmo esconder o rosto. Não podia correr o risco de ser visto por aí metido num uniforme berrante e com o rosto à mostra. Mrs.

Kent na certa se surpreenderia, e talvez ficasse alarmada, se, ao abrir a porta, visse o amigo fantasiado: especialmente quando se tratasse de uma fantasia já anteriormente associada à morte do marido. E acontece que ele tinha de entrar no quarto antes que ela suspeitasse. Some isso à declaração dos homens do elevador, segundo a qual nenhum empregado real subiu aqui entre onze e meia da noite de ontem e cinco desta manhã, e começará a perceber que o Royal Scarlet Hotel abriga um raro e perigoso hóspede muito propenso ao exótico em matéria de indumentárias.

Fez uma pausa. Hadley espancou o livrinho de notas.

— Eu nunca disse que ela tivesse sido morta por alguém completamente estranho.

Mas nesse caso, a não ser que surripiasse o uniforme de algum empregado real, a roupa que o assassino usou não devia ainda estar

em algum desses quartos?

— Assim parece.

— Mas por quê? Por que carregar por aí um enxoval e só usá-lo para cometer crimes?

O Dr. Fell estalou a língua.

— Ora — disse ele —, usemos a cabeça. Há outras coisas que merecem atenção.

E como não quer recapitular, eu o farei. Neste quarto muitas coisas foram feitas, além do assassinato. Primeiro, alguém pega um par de sapatos que não combinam e o põe à porta. Parece improvável, para não dizer mais, que Mrs. Kent tenha feito isso. Além de não pertencerem ao mesmo par, eram de camurça, e não podiam ser engraxados.

Portanto, quem fez isso foi o assassino. Por quê?

— À primeira vista — respondeu Hadley com cautela — porque o assassino não queria ser interrompido por ninguém como talvez pudesse ser. Viu-se no meio de um monte de sapatos. Então colheu dois, que para alguém com pressa pareceriam idênticos, e os pôs fora, junto à porta, para dar a entender que Mrs. Kent já se tinha

recolhido. Essa também seria a razão de... Mas, espere aí!

— Exato — concordou o Dr. Fell. — Foi por isso também, ia você dizendo, que ele pendurou o cartão de silêncio na porta. Mas isso já é como dar um feio mergulho de cabeça. O assassino retirou um aviso de silêncio (escondido) de uma gaveta do aparador; pegou uma caneta (escondida) de dentro da mala de Mrs. Kent; sobre esse cartão escreve ele: "MULHER MORTA" com letras maiúsculas e o pendura à maçaneta.

Parece-me um modo assaz estranho de prevenir interrupções. Por que o assassino precisaria de tanto tempo a ponto de tomar tantas precauções?

— Alguma sugestão?

— Apenas concluo a explicação indicando o que aconteceu esta manhã.

Admitamos — e apontou a bengala para Kent, o qual ficara à margem da discussão —, admitamos que aqui o nosso amigo esteja dizendo a verdade. Aham. Por volta das oito ele subiu até aqui junto com o porteiro. A essa hora, o bracelete esquecido pela senhora americana que ontem deixou o hotel não estava no aparador e o corpo ainda estava com a cabeça quase dentro da mala. Enquanto o porteiro espera, nosso amigo se retira. Daí a pouco, o porteiro torna a abrir a porta, o bracelete perdido é encontrado no aparador, e o corpo é afastado alguns palmos da mala. E o espetáculo de mágica acabou: senhoras e senhores, fico-lhes muito grato.

Kent achou que o olhar que Hadley lhe lançou era tão especulativo a ponto de ser ominoso.

— Se eu estivesse examinando a questão do lado de fora — admitiu Kent —, diria que eu estava mentindo. Mas não estou mentindo. Além do mais, que dizer desse bracelete? Está claro que não vim aqui ontem à noite para escamotear um bracelete, que nunca tinha visto, de uma mulher de que nunca ouvira falar, tendo voltado hoje de manhã só para devolvê-lo. Onde é que esse bracelete entra na história?

— A alternativa — disse Hadley, ignorando a pergunta — é termos o porteiro como mentiroso?

— Não necessariamente — respondeu o Dr. Fell. — Se você considerar...

Bateram à porta, e Preston fez entrar porteiro e camareira.

A moça era loira, muito séria, e vinha vestida com um uniforme azul e branco, engomado, que a fazia parecer algo espadaúda; parecia retinir juntamente com o feixe de chaves (Yale todas elas) que lhe pendia da cintura; dir-se-ia, porém, que estivesse mais excitada que temerosa, e um nervinho lhe saracoteava junto à pálpebra. Myers, o porteiro, representava um grande contraste com ela. Embora Kent tornasse a notar-lhe os bigodes pontudos e o rosto ligeiramente bexiguento, o que dele mais sobressaiu, aos olhos de todos, foi o uniforme: especialmente a longa túnica assertoada, de botões prateados. Myers, após uma ligeira olhadela, afetou não notar a presença de Kent. O

olhar não fora hostil: antes seria de uma circumspecta mas terrível censura.

Primeiramente, Hadley dirigiu-se à criada.

— Ora, não precisa ficar preocupada — confortou-a ele. — Apenas dê

uma olhada

aqui, por favor, e responda-nos umas perguntas. Como se chama?

— Eleanor Peters — respondeu a moça, mal erguendo os olhos do cadáver no assoalho. Trescalava a sabonete fortemente perfumado.

— Esteve de serviço aqui, a noite passada, até onze e meia, não é certo?

— É.

— Olhe pra mim, por favor; não se impressione com o corpo! Está vendo essas toalhas? Sabe de onde vieram?

Pausa.

— Da rouparia ao fim do corredor — respondeu ela, obedecendo, com relutância, às instruções. — Ou, pelo menos, acho que sim. Deram pela falta de quinze esta manhã, e a rouparia estava de pernas para o ar.

— É encarregada dessa rouparia?

— Sou. E também a fechei a noite passada, mas, mesmo assim, alguém entrou lá e remexeu em tudo.

— Notou falta de alguma outra coisa?

— Só de uma toalha de rosto. Essa aí, aposto. — Apontou, como fascinada, para o corpo de Jenny Kent; e Hadley deu alguns passos a fim de encobrir-lhe a visão da morta.

— Quem mais tem a chave dessa rouparia?

— Ninguém, que eu saiba.

— A que horas reassumiu suas funções hoje?

— Às sete e quinze.

Hadley foi até a porta, abriu-a e retirou-lhe o cartão de silêncio. Do fundo do quarto, Kent podia agora ver obliquamente, lá fora, do outro lado do corredor, a porta que, na planta, vinha assinalada como sendo a da sala de Sir Gyles Gay. Essa porta estava entreaberta e, por ela, um rosto espiava fora, com um ar de alerta e de grande interesse. Se aquele era Sir Gyles Gay, Kent ficaria muito surpreso. Lembrou

uma referência do Dr. Fell a respeito de seu interesse em nomes, fosse qual fosse o significado que tivesse. Aquele nome tinha timbre de cavaleiro, como o de alguém capaz de depor o caneco de cerveja à mesa só para reforçar um coro de homens de negócios, no melhor estilo da cavalaria. Mas o homem era de fato um tanto mirradote, tinha ares filosóficos, parecia interessado em tudo e completamente despreocupado.

Após dirigir a Hadley um sorriso muito branco, que chegava a lembrar os retratos de Woodrow Wilson, recolheu a cabeça e cerrou a porta. A pintura mural daquela parede era a representação de uma reunião de coquetel. Hadley cerrou a porta do 707.

— A senhora entrou em serviço às sete e quinze — Disse à criada. — Chegou a passar, no corredor, por esta porta?

— Ah, sim, claro.

— Notou este cartão pendurado na maçaneta?

— Notei o cartão, mas não notei o que está escrito em cima. Não, não mesmo —

disse a excitada Eleanor, que evidentemente lamentava não poder dizer o contrário.

— Entre a hora em que reassumiu o trabalho e o momento em que este senhor subiu até aqui com o porteiro — fez um sinal indicando Kent —, a senhora teria visto alguém mais na ala?

— Não. Isto é, ninguém a não ser um moço de recados. Ele subiu perto das sete e meia e olhou para a porta de número 707, esta daqui; depois se virou e foi embora.

Myers, o porteiro, estava perto deles, pronto para entrar em ação. Estivera aguardando, com várias tossidelas, como um orador nervoso à espera de vez. Agora, com imponente respeito, fez uma tentativa de explicar as coisas; mas Hadley interrompeu-o.

— Um momento... Quanto à noite passada: a senhora estava nesta parte da ala quando Mr. Reaper e seus amigos voltaram do teatro?

— Quer dizer o bonitão do 701? — começou a criada, mas freou a língua, aparentando confusão, e logo acrescentou: — Sim, estava.

— E não viu...? — Hadley afastou-se para o lado e indicou Jenny.

— Vi, sim. Vi todos eles, menos aquele bigodudo do 705.

— Lembra-se de como Mrs. Kent estava vestida?

— Estava como está agora, mas com um casaco de *vison* nas costas. E usava sapatos em vez de chinelos — acrescentou Eleanor, após outra inspeção cuidadosa. —

A outra, aquela gorda — Melitta Reaper, sem dúvida —, usava um traje para noite, tecido dourado e casaco branco, de pele. Mas esta aí e aquela leviana do 708 usavam roupas comuns.

Myers, evidentemente furioso, estava a ponto de pôr um fim com sua fria autoridade àquele estilo de falar; mas o olhar que Hadley lhe atirou foi ainda mais frio.

— Ouviu dizerem alguma coisa?

— Que me lembre, só boa-noite.

— Foram todos diretamente para os quartos?

— Sim, senhor. Todos eles ficaram com a mão na maçaneta, olhando em volta, como esperando algum sinal ou coisa parecida; depois, de repente, todos se viraram juntos e entraram.

Hadley considerou o livrinho de notas; depois se voltou para Myers.

— Primeiro, com respeito ao bracelete: quando soube que ele tinha sido esquecido neste quarto?

— Às oito horas desta manhã, quando iniciei o serviço — respondeu o outro, instantaneamente. Tinha uma maneira aparatosa de explicar-se e cresce que se pusera em brios. Respondia com veemência, como se aquelas perguntas o

insultassem. — Sou o porteiro de dia, como deve saber, e entro às oito. Mas Billings, o da noite, contou-me o caso quando largava o serviço. Mrs. Jopley-Dunne, que foi a última ocupante deste quarto, tinha telefonado ontem à noite informando sobre o bracelete. Na ocasião ela estava pernoitando com amigos em Winchester, e tinha intenção de ir a Southampton no dia seguinte, onde embarcaria no *Directoire*. Mas telefonou tão tarde que Billings não ousou incomodar Mrs. Kent enquanto não amanhecesse.

— Que horas eram? Sabe quando foi feita a chamada?

— Perfeitamente, senhor; sempre se registram essas coisas. Às onze e cinqüenta.

— Às onze e cinqüenta? — repetiu depressa o superintendente. — Alguém foi enviado aqui para cima a fim de perguntar?

— Não, senhor; isso não se fez nem por telefone. Como disse, ele não quis perturbar Mrs. Kent a tais horas.

— E por falar nisto, onde estava o senhor na ocasião?

— Eu, senhor? Em casa, na cama. — Um novo tom, mais grave, se fez notar agora na voz de Myers; demonstrava uma espécie de surpresa gibraltaresca.

— Prossiga: a respeito da manhã seguinte.

Myers tornou a contar a velha história. — De modo, senhor, que Billings já tinha enviado um moço de recados aqui para cima às sete e trinta, e o moço voltou com a história de que havia um cartão de silêncio à porta. Quando entrei de serviço, e Billings me inteirou do que se passava, Hubbard (que é um dos subporteiros) pensou que o hóspede do 707 estava terminando seu café no refeitório. Tomei liberdade de solicitar a este cavalheiro, pensando naturalmente que... O senhor compreende...

"Subimos. Fiz a camareira abrir a porta, e ele entrou quarto. Pediu-me, como seria natural, que o esperasse fora. Ao dar fé de que já fazia dois ou três minutos que ele entrara e como não se ouvia ruído algum dentro, bato levemente na porta: só para dar a entender, está se vendo, que negócio podia esperar se ele não achava o bracelete.

Mas não obtive resposta. Cerca de um minuto depois, tornei a bater- e começava a achar aquilo esquisito. Então creio que a minha túnica roçou no cartão pendurado à porta. Em resultado disso, o cartão se virou de modo que a parte referente à mulher morta ficou voltada para fora. Até ali eu não o tinha visto." Myers tomou fôlego ruidosamente e prosseguiu a narrativa: "Bem, senhor, eu sabia que estava assumindo grande responsabilidade quando pedi à criada que abrisse a porta. Então entrei. Este senhor... já lá não estava".

— Onde viu o corpo nesse momento?

— Exatamente onde está agora.

— Qual a primeira coisa que fez ao entrar?

— Fui procurar o bracelete.

— O bracelete?

— Senhor — replicou Myers, com ares majestáticos —, disseram-me que fosse apanhar um bracelete. O que fiz; não vejo como todos possam achar que isto seja tão extraordinário. Atravessei o quarto, assim — e ilustrou —, abri a gaveta direita do aparador, assim; e ali estava ele, sob o forro de papel. Peguei-o e meti-o no bolso.

Depois fui ao gerente avisar que já o tinha encontrado e que havia uma mulher morta aqui dentro. Sei que houve mal-entendidos; e não *estou* dizendo que este cavalheiro aqui seja o assassino; mas não ouvi nada sobre coisíssima nenhuma; e isto é tudo o que *eu* tenho a declarar.

Hadley voltou-se para Kent.

— Quanto tempo diria o senhor ter permanecido aqui dentro antes de sair, pela porta lateral, para o outro extremo do corredor?

— E difícil dizer. Perto de três minutos, creio.

— E o senhor? — perguntou a Myers. — Quanto tempo decorreu entre a entrada de Mr. Kent e a sua no quarto?

— Bem, senhor, talvez uns cinco minutos.

— Enquanto estive esperando fora da que poderíamos chamar de porta principal, a que tinha o aviso pendurado, ninguém passou pelo senhor, fosse para entrar ou para sair?

— Por aquela porta, não, senhor! Absolutamente!

— Então esta é a ordem dos acontecimentos, se admitirmos que ambos os senhores estão dizendo a verdade. Mr. Kent entra no quarto. Três minutos depois ele se retira pela porta lateral. Ao fim de cinco minutos o senhor entra. No espaço dos dois minutos restantes, alguém entrou pela porta lateral (à força, já que o senhor estava plantado em frente à única outra entrada), pôs o bracelete na gaveta, moveu o corpo do lugar e retirou-se pelo mesmo modo como entrara. Isto, repito, aconteceu nos dois minutos que mediam entre a saída de Mr. Kent e a entrada de vossa senhoria. Está claro?

Myers sentia-se agravado: — Não posso responder por ele, senhor. Mas respondo por mim, e o que eu disse é a verdade.

— Só mais uma coisa. Enquanto estava fora da porta principal o senhor podia ver as portas de todos os quartos nesta ala do corredor?

— Sim, senhor — respondeu o outro e freou a língua, evidentemente assaltado por uma contracorrente de pensamentos.

— Durante esse tempo, algum hóspede chegou a sair do próprio quarto? Estaria o senhor em condições de notar isso?

— Claro que estava. E, senhor — salientou Myers com convicção —, nenhum deles o fez. Isso posso garantir.

— E a senhora? — perguntou Hadley, voltando-se para a criada.

— Peraí! — replicou a jovem, examinando o passado. — Sim. Nisso estou com ele.

Eu teria visto, tenho certeza. Mas há uma porta que eu não podia ver de lá; a que fica do outro lado da quina do corredor. É a porta lateral do 705, que fica em frente da porta lateral deste quarto aqui.

Hadley fechou o caderninho de notas.

— É só isso, obrigado. Agora podem ir; mas não comentem o caso com ninguém.

— E, após despachá-los, procurou o Dr. Fell com os olhos, exibindo alguma satisfação.

— Isto se parece perigosamente com um golpe de sorte. É o que você chamaria de certeza lógica. Ou este aqui está mentindo — e pôs a mão no ombro de Kent —, o que não acredito; ou tanto o porteiro como a criada estão faltando com a verdade, o que também não creio. Ou, não se pode fugir a isso, a pessoa que entrou aqui foi Harvey Wrayburn, do 705.

VII

Uma Pedra Quadrangular Preta

O Dr. Fell valera-se de novo do estratagema de nunca estar onde era esperado, fato que era nele uma característica tanto física como mental. Quando Hadley olhou em redor, viu-o inclinado sobre o toucador, do outro lado do quarto, na indefinida vastidão das costas de uma capa preta. O rosto vermelho agora se voltava, emergindo a superfície, como o Leviatã, pestanejando atrás do *pince-nez*.

— Oh, é possível — admitiu ele, com um ruidoso e petulante ofego. — Tanto mais que... — e exibiu uma malinha de pele de cobra.

— Tanto mais que o quê?

— Tanto mais que não encontramos a chave. A chave deste quarto. Já procurei em todo canto. Você lembra que ouvimos um relato muito interessante dos fechos de mola de que estão providas todas as portas do andar? Não há duas fechaduras iguais. A não ser, suponho eu, nos quartos que tenham duas portas, como este: nesse caso, a mesma chave serviria para abrir a ambas. Mas onde está a chave? Se alguém se utilizou dessa porta lateral para, no intervalo de dois minutos, introduzir-se furtivamente e devolver o bracelete... Bem, esse alguém teve que entrar. Por outro lado, algumas sugestões curiosas me ocorrem, especialmente agora que examinei melhor essa mala de roupas, e não se ajustam nada ao seu amigo Wrayburn.

Ouviu-se um rumor de discussão proveniente da porta principal, que ficara meio aberta, subitamente abafado por um "pah!". Entrava no quarto, exibindo a maior calma, o indivíduo mirrado que Kent vira espiando o corredor. Embora fosse de altura média, parecia mais baixo mercê de uma curvatura na coluna; estava vestido, com esmero exagerado, de um conjunto azul traspassado e colarinho (muito) duro.

O colarinho, mais o sorriso fixo a sugerir dentes postiços, pareciam acrescentar-lhe grande lustre, comparável mesmo ao da polidura de uma lápide. Mantendo um ar de extremo decoro, demonstrava, não obstante, o mais vivo interesse em tudo. O cabelo ralo, cuidadosamente repartido, branco no alto e grisalho nas têmporas, sugeria uma maciez que contrastava com o rosto encarquilhado. Parou junto ao corpo da morta, como a executar um rito convencional; abanou a cabeça, baixou os olhos e depois olhou para Hadley.

— Bom dia, superintendente.

— Bom dia, Sir Gyles.

— E este, penso eu — prosseguiu com gravidade —, deve ser o famoso Dr. Fell. E

o outro...? — Fizeram-se as devidas apresentações, enquanto Gay considerava tudo com um olho arguto. — Senhores, vim aqui buscá-los e não aceitarei nenhuma recusa.

Precisam vir até meus aposentos e...

"...e tomar uma xícara de chá", acrescentou, logo que, por obra de algum misterioso poder de seus olhos, logrou fazê-los sair. "Eu não poderia dizer isso lá dentro. Não sei por quê."

Era inofensivo, a despeito da pose. O Dr. Fell inclinou-se sobre ele como para examinar um interessante fenômeno.

— Eh — disse ele. — Eh, eh! Sim. Eu particularmente desejava falar-lhe. Quero ouvir um novo ponto de vista sobre personalidades, por assim dizer; os outros serão hábeis juízes, não ponho isso em dúvida, mas é que têm vivido muito próximos entre si para estarem isentos de prevenções.

— O senhor me lisonjeia — disse Gay, exibindo os dentes marmóreos num sorriso.

— Estou inteiramente à sua disposição.

Enquanto Hadley ficava para trás a fim de dar instruções a Betts e Preston, Gay conduziu

os

outros

para

sua

sala.

O

lugar

era

agradável,

mobiliado

(surpreendentemente) à moda do século XVIII, muito embora Piccadilly lhe fervilhasse ruidosamente sob as janelas. Daquele andar podiam-se ver ao longe as meias-águas de telhados cinzentos das habitações humildes próximas da sólida edificação da Igreja de St. James até o Parque St. James. Era para lá que o velho janota olhava. Sobre a mesa, junto à janela, fumegava um serviço de chá; e, quando

os outros o recusaram, o anfitrião encheu para si uma xícara, com mão firme.

— Achará charutos nessa caixa aí do lado — informou ele ao Dr. Fell.
— E agora, senhores, ao trabalho: se bem que seja trabalho um tanto teórico. Uma coisa, porém, já posso ir dizendo de saída — acrescentou vigorosamente. — Não sei a respeito desse negócio infeliz mais do que a respeito do outro caso, quando assassinaram aquele jovem em minha casa. Não saí do quarto a noite passada, e não sei quem o tenha feito.

Tudo o que *sei* é que pelo visto estamos sendo perseguidos por um criminoso cruel e implacável.

— Hum — disse o Dr. Fell, ameaçando a integridade de uma cadeira de aspecto frágil. — Bem, que pensa do grupo de amigos de Mr. Reaper de modo geral?

Gay inspirou profundamente. Tinha uma expressão de satisfação no rosto, que logo se dissipou quando ele pareceu refletir.

— Até a ocasião em que o jovem Kent foi assassinado — respondeu com gravidade —, não conheci gente mais divertida.

Fez uma pausa para dar mais efeito à declaração.

— Explico-me. Nos negócios tenho tido fama de terrível, dizem-me esfolador de egípcios e tudo o mais, e confesso que minha conduta na City, no dizer de Wodehouse, faria erguer as sobrelanceiras a um pirata. Além disso, fui membro oficial do governo, e nisso não me saí mal: daí minha dignidade de cavaleiro. De resto, não se pode argumentar contra o espelho; e o meu o que me mostra é um rosto murcho e ríspido.

De modo que assim são as coisas. As pessoas ao entrarem em contato com o meu ar frio passam logo a falar sobre o tempo. Creio já fazer anos que ninguém me convida para tomar uma bebida qualquer... Bem, o grupo de Reaper não ligou para isso.

Vieram a minha casa e, após um decoroso intervalo, se descontraíram e puseram-se à vontade. Martelaram no piano. Organizaram jogos e diversões de tal jeito que vim a dar comigo de olhos vendados tentando pespegar inadvertidamente um rabo de papel no traseiro de Mrs. Reaper. O jovem Wrayburn e mesmo o grave Reaper, quando se esqueceu de que era um **M.A. {4}** e além disso, homem de negócios, introduziram a nota mais moderna do "Humana Mula". Em suma, restituíram aquele danado lugar à vida, o que muito apreciei.

Finalizou com uma surpreendente gargalhada gutural, indicativa de júbilo; para o que esticou o pescoço, pestanejando vivazmente.

— E depois, o assassinato — disse o Dr. Fell. O outro reassumiu o ar sério.

— Sim. Tudo ia bem demais para durar muito.

— O senhor é uma pessoa inteligente — gabou-o o Dr. Fell à sua maneira sonolenta e abstrata. — Que acha que aconteceu?

— Oh, não sei. Se tivesse acontecido comigo eu teria recomendado: leia livros de psicologia. Mas tais livros nunca se aplicam a casos concretos.

— Rodney Kent estaria entre os promotores da animação?

Gay hesitou um momento antes de responder.

— Não; não estava, embora tentasse. Não estava na natureza dele, penso eu. Ele era muito escrupuloso. O senhor já deve conhecer esse tipo de pessoas. Senta-se sorridente, mas inseguro, à margem dos que se divertem; e até o clímax do desespero a gente se põe a pensar: "Como raios hei de fazer Fulano se divertir?" E, por mais que tente, não se consegue nada.

Aquela, ponderava Christopher Kent, era uma perfeita descrição de Rod, que só estava em seu elemento ao lidar com fatos.

— Mas foi assassinado — concluiu Gay.

— E que me diz de Miss Forbes?

— Ah, Miss Forbes — respondeu Gay secamente, tornando a exhibir o sorriso marmóreo. — Acho que a compreende mal, Dr. Fell. Devia vê-la quando, esquecendo-se de si mesma, sentava-se ao piano e cantava uma balada cujo tema não ousa repetir. — Virou-se para Kent e acrescentou: — Está apaixonada pelo senhor, como já deve saber.

Quase fora de si de surpresa, Kent ergueu-se a tais palavras.

— O quê!... Que o faz pensar isso?

— Segredo — respondeu Gay reflexivamente. — O senhor ficaria admirado do número de segredos que me foram confiados nas duas últimas semanas. Nada sério, suponho; mas isso me surpreendeu, lisonjeou e, de certo modo, comoveu. Realmente, é desvanecedor que

nos tomem por confidente. Antes ninguém pensaria em fazê-lo comigo, no temor de que eu me valesse de tais informações para arrancar-lhe até a camisa do corpo. E receio que teria razão. Mas só mencionei esse segredo com o

propósito de ajudar. — Fez aqui uma pausa e logo prosseguiu: — Agora ouçam, que vou resumir tudo. Hoje em dia, na África do Sul, existe um grupo político minoritário chamado Partido do Domínio. É composto de excelentes camaradas, muito embora não tenha a mínima chance de sucesso; oitenta por cento do governo compõe-se de africanôeres. Mas eles tentam manter em pé as tradições inglesas; inclusive a mais mítica de todas, que é a referente à reserva inglesa. Quase todos os membros do grupo de Reaper estão mais ou menos firmados nessa posição. Até o próprio Reaper, embora ele se diga um Unido. — Nesse ponto olhou para Kent e perguntou: — O

senhor é, não é mesmo? Enfim, não creio que Miss Forbes compreenda não ser realmente necessário, hoje em dia, tanto empenho em manter a própria dignidade. O

espetáculo que lhes proporcionei lambendo xerez em pires, como castigo por não ter feito alguma outra coisa igualmente digna (não me lembro o quê), devia bastar para corrigir isso. Compreende, Dr. Fell?

O doutor sorriu, mas sem tirar um olho especulativo de sobre o outro.

— Não tenho certeza — trovejou ele. — Está querendo contar-nos algo? Devo entender que, no fundo desses jogos e divertimentos, haveria alguma repressão ou neurose capaz de se exprimir sob a forma de assassinatos?

O rosto de Gay não se alterou, embora levasse um ou dois segundos para responder.

— Serei franco — disse depois; — não sei bem o que quero dizer.

— Aham. Ainda assim, há uma pessoa, veja bem, cujo caráter o senhor não descreveu. Refiro-me a Mrs. Josephine Kent.

Gay ergueu-se e deu alguns passos, servindo uma caixa de bons charutos. Cada qual aceitou o seu, enquanto, perplexo, Kent olhava, fora, para além dos telhados cinzentos que emergiam de sob a neve. O ruído de um fósforo riscado e o ritual com que se acenderam os charutos fizeram-no voltar a si. O anfitrião estava outra vez sentado na beirada de uma cadeira, com o rosto mais duro.

— O senhor se esquece — prosseguiu ele — de que a noite passada foi a primeira vez que vi essa senhora, poucas horas antes de isso acontecer. Ela estava com as tias durante o outro caso; encontrou-nos em Londres. Contudo, vou dizer-lhe o que era ela.

Era uma mulher muito perigosa.

— Absurdo! — explodiu Kent. — A esposa de Rod? O rosto de Sir Gyles Gay ardia de satisfação.

— Não descobriu isso?

— Sim — respondeu o Dr. Fell. — Mas prossiga.

— Não quis dizer — emendou Gay, com um olhar breve e agudo sobre o doutor. —

Não quis dizer que fosse desonesta ou perversa. (A propósito, ela devia ser bem mais velha do que aparentava, sabe como é.) Suponho que ela jamais tivesse tido um pensamento tortuoso na vida; depois, não creio que ela reconhecesse algum de seus piores e mais radiantes pensamentos como sendo tortuoso, ainda que o tivesse. Já que

faz objeções ao vocábulo "perigosa", tentarei descrevê-la de outro modo. Não seria a pessoa ideal para mim. E ela sabia disso.

Kent sorriu, a seu pesar.

— E por isso era perigosa? — perguntou.

— O senhor ainda não me compreendeu. O caráter dela era dos mais comuns, mas muito difícil de descrever. Assim sendo, só direi uma coisa. Encontrei-me com ela, ontem à noite, pela primeira vez. Durante quinze minutos ela deu em cima de mim.

Objetivo: matrimônio. Por causa do meu dinheiro.

Houve uma pausa.

— Sir Gyles — disse Kent —, o senhor é uma pessoa muito inteligente, como o Dr.

Fell já assinalou; mas não acha que acaba de fazer uma declaração asinina?

O outro não pareceu ofendido, embora seus olhos faiscassem. Parecia antes satisfeito em vista do que lhe pareceu ser uma confirmação de

sua teoria. Após várias e fundas mamadas no charuto, reclinou-se na cadeira:

— E — insistiu — eu bem que teria cedido. Oh, sim. Se me senti atraído? Claro, e muito! Mesmo sabendo que ela era... Afinal, creio que achei a frase adequada para descrevê-la. Ela era o tipo ideal dos velhos. Não compreenderam isto? — Sua segurança calma sobre aquele ponto fez Kent sentir um súbito desconforto, que seria efeito de quase acreditar no que ouvia. — Digam-me se em outros pontos interpreto corretamente o caráter dela. Penso que seria uma excelente mulher de negócios; provavelmente teria o seu próprio negócio; na certa, algo relacionado com roupas ou chapéus para senhoras. Penso também que ninguém jamais a viu transtornada ou descomposta: que ninguém nunca chegou realmente a conhecê-la. Ela fluía pelas coisas. Essa senhorinha frívola não havia o que a pudesse verdadeiramente tocar. Eis, senhores, um fator capaz de enlouquecer o nosso sexo; e acresce que exercia um tipo especial de atração, capaz de virar muitas cabeças. Claro que tinha de casar-se com um fulano bem-intencionado como Rodney Kent. Claro que podia esperar ser alvo de toda sorte de obséquios. Mas quando entreviu a possibilidade de uma melhor união, ou fosse que estivesse simplesmente cansada, seria capaz de achá-lo grosseiro ou coisa parecida; ou que fora negociada em casamento ou que caíra numa arapuca; e de tais considerações passaria ao que lhe interessava, em meio aos protestos da simpatia geral. Dignidade tinha ela, não há dúvida; e por alguma razão curiosa, persistem nossos compatriícios em crer que se se tem dignidade está-se provavelmente certo.

Era uma estocada tão direta e profunda, que Kent tornou a agitar-se. Jenny, em lugar de ter ficado lá, deitada em cima do assoalho, com o rosto coberto por uma toalha, parecia agora passear pela sala. O Dr. Fell parecia cochilar, não fosse o brilho vivo que trazia nos olhos.

— Desculpem a longa oração — concluiu Gay, abruptamente.

— Não há de quê — respondeu o Dr. Fell com afabilidade brusca, enquanto considerava a ponta do charuto. — Mas o senhor acha que esse fator teve algo a ver com o assassinato?

— Nada falei sobre o assassinato. Foi a respeito do caráter dela que o senhor me inquiriu.

— Ora, onde estamos! Está insinuando que o caráter de alguém nada tem a ver com o fato de ter sido assassinado?

— De forma alguma. É que eu ainda não tive tempo de deduzir nada do crime. Não estou sequer informado das circunstâncias. Assim sendo, devo restringir-me ao que sei de certo.

A isto o Dr. Fell reagiu meramente escancarando um olho.

— Sim, contudo... — prosseguiu depois, com obstinação. — Diga-me: haverá algo, que o senhor saiba ou deduza, capaz de alimentar a suspeita de que Mrs. Kent não fosse o que aparentava?

— O que aparentava! Não estou compreendendo.

— Nesse caso, não tornarei a perguntar. É só outra dessas sutilezas que tanto azucrinam Hadley. *Nutu signisque loquuntur* é uma boa lei consistorial. Também tem algo a ver com um cavalo cego, que bem posso ser eu. Depreendi que o senhor encara a falecida Mrs. Kent como uma espécie de estátua romana pintada; vazia por dentro.

Estou certo?

— Perfeitamente. Se batesse nela com o nó dos dedos era capaz até de ouvir o ruído característico. — Gay fez uma pausa, assumindo outra expressão interessada, enquanto sua mente ágil dir-se-ia seguir uma nova trilha de raciocínio. — E, por falar nisso, doutor, depois de velho aprendi um jogo que a meu ver é muito promissor.

Consiste em selecionar vários vocábulos e os ir torcendo. Por exemplo: eu lhe digo

"toe-toe". O senhor deve responder "quem é?".

— Está bem. Quem é? — perguntou o Dr. Fell, interessado.

— João Teném... E agora o senhor pergunta "Teném quem?"

— Teném quem? — obedeceu ainda uma vez o doutor. Kent nunca chegou a compreender bem qual fosse a graça ou o objetivo do jogo, mas interessavam-no os dois graves filósofos nele empenhados. Nesse ponto ouviram-se efetivamente batidas à porta, após as quais entrou Hadley. As teorias se dissiparam. Kent perguntava-se se o superintendente não os estivera ouvindo atrás da porta, pois seu rosto exibía uma curiosa expressão de exaspero.

— Wrayburn — proclamou ele para o Dr. Fell — virá num minuto. Já deve estar a caminho. — Depois se dirigiu a Gay. — Enquanto isso, Sir Gyles, importa-se de responder a algumas perguntas? Eu gostaria,

além disso, de dar uma busca nesta suíte; faz alguma objeção?

— Objeção! Não, absolutamente; esteja à vontade. Mas posso saber o que estão procurando?

— Um uniforme do tipo usado por criados de hotéis. — Após dar a explicação, Hadley aguardou-lhe o efeito. Gay descansou o charuto na borda de um pires; procurou reagir com um sorriso de mofa, mas o que lhe viram foi um primeiro indício de

embaraço.

— Ah, foi o que pensei. O fantasma andou aparecendo outra vez. Tentei, com o meu silêncio, arrancar alguma informação do Dr. Fell. Mas esse expediente parece não funcionar com os mestres tão bem como com negociantes e outros tipos de leigos.

Hadley fez um gesto para o Sargento Betts, que ia em direção do quarto, enquanto ainda acrescentava: — E, se possível, espero também encontrar uma chave.

— Chave? Que tipo de chave?

Sobre a mesinha central, redonda e luzidia, estava agora uma chave: uma chave de cuja haste pendia uma etiquetazinha de cromo, com o número 703 gravado. Hadley apanhou-a.

— Uma chave como esta. Esta é sua, não?

— Sim, é a chave desta suíte. Por quê?

— Alguém — explicou Hadley, de péssimo humor —, presumivelmente o assassino, furtou a chave do aposento de Mrs. Kent. Agora deve estar em alguma parte desta ala, a não ser que tivesse sido atirada pela janela, por exemplo. — O tom das últimas palavras era de curiosidade, embora ele parecesse divertido. — O senhor não a viu, não é mesmo?

O anfitrião ficou meditativo.

— Sente-se, superintendente; fique à vontade. Não, eu não a vi. Depois da noite passada, quero dizer.

— Depois da noite passada?

— Sim. Vi Mrs. Kent usá-la para abrir a porta.

— Como foi isso?

— É comum — explicou Gay, com fria acrimônia — abrirem-se portas mediante o emprego de chaves. — Ele se mostrava mais na defensiva com relação a Hadley do que para com o Dr. Fell. — Veja: era como esta. Não sei se o senhor já sabe (imagino que sim) que todos nós fomos ao teatro ontem à noite, e quando regressamos recolhemo-nos imediatamente. Fizemos uma espécie de manobra militar para nos dizer boa-noite, cada qual na soleira da própria porta. Enfim, o quarto de Mrs. Kent fica logo aí em frente, do outro lado do corredor. Ela abriu a porta com a chave. Acendeu a luz, acionando o interruptor junto à porta. Depois guardou a chave na bolsa.

Nesse ponto o Dr. Fell como que despertou.

— Tem certeza? — perguntou ele com certo entusiasmo. — Tem certeza de que ela pôs a chave na bolsa?

— Sim, tenho plena certeza disso — respondeu Gay, com o interesse renovado. —

Por que pergunta? Ela estava de costas para mim, naturalmente; mas virou-se um pouco para a esquerda, de modo que pude ver-lhe o braço esquerdo. Creio que segurava a porta aberta com o joelho direito. Usava um casaco de peles, e a bolsa era

de pele de cobra. Ela se virou e saudou o grupo falando por cima do ombro esquerdo; entrou (estou tentando descrever com todo o cuidado os movimentos dela) e nesse instante segurava a bolsa com a mão esquerda. Guardou a chave dentro dela e fechou-a. Recordo que era a mão esquerda porque nesse pulso ela tinha um bracelete de ouro branco, com uma pedra negra e quadrangular; notei isso quando a manga do vestido dela deslizou para trás.

Calou-se então, de súbito, ao dar tento da expressão dos outros.

VIII

O Cartão Caído da Janela

— Estou percebendo que os assombrei — observou Gay, retomando o charuto. —

Que há?

Embora impassível, Hadley assumiu ar mais grave.

— Um bracelete de ouro branco com... Está dizendo que Mrs. Kent usava o bracelete de Mrs. Jopley-Dunne?

— De forma alguma, superintendente. Jamais ouvi falar de Mrs. Jopley-Dunne, e não posso dizer que lhe aprecie o nome. Apenas afirmei que Mrs. Kent trazia no pulso um bracelete desse tipo. Tinha uma inscrição em latim na pedra, creio eu; mas não cheguei a vê-la de perto. E tenho plena certeza de que ela o usou no teatro. Alguma das suas amigas deve ser capaz de identificá-lo.

Após varrer do colete as cinzas do charuto, o Dr. Fell falou com voz cava:

— Isso é o cúmulo, Hadley. Indubitavelmente, é o cúmulo! Oh, meu chapéu!

Estamos Tateando caminho através de um abismo espiritual; e tudo porque, deixando-se levar pela mentalidade própria a todos os hóspedes de hotéis, Mrs. Jopley-Dunne cometeu um engano. É fato curioso, digno mesmo da consideração dos psicólogos, que sempre que alguém perde qualquer coisa fora de casa, logo se convence firmemente de que o deixou no hotel. Não compreendem agora o que isto significa? Esta evanescente Mrs. Jopley-Dunne não esqueceu aqui o seu bracelete. O encontrado não era dela, afinal. Era de Mrs. Kent... Deve haver um telefone por aqui. Aconselho-o a mandar Hardwick para cá, com o bracelete que encontraram, bem como Reaper, Miss Forbes e Mrs. Reaper: e quero ser beócio se alguém dentre eles não identificar esse objeto como pertencente a Mrs. Kent.

— Mas, de acordo com todo mundo, Mrs. Jopley-D. parecia não ter a mínima dúvida de que o tinha deixado aqui — contraveio Hadley. — E por que todo esse assanhamento? Mesmo que isso seja verdade, de que nos adianta?

— De que adianta! — bradou o Dr. Fell, despedindo cinzas e fagulhas, com o charuto, qual o espírito de Vulcano. — De que adianta? Esta é a coisa mais esclarecedora e estimulante que ouvi na manhã de hoje. Resolve boa parte de nossas dificuldades. Conceda-me que o bracelete pertencia a Mrs. Kent, que eu o conduzirei mais além por este tenebroso caminho.

— Como?

— Diga-me apenas isto, Hadley: que foi que aconteceu naquele quarto a noite passada?

— Eu sei lá! É justamente isso que...

— Não, não, não — interrompeu o Dr. Fell, com azedume. — Já antes tive ocasião de falar com você a esse respeito. Você está tão concentrado no assassinato, em prejuízo de tudo o mais, que nem é capaz de parar para se perguntar que *mais* aconteceu ali. Por que, perguntávamos há pouco, o assassino teve de permanecer no quarto tanto tempo? Por que lhe foi necessário assegurar-se de que não seria interrompido durante um período bastante longo? Que fazia ele lá dentro?

— Está bem. Que fazia ele lá dentro?

— Dava uma busca intensiva e meticolosíssima em todo o aposento — respondeu o Dr. Fell, assumindo, a guisa de ênfase, uma expressão pantomímica. — Mas, ao que tudo indica, ele não encontrou o que procurava nem furtou nenhuma outra coisa. Atente nos seguintes fatos. Ele achou uma caneta que tinha sido escondida debaixo de uma pilha de lenços, num compartimento da mala: portanto, a busca que deu estendeu-se, pelo menos, até essa divisão da mala. Encontrou um cartão de silêncio oculto numa gaveta do aparador: logo, examinou o aparador. A chave do quarto sabemos que tirou da bolsa de Mrs. Kent: por conseguinte, também examinou a bolsa. Concluí-lo não exige grandes esforços cerebrais; é seguro presumir-se que houve uma busca. A questão é que, tanto quanto me foi dado notar, nada parece estar faltando. Se provarmos que o bracelete pertencia a Mrs. Kent, e que por qualquer razão o assassino o surriprou a noite passada...

Hadley fitava, pasmado, o interlocutor.

— Então o assassino voltou, hoje de manhã, só para restituir à jóia? E ainda diz que isto esclarece as coisas? Além do mais, qual é a posição desse bracelete no caso? Você fez aí um fuzuê danado a respeito de ele ser um dos mais engenhosos artefatos do mundo antigo ou alguma outra tolice parecida, mas até agora não disse uma palavra clara sobre ele.

— Oh, eu sei — conveio o Dr. Fell, desacorçoado. — E não obstante... E não obstante... Bem, ainda penso que você faria bem em usar o telefone.

— Está logo ali em cima da mesa — indicou Gay. Então Hadley deu fé de que estiveram indiscretamente falando em presença de testemunhas. Após solicitar que o ligassem com o gabinete do gerente, valeu-se do expediente jornalístico de falar ao telefone de modo a não

ser ouvido nem mesmo à distância de um metro. Os outros ficaram trocando de posição, embaraçados, até que ele tornou a pendurar o receptor.

— Hardwick vai telefonar para Mrs. Jopley-Dunne — informou. — Em seguida virá para cá, com Reaper e Miss Forbes. Também podemos convocar todos. Mr. Kent, o senhor conhece Mrs. Reaper. Quer dar uma chegadinha à suíte deles e pedir a ela que venha aqui? — (E com isso Kent compreendeu que o superintendente tinha dificuldade em pronunciar o nome de Melitta.) — Enquanto isso, Sir Gyles, vamos àquelas perguntas...

— Às suas ordens — acudiu Gay, solícito, com uma espécie de vivacidade à antiga. — Se bem que, como disse ao Dr. Fell, não creio poder ajudá-lo. Nada de suspeito aconteceu a noite passada, que eu saiba. Recolhi-me imediatamente e fiquei

lendo na cama até as doze e trinta; mas nada, absolutamente, me perturbou...

Aquela voz branda e firme foi a última coisa que Kent ouviu enquanto se retirava.

Contudo, não rumou diretamente para a suíte de Dan. Deteve-se algum tempo naquele corredor abafado, o toco do cigarro quase a queimar-lhe os dedos, tentando recompor as idéias.

Duas coisas iam ficando claras agora. Começava, a seu pesar, a dar crédito à análise terrivelmente aguda que Gay fizera de Jenny. Era famoso por ser pouco observador no tocante a pessoas; e vagos gestos, cenas e inflexões tornavam-lhe agora como para atormentá-lo. Era como tentar lembrar uma passagem num livro, quando se está plenamente inteirado do aspecto do livro e se pode reconhecer a página em que figura o trecho desejado ou até mesmo em que parte da página aparece, e a citação propriamente dita não nos açoitava à memória. Entretanto, mesmo admitindo tudo quanto Gay dissera, isso nada faria para explicar o assassinato dela e, certamente não apontava nem o mais pálido motivo por que Rod também devesse ser morto.

Depois, Harvey Wrayburn estava em péssima situação. A gente só tinha que olhar aquele corredor para compreendê-lo. A criada e o porteiro tinham estado juntos a uma das portas; estavam em posição de testemunhar que ninguém mais saíra de quarto algum, e dá-se que a porta lateral de Wrayburn era a *única* que eles não podiam avistar. Mas por quê? Por quê? Por quê? Pensou em Wrayburn, lá com seus

bigodes bem-escovados, sua buliçosa energia e sua vasta mina de informações sobre qualquer assunto, ainda os mais inúteis: parecia um pouco com aquele Ridente Cavaleiro, que (como se sabe) não ria de verdade. Depois, o pormenor de que Wrayburn ainda estivesse dormindo às onze da manhã seria, pelo menos, estranhável; ao que sabia, ele nunca fizera isso antes.

Do porteiro para o bracelete, daí até a mala-guilhotina, era tudo um mundo de interrogações. Kent percorria com vagar o corredor; e, recuando do gesto de bater à porta de Dan, pôs-se a examinar a rouparia. A porta estava entreaberta, e à luz frouxa que entrava por uma janela de vidro fosco, parcialmente erguida, notou ele que o cubículo servia ainda a outro propósito que não o de armazenar lençóis e toalhas. Uma prateleira continha serviços de chá; evidentemente, para hóspedes que quisessem chá logo pela manhã, antes do desjejum. Examinou-o com ar severo, mas sem grande proveito. Depois bateu à porta da suíte de Dan, e ouviu a voz de Melitta autorizá-lo a entrar.

Ninguém teria alma de ir transtornar Melitta, nem mesmo estando-se a braços com um caso de homicídio, pois ela já vivia perpétua, suave e estoicamente transtornada.

Dir-se-ia tomar regularmente alguma espécie de elixir que a mantinha num estado de constante desassossego e a fazia conservar perpetuamente aquela voz monótona.

Vinte anos antes, fora uma mulher muito bonita. Ainda o seria, não fossem um ligeiro engrossamento de corpo ou certa expressão em que os ângulos do rosto pareciam mal situados, como se toda ela tivesse encolhido um pouco na vertical.

Todavia, tinha as pálpebras vermelhas aquela manhã. Estava numa poltrona muito

estofada, junto à mesa sobre que se viam restos de um pródigo desjejum, e uma caixa de bombons. Mal tocara no chocolate, porém: permanecia com o busto ereto qual uma esfinge, as mãos espalmadas nos braços da poltrona. Mas seu corpanzil ainda fazia muito boa figura, apesar de ter sido vestido à pressa. A voz dela feriu-o como nota familiar. Não exprimia surpresa; começou a falar-lhe, como quem reatasse uma conversa apenas interrompida, e sem desfitá-lo com seus belos olhos azuis:

— ...e tudo é muito lamentável, bem sei; e claro que compreendo

como deve ter sido desagradável para você, e tem toda a minha simpatia; mas o que digo é que é uma grande falta de consideração fazê-lo justamente agora, quando estávamos planejando como passar este lindo feriado. Enfim, fez boa viagem pelo exterior?

— Melitta — disse Kent —, você sabe o que aconteceu? O superintendente quer vê-la.

A voz monótona de Melitta jamais reconhecia uma mudança de assunto, apenas deslizava para o novo tema com a facilidade de quem o viesse tratando desde o início.

Mas, mesmo quando parecia fitá-lo com olhos vagos, exibia uma expressão sagaz e quase sempre desconcertante.

— Caro Christopher, eu já soube de tudo pela criada, a troco de um xelim. Não que eu lamente o xelim, mas acho que as coisas na Inglaterra andam pela hora da morte, e, quando vejo as etiquetas de preços nas lojas, simplesmente perco o fôlego; não entendo como possam pagar tanto, quando em nossa terra eu obteria o mesmo chapéu por apenas vinte e sete xelins e seis pence. Pobre Jenny; tinha uma loja linda, e modelos parisienses também. Coitada; meu coração está sangrando por causa dela, realmente está — e de fato estava —, mas gostaria que Dan não os deixasse falar tanta tolice. Enfim, sabe como são os homens, especialmente Dan, sempre querendo estar bem com todos...

Em conversa com Melitta, segundo Kent descobrira, a melhor coisa era encontrar alguma linha de pensamento inteligível e daí deduzir-lhe o ponto de partida: ocasião em que, via de regra, sempre se encontrava alguma coisa digna de ouvir-se.

— Tolice? Tolice a respeito de quê?

— Christopher, você sabe perfeitamente o que quero dizer. Por que alguém de nós iria fazer qualquer coisa parecida com aquilo que fizeram a Rod ou a Jenny? Nunca o fizemos em nossa terra, fizemos? Eu disse e repito: cá entre nós, não confio nesse Sir Gyles Gay, apesar de seu título. Lá na África já tinha ouvido falar nele, embora, está claro, Dan não desse a mínima importância ao caso, e acontece que no campo dos negócios ele tem a reputação de ser um mau-caráter, alguém com unhas na palma das mãos. Mas, naturalmente, Dan é muito afável e ingênuo — descrição que, na opinião de Kent, dificilmente se ajustava a Dan — quando encontra alguém que pensa ser boa pessoa. Sim, já sei o que você vai dizer, mas todos os homens

são assim; e admito que ele me fez rir, mas, no dizer de meu avô, cuidado com aqueles que nos fazem rir.

— Essa — interveio Kent algo aturdido — talvez seja a observação mais cínica que já ouvi na vida. Mas o que tem tudo isso a ver com Jenny ou com Rod?

— Não faço a mínima idéia — assegurou ela placidamente. — Mas o que Rod sabia, Jenny também sabia; disso você pode ficar certo.

— Não percebo.

— Oh, tolice! — exclamou ela, perdendo um pouco do seu ar magoado e despedindo algumas daquelas faíscas ainda capazes de fazer que Dan Reaper se ufanasse. — Não era minha intenção fazê-lo perceber nada, porém sempre fui mais sensível que a maioria, e certamente muito mais que qualquer de vocês. Quando se deseja saber o que houve, é só pensar em tudo o que poderia ter havido e, assim sendo, uma das alternativas possíveis será sempre a resposta certa; aí está.

Kent considerou-a com certa reverência. Se tão somente ela tivesse bebido duas taças de champanha no momento, aquele seu ar deprimido se dissiparia e ela se tornaria uma mulher verdadeiramente bela.

— Eu suponho que esse seja um princípio seguro entre os detetives — admitiu ele.

— Mas, visto que você tem uma índole suspicaz e já que estão brotando segredos por todo canto, o que me diz de Jenny?

— O que digo? — reinquiriu ela.

— Sim, qual a sua versão do caráter dela?

— Ora, versão; não se têm versões de caráter às dúzias: a gente se arranja como pode e ainda dá graças por não ser pior, como o tio Lionel costumava dizer. Eu realmente acho que você não devia falar de modo tão tolo, Christopher, apesar de isto assentar muito bem em romances. Jenny era uma criatura adorável; tanto quanto se podia esperar que fosse.

— Bem, é melhor você chegar logo a uma conclusão, antes de ir ver o Superintendente Hadley e o Dr. Fell. — Essas palestras com Melitta sempre o exasperavam. — A coisa parece ser mais complexa do que

você imagina. Cá entre nós, Melitta, você só tem cinquenta anos; não queira falar como avó, antes do tempo.

Arrependeu-se logo de ter dito aquilo. Tocara-lhe uma ferida nada imaginária. Mas agora não havia nada que pudesse fazer. Enquanto a conduzia aos aposentos de Gay, fez-lhe só mais uma pergunta:

— Você chegou a notar se Jenny possuía um bracelete de ouro branco com uma pedra preta, semelhante à obsidiana?

— Não — respondeu ela, proferindo o seu primeiro monossílabo.

Todavia, ela estava completamente afável, até mesmo alegre, no quarto de Gay, onde Hadley concluía o interrogatório. Gay manteve para com ela uma atitude tremendamente cavalheiresca, e, quando a apresentou ao Dr. Fell, estava quase efusiva. Hadley, com o caderninho de notas sobre o joelho, passou adiante com a resolução característica de um tanque de guerra.

— ...e o senhor não se levantou, Sir Gyles, senão às nove e trinta da manhã de hoje?

— Correto — confirmou o outro, com gravidade extrema.

— E como ficou sabendo do assassinato?

— Por um de seus homens. Sargento não-sei-quê. Toquei pedindo à criada que me arranjasse água quente para o chá — e indicou a mesa com um gesto de cabeça. — A criada respondeu ao chamado, mas o sargento veio com ela. Disse-me ele que Mrs.

Kent tinha sido assassinada e convidou-me a permanecer em minha suíte. Obedeci.

— Só mais uma pergunta. Creio ser de praxe, quando se aluga um quarto neste hotel, receber da casa um cartão dobrado, com o número do quarto alugado, seu preço, etc. Não é verdade?

Gay fez uma carranca e respondeu:

— Não sei. Mas é assim que se faz em vários hotéis. É a primeira vez que venho aqui.

— Mas não lhe deram um cartão desses?

— Não.

O lápis de Hadley parou.

— Vou explicar por que fiz essa pergunta. Aqui o nosso Mr. Kent estava parado em frente do hotel, entre as sete e vinte e as sete e trinta desta manhã. Um desses cartões (quer me dar o cartão, por favor?) caiu de uma janela; de algum quarto aqui em cima. — E o superintendente apanhou o cartão que Kent lhe passava. — Este cartão, como pode ver, é do quarto 707, aposento de Mrs. Kent. Entretanto, as janelas do quarto dela abrem para o poço de ventilação do prédio. Este cartão, ao que tudo indica, só podia ter caído da suíte de vossa senhoria ou da suíte de Mr. Reaper. O que queremos saber é como o cartão do 707 veio parar aqui e por que foi lançado por uma janela às sete e trinta da manhã.

Fez-se uma pausa, e Gay sustentou e retribuiu o olhar vigilante do outro.

— Não sei, superintendente. Não me consta que tivesse sido lançado daqui.

— Tem algo a dizer, Mrs. Reaper?

— Meu marido cuidará de tudo isso — respondeu Melitta, evasiva. Rugas de insatisfação vincaram-lhe o rosto novamente, compondo-lhe uma expressão indefinida; Kent tinha o palpite de que ela e Hadley não simpatizavam muito um com o outro. —

Lembro muito bem que havia vários cartõezinhos desses. E naturalmente eles os entregaram ao meu marido, porque claro está que foi ele quem arcou com as despesas de todos os quartos. Estou certa de que ele os guardou no aparador de nosso quarto.

E, se bem eu não possa nem espere ser consultada sobre isso, creio que seria fácil de acontecer. Deve ter sido soprado janela abaixo pelo vento.

— Vento?

— Refiro-me ao cartão — elucidou ela, com ar de forçada paciência. — E visto que meu esposo insiste em dormir com ambas as janelas escancaradas, e como eles sempre colocam os aparadores entre as janelas, não posso dizer que isso me

surpreenda. Deve ter ventado forte hoje de manhã — de fato, Kent lembrava-se disso, pois não deixara de notá-lo quando o cartão viera turbilhonando para ele —, porque quando ele se levantou, a certa

altura, para fechar as janelas, notei que tudo estava em desordem em cima do aparador.

Hadley exibiu um ar de profanidade. Se aquela atraente pista se explicasse por uma simples rajada de vento, seria o cúmulo.

— Tem certeza de que o cartão do 707 estava entre os outros?

— Não tenho; nem sei de nada a respeito. Só o que sei é que apenas passei os olhos por eles, para me certificar de que meu marido tinha dito a verdade sobre o total do aluguel dos quartos. Não pus sentido nos números. Receio que o senhor tenha que falar com meu esposo.

Não faltou ocasião. Nesse mesmo instante Dan entrou, e estacou algo perturbado, dir-se-ia, por vê-la ali. Francine vinha logo atrás, junto a um Hardwick aparentemente muito preocupado que trazia uma folha cheia de anotações.

— Aquele bracelete — bradou Dan. — Não. Conte a eles, Hardwick. Desembuche.

O gerente cumprimentou cuidadosa e cortesmente a cada um dos circunstantes, antes de meter ombros a uma tarefa de que parecia não gostar. Lembrava um contador grisalho, absorto no exame de um livro-razão, com o lápis suspenso.

— Vamos ao bracelete, como quer Mr. Reaper. Pertence a Mrs. Kent; Miss Forbes acaba justamente de identificá-lo. Mas ainda não terminamos com a investigação do outro. Estive falando com Mrs. Jopley-Dunne por telefone. O dela tem pulseira de prata, com pequenos diamantes incrustados; seu valor é de três mil dólares. E diz que não tem dúvida de que o deixou naquele aparador. — Ao dizer isto ergueu os olhos. — Creio que ela fala sério, Mr. Hadley. Ela... Hum... Legalmente, não tem direito de reclamar; mas, mesmo assim, não queremos causar dissabores, de modo que preciso descobrir o paradeiro do bracelete de um modo ou de outro.

— Deixe-me entender bem isto — trovejou o Dr. Fell, empertigando-se na cadeira.

— Diz o senhor que havia dois braceletes naquele aparador?

— Assim parece — admitiu Hardwick.

— Dois braceletes. Ambos foram furtados e, depois, um deles foi restituído. O

restituído, porém, era o de Mrs. Kent, o qual, com toda a certeza, representa algum papel nesse caso. E o que foi furtado e *não* devolvido pertence a Mrs. Jopley-Dunne, mulher que nada tem a ver com o caso. O contrário faria sentido. Assim, não faz. Oh, olhos meus! Hadley, assim não vai!

Hadley despediu em torno um olhar atilado.

— Devagar aí — vociferou ele em resposta. — Algo mais, Mr. Hardwick?

— Sim. Investiguei a turma que trabalhou no hotel à noite. Penso ter entendido que o senhor estava mais interessado no que se passou por volta da meia-noite, não é verdade? Mr. Reaper avistou o porteiro deste hotel, no corredor, dois minutos depois da meia-noite?

— Isso mesmo. E então?

O gerente espiou por cima do *pince-nez*.

— Então todos os empregados da turma da noite têm o que os senhores chamariam de álibi perfeito. É uma longa história, mas está tudo anotado aqui. Tirei-os da cama, um por um, o mais depressa que pude. Devo ler isto em voz alta?

— Esta é fina — exclamou Dan, sem entusiasmo. — Espero que isso ajude a esclarecer a coisa. Mas, de vez que o principal alvo do meu interesse é o meu próprio circulozinho... Não haverá por aí em alguma parte nenhum mecanismo capaz de fornecer um bom álibi para todos nós?

— Para dizer a verdade, em um caso sim. — Hardwick, a essa altura esquecido de si próprio, descansou o lápis numa orelha. — Relaciona-se com o álibi de Billings, o porteiro noturno, que se achava em seu cubículo lá embaixo. Houve um chamado telefônico daqui de cima, exatamente à meia-noite. Billings atendeu. O hóspede queria uma informação, e conversaram até três minutos depois da meia-noite. Billings afirma categoricamente ter reconhecido a voz do hóspede, e um subporteiro confirma que realmente Billings atendeu ao chamado. Assim sendo... Humm... Bem, é trabalho seu; mas isso parece eximir ambos de suspeitas.

— Quem era o hóspede? — perguntou Hadley.

— Mr. Wrayburn, do 705.

Homens no Caso

Hadley não fez comentários; por uma fração de segundo foi como se nada tivesse ouvido. Mas ele evitou o olhar do Dr. Fell e examinou os rostos em redor, que, apáticos ou interessados, eram os de todas as *dramatis personae*, menos uma. Uma pessoa muito esperta que (mal sabia ele) se encontrava agora ao alcance de sua voz.

— Examinaremos isso depois — observou. — E obrigado pela informação. Por ora, diga-me: encontrou aquele bracelete? Ótimo! Miss Forbes, reconhece isto como tendo pertencido a Mrs. Kent?

Kent estivera olhando para ela desde o momento em que a vira chegar, e especulava sobre as atividades de Gay, não menos que sobre a natureza da dificuldade em que estavam. A expressão de Francine a examinar o bracelete desorientou-o; era-lhe desconhecida.

— Sim. Ela estava usando isto na noite de ontem.

— Alguém mais o identifica? Mrs. Reaper? Mr. Reaper?

— Estou certa de que nunca vi isso antes — respondeu Melitta.

— Eu *idem* — respondeu Dan, rodeando um olhar surpreso. — É engraçado. A gente devia notar uma coisa assim, com uma inscrição e tudo mais. Será que ela o comprou ao chegar aqui?

Hadley desferiu um rápido olhar para o Dr. Fell, que nada comentou, e disse:

— Não parece o tipo de coisa que se compre em Dor-set; nem em Londres, de acordo com o doutor. Contudo... Ela o estava usando ontem no teatro?

— Estava — respondeu Francine, num tom que dava margem a dúvidas. — Os outros talvez não notassem, pois ela não tirou o casaco a noite toda. Mas eu já antes tinha visto que ela o estava usando. Eu...

— Não estamos pondo em dúvida a sua palavra, Miss Forbes — acudiu Hadley naquele seu tom de curiosidade, como para espicaçá-la. — Quando foi que o viu?

— Antes de sairmos para o teatro, pouco antes do jantar. Fui ao quarto dela para perguntar como ela iria se vestir para a noite.

— Hora?

— Perto das sete.

— Prossiga, por favor.

— Ela respondeu que estava muito cansada e indisposta. Disse que nem ao teatro iria, se não fosse por ficar junto do grupo; disse que não achava decente. — E nesse ponto Francine estacou. De sob as longas pálpebras, seus olhos, de um castanho-

escuro que lhe emprestava vitalidade à cútis demasiado clara, faiscaram sobre Hadley, como num instante de reflexão. — Ela disse...

— Um momentinho. Ela falou sobre "conservar-se unida ao grupo". Quer dizer que estaria alarmada ou com medo?

— Não, não creio. Era preciso muito para assustá-la. — Outra pausa. A temperatura emocional ia tão baixa que Kent refletiu nas possíveis razões disso. —

Quando eu entrei, a mala estava aberta mas não desfeita; ela disse que iria desfazê-la depois que voltasse do teatro. Estava em pé, em frente do toucador, o pulso à mostra, e olhando para o bracelete. Eu o admirei e perguntei se era novo. Ela confirmou e depois disse: "Se me acontecer alguma coisa, você pode ficar com ele".

Hadley ergueu os olhos, vivazes.

— Eram muito amigas?

— Não. Não estou certa de que ela me apreciasse muito. Mas creio que confiava em mim.

Esta era uma observação curiosa, vindo de Francine. Até mesmo Dan e Melitta Reaper pareceram notá-lo, pois o grupo todo se remexeu murmurosamente.

— Mais alguma coisa, Miss Forbes?

— Bem, ela me olhou firme, creio, e perguntou se alguma vez eu tinha visto algo parecido com o bracelete. Respondi que não e examinei-o mais de perto. Perguntei se aquela inscrição tinha algum significado; significado pessoal, bem entendido. A isso ela respondeu: "Só se você for capaz de a ler; nisso está todo o segredo".

Outra vez Hadley encarou o Dr. Fell, que parecia intrigado e

escarninho.

— "Só se você for capaz de a ler; nisso está todo o segredo." Espere aí!

—

murmurou o superintendente. — Está nos dizendo que essa inscrição em latim é ou contém algum criptograma ou alguma espécie de código? Ó Deus, como se já não bastasse...!

— Cuidado, Hadley! — bradou o Dr. Fell. — Duvido muito que seja isto. Mais alguma coisa, Miss Forbes?

— Não; é só. Não entendi o que ela quis dizer. Nunca a julguei capaz de sutilezas.

Assim sendo, voltei para o meu quarto, e ela não voltou ao assunto depois. Posso ficar com ele agora?

— Ficar com quê?

— Com o bracelete. Ela me prometeu que...

Esta última nota estava tão clamorosamente em desacordo com a personalidade de Francine que até mesmo a voz lhe faltou. Impressão que logo corrigiu com uma tossidela após a qual tentou reassumir seu antigo ar impessoal. Hadley, com um sorriso supinamente desagradável, fechou o caderninho de notas e recostou-se no assento, com um ar paciente.

— Vamos lá, Miss Forbes. Que é que está nos escondendo?

— Creio que não compreendi bem...

— Mas eu acho que compreendeu perfeitamente — tornou Hadley, muito paciente.

— A senhorita deve conhecer as conseqüências disso. Não pretendo me limitar a vaiar esta sua atuação; advirto-a de que passarei a agir na suposição de que está nos ocultando alguma coisa. Uma operação muito suja foi levada a cabo aqui neste hotel, e eu pretendo descobrir tudo. Farei umas perguntas a seus amigos; depois tornarei a interrogá-la. Será bom ter algo para me dizer então.

— Deveras? — respondeu Francine, esganiçando a voz. — O senhor nem calcula como isto me aflige. Pois bem, torno a afirmar que nada mais tenho a dizer.

Hadley ignorou isto e dirigiu-se aos outros:

— Algumas perguntas de ordem geral, por favor. Chamei todos aqui para o caso de que alguém tivesse algo a dizer. Todos os senhores, duas semanas atrás, juraram não haver razão para Mr. Kent, Mr. Rodney Kent, ser assassinado. Agora a viúva dele foi morta. Todos os senhores devem saber perfeitamente que não terá sido sem algum motivo. Mr. Reaper!

Dan sentara-se numa cadeira oposta à de Melitta, com Sir Gyles de permeio como para arbitrar alguma questão entre o casal. Quando Dan desenrolou o saco de fumo e, pegando do cachimbo, se pôs a pressionar-lhe tabaco para o interior do forninho, com polegar firme, dir-se-ia que estivesse carregando um fuzil de grosso calibre.

— Atire — convidou ele, sacudindo-se.

— Creio que afirmou que Mr. e Mrs. Rodney Kent residiam com o senhor, em Johannesburg, não é certo?

— Exato. No último andar do nosso prédio.

— Quer isto dizer que o senhor e Mrs. Reaper conheciam Mrs. Kent muito bem?

— Sim, claro.

— Não participa da opinião geral de que ninguém jamais teria chegado a conhecê-la realmente bem?

— Isso não sei — respondeu Dan, e calou-se por alguns instantes. — Nunca pensei nisso. Que entende por "conhecer", afinal? Essa palavra não faz sentido. Eu não a via quando ela ia se deitar, nem pela manhã quando se levantava.

— Penso — interveio Sir Gyles — que o superintendente começa a supor que alguém mais o fizesse. As sementes estão brotando.

— O senhor os alojou lá — tornou Hadley. — O que quero dizer, Mr. Reaper, é o seguinte: tem o senhor conhecimento de algum caso amoroso que Mrs. Kent possa ter tido antes de casada... Ou depois?

— Santo Deus, não! — exclamou Dan aparentando genuíno escândalo, enquanto por alguns instantes interrogava a memória. — Essa é a última coisa que eu pensaria de Jenny. Depois de casada, bem entendido. Sei que o senhor se apegou a uma idéia

parecida, depois da morte de Rod; mas não pensei que fosse a sério. Ela não era desse tipo. Era... Como uma irmã para nós. Não é, Mel?

Melitta confirmou com um aceno grave.

— Como ela encarava o divórcio, Mr. Reaper?

— Divórcio? — repetiu Dan, com ar inexpressivo.

— Era francamente contra — interveio Melitta de inopino. — Ela me falou sobre isso algumas vezes; achava escandaloso e deprimente o modo como se faz em Hollywood, onde até deixar cair um sapato dá motivo para as pessoas se divorciarem.

— Mas aonde o senhor está querendo chegar? — indagou Dan.

— A uns respeitáveis senhores assassinos — atacou de surpresa Sir Gyles Gay.

— Agora que tenho um policial em casa, gostaria de saber a opinião dele sobre o assunto. É a única coisa que me intriga nos assassinos. Não importa qual possa ser a causa determinante dos crimes em geral; se uma glândula defeituosa, o lóbulo de uma orelha ou qualquer outra coisa que os médicos estariam mais qualificados a investigar.

Para mim, que sou positivo nessas coisas, a explicação da maioria dos crimes é simples: alguém deseja alguma coisa e, assim sendo, deita-lhe a mão...

Ao ouvir isso, Dan grunhiu aprovativamente. Hadley não interrompeu aquele discurso; observava todo o grupo enquanto Gay, com a expressão de um garotinho encarquilhado, prosseguia na exposição de sua tese:

— ...Mas há uma espécie de crime que é puramente absurda. Este: A apaixonou-se por Madame B. De sorte que, em vez de ela se separar do Senhor B, e em lugar de fazer alguma coisa racional sobre o caso, ela se conluía com A para ambos assassinarem o Senhor B. Isto, parece-me, já é levar um pouco longe o zelo pela respeitabilidade. Sei que não é uma tese original. Mas essa é a única espécie de assassinato que infalivelmente dá motivo para os maiores escândalos na imprensa; é sempre procurado com ânsia, lido com avidez e recordado durante anos e anos.

Milionários baleados, coristas asfixiadas, matronas estranguladas com o auxílio de uma mala de roupa; esses casos podem ou não ocasionar

algum alvoroço. Mas o caso entre A e Madame B *sempre* atrai o interesse público. Pensem por um momento nos crimes que mais depressa lhes vêm à mente, e vejam se em cada dez casos sete não são assim. Ora, casos como esse despertam grande interesse, especialmente nos povos da Grã-Bretanha. Afetam-nos como um pensamento inquietante. Talvez A e Madame B estejam mais próximos de nós do que pensamos. Madame B não se separa nem se divorcia do marido, nem vai simplesmente viver em comum com A; ela meramente arranja um modo de matar o esposo. Por quê? Francine não pôde continuar calada por mais tempo.

— Porque — respondeu ela em resumo — nem todos têm dinheiro bastante para se permitirem luxos emocionais. Examine um país socialista decente, e verá como a coisa é outra. No nosso atual estado, o único luxo de natureza emocional que os pobres se podem permitir é o do assassinato.

— Eles não desejam realmente fazer nada tão terrível — interveio Melitta, com o

mesmo ar de improvisação; — se bem que eu ache que a maioria das mulheres já pensou nisso alguma vez, como a terrível autora daquelas cartas que apesar de chocantes a gente sempre queria ler mais. Mas um belo dia eles se embriagam, ou perdem a cabeça de alguma outra forma, e, sem nem mesmo perceberem, o adultério se consuma.

— E que sabe você sobre adultérios? — reprimiu-a Dan, detendo-se a pestanejar por alguns instantes, para logo um sorriso penoso insinuar-se-lhe nos lábios. — Ora vamos! Se já acabaram com essa exibição de argúcia, eu gostaria de saber o que tudo isso tem a ver com Jenny. Ela não... Humm... Perderia a cabeça.

Cruzando os braços, Francine encarou Hadley frontalmente, apesar de dirigir-se a Dan:

— Não percebe o que eles estão insinuando? No fundo, o enredo é este: alguém se apaixona por Jenny, e ela sabe que Rod não a deixará, em circunstância alguma; mas acima de tudo, ela não pode se ver envolvida em nenhum escândalo. Isso a horrorizaria. Assim sendo, encoraja o amante a matar Rod. Por essa razão não vai a Sussex, onde teria que se hospedar na mesma casa que servirá de palco ao crime; hospeda-se, pois, com as tias. Pode ser melindre ou precaução. Depois descobre que não pode suportar o Fulano... Talvez sinta a alma revoltada, ou pode bem ser que desejasse a morte de Rod por alguma outra razão; de modo que, quando vê que tudo já está feito, ela

procura se descartar do amante. Entretanto, ele dá cabo dela.

— Você acha que isto aconteceu com Jenny? — perguntou Dan. — Ela não era uma boa esposa?

— Oh, titio querido — tornou Francine —, eu não afirmei que essa teoria era minha. Mas, na última parte eu creio, sim. Posso garantir que ela era uma boa esposa; francamente, até dava náusea. Pois para ela Rod representava menos que aquele abajur representa para mim.

— Ainda bem — observou Gay, erguendo o queixo com satisfação — que minha opinião se confirma com testemunhos insuspeitos. Adverti ao Dr. Fell, e posteriormente a Mr. Hadley, que ela era dessa perigosíssima espécie de pessoa: meiga e muito ciosa da própria dignidade.

— Ora, quero ser...! — começou Dan. — De que espécie queria que fosse então?

Vil e rabugenta?

— Ei! — trovejou o Dr. Fell.

Fez-se um súbito silêncio após aquela explosão tonitruante. O Dr. Fell golpeou o solo com a bengala, pestanejando sobre o *pince-nez* enviesado no nariz e clareou a garganta, como a preparar-se para momentoso pronunciamento.

— Por muito que me doa interromper — declarou —, esta discussão parece ter se transformado num exame crítico do matrimônio como instituição. Sempre me acharão disposto a discutir o assunto; esse e, até mesmo, qualquer outro; e em qualquer outra ocasião ficarei feliz em fazê-lo. Homicídio e matrimônio são dois temas igualmente empolgantes: pode-se até estabelecer uma analogia entre eles, em função do interesse

que despertam. Aham! Ha! Entretanto, Miss Forbes fez ao menos uma observação que é boa demais para passar ignorada. Hein, Hadley?

— Obrigada — disse Francine. Seus modos agora indiferentes estavam em flagrante contraste com o fervor com que por último falara; mesmo assim, sorriu, malgrado seu. — Não afirmei que a teoria fosse minha.

— Hum, não. Que tão odioso ônus recaia sobre outro. Mas como se encaixa o bracelete nessa teoria? — E apontou a bengala para a mesa em cima da qual estava a jóia. — Seria uma espécie de caução ou sinal

que este Senhor X, esse homem não identificado, teria oferecido a Mrs. Kent?

— Ora... Sim.

— Acha que seja este o caso?

— Sim. Eu... Ora, sei lá! Aliás, é justamente isto: não sei de nada! Já declarei, reiteradas vezes, que...

— De fato — conveyo Hadley placidamente. Dir-se-ia que lhe fizesse bem ignorá-la.

— Mr. Reaper, voltemos ao nosso assunto inicial, antes de esgotarmos o presente.

Que sabe acerca de Mrs. Kent? Só a vi uma vez e ela estava doente; pelo menos ela disse que estava; de modo que não pude formar nenhum juízo sobre ela. Por exemplo, de onde era ela? Johannesburg?

— Não; nasceu no interior, na Rodésia. Conheci-lhe os pais quando ela ainda era criança. Boa e tradicional família; cavalheiros fazendeiros; não muito progressistas.

— Os pais são vivos?

— Não. Perdi contato com eles há anos. Eles a deixaram bem de vida, quem haveria de dizer! Ela foi para Johannesburg há uns três anos; estava casada com Rod fazia dois.

Nesse ponto o Dr. Fell intercalou preguiçosamente uma pergunta:

— Digam-me, ela apreciava viajar? Viajava muito?

— Não — respondeu Dan, suspirando por trás do cachimbo. — É curioso que pergunte isso. Ela detestava viajar; nunca tinha feito viagem alguma. Trens e navios a enjoavam; até mesmo o seu simples deslocamento de Salisbury para Johannesburg não se fez sem problemas. Ela não queria fazer esta viagem. E acontece —

acrescentou, olhando fixamente o saquinho de tabaco, aparentemente embaraçado —

que eu desejaria que não a tivesse feito. Quisera que ninguém a tivesse feito. Depois...

— prosseguiu com mais tranqüilidade. — Bem... Passemos aos fatos:

era isso o que queria dizer sobre A e Madame B?

— Isso foi sugestão de Sir Gyles. — Hadley ainda os estava provocando e notou o olhar oblíquo de Dan, como a suspeitar de algo. — Só estou tentando obter a verdade.

Mas o senhor acha que alguém de seu grupo seja um homicida lunático?

— Meu Deus, não!

— Então temos de procurar um motivo, com a sua ajuda. Pense. Haveria alguém

com alguma razão para matar Mr. Kent e esposa? A esta altura todos os senhores têm que encarar os fatos: o culpado não era nenhuma pessoa de fora nem nenhum empregado do hotel. Portanto, haveria alguma razão? Dinheiro? Vingança? Todos abanam a cabeça... Todos. Logo, sendo Mrs. Kent o tipo de pessoa que alguns dos presentes pensam ter sido, o único indício que temos é um possível caso em que Rodney Kent é assassinado por X, que teria agido em conluio com Mrs. Kent, o qual depois também liquida a própria Mrs. Kent. Se — e nesse ponto a voz de Hadley tornou-se mais aguda — Miss Forbes agora nos contar o que sabe...

— Que ainda é *nada* — respondeu Francine. — O resumo e a substância do caso é isto. Não me foi dito realmente nada. Eu concluí, do modo como ela falava, que certo homem em que estava muito interessada tinha-lhe dado o bracelete: alguém que ela tinha amado ou...

— Ou...?

— *Temido*, ia dizer eu. Aí está. Eu não fui capaz de contar isso antes porque tive medo de parecer tola — suspirou fundo como para produzir certo efeito —, como nesses romances melodramáticos de Chris. Talvez eu imaginasse tudo isso, porque parece um tanto melodramático demais para ser verdadeiro. Mas o que entendi é que, se olhasse para o bracelete com firmeza bastante, descobriria alguma coisa.

— Sobre o quê? Sobre a pessoa que o presenteou a ela?

— Sim.

— E é por isso que a senhora quis que eu lhe desse a jóia, há pouco?

— Bem, sim.

Hadley apanhou o bracelete e revirou na palma da mão.

— Como pode ver, não há nenhum vestígio de raspagem de nenhuma inscrição, nem espaço para se escrever nada; há apenas a inscrição latina. O que está querendo nos dizer é que há algum segredo oculto nela, como um acróstico ou coisa parecida?

"Claudit jam rivos, pueri, sai prata biberunt." Isto está mais dentro do seu campo, Fell.

— Ainda penso — interveio Gay — que estão fazendo tempestade em copo d'água. Sugiro que ampliem o círculo das investigações. Se houve algum homem no caso, deve haver vestígios dele. Encontre o homem, e estará muito mais perto de descobrir o assassino.

— Não; não estará — bradou uma nova voz.

A porta que levava ao corredor se abriu, dando passagem a Harvey Wrayburn.

Não vinha com o alvoroço habitual. Sua aparência era um pouco indistinta, exceto quando vinha animado por algum entusiasmo, o que quase sempre ocorria. Depois, em seu cabelo e bigodes, em seus olhos vigilantes debaixo da testa protuberante, em tudo lhe transpareciam uma vivacidade e um ar de autoconfiança de que poucos duvidariam.

Tinha um fraco por ternos cinzentos e o hábito de meter as mãos nos bolsos do paletó; do que lhe resultavam bolsos bojudos e alongados. Na ocasião estava bastante seguro

de si; desconfiado certo indício de tensão que lhe transparecia à roda dos olhos.

Parecia a ponto de falar algo, como se o tivessem plantado diante de um microfone, com a advertência de que a luz vermelha se acenderia a qualquer instante.

— Durante os últimos cinco minutos — disse ele — estive escutando a porta.

Quem não faria isso? — indagou, empinando levemente o queixo. — A dúvida era se eu devia levar nosso amigo Hadley a um canto e explicar-lhe em particular, ou despejar tudo, a peito aberto, diante de todos. Decidi-me pela segunda alternativa. Muito bem: sou eu o

homem que procuram.

Hadley pôs-se em pé num salto.

— Ora, eu não disse que a matei — tornou o outro, algo irritado, como se lhe tivessem roubado a cena. — Eu ia me casar com ela; ou ela comigo. Sua excelente reconstituição também falha noutro ponto: esse bracelete, não fui eu que dei a ela. Ela é que o deu a mim.

X

O Idílio de Bordo

O que Wrayburn disse a seguir foi em tom ligeiramente diverso.

— Sinto-me melhor agora — declarou com manifesta surpresa. — Nenhum aneurisma parece ter rebentado. A expressão de vocês não se alterou. Ai de mim!

E, após expirar com violência, aboletou-se no canto da mesa e, como a dirigir-se a uma classe, prosseguiu:

— Conheço a penalidade por ocultar informações úteis. E tem mais: sempre detestei toleirões (toleironas, as mais das vezes) que escamoteiam pistas importantes, atrapalhando todo mundo, só por se recusarem a falar; e que por fim, quando o segredo é descoberto, vê-se que não valeu o esforço da investigação. Pois bem, eis-me aqui. E aqui está a pista.

Tirou do bolso do colete uma chave Yale, com uma etiqueta de cromo apenas, exibindo o número 707, e empurrou-a sobre a mesa, para Hadley.

— Quer dizer — embasbacou-se Dan — que você e Jenny andavam...

— Andávamos o quê? Meia dúzia de beijos — retrucou Wrayburn, sombrio. —

Contei-os. Ela disse que o último era para dar sorte.

Hadley foi breve:

— Acho melhor contar-nos essa história desde o princípio — intimou ele, menos satisfeito que exasperado. — O senhor não disse nada a esse respeito quando Mr.

Rodney Kent foi achado morto.

— Claro que não. Por que iria dizer? Não fui eu que o matei.

— Entretanto, se o senhor tencionava casar com ela, a morte do marido deveria simplificar as coisas para o senhor, não é verdade?

— Isto não vai ser tão fácil como eu esperava — comentou Wrayburn, fixando os olhos na maçaneta da porta após o breve olhar que lançara a Hadley. — Procure compreender isto: eu não acho que simplificou nada. Foi, isto sim, uma brutalidade infernal e absurda isso que esse tal de Bellowes fez quando embriagado. Foi isto o que eu pensei.

— Quanto tempo durou? Esse seu caso com Mrs. Kent?

— Bem... Só começou realmente a bordo do navio. Oh, céus, esses navios! O

tempo estava terrível, e só eu e Jenny, e também Dan às vezes, tínhamos pé de marinheiro. E sabem como essas coisas acontecem.

— Então Mrs. Kent não ficou mareada?

— Nem por sombra!

— Soubemos a pouco que ela não suportava viagens marítimas, fizesse o tempo que fizesse!

Wrayburn olhou por cima do ombro. Via de regra, sabia-o Kent, ele gostava de se comportar de modo teatral; mas agora parecia lastimar achar-se empoleirado sobre a mesa.

— Nesse caso, só o que posso dizer — retrucou ele emburrado — é que alguém se engana. Vocês precisavam vê-la! Aquela banheira velha jogava que nem uma bolinha de roleta, e apesar de tudo Jenny se conservava tão serena como se estivesse em casa.

Foi justamente aí que ela me pareceu mais... Mais humana que nunca. E como ela gostava de ver as coisas se escangalharem! Certa hora a mobília mais frágil, o gramofone e tudo mais, se soltou depois de um solavanco mais violento. O navio jogava de popa a proa e logo esfrangalhou com tudo. Essa foi uma das poucas ocasiões em que vi Jenny rir de verdade.

Fez-se um silêncio profundo, enquanto alguns se remexiam nos lugares. Depois o Dr. Fell foi o primeiro a falar.

— Deve saber, Mr. Wrayburn — começou ele —, que está causando

péssima impressão. Essa cara que Hadley está fazendo, bem a conheço eu. Por outra, o senhor nem de longe parece estar com o coração partido.

— E não estou mesmo — admitiu Wrayburn, saltando da mesa para chão firme. —

Agora é que vamos entrar nos detalhes.

Olhou para todos os circunstantes e prosseguiu:

— O senhor deve ser o Dr. Fell. Quer me explicar o que houve, porque eu nem mesmo sei? Não sei ao certo como foi que tudo começou, naquele navio. O problema, no que diz respeito a sereias do tipo de Jenny, é que elas devem metade de suas vitórias à reputação que têm. São atraentes; a gente sabe disso, mas não pretende deixar-se atrair. Então elas dão a entender, inadvertidamente, quão interessadas estão em nós; fica-se tão lisonjeado que, como um pateta, a gente se põe a pensar se não estará se enamorando. Depois a gente realmente se enamora. Fim. Fica-se anestesiado enquanto a coisa dura.

— Não é preciso se atormentar por isso — ribombou a voz do Dr. Fell, jovialmente.

— São coisas que acontecem. Mas quando foi que o senhor começou a acordar?

Seu estilo era tão descontraído que Wrayburn até parou de passear pelo quarto.

— "Começar"? Sim, é bem o termo — concedeu ele, enfiando as mãos nos bolsos; perdia novamente a animação, compondo uma expressão indefinida. — Vejamos. Deve ter sido logo que o barco ancorou. Talvez fosse quando ela me avisou que não iria a Sussex por não confiar em si achando-se lá comigo. De repente isso me pareceu uma nota dissonante. Pimba! Olhei para ela, e percebi que estava mentindo. Enfim, também pode ter sido quando Rod morreu.

Dan, que há algum tempo vinha acenando com a mão, pedindo silêncio, interveio:

— Alguém me fará o favor de esclarecer esse negócio sobre a "reputação" de

Jenny? — instou ele. — Que reputação é essa? Tudo o que eu posso dizer é que, para mim, isso é novidade.

— Claro! — bradou Melitta, significativamente.

— Quer dizer que você sabia?

A voz grave de Melitta conservou-se no mesmo tom:

— Claro, querido; você não dá ouvidos a qualquer um; e está sempre dizendo que tudo não passa de mexericos, como quase sempre é o caso; sempre tão embutido nas próprias idéias... Você, e Chris também... Que naturalmente ninguém nunca se anima a lhe contar nada. — Melitta estava toda impaciente. — Seja como for, sustento minha opinião: Jenny era uma garota angelical. Sei perfeitamente que tem havido um bocado de fofocas sobre ela, e meu avô costumava dizer que a maior parte dos mexericos é decerto verdadeira porque representa o que as pessoas gostariam de fazer mesmo quando não o façam. Mas Jenny não tinha absolutamente nada contra si, e eu estava convencida de que a gente podia confiar nela, que ela não cometeria nenhuma loucura.

E seria muito interessante observar em que daria tudo.

— Deu em homicídio — esclareceu Hadley.

Um superintendente colérico pelejava por penetrar aquela nuvem de palavras.

— Não será necessário definir-nos seu estado de espírito, Mr. Wrayburn. Declare apenas o que fez. Esteve no quarto de Mrs. Kent a noite passada?

— Sim.

— Pois bem, esclareçamos isto. A que horas entrou lá?

— Mais ou menos faltando vinte e cinco para meia-noite. Logo que a criada saiu.

— E quando saiu o senhor?

— À meia-noite... Também estive lá às sete, e depois às oito, desta manhã.

— E afirma que não praticou esse crime?

— Não pratiquei.

Durante uma pausa embaraçosa, que durou perto de dez segundos,

sustentou o olhar de Hadley. Depois este se virou, com um gesto brusco, e acenou com a cabeça para o Dr. Fell e para Kent.

— Ótimo. Então venha comigo até o 707 e mostre-nos como foi que fez. Não! Os demais, salvo estes dois, queiram ficar aqui.

Dizendo o quê, logo abafou os protestos, abrindo a porta para os outros três e fazendo-os sair à sua frente; saindo também ele, fechou a porta com estrépito.

Wrayburn, ofegante, rompera a marcha com um passo tão duro que se diria estivesse transpondo pior porta que aquela. Já no corredor, Hadley acenou para o Sargento Preston, que acabava justamente de sair da suíte dos Reaper. No quarto 707, agora que o corpo fora removido, só restavam algumas manchas no assoalho.

— Já estamos terminando, senhor — relatou Preston. — E até agora não vimos

nem sinal de unif...

— Tome nota — disse Hadley. — Mr. Wrayburn, seu depoimento vai ser registrado, e o senhor terá que assiná-lo depois. Agora diga-nos o que realmente se passou aqui.

Após rápido olhar lançado em torno, Wrayburn inclinou-se aos pés de uma das camas gêmeas, a que lhe estava mais chegada, e pareceu fazer grande esforço para concentrar as próprias energias. Parecia extenuado.

— Bem, foi assim. Não preciso dizer que a essa altura eu já estava completamente recuperado da minha anestesia. Em parte, talvez, como uma camuflagem para o bem de... — e apontou, com a cabeça, o outro lado do corredor — comecei a considerar se não teria feito papel de tolo a bordo do navio. Além do mais, tínhamos nos divertido ruidosamente na residência de Gay.

— Um momento. O senhor e Mrs. Kent chegaram a falar em casamento?

— Nessa ocasião, não. Ela não mencionaria isso, e eu, de minha parte, não toquei no assunto. Sabe como é, sempre havia Rod. — Ao dizer isto dirigiu os olhos para Kent. — Juro, Chris; eu nunca desejei nenhum mal a ele.

— Prossiga!

— De modo que, como é fácil entender, só tornei a ver Jenny à noite passada. Em vista do que tinha acontecido... É claro que eu não esperava que ela viesse chorar no meu ombro ou coisa assim... E pus-me a considerar se realmente apreciaria que ela o fizesse; não confiava mais nela. Mas eu não achava ocasião de falar com ela a sós.

Parecia esquisita. No teatro dera um jeito para sentarmos nas extremidades opostas da mesma fileira. E entre um e outro ato, ela se pendurou no braço de Gay. Nunca a vi tão...animada.

"Como podem ver, a única oportunidade que tive de vê-la a sós foi depois de os outros se recolherem. Aguardei uns quinze ou vinte minutos, depois que todos fechamos as portas. Então fui correndo até lá", indicou a porta lateral, "e bati."

— Então? — instigou-o Hadley, vendo que o outro hesitava.

— Posso dizer isto: ela estava apavorada por alguma coisa. Quando bati, levou uns dois segundos para responder. Então ouvi a voz dela, muito próxima da porta, perguntando quem era. Tive de repetir meu nome para ela abrir.

— Ela lhe pareceu assustada anteriormente, no mesmo dia?

— Não. Ao menos, eu não notei. Havia uma aura de mistério em torno; não sei descrever de outro modo. E a porta estava aferrolhada... Recordo que a ouvi correr o trinco antes de abrir.

"Ela tinha trocado os sapatos pelos chinelos, e mal começara a desfazer a mala. A mala e o resto pareciam mais ou menos como agora. Não quero que me julguem mais tolo do que o necessário. Mas, quando tornei a vê-la, não sabia o que dizer. Apenas me detive a olhá-la; e o meu peito doía. É uma confissão difícil de fazer, mas assim é que era. Ela sentou esperando que eu fosse o primeiro a falar. Naquela cadeira junto

da escrivaninha."

Apontara com a cabeça. O aposento estava agora mergulhado nas primeiras sombras da noite; a mobília luzindo languidamente.

— De modo que eu comecei a falar... Principalmente sobre Rod, em como tinha sido horrível. Não disse nem uma palavra sobre nós. Mas sabia que ela esperava que eu fizesse. Ouvia com uma expressão indefinida, como à espera de que lhe tirassem o retrato. Ou seja, friamente e com os cantos da boca apontados para baixo. Usava esse

bracelete de pedra preta com inscrição. Foi a primeira vez que o vi. Como já expliquei, não fui eu que o dei a ela; mas ela, a mim.

"Há outra coisa que preciso contar, porque se ajusta à história. Fiquei conversando à toa, sem nem saber por quê. Durante esse tempo ela se ergueu uma ou duas vezes; na primeira, foi até aquele toucador, pegou a bolsa e tirou dela um lenço. Notei, quando ela remexia na bolsa, que a chave do quarto, com a etiqueta de cromo, estava lá dentro."

"Enquanto eu me perguntava se devia fazer alguma piada, ela tomou uma decisão.

A gente logo via isso. A expressão do seu rosto ficou um pouco mais suave. Perguntou-me, à queima-roupa, naquele seu jeito confiante, se eu estava apaixonado por ela. Isso rompeu toda a barreira. Respondi que sim, que muito. Nisto, ela me diz que vai me dar uma lembrancinha, um sinal de estima ou coisa que o valha. Saltou e me entregou o bracelete. Até posso recordar perfeitamente o que ela disse: 'Guarde isto para sempre. Assim, ninguém tentará despertar os mortos'. Não me perguntem o que isto quer dizer. Achei apenas que era uma maneira meio exaltada de se exprimir. Isto porque, notem bem, uma parcela da minha inteligência se conservava vigilante. Nesses instantes românticos, arrh!, eu não me sentia mais perto dela que de um relógio de parede. Depois ela se reanimou. Disse que já era tarde e lembrou o que não pensariam se me soubessem ali há tais horas."

"Eu ainda estava aturdido; queria prosseguir com uma coisa que me parecia muito boa. Assim é que me estalou uma idéia romântica. Propus que nos levantássemos cedo no dia seguinte, tomássemos juntos o café e depois saíssemos por aí, a fim de ver a cidade, só nós dois, antes mesmo que qualquer outra pessoa do nosso grupo tivesse ocasião de se juntar a nós. Teria que ser bem cedo, porque Dan Reaper é madrugador e, quando estou no melhor do meu sono, ele costuma estar em pé alvoroçando o ambiente. Marquei para as sete. Sabem como é; eu não queria de verdade sair por aí às sete horas da manhã. Valha-me Deus, eu não iria me levantar a essas horas nem para ir passear no paraíso terrestre em companhia de uma huri sem véu. Mas eu estava lá, e as tolices me vieram. Ela apreciou a idéia, com jeito de quem queria se livrar de mim o quanto antes. Por fim, perguntou se eu não lhe daria um beijo de boa noite. Respondi que claro. Mas em vez de abraçá-la, como faria a qualquer outra, assentei-lhe no rosto duas castas beijocas... Não fiquem aí tão embaraçados; não queriam saber a verdade? Depois ela esticou o pescoço de cisne e disse: 'Mais um para dar sorte'. Foi então que percebi os olhos dela como escorregarem pelo

meu ombro. Não era muita coisa, só uma expressão como a de uma mulher à espera do

elevador; eram olhos azuis, vazios, frios como mármore. E nesse instante a corda se partiu. A minha corda. Em suma, eu vi..."

Nesse ponto ouviu-se um estalido, após o qual as luzes da parede, sobre a cabeceira das camas, se acenderam; o Sargento Preston já não enxergava bem as anotações que taquígrafava. Ninguém a não ser Wrayburn, no entender de Kent, teria coragem para despejar tudo àquilo num caderno de notas. Ele agora os olhava com certo azedume e ar de impertinência, mãos enfiadas fundo nos bolsos do casaco. As lâmpadas, por trás do vidro fosco, produziram uma iluminação suave e teatral naquele suave e teatral ambiente.

— Era isso — dizia-lhes Wrayburn, complacente e a balançar a cabeça.
—

Diabinha manhosa! Então eu percebi; senti tudo; mas nem calculei qual fosse o jogo.

Teria, de bom grado, explorado o assunto na ocasião, porque de um momento para outro aquilo começava a machucar. Mas não pude... Pois foi aí que bateram à porta.

Neste ponto Hadley ergueu abruptamente a cabeça.

— Bateram à porta? A que porta?

— À que, suponho eu, os senhores chamariam principal; em que depois penduraram o cartão de silêncio.

— A que horas se deu isso? Sabe?

— Perfeitamente. Faltariam poucos segundos para a meia-noite. Sei disso porque consultei o relógio quando Jenny me disse boa-noite.

— Estavam realmente *dentro* do quarto quando ouviram bater?

— Claro que sim... — começou Wrayburn, com aspereza, mas conteve-se e, pela primeira vez, desviou os olhos. Depois acrescentou em tom mais baixo: — Epa! Espere aí! Não está querendo dizer que era... Ninguém me contou...

— Prossiga; que aconteceu quando ouviram bater?

— Num sussurro Jenny me mandou embora, alegando que eu não

podia ser visto ali. De modo que obedeci, escapando pela porta lateral, levando a "lembrancinha" no bolso. Acho que Jenny aferrolhou a porta atrás de mim. Fui direto para a porta lateral do meu quarto e entrei.

— A hora era...?

— Oh, meia-noite. Não devo ter levado nisso mais que dez segundos. Admito que estava me sentindo meio confuso e não muito bem-humorado; mas quis fazer tudo direito. E, para não esquecer, telefonei ao porteiro pedindo que me acordassem, no dia seguinte, às quinze para as sete. Imaginava também, já com menos romantismo, onde poderíamos tomar o café tão cedo. A maioria das pessoas abandona os namoricos por volta dos vinte anos. Esperei por um acesso breve e mau desses até os trinta e tantos.

Creio que nos vi passeando sob a neve. Enfim, fiz uma porção de perguntas ao porteiro, no que levei bem uns três ou quatro minutos.

Kent deu por si ajuntando os indícios que tinha. A história de Wrayburn coincidia

perfeitamente com os fatos conferidos e conferíveis, no que dizia respeito ao homem.

Ele estivera no telefone (segundo o cronograma feito por Hardwick) desde a meia-noite, durante uns três minutos. Se a razão de uma chamada tão longa, assim tão tarde, pudesse antes causar alguma estranheza, já agora se explicava por um motivo forte e plausível. Wrayburn, além do mais, falara com ar tão sério que seria difícil duvidar do que dizia. A questão agora era verificar até que ponto sua declaração coincidiria com a de Dan. Dan tinha visto no corredor uma entidade qualquer carregando toalhas de banho, exatamente à meia-noite e dois minutos, parada em frente à porta de Jenny. Uma vez aceito como verdadeiro o depoimento de Dan (e ninguém o pusera em dúvida), aquele vulto uniformizado não poderia ser Wrayburn de modo algum.

Mas ainda havia mais. Alguém, decerto o vulto uniformizado, batera à porta principal poucos segundos antes da meia-noite. Teria permanecido ali dois minutos inteiros, após bater a primeira vez, sem entrar nem lhe abrirem? Por que não? Ao menos, assim parecia a Kent, que agora observava Hadley e o Dr. Fell.

O superintendente traçou um desenho em seu caderninho.

— Chegou a ver quem bateu à porta?

— Não. — Respondeu Wrayburn. — Nada de informações gratuitas. Responderei o que quiserem, mas não vou fazer conjecturas. Obrigado.

— Tem certeza de não estar enganado quanto aos horários?

— Tenho. Meu relógio é dos bons, e eu o tinha conferido logo no início da noite com o do corredor aí fora.

(O mesmo que Dan mencionara. E daí?)

— Queira prosseguir sua história — disse Hadley. — Deixou este quarto à meia-noite, levando consigo o bracelete de Mrs. Kent...?

— E não preguei olho. Não consegui. Nem precisaram me acordar; eu já estava desperto desde muito antes das sete. Vesti-me, sentindo-me moído. Às sete fui bater à porta de Jenny. Não obtive resposta, mesmo depois de bater com mais força. Isso me enfureceu. Ocorreu-me que se ela estivesse deitada numa das camas gêmeas, estaria mais perto da porta principal e, portanto, ouviria melhor se eu batesse nessa porta.

Então dobrei o corredor e rumei para lá. Vi os sapatos ali fora, e o cartão de silêncio pendia da maçaneta. Agora começa a história do meu descuido. Olhei o cartão e li

"Mulher morta" rabiscado em cima dele. Ergui-o para examiná-lo mais de perto; então vi, por trás dele, que a chave estava na fechadura do lado exterior da porta.

Aqui o Dr. Fell inflou as monumentais bochechas. Até então vinha contemplando a paisagem por uma das janelas; agora deslocava pesadamente todo o corpo.

— Chave — disse ele — na fechadura, do lado de fora da porta. Tenha a bondade de anotar isto, Hadley. Na noite anterior a chave estava na bolsa dela. E depois?

— Abri a porta com ela — tornou Wrayburn, obediente — e tirei-a da fechadura.

Automaticamente, acho eu, enfiei a cabeça para dentro e vi Jenny.

— Essa porta não estava aferrolhada, então?

— Claro que não estava, senão como eu poderia ter entrado? Havia um cheiro terrivelmente sufocante dentro do quarto, o que me fez pensar comigo: "A Fulaninha não costuma abrir as janelas de noite?" Então eu a vi; estendida no chão, com a cabeça dentro da mala de roupas. Fui até ela e toquei-a. Estava fria. Não fiz maiores investigações; nem queria. Mas agora é que vem a parte mais difícil de contar. Saí do quarto pelo mesmo modo como tinha entrado, com a chave na mão, e parei no corredor. Naturalmente, meu primeiro impulso foi dar o alarma, acordar Dan, ou qualquer outra pessoa. Mas, admito, tive medo. Meu maior defeito é sempre querer saber o que se passa e nunca mover uma palha sem primeiro estar ao corrente de tudo. Sem dizer uma palavra a ninguém, voltei para o meu quarto e procurei refletir. Isto foi perto das sete e cinco.

"Às sete e quinze ouvi a criada que estava de serviço; ouvi-a tocar. Eu ainda dava tratos à bola. Alguém tinha assassinado Jenny. Notei que algo estranho andara acontecendo na noite anterior, mas eu é que não queria ser o descobridor do corpo.

Fora eu o último a estar com ela, e... sabem como é. O que mais me aborrecia era o modo como a mataram. Perguntei-me por que, afinal, tivera a idéia de chegar perto para examiná-la melhor. Tinham feito algo no rosto dela; era só isso que eu sabia, porque ainda era cedo e o dia mal clareara. Senti que tinha de averiguar, mas faltou-me a necessária coragem de voltar àquele quarto."

"Eram quase oito horas quando me lembrei de que o bracelete estava comigo. É

um objeto com ar distinto; sem dúvida custou muito dinheiro; logo dariam pela falta dele; e se depois o achassem comigo...!"

"Bem, não enfeitemos. Foi assim que senti, e pronto. Nisso, ouvi dois homens que vinham caminhando pelo corredor dizerem algo sobre o 707. Espiei, entreabrindo a porta, e os vi passar; entendi que falavam sobre uma chave-mestra quando pararam em frente à porta principal do 707. Como poderia eu adivinhar que um deles era você?", perguntou, dirigindo-se a Kent. "Ouvi o ruído da porta do 707, ao ser aberta; depois, quando se fechou; e o silêncio que se seguiu. O outro

indivíduo, o porteiro, permanecera do lado de fora no corredor, e falava com a criada. Enquanto isso, a porta lateral do 707 foi aberta e o primeiro indivíduo (você) retirou-se furtivamente, com o rosto oculto sob a gola do sobretudo. Ele não deu o alarma; percorreu apressado o corredor e enfiou pela escada abaixo."

O Dr. Fell, neste ponto, houve por bem fazer nova interrupção; desta vez dirigia-se a Kent.

— Um momento! Quando passou pela porta lateral, Mr. Kent, não recorda se ela estava ou não aferrolhada?

— Estava — confirmou Kent. — Lembro perfeitamente que tive de correr o trinco.

— Aham, sim. Prossiga, Mr. Wrayburn.

— Vou dizer exatamente o que me pareceu — continuou o outro, após uma reflexão e como a não poder conter a língua. — Era como a gente estar na rua, diante

do tráfego, à espera de uma oportunidade para atravessar. Calcula-se haver um bom claro para fazê-lo, antes que venham mais veículos; mesmo assim, a gente hesita.

Então, quando já é quase tarde demais, decidimo-nos, de repente, e acabamos quase atropelados. Assim fiz eu. Tinha o bracelete de Jenny numa das mãos e a chave na outra. Logo depois que aquele fulano (você) saiu, eu me decidi a fazer o que devia ter feito antes. Se a chave abria a porta principal do quarto de Jenny, eu não tinha dúvida de que também abria à lateral, pois a minha chave o fazia. Cruzei o corredor e entrei, enquanto o porteiro ainda permanecia fora. Observem que mantive a serenidade, pois só com a proteção de um lenço é que toquei no que precisei tocar. Tudo o que eu queria era desfazer-me daquela pulseira; assim sendo, limitei-me a enfiá-la numa gaveta do aparador. Nisso não levei mais que alguns segundos; e Jenny estava ali no chão. Eu precisava vê-la e descobrir o que havia de errado em tudo aquilo, agora que tomara impulso. Já era dia claro, se bem que as janelas permanecessem fechadas.

Queria ver o rosto dela; mas não pude, porque sua cabeça ainda estava dentro da mala. Puxei-a. Dei uma olhada, e depois escapuli. Já tinha voltado para o meu quarto e estava fechando a porta, quando o porteiro entrou no 707. E, é claro, acabei saindo com o raio da chave. Ei-la.

"Foi isso e somente isso o que eu fiz. Dêem o nome que quiserem; eu, por mim, só digo que o que fiz foi natural e humano. O caso é que sou um péssimo criminoso. Certa vez apanhei uma nota de uma libra que vi no chão, na entrada de um teatro, e guardei-a. Logo me convenci de que todos no lugar me tinham visto fazê-lo e que estavam a ponto de me denunciar. Assim me senti hoje. Não podendo me conter, decidi (para empregar o jargão de seu cineasta favorito) 'limpar-me'. Agora me sinto tão limpo como se tivesse passado por um processo de lavagem automática. Assim falava Zaratustra."

Terminou com um suspiro fundo e sentou-se na cama, com violência bastante para fazê-la estalar. Traçara uma perfeita caracterização de si mesmo, pensou Kent.

O Dr. Fell e Hadley entreolhavam-se.

— Será ainda muito cedo — disse ainda Wrayburn — para perguntar se acreditam em mim? Ou serei lançado numa cela onde me farão passar a pão e água? Arre!

Hadley fitou-o com firmeza.

— Sua declaração decerto se ajusta aos fatos já apurados — admitiu ele. — E a decisão de se limpar (não me importo de dizê-lo) foi muito bem avisada. Bem, Mr.

Wrayburn, se a sua história acerca do chamado telefônico da meia-noite for confirmada, creio que não terá muito com que se preocupar. Outra coisa: enquanto o senhor esteve aqui, tanto na primeira como na segunda vez, não terá visto um bracelete com elos de prata, incrustado de diamantes, pertencente a Mrs. Jopley-Dunne?

— Hem? Não. Nunca ouvi falar dele nem dela.

— Nesse caso, é só, por enquanto. Queira aguardar do outro lado do corredor.

Assim que Wrayburn saiu, Hadley expirou por entre os dentes.

— Então essa é a história do reaparecimento da pulseira. Sim, parece não haver dúvida de que o assassino estava atrás dessa jóia e de que fez uma busca em regra

para encontrá-la. Só que não estava aqui. Portanto, presume-se...?

— O assassino subtraiu a propriedade de Mrs. Jopley-D., imaginando

que fosse o seu velho conhecido disfarçado — disse o Dr. Fell. — Por que não? Os antecedentes de ambos, por assim dizer, são semelhantes. Os dois braceletes têm elos, e prata se parece muito com ouro branco. Aham, sim. O assassino estava à procura do bracelete de pedra preta; perfeito. Mas esse não é, penso eu, o ponto realmente importante da história. E, oh, por Baco, Hadley; o ponto realmente importante nisso tudo é a chave esquecida do lado de fora da porta.

— Acha que isso pode esclarecer alguma coisa?

— Tenho certeza de que sim. Olhe aqui!... Hem? Sim? Quem é?

Após ter batido à porta, o Sargento Betts entrou.

— Terminei, senhor — informou ele ao superior. — Não encontrei nada. Procurei por todo canto: armários, fendas e tocas desta ala. Não há nenhum uniforme oculto em parte alguma.

XI

A Solução Segundo a Ficção

Uma noite de inverno saboreando-se boa comida atrás de vidros espessos, com dinheiro no bolso e a contemplar uma luz cálida derramando-se sobre a neve fora, pode ser considerada a melhor das ocasiões para debates. Christopher Kent, entrando no Restaurant des Epicures, na Lisle Street, às sete da noite, estava pronto para tudo isto. O dia fora longo; aliás, para ele, só começara quando Hadley e o Dr. Fell terminaram aquele interrogatório no Scarlet Hotel.

O mais importante fora o estabelecimento do seu próprio álibi para a noite da véspera, a par da conversão de um cheque no dinheiro que o trazia de volta à superfície. A primeira das duas coisas não fora difícil, e a segunda habilitara-o a recompensar com largueza, num café, os membros do clube a cujo testemunho devia seu álibi, bem como a resgatar a mala que deixara em caução com a senhoria, em Commercial Road, East. De vez que seu álibi era inquestionável, o superintendente tornou-se-lhe amável e palrador. Kent estava acumulando fatos, fatos e mais fatos. O

que o surpreendeu um pouco, pois o terreno dos fatos nunca fora o seu forte. Mas, relaxando no barbeiro e tendo passado uma boa hora a transpirar nos banhos turcos do Imperial, começou a relacionar as descobertas para referência futura.

1. A inscrição vermelha sobre o cartão de silêncio, que podia ter sido

indício tão promissor, dera em nada. Tanto dele era impresso e tão pouco manuscrito, que tinha de ser classificado como impresso, e jamais seria identificado.

2. As duas séries de impressões digitais encontradas no quarto eram dele próprio e de Jenny. Como o quarto tinha sido limpo e espanado pela criada pouco antes que Jenny o reocupasse, havia poucas impressões antigas além de manchas. Wrayburn, evidentemente por acaso da primeira vez e intencionalmente na segunda, não deixara impressões.

3. Wrayburn, segundo se comprovou, estivera falando no telefone durante três minutos desde, a meia-noite. Hadley fizera umas dez pessoas falarem anonimamente com Billings, por telefone, o porteiro noturno, e este, sem nem mesmo hesitar, tornara a reconhecer e identificar a voz de Wrayburn.

4. Não havia nada de errado com os relógios, nem possibilidade alguma de alterar-lhes a posição dos ponteiros. Eram todos elétricos, com vidros frontais irremovíveis; todos acertados com Greenwich e acionados por meio de uma única central. Se Dan vira o vulto uniformizado à porta de Jenny à meia-noite e dois minutos, então é que seriam, de fato, meia-noite e dois minutos, realmente.

5. Até onde se podia averiguar, não deram por falta de nada que pertencesse a Jenny. Melitta Reaper conferiu todos os pertences da morta e afirmou estar certa disso. Havia várias peças de joalheria, muito boas, na mala de Jenny, sem contar trinta

libras em notas, na sua bolsa, cheques de viagem no valor de quatrocentas libras preenchidos contra o Capital Counties Bank. Mas não havia trocados na sua bolsa.

6. O maço de cartões dobrados, com o número dos quartos de cada hóspede, tinha realmente sido entregue a Dan. Ele não se lembrava ao certo de ter visto o cartão do 707 com os outros, visto que não os tinha examinado. Mas confirmou a declaração de Melitta, segundo a qual os pusera em cima do aparador, em seu quarto.

7. Uma inquirição minuciosa de cada uma das pessoas envolvidas, no tocante ao local onde se encontravam à meia-noite e dois minutos, deu como resultado as seguintes declarações: Sir Gyles Gay lia na cama. Melitta Reaper tomava banho em sua própria suíte. Francine Forbes "dava um jeito no cabelo", em seu próprio quarto.

Em favor de Wrayburn e Dan apresentaram-se explicações

satisfatórias. Kenneth Hardwick, o gerente do hotel, que também fora interrogado com os demais, forneceu outro alibi: da meia-noite até meia-noite e dez, ele estivera em seu próprio gabinete examinando a lista de pratos para o dia seguinte, em companhia do garçom-chefe.

Assim eram os fatos; e Christopher Kent os revirava na mente, como para fazê-los encaixar numa única história. Para estar próximo daquele grupo, reservara o único quarto vago na ala A, e cogitava sobre várias coisas. Convidara Francine, o Dr. Fell e Hadley para jantar, aquela noite. Hadley (como sempre) ficaria ocupado na Yard, mas o Dr. Fell aceitou-lhe de bom grado o convite, enquanto Francine não o fez senão depois de alguma reflexão.

Quando entrou no Restauram des Epicures, às sete em ponto, já achou Francine à espera. Parecia solitária no meio daquela multidão, e ele, de súbito, sentiu-se como seu protetor. Sentaram-se junto a uma janela de cortina corrida, com um abajur amarelo de permeio, e pediram coquetéis. Mas, em lugar de tirar partido das circunstâncias, disselhe:

— Bem?

O que logo se revelou um mau começo.

— Bem o quê? — retrucou ela instantaneamente, depondo o copo sobre a mesa.

Ele não pretendia significar nada com aquilo, que não passaria de uma fórmula, um tanto estranha, de puxar assunto, e que não lhe causou pouco embaraço. Fato que ele admitiu.

— Escute aqui! Que está havendo conosco? — indagou ele, com certo desespero.

— Juro que não sou o seu pior inimigo. Não estou procurando tapeá-la nem passar-lhe nenhum conto. Mas...

Depois de algum tempo ela falou em tom reflexivo:

— Ah, Chris, se você não fosse tão supinamente intolerante!

Ele baixou o copo, arrastando-o sobre a mesa.

— Intolerante? Eu?

— Ah, se você pudesse se ouvir dizendo isso! — retrucou Francine, parecendo

divertir-se. — Ora, vamos; encaremos os fatos. Você acha que ser intolerante é só perseguir alguém por razões de moralidade ou de religião, ou não apreciar gente ignorante nem gostar de peixe com batatinha. Mas não é. Não é, não! — acentuou ela.

— É que você simplesmente segue o seu caminho sem prestar a mínima atenção ao que não esteja ao alcance da sua vista. É tolerante no terreno da moral, porque simpatiza com a maioria das imoralidades; é tolerante na esfera religiosa, porque não tem religião alguma; é tolerante com os incultos, porque também aprecia histórias de banguê-banguê, música de banda e tumultos. Mas se há qualquer coisa que não o toque de perto, como, por exemplo, fazer algo de bom na vida... Está bem, retiro isto; vou me valer de alguma coisa do seu próprio campo: como, por exemplo, a obra de alguns grandes autores de que você discorda, então você simplesmente não se referiria a eles como se estivessem abaixo da crítica. Grr! Sua idéia de generosidade limita-se ridiculamente ao que se possa fazer com dinheiro. É só!

— Lamento — desculpou-se ele. — Será mesmo esse o caso? Pois bem.

Honestamente, se isto a faz mais feliz, posso até admitir que Fulano ou Beltrano são grandes escritores; mas, cá entre nós...

— Olhe aí. Está vendo?

— Se na última parte do libelo você se referia a certas dádivas que você praticamente me devolveu atirando-as no meu rosto...

— É próprio dos homens — filosofou ela, com frieza — fazer qualquer assunto enveredar para o terreno pessoal. Você sempre faz assim, e depois afirma que sou eu que o faço. Ah, não me importa mesmo! — bradou ela depois, alterando a voz. — Mas você tem o defeito de não reparar nas coisas, Chris; você viaja pelo mundo, à sua própria e refrescante maneira, e nunca observa nada! Por exemplo: Jenny.

O mau assunto de volta outra vez; não podiam livrar-se dele. Francine prosseguiu falando em tom de improviso.

— Com certeza você nem ao menos notou que ela dava em cima de você, não é verdade?

— Absurdo.

— Pois dava; dava, fique sabendo! — esganiçou ela, em fúria.

Kent recostou-se numa cadeira e fixou Francine com o olhar. Em seu

espírito brilhava, sem dúvida, um raio de luz; e, com' ele, uma sensação de alegria.

Entreolharam-se, conhecendo cada qual que o outro o sabia.

— Quem me dera persuadi-la — tornou ele — de que sou tão formidável como você parece crer que as outras mulheres acham. Jenny? Impossível! Eu nunca...!

— Pensou nisso? Nem o pobre do Harvey Wrayburn, todo cheio de escrúpulos, até a hora que ela começou a investir sobre ele, em meio a uma longa viagem marítima.

Ela era realmente terrível, Chris. Fazia isso para se divertir. O que mais me aborrece é não poder entender como ela o fez, ou como passou a inclinar-se por fazê-lo. Mas, positivamente, ela já tinha você em mira.

— Só espero que você não pense... Para princípio de conversa, ela era esposa de Rod...

— A mulher de seu primo? Sim, de fato. E você nem pensaria em ter um caso com a mulher de um amigo, não é mesmo? Com efeito, a simples idéia o scandaliza, não?

— Francamente, sim — admitiu ele, assumindo o que esperava fosse ar de dignidade ferida. — As esposas dos amigos não... Bem, raios, quero dizer...

— "Não devem inspirar esse tipo de fantasias"... — acudiu Francine. — Chris, como você é retrógrado!

— Muito interessante — comentou ele com frieza. — Presumo que na Rússia...

— Não me venha com a Rússia!

— Eu só ia observar...

— Não percebe, Chris — apressou-se ela a dizer, com sinceridade —, que o teor moral é exatamente o mesmo, seja ela esposa de um amigo seu ou de qualquer outro?

Você não amaria a esposa de Rod; mas não teria dúvida (ah, não você!) em se ligar com a mulher de algum pobre-diabo que talvez nem ganhasse mais de duas libras por semana, tendo que ficar dentro de

uma fábrica o dia inteiro, sem ter os lazeres que você tem para...

— Um momento — interpôs-se ele, meio estonteado. — Não me lembro de jamais ter dito uma palavra a respeito de andar por aí atrás de esposas alheias. Como ameaça à integridade dos lares a minha importância é praticamente nula. Mas quer você me explicar isso de eu não poder nunca tocar em assunto nenhum, sem que de algum modo você logo ache ocasião de examinar-lhe o lado político e econômico? Ora essa, você, o mundo e Davi Jones parecem todos loucos obcecados pela política...

— De fato — conveio ela, abrandando a fúria. — Deve ser tão magnífico, deve ser tão estimulante para você observar das suas alturas olímpicas os pequenos imbecis rastejando de um lado para outro no fundo do vale. Eu estava tentando explicar, do modo mais elementar que podia, que é o seu tipo de códigos estúpidos e caducos e doutrinas antiquadas o que levou o país à confusão...

— Bem, você ficaria mais feliz se eu tivesse casos amorosos tanto com as esposas dos amigos quanto com as dos trabalhadores de fábricas? Acha que seríamos mais felizes com isso?

— Céus, Chris Kent, há ocasiões em que eu seria capaz de matá-lo. Vá ter casos com quem você quiser! Seu...!

— É isso o que eu estou tentando fazer, minha querida. Apenas...

— Aham — fez o Dr. Fell.

Calaram-se. A vasta presença do doutor, a cavaleiro da mesa, inclinou-se com duvidoso mas benevolente interesse, acompanhando os assaltos com a cabeça, do modo como se acompanham as rebatidas de uma partida de tênis. Agora limpara a garganta. Francine levou um lenço aos lábios e, muito a seu pesar, soltou uma

gargalhada.

— Ah, assim é melhor — disse, inclinando-se, o Dr. Fell. — Eh, eh, eh! Detesto interromper; mas é que o garçom andou rodeando a mesa nos últimos cinco minutos, com o carrinho de *hors-d'oeuvre*, hesitante em dizer "Sardinhas?", por medo de que a oferta parecesse ter aplicação pessoal.

— Ele é um cabeçudo — disse Francine.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, minha cara — disse o

doutor, com jovialidade. — Aliás, é um bom sinal. A mulher que não acha o marido cabeçudo é porque já começou a dominá-lo, o que não é bom. Queiram perdoar: não pretendo iniciar uma polêmica sobre a igualdade ou disparidade de direitos dos cônjuges. Como dizem os franceses sobre o amor: "Nunca antes do peixe!" Mas, se me deixam fazer aqui uma sugestão, proponho que se casem; aí já poderão parar de ficar na defensiva e começar a divertir-se.

— Jenny se casou — disse Francine.

— Agora não — interpôs o Dr. Fell, com autoridade tão firme quanto súbita. —

Nada disso por enquanto.

O repasto serviu para afrouxar ou desafivelar as armaduras, à medida que o rosto do doutor se fazia mais e mais rubro e suas explosões de riso mal contido, mais e mais formidáveis por trás dos canecos de vinho. Por mais incríveis que suas anedotas se tornassem, por mais que seus rápidos paradoxos causassem aos ouvintes a impressão de terem dado uma volta particularmente rápida de montanha-russa depois de dois saís de Seidlitz, tudo tinha por fim uma só coisa: colocar aqueles dois à vontade. O mestre-de-cerimônias que era, Kent só depois é que veio a saber. Mas só após se verem envolvidos pela atmosfera da noite, depois do conhaque, é que tornaram a ventilar o assunto.

— Harvey devia ter ouvido essa história — começou Francine.

O Dr. Fell bateu a cinza do charuto e pestanejou, fitando-a obliquamente.

— Sim. Agora é ocasião própria — disse ele. — Que acha do caso todo, Miss Forbes?

— Isso eu posso responder. A idéia de alguém tão chegado à gente ser capaz de fazer tudo aquilo é... — dizia ela. — Alguém que a gente conhece há tempos, mas que ficou com um parafuso meio solto. Mas acho que não estou com medo. Creio que tudo já passou.

— Por quê?

— Porque dessa vez o atirador foi abandonado. — Tirou uma profunda tragada do cigarro e tornou a falar, no mesmo tom. — Não teria sido encontrado no meio daquelas toalhas, se o assassino ainda pretendesse reutilizá-lo. A não ser, bem entendido, que ele tenha

desenvolvido o gosto pelo derramamento de sangue. Mas nisso eu não posso crer. Há pouco eu estava justamente tentando dizer a Chris o que eu penso.

E aqui fez uma pausa para refletir.

— Algumas pessoas podem ter sido capazes de encarar Jenny e os modos dela como despreocupação. Eu, por exemplo, fui uma. Decerto a maioria também era. Mas a décima pessoa talvez não pudesse fazê-lo. Sempre me intrigou o que Rod pensaria dela. Oh, ela o dirigia, assim como sua notória devoção por ele, como bem queria.

Sabe, isso era tão bem feito que até provocou rumores... Em que muita gente acreditou, na ocasião: *Rod* iria casar com *Jenny* por dinheiro?

O *pince-nez* quase despencou do nariz do Dr. Fell, quando ele por aquela via inspirou ruidosamente. Depois pediu:

— Repita isso, por obséquio.

— É verdade! Isto se divulgou entre todos os nossos conhecidos na África; e foi a primeira coisa de que Sir Gyles Gay fez zombaria (sutilmente, é claro) quando chegamos aqui. A versão foi adulterada. Magoou Rod muitíssimo, se bem que ele não dissesse nada sobre o caso e nunca nem se deu o incômodo de desmenti-la. Mas acho que algumas pessoas do nosso próprio grupo acreditavam nela.

— Jenny era rica?

— Abastada, ao menos. Suponho.

— E de onde lhe vinha isso?

— Dos pais, pensávamos nós. Embora uma fazenda encravada em terra árida não deva produzir grande coisa... Tinha também o seu negócio com roupas, decerto muito lucrativo. E olhe que ela tinha bom gosto para roupas, isso não se pode negar.

— Mas por que você está tão interessada naquele boato? — perguntou Kent.

— Simplesmente por ser ele o motivo do assassinato de seu primo Rodney —

grunhiu o Dr. Fell. — Mas, céus, como tenho sido estúpido! Não obstante, não houve nenhuma referência... — E bateu nas têmporas

com os punhos. — O primeiro assassinato não se ajustava a nenhum esquema racional. Era absurdo; nem ao menos chegava a ser uma manifestação racional de loucura. Mas Rodney casar-se por dinheiro... Isso nos sugere uma explicação muito plausível.

— Como assim? Se o senhor sabe de alguma coisa — instou Francine, com a pele clara levemente enrubescida pelo vinho, menos empoada e mais bela do que Kent jamais a vira: — Se o senhor sabe de alguma coisa, ou se tem algum palpite... Não vai nos contar? Não é só curiosidade, mas é que sempre ajuda a conjurar certos fantasmas.

— Muito justo — aplaudiu-a Kent.

Decorreu algum tempo antes que o Dr. Fell se dignasse responder.

— Não! — bradou ele. — Não, pelo templo de Elêusis! E há sobretudo uma razão por que não o faço. Penso (notem, eu disse *penso*) que deslindei metade do caso.

Com sorte, talvez ainda venha a decifrar a outra metade. Mas é bem possível que a explicação seja precisamente o contrário do que imagino; foi por isso que nem tentei dizer nada a Hadley. Depois, ele obteve mais algumas informações. Não quero dar-lhes

falsas esperanças, levando-os a baixar a guarda, para o caso de...

— Elêusis — repetiu Kent, vendo que o Dr. Fell se calara no meio da frase. — Se Wrayburn estivesse aqui, com todo o seu cabedal de erudição inútil, haveríamos de fazê-lo explicar isso. Acaso os mistérios de Elêusis não celebram a descida de Perséfone ao reino das sombras e seu retorno à luz? Sistema de recompensas e punições? — e acrescentou:

— Para despertar os mortos?

O Dr. Fell reprimiu uma risada.

— "Pálida, além do pórtico e portal. De calmas folhas coroadas..." É curioso esse Swinburne, quanto mais lúgubres os seus poemas, com tanto maior volúpia a gente os diz. "Que a todos os mortais seres colhe. Com frias e imortais mãos..."

— A quem se refere isso? — indagou Francine, que tinha índole mais prática. —

Do que é que vocês estão falando, afinal?

— Sim, é melhor pararmos por aqui. Entretanto, a personalidade de Mrs. Kent me fascina, à medida que se desdobra. Se apenas a tivéssemos visto; se soubéssemos, após a morte de Rodney Kent, o que sabemos agora, então talvez pudéssemos ter evitado a morte dela. — E neste ponto o Dr. Fell refletiu por alguns instantes. — Ou não? Não sei. Em todo o caso, duvido.

— Acha que ainda haverá...perigo?

— Não haverá nenhum perigo — respondeu o doutor

— se a senhora mantiver a sua porta trancada durante a noite. Lamento se pareço agir como um consolador de Jó; mas temos que considerar todas as possibilidades.

Podem me ajudar? Devem ter aí algumas idéias. Que é que examinariam?

Kent pensou no seu maço de notas.

— O meu problema — respondeu ele, sem entusiasmo — é que ainda não consigo, nem mesmo agora, examinar o caso de um modo racional. Só estou tentando imaginar como explicaria o caso se fosse o autor da história. Essa é a fobia de todos os ficcionistas. Digo-lhes que, de acordo com a ficção, só há uma solução e só um assassino possível! Contudo...

O Dr. Fell ergueu os olhos com interesse.

— Já sei — disse ele, compungido. — Também já me ocorreu isso.

— Isso o quê?

De um bolso interno do sobretudo, o Dr. Fell começava a extrair uma enorme coleção de envelopes e papéis velhos (de que havia quantidade suficiente para encher um cesto), até que acertou com um toco de lápis. Sobre a superfície comparativamente limpa de uma tira de papel escreveu algumas palavras. Depois, virou o papel de bruços e empurrou-o para Kent.

— Escreva aí — propôs ele — o nome de quem você suspeita ser o assassino.

Isso mesmo; obrigado. Agora, Miss Forbes, pegue esse papel e leia dos dois lados.

Francine admirou-se.

— Ambos escreveram o mesmo nome!

— Claro — confirmou o Dr. Fell, carrancudo. — Kenneth Hardwick, o gerente do Royal Scarlet Hotel.

XII

Acima de Suspeitas?

Francine, ao que se supunha, não podia entender se eles estariam gracejando ou se o doutor estava mesmo tão sério quanto o seu rosto lúgubre parecia indicar.

— Mas, está falando sério? Não será isso mais uma das ridículas idéias de Chris...? Um homem tão tranqüilo!

— Assim, a senhorita o faz ainda mais suspeito — sentenciou o Dr. Fell. —

Vejamos o que temos contra ele.

— Para começar, é uma questão de chaves — disse Kent. — Alguém entrou naquela rouparia e tirou quinze toalhas de banho e uma de rosto. Portanto, alguém teve de abrir a porta: a não ser que a criada a esquecesse aberta desde a véspera. Não há indícios de arrombamento; assim sendo, a porta deve ter sido aberta com a chave.

Mas, com este novo sistema de fechaduras (cito aqui o próprio Hardwick), é impossível a qualquer pessoa não autorizada abrir mesmo uma simples rouparia. Por outro lado, torno a citá-lo, ele é o único que tem condições de abrir qualquer porta do edifício.

Esse é um fato simples e conciso que se pode utilizar como ponto de partida.

— Ótimo — aplaudiu o Dr. Fell. — Continue.

— Depois vem o assunto da fantasia. Para ele, não poderia haver melhor disfarce que o uniforme de algum de seus próprios auxiliares. É como na história que ele próprio nos contou sobre um porteiro que vestia um pijama e se fazia passar por hóspede. Se Hardwick fosse avistado por algum hóspede, não seria reconhecido; mesmo que lhe mostrasse o rosto de relance: o uniforme desorientaria o observador. Além do mais, ele sabia, igualmente, que não correria grande risco

caso fosse surpreendido por um dos próprios empregados: o único empregado que poderia subir após as onze e meia seria algum dos subporteiros, e em andares tão amplos ele não teria dificuldade em se esconder logo que o visse se aproximar. Como informações adicionais, menciono que seu gabinete particular fica no sétimo pavimento e que ele teria fácil acesso a qualquer tipo de uniforme que quisesse usar. Notem que a misteriosa indumentária não foi encontrada pela polícia. Mas, se fosse um uniforme de verdade, pertencente ao hotel, como haveriam de encontrá-lo?

— Chris, está tudo muito bem — conveio Francine; — mas você acha que isto é a verdade?

Ele refletiu antes de responder.

— Não sei; só estou dizendo que esse tipo de trama funcionaria em livro. Pois o seu ponto central é este: obter um álibi.

— Os relógios! — lembrou o Dr. Fell, ofegante de prazer.

— Exato. Considerem as dezenas de relógios de parede espalhados por todo o

hotel; todos subordinados a um controle central. Recordo que tínhamos o mesmo sistema na escola. Certa feita, as classes explodiram de alegria quando seus relógios endoidaram. Os ponteiros entraram a girar, dando todas as horas, como numa cena de pantomima. O que tinha acontecido, segundo nos fez saber um professor azedo, era que todos os relógios do edifício tinham parado e agora estavam sendo reajustados de um ponto central que era a sala do diretor.

"Ora, é fácil ver a sedução desse dispositivo. Imaginem que um assassino queira obter quinze minutos para álibi, e que tal pessoa tenha livre acesso ao relógio central.

Bem, ele se aproxima do ingênuo que depois deverá jurar que em tal tempo estiveram juntos. Conversam, digamos, das onze e cinquenta e cinco até doze e dez, depois ele o despede. Então vai até o relógio principal e recua-o para as onze e cinquenta e cinco, fazendo, automaticamente, o mesmo com todos os outros relógios do hotel. Feito isto, ele se retira e vai cometer o seu crime. Pode até dar-se o luxo de se deixar avistar.

Posteriormente, volta a seu gabinete e torna a acertar os relógios. Com isto criou um hiato de dez ou quinze minutos; e, depois, o ingênuo é

capaz de jurar que o assassino esteve com ele no momento em que o crime foi perpetrado, com o que ele fornece um álibi dos mais seguros. E o melhor de tudo é não haver perigo de discrepâncias de horário, pois todos os relógios dariam sempre a mesmíssima hora. E, no Royal Scarlet, a cargo de quem estaria o relógio central? Aposto que do gerente. O álibi de Hardwick, conforme podem verificar, restringe-se exatamente a poucos minutos."

Kent calou-se a essa altura, exprimindo alguma dúvida, e terminou o conhaque, com a sensação de ter lançado um desafio.

— De fato, é uma boa teoria — admitiu Francine. — E tão terrivelmente hábil que não posso crer em nada nela.

— Receio que essa venha a ser a opinião geral — ponderou, inclinando-se, o Dr.

Fell. — Mas a idéia me agrada muitíssimo. É fácil ver que causaria alguma estranheza se lá um hóspede qualquer olhasse para um dos relógios no instante exato em que os ponteiros saltassem, repentinamente, numa ou noutra direção.

— À meia-noite? Quantos hóspedes poderiam estar pelos corredores a uma hora dessas? Reconheço — prosseguiu Kent, com um gesto de ombros — que ainda fica muito por explicar. — E, nesse ponto, a figura grisalha do afável Hardwick acudiu-lhe à memória. — Onde estaria o motivo? A menos que ele tivesse freqüentado o obscuro passado de Jenny; todos parecem achar que ela tivesse algum. Onde é que entram os sapatos e para que escrever "Mulher morta" naquele cartão? Por que é que o assassino, após entrar no quarto de Jenny, apanha-lhe a chave e a seguir deixa-a na fechadura, do lado de fora...?

— Aham, sim. Eu mesmo já observei ser este um detalhe intrigante.

— ...e, finalmente, por que usar o uniforme também na residência de Gay, em Sussex? Toda explicação que se dê ao caso, como o senhor disse esta manhã, deixa intacta a primeira aparição do uniforme numa casa de campo, às duas da madrugada.

A menos...

— Diga logo! — instou o Dr. Fell. — Está indo muito bem. Esse é o ponto em que mais preciso de ajuda. Então?

— A menos que o uniforme tenha algum significado simbólico.

— Aham... Bem, talvez.

— Acho que já sei — disse Francine, descansando o cigarro e fitando a lâmpada com uma expressão de assombro. — Por acaso Hardwick sabe que Dan tinha reservado quartos para todos nós no Royal Scarlet?

— Claro que sim. Dan fez as reservas com muita antecedência, antes mesmo de sairmos da África.

— O assassino — prosseguiu ela — foi visto em Northfield usando uniforme porque queria ser visto. A explicação do uniforme é apenas essa! Queria atrair a atenção para o uniforme. Se não tivesse sido notado por aquele ébrio no sofá, ele teria dito "Buuu!"

ou qualquer coisa parecida. Imaginem o tal andando pelo corredor como um ator no palco. Foi fácil. Sacudiu o outro pelos ombros a fim de se fazer avistar com toda a clareza. Mas isto deve significar... (Não; não diga nada, Chris!) Deve significar que ele estava preparando o espírito de todos para uma segunda aparição, quando viesse a liquidar Jenny. Estava nos preparando para ver... Mas que indício poderia haver num simples conjunto de túnica e calças? — Francine fez uma pausa para refletir e concluiu dizendo: — Acho que infelizmente o meu raciocínio não dá para mais que isso.

O Dr. Fell estudou-a com expressão estranha.

— Não me espantaria — comentou ele — se essa sua observação estivesse mais perto da verdade do que qualquer outra que ouvimos.

— Como assim? — indagou Kent.

— É que eu e Hadley estamos tentando elaborar um plano de ação. Amanhã iremos a Northfield; e pretendemos... Aham... Bem, pretendemos convidar todo o grupo de vocês a virem conosco. Em primeiro lugar a casa de Sir Gyles Gay me interessa.

Em segundo, pretendo dar um pulo até a cadeia de lá para ver Mr. Ritchie Bellows.

Especificando, quero descobrir o que foi que na realidade ele supostamente viu.

— Supostamente?

— Isso mesmo. Não é óbvio? — perguntou o doutor, reabrindo os

olhos. — Creio que a senhorita acertou em cheio num ponto, Miss Forbes. O nosso homem uniformizado precisava de uma testemunha que o visse passar pelo corredor. Que me dizem da teoria de que Ritchie Bellowes teria sido deliberadamente escolhido para tal fim?

— Alto lá — protestou Kent; — não estou compreendendo. Como deliberadamente escolhido? O assassino não tinha como saber que o beberrão da cidade iria surgir convenientemente na noite do crime.

— Teria — informou o Dr. Fell —, se o beberrão da cidade tivesse sido convidado a comparecer.

Por algum tempo o doutor permaneceu ofegante com os olhos semicerrados; depois prosseguiu em tom abstrato:

— Está bem; vou dar-lhes uma pista e me dirão depois o que acham. Creio que o primeiro assassinato não teve ainda, de nossa parte, toda a atenção que merece. Em primeiro lugar, digam-me uma coisa: alguém do grupo de vocês já tinha visto Bellowes antes de o encontrarem na casa aquela noite?

— Não; não exatamente — respondeu Francine. — Nosso amável anfitrião trouxe-o certa noite, na primeira semana que passamos lá, mas foi na qualidade de artista contratado, para nos divertir com seus truques de memorização. A gente passava um baralho inteiro diante dos olhos dele e depois ele dizia cada carta que lhe tinham mostrado, na mesma ordem de apresentação. Misturávamos vários objetos em cima de uma mesa, ele os olhava de relance e depois os relacionava um por um; coisas assim.

Alto, olhos vagos, bem-falante. Conversou casualmente conosco. Depois, nosso anfitrião conduziu-o para a cozinha e o despediu cheio de uísque. Achei que aquilo tinha sido maldade de Sir Gyles, porque, como sabem, a casa dele pertencera antes a Bellowes. Foi isso o que no princípio nos levou a pensar, quando Rod foi morto...

O Dr. Fell, nesse ponto, sacudia a cabeça com ar calorosamente polêmico.

— Ora, considerem as indicações seguintes! Fiz Hadley ver esta manhã a importância de Bellowes nesse caso. A presença dele no local, na mesma noite em que ali se praticava um assassinato particularmente brutal, era demasiada coincidência. Ele próprio estava indubitavelmente embriagado demais para poder fazer alguma coisa contra alguém. O fato de ele ter estado lá podia ser uma lamentável coincidência; mas certos indícios depõem contra essa hipótese.

"Em primeiro lugar (como se recordam), quando ele foi encontrado em cima do sofá, às duas horas da madrugada, tinha uma chave da casa no bolso. Isto quer dizer que ou alguém lhe tinha dado aquela chave ou então ele teria guardado consigo uma cópia desde os tempos em que a casa fora sua; mas, em qualquer dos casos, isto significa que ele deixou o quarto de pensão no princípio daquela noite, já com o propósito de ir à sua antiga casa... Propósito que formara antes mesmo de beber uma gota sequer! Onde fica, pois, a teoria sobre o pombo-correio que regressa, por instinto, ao lar antigo?"

"Em segundo lugar, ele terminou aquele dia na taverna, contrariamente aos seus hábitos, bebendo uísque; bebida de que também levou consigo, ao sair, um quartilho.

Ora, não sei se estão familiarizados com o modo de funcionamento das tavernas desses vilarejos. Eu, de minha parte, devo confessar que estou. O que costumam servir é cerveja, por ser o que há de mais barato. Uísque é um luxo reservado para ocasiões raras e solenes. Bellows, conforme sabemos, estava praticamente sem níquel; sua bebida habitual era cerveja; nessa ocasião, porém, com uma chave de sua ex-residência no bolso, ele pediu uísque. Chega-se a pensar se não lhe teriam dado algum dinheiro extra. Por quê?"

"Em primeiro lugar, lembrem-se que as impressões digitais de Bellows foram efetivamente encontradas no quarto em que Rodney Kent foi morto (circunstância que

muito o comprometeu), embora Bellows, depois, negasse categoricamente ter estado naquele cômodo. O certo é que chegou, ao menos, a espia-lo; pois suas impressões foram descobertas em torno do interruptor de luz. Mas ele não se recorda de tê-lo feito."

"Suponhamos que Bellows tenha sido chamado ou convidado a comparecer à casa em certa hora. Para quê? Não, seguramente, para servir de bode expiatório ao verdadeiro assassino. Caso contrário, este último ter-se-ia esmerado um pouco mais na encenação. O atizador, em lugar de sumir misteriosamente da casa, seria encontrado nas mãos de Bellows. Haveria manchas de sangue em suas roupas, e as impressões de seus dedos seriam encontradas em lugares mais comprometedores.

Além do mais, o verdadeiro assassino deveria saber... (ou será que quis causar mais espanto com isso?)... que o braço esquerdo de Bellows, praticamente inválido, lhe tornaria impossível estrangular Rodney Kent do modo como ele veio a ser estrangulado.

"No entanto, quanto mais penso no caso mais me convenço de que Bellowes recebeu um convite para comparecer lá. Em suma, ele deveria ser testemunha; o que ele foi. Uma testemunha embriagada; como, realmente, ele estava. Testemunha pouquíssimo curiosa; como ele tão bem seria. Dotada de memória fotográfica; como ele é. Enfim, uma testemunha perfeita para um maligno e sagaz plano de estrangulamento concebido para incriminar alguém; o que, infelizmente, ele não pôde ser. Estava bêbado demais. Que poderia ter visto quando espiou dentro do quarto de Rodney Kent? Em outras palavras, que haverá por trás desse crime, que foi muito mais terrível que o segundo? Bellowes viu parte do que o assassino queria que visse. Mas haveria alguma coisa mais? Oh, arcontes de Atenas! Quisera saber! Vamos a Sussex para descobrir."

Terminando com um tom ríspido, o Dr. Fell sacou um imenso lenço vermelho, enxugou a testa e acrescentou, pestanejando sobre os outros dois:

— Compreenderam o que quis dizer?

— Mas, se Bellowes foi convocado, como diz — murmurou Kent —, só pode ter sido pelo assassino. Conseqüentemente, Bellowes deve saber quem ele é!

— Oxalá fosse tão simples — tornou o doutor, afastando de si o lenço.

— Mas receio que não seja. É que dificilmente Bellowes se deixaria subornar para guardar silêncio quando ele próprio estivesse em perigo. Creio que ele nem mesmo chega a suspeitar de alguém. Mas, se suspeita, é bom que esteja na cadeia, a salvo. Minha intenção, vejam bem, é descobrir o que foi que ele supostamente viu na noite de 14 de janeiro. Pretendo escavar o subconsciente; o que, segundo nos asseguram os mestres da mais nova das ciências, inevitavelmente produz pesadelos. Que tal mais um conhaque para encerrar?

O carro em que estavam rumou para Piccadilly com as correntes sobre as rodas a ressoar um ruído abafado. O Dr. Fell fora para casa, mais calado do que lhe seria natural. Kent mandara o condutor dar um giro por onde entendesse. O interior do carro estava suficientemente tépido para ser agradável. Lâmpadas mortíferas espiavam-nos

dentro; a rua cobria-se de lama, mas, quando por fim dobraram para o lado mais escuro do parque, havia neve acumulada sobre as janelas, e as árvores desnudas pareciam de touca. Francine, mero fardo de peles encimado por um tufo de cabelos amarelos, inclinou-se sobre os ombros do companheiro, olhando fixamente para frente.

Ele mal lhe tocara a mão fria, quando a ouviu dizer:

— Chris, sabe de quem é que ele suspeita?

— Ele quem? — Por um momento ficou intrigado; aquilo lhe pareceu desconexo, num momento como aquele. Embora ele lhe apertasse a mão, ela não se voltara. —

Não sei — admitiu Kent. — Harvey Wrayburn parece fora do páreo, e a minha laboriosa tese contra Hardwick não passa, admito, de pura fantasia. Não me agrada pensar em nenhuma outra pessoa.

— Ele suspeita de Melitta Reaper.

Aquilo foi tão abrupto e surpreendente que Kent largou-lhe a mão. Do rosto dela só podia distinguir a ponta do nariz; movia-se agora, voltando-se para ele.

— Meli... Absurdo!

— É verdade, Chris. Eu sei. Sou capaz de sentir essas coisas. — Falava com convicção. — Pense um instante e verá. Lembra-se? Eu estava dando voltas, procurando uma razão para alguém usar o uniforme. Mal sabia eu o que estava dizendo... Mas notei os olhos dele. Eu disse: "Mas que indício poderia haver num simples conjunto de túnica e calças?" Calças, Chris; foi como se eu tivesse dito algo, sem querer. E ele não fez comentários. Apenas disse que aquilo estava mais perto da verdade do que tudo o mais. E isso bastou para me fazer sentir calafrios, pois logo percebi. Por que uma pessoa estaria tão ansiosa para imprimir em nossas mentes, sempre que pôde, a imagem de um homem, vestindo uniforme masculino? Está percebendo? Porque tal pessoa era mulher!

Ele fitou aquele rosto pálido embrulhado em peles, cujos olhos amplos, de cor castanha, se moviam levemente. Os faróis do carro, movimentando-se por entre as árvores, piscavam como os olhos dela; e as rodas agora pareciam mais ruidosas.

— Essa idéia é mais disparatada que qualquer dos meus palpites! Não me diga que acredita nisso!

— Não; no fundo, acho que não. Mas...

— Mas o quê?

— Chris, eu tenho sido uma tola. Creio que de agora em diante vou

lhe dizer todo pensamento que me ocorrer, porque é o que eu gostaria; mas sempre estou tendo pensamentos. — Francine parecia um tanto incoerente após a tensão das últimas semanas, mas falava com certo tom de tranquilidade, erguendo vez por outra os olhos.

— E se foi o próprio Dan quem andou envolvido com Jenny? Isso é bem possível, você sabe: vivendo os dois na mesma casa; sendo Jenny como era. . . Para não mencionar que Dan anda perto de se tornar milionário. Você notou como ele parecia estranho hoje de manhã, enquanto falávamos sobre a natureza de Jenny? E não lhe chamou a

atenção que Melitta se mostrasse ansiosa demais por defendê-la, dizendo que tudo eram boatos e agindo de um modo que nunca foi o dela? Se Dan é o homem do caso, o tal de que Jenny vinha obtendo os seus cheques...

Ele sentiu-se gelar, muito embora não tivesse nada a ver com aquela idéia.

— Bem, minha cara, em minha opinião isso ainda é um disparate. Melitta: positivamente, não. Por que iria ela fazer isso?

— Você diz que eu é que tenho mania de economia. Mas sabe como ela é com dinheiro.

— Mas como Rod se encaixa aí?

— Jenny estaria vivendo à custa de Dan; todos supunham que Rod vivesse à custa de Jenny...

— Ora, venha cá! — interrompeu ele. — E esqueça esse negócio. Se vamos assim, logo não sobra mais ninguém em quem possamos confiar. Não se pode viver suspeitando de todo mundo. Por que não seria o próprio Dan o assassino? Por que não você mesma?

— De fato, por que não? — repeliu ela, puxando-lhe um botão do sobretudo. Todo o fardo de peles se moveu; o veículo sacudiu-se ligeiramente e, fazendo uma curva, enfiou para a parte mais escura do parque. — Só quero ver — tornou ela com voz débil

— o que vai dizer esse tal de Bellows.

XIII

Boas-Vindas a Quatro Portas

— Só sei — respondeu Ritchie Bellows — o que já disse. Arrependo-me de ter ido lá, mas não vejo que perigo eu poderia representar para quem quer que fosse.

Tornou a sentar-se no beliche da cela e considerou os visitantes, com um ar de bem-educado cinismo que a barba por fazer em nada prejudicava. Era produto raro: um cavalheiro; daí que fosse tanto mais estranho encontrar-se numa cadeia, em Sussex.

Alto, de cabelos castanhos, seus olhos pareciam ainda mais vagos após aquelas semanas de forçada abstinência alcoólica. Trajava uma camisa cinzenta, aberta no peito, e o par de suspensórios, com um botão de menos, levava-o a dar freqüentes repelões com os ombros.

Tinham partido para Sussex logo de manhã, no dia 1.º de fevereiro. Christopher Kent viera em companhia do Dr. Fell e de Hadley; os outros viriam depois, num trem mais rápido. O das nove e quinze, a partir de Charing Cross, passou preguiçosamente a série de túneis que fazem com que as encostas kentianas pareçam uma muralha a encerrar Londres. As planuras seguintes estavam cobertas de neve. O Dr. Fell entretinha-se com uma vasta série de apontamentos, indo de uma tira de papel a outra, de tal modo que Hadley, desistindo de dirigir-lhe a palavra, concentrou-se gravemente na resolução de um problema de palavras cruzadas. Desceram em Tonbridge; e sendo Eglamore a estação mais próxima de Northfield, uma viatura policial os esperava lá.

Northfield, lugarejo bastante atraente no verão, agora confirmava sua fama de parecer coisa tirada de cartões de Natal. A sebe defronte à igreja estava salpicada de neve. O chão duro da localidade estendia-se em descida até junto da Stag and Glove.

As casas eram baixas, com telhados de madeira. Os visitantes, após terem entrado em várias casas, acreditavam nunca ter visto tantas vigas de carvalho, as quais, para grande alegria de seus proprietários, pareciam ainda crescer e comprimir-se.

Entretanto, viver em meio a tantas vigas de carvalho, segundo ponderava Kent, devia ser como viver dentro do estômago de uma zebra.

Não foram a Quatro Portas, residência de Sir Gyles, enquanto o próprio Gay não chegou. Após provarem (a instâncias do Dr. Fell) a cerveja local do Stag and Glove, achando-a boa, dirigiram-se para o posto policial pela estrada de Porting. Era formado da reunião de duas

casas e dirigido pelo Inspetor Tanner. O Dr. Fell (cujas notas em boa parte se ressentiam de um banho de cerveja) estava determinado a dirigir o interrogatório de Bellows. Após uma prolixa abertura de pesadas portas, encontraram um Bellows razoavelmente cortês, porém apático e cínico.

— Ouça, serei franco — disse o Dr. Fell, indo logo ao assunto, com uma objetividade que Hadley achava dolorosa. — Viemos até aqui porque achamos que você não contou toda a verdade a respeito da noite de 14 de janeiro.

— Lamento — respondeu Bellows. — Mas já disse mais de cem vezes que *eu...não... fiz*.

— Um momento! — intimou o doutor, com uma coloração mais rubra no rosto. —

Não se trata do que você fez; o que queremos saber é por que o fez. Responda depressa! Alguém o mandou ir a Quatro Portas naquela noite?

Bellows andara lendo uma publicação, já muito manuseada, sobre o oeste bravo.

Agora a colocava no chão, junto ao beliche; e, estimulado a sair da apatia, considerou o doutor com uma expressão que a Kent pareceu de genuína surpresa.

— Não — respondeu ele.

— Tem certeza disso agora?

— Absoluta. Que história é essa? Por que... Bem, por que motivo alguém iria me querer lá? Por que iria alguém me querer seja onde for? — acrescentou com amargura, perigosamente próximo da autocomiseração.

— Ainda afirma que foi lá por sua própria conta, estando embriagado, quando anteriormente não tinha a menor intenção de fazê-lo?

— Não sei por que fui lá. Ou melhor, acho que sei; mas vocês sabem o que eu quero dizer. O caso é que no começo da noite eu não tinha nenhuma intenção de ir.

Francamente, eu não costumo andar por aí invadindo casas alheias, e não posso entender como isso aconteceu.

— Como explica que houvesse uma chave da casa em seu bolso?

— A chave? Mas eu sempre a carrego; ela está comigo já faz anos — replicou Bellowes, batendo o calcanhar contra o chão com certa violência. — Pergunte à minha senhoria. Pergunte a qualquer um. Sei que não tenho o direito de carregá-la; mas Sir Gyles está a par...

— Desculpe-me por mencionar isto, mas o senhor estaria meio abonado na noite de 14?

As feições do outro se contraíram.

— Estava.

— E então?

— Já devem saber — tornou Bellowes, grave — que fui contratado para divertir os hóspedes da Quatro Portas. Quando os deixei, Sir Gyles enfiou um envelope no meu bolso. O conteúdo dele era mais do que eu merecia; e, cá entre nós, do que eu esperava receber. Já ouvimos muitas histórias sobre gente orgulhosa demais para aceitar a caridade alheia. Eu não tive esse orgulho.

— Maldição! — clamou o Dr. Fell, abrindo e cerrando os punhos; e daí teria crescido para retumbâncias oratórias de maior efeito, não fosse a carência de espaço.

Após uma breve admoestação de Hadley, ele passou a se exprimir por murmúrios e prosseguiu a inquirição com uma confiança quase vampiresca.

— Seria capaz de afirmar no tribunal que ninguém o induziu a ir àquela casa?

— Sem dúvida.

— Aham! Ah! Se não se importa, eu gostaria de repassar aquele seu depoimento.

Mas, antes, uma perguntinha de caráter genérico: conhece Sir Gyles Gay bastante bem?

— Só digo que o conheço. Isto é, estive na casa duas ou três vezes o ano passado.

— Quando foi lá para entreter os hóspedes, deve ter conhecido todos eles, não?

Bellowes fez uma carranca ao responder:

— Sim, fui apresentado a todos... Acho eu. Não falei muito com eles; eu procurava desconversar quando me faziam perguntas; menos com Mr. Reaper. Gostei dele —

disse Bellowes, de olhos fitos no passado. — É bem do meu estilo. Perguntou se eu gostaria de recomeçar a vida na África do Sul, e pelo jeito falava sério.

— Chegou a conhecer Rodney Kent, o que depois foi...

— Aí é que está. Acho que ele estava lá também, porque fazia parte do grupo: como tenho boas razões para me lembrar. Mas não me lembro de tê-lo visto.

— Chegou a ver algum dos outros, posteriormente?

— Sim, mas não conversamos. Mr. Reaper apareceu na taverna certa noite, mas ficou no balcão particular, e acontece que eu estava no público. Eu não tive... Não tive coragem de ir até ele e lhe desejar boa noite. Depois outro deles esteve na taverna, logo no começo da noite... Da noite em que aquilo aconteceu; mas isto foi bem no princípio da noite.

— E quem foi esse?

— Acho que foi o tal chamado Wrayburn. Mas só estive lá o tempo necessário para encomendar xerez, que não foi mais que um ou dois minutos.

O Dr. Fell fez outra anotação. Hadley impacientava-se; e Bellowes, a quem a prolongada abstinência não fizera bem algum, começava a ter espasmos.

— Agora, sobre a noite de 14, que nos interessa — trovejou o doutor.
—

Comecemos com a hora em que o senhor estava no balcão do Stag and Glove. Que foi que o levou a passar de cerveja para uísque e ainda levar uma garrafa ao sair?

— Oh, não sei. Por que será que a gente faz uma coisa dessas? Cismeï de fazê-lo, e fiz.

— Compreendo — admitiu o Dr. Fell. — Com a intenção de ir até o

local chamado Grinning Copse e beber o conteúdo da garrafa?

— Exatamente. Sempre que eu levo uma garrafa para casa, Mrs. Witherson começa a me fazer prédicas. Ela costuma ficar à minha espera. Espero que lhes seja útil essa informação — disse Bellows entre dentes.

— Até que ponto estava embriagado? — perguntou brandamente o Dr. Fell.

— Eu estava...anestesiado... Bêbado.

— Com dor de cabeça?

— Não.

— Foi para Grinning Copse, segundo entendi, à hora de fecharem a taverna: dez horas, não é mesmo? Aham, sim. Sentou-se num banco de ferro e começou a tomar o uísque. Não importa; sei que já prestou seu depoimento; mas conte-me tudo de que se lembrar com relação ao fato.

— Não há mais nada que eu possa dizer — respondeu o outro, com o rosto ainda mais descorado. — As coisas começaram a se embaralhar, e era isso mesmo o que eu queria. Tenho a vaga impressão de que a certa altura alguém falou comigo; mas não levei isso muito a sério... Com certeza seria eu mesmo, falando alto. Recitando, ou coisa que o valha. Lamento; isso é tudo. Depois, percebi que estava sentado em algo diferente, que segundo vi depois era couro; o lugar também era outro: o pavimento superior da Quatro Portas. Já sabem o que eu fiz. Achei que aquele lugar era tão bom quanto qualquer outro, e me estendi no sofá.

— Pode nos dizer à hora em que se deram cada uma dessas coisas; nem que seja aproximadamente?

— Não.

— Disse o senhor em sua declaração à polícia... Onde estamos? "Não creio que nesse momento eu tenha pego logo no sono. Enquanto estive ali deitado..." etc, etc, daí passando a narrar a aparição de um vulto uniformizado. Tem certeza de que não adormeceu logo?

— Não, não tenho.

— O que estou tentando estabelecer é o seguinte — insistiu o Dr. Fell,

com um pernóstico que perturbava Hadley. Parecia acentuar cada palavra com um ofego: —

Teve consciência de algum intervalo decorrido entre o momento em que se deitou no sofá e a ocasião em que percebeu o vulto?

— Não sei — grunhiu o preso, massageando as veias do dorso da mão.
— Não está vendo que já passei por isso umas cem vezes? Penso que houve um intervalo, realmente. Em que notei algo com relação à luz... À luz da lua. Mas não sei bem o quê.

— Nesse ponto, indagou ele à queima-roupa: — Por falar nisso, o senhor é advogado?

O Dr. Fell certamente falava como se o fosse, muito embora em qualquer outro momento ele repudiasse com ênfase aquela sugestão.

— Estava então numa espécie de semi-consciência?

— Sim; esse é um modo delicado de dizê-lo.

— Recorda-se de ter ouvido algum som... De alguém que se locomovesse ou coisa assim, enquanto estive lá deitado?

— Não.

— Nesse caso, que foi que o despertou? Alguma coisa deve ter lhe chamado a

atenção.

— Acho que sim — admitiu o outro, pouco convicto. — Tenho a leve impressão de que seria alguém falando, ou quem sabe sussurrando. Mas não sei nada mais sobre isso.

— Ouça. Vou reler uma parte do seu depoimento.

"Eu o descreveria como um homem de altura média, trajando um uniforme como os que a gente vê nos grandes hotéis como o Royal Scarlet ou o Royal Purple. Era azul-escuro; a túnica era longa e tinha botões semelhantes à prata ou bronze; não se pode nunca ter certeza das cores à luz da lua. Acho que tinha uma listra em roda dos punhos, vermelho-escura. Ele carregava uma espécie de bandeja, e a princípio vi que estava parado no canto, sem se mover.

"Pergunta: E o rosto dele?"

"Não pude ver o rosto dele, porque acho que havia muita sombra, ou um buraco ou coisa assim, no lugar dos olhos."

O Dr. Fell baixou a folha. Em meio à luz e ao calor de uma cidade, num hotel forrado de tapetes macios, tal figura pareceria apenas fantástica. Ali no campo começava a assumir um aspecto totalmente diverso. Kent, que antes não se detivera muito naquela descrição de rosto, teve uma sensação muito próxima da que sentira quando viu o corpo morto de Jenny pela primeira vez.

— Tem algo a acrescentar a isso, Mr. Bellows?

— Não. Lamento.

— Seria capaz de reconhecer o rosto, se o visse de novo?

— Não; não creio. Parece que era um rosto gorducho; ou a penumbra ou outra coisa qualquer me deu essa impressão. Homem — bradou o presidiário quando, para grande embaraço de todos, lágrimas nervosas lhe afluíram aos olhos —, que pensa que eu sou? Eu não estava nem mesmo em condições de vê-lo. Se eu não fosse, como dizem, um observador dotado de olho fotográfico, decerto não teria visto coisa alguma... E pode bem ser que eu estivesse completamente fora de foco.

— Ora, acalme-se! — exortou o Dr. Fell, algo perturbado. Ofegava violentamente.

— O senhor fez aqui uma referência ao Quarto Azul. É o quarto em que Mr. Kent foi morto?

— Assim me disseram.

— E não chegou a entrar nele?

— Sei de tudo sobre as impressões digitais — respondeu Bellows, já agora mais tranqüilo; — ou sobre aquilo que dizem serem minhas impressões digitais. Apesar de tudo, não creio honestamente que tenha entrado lá, *nem* mesmo embriagado. Desde os meus tempos de criança, não gosto daquele quarto. Pertencia ao meu avô; essa a razão de toda aquela mobília antiquada, de que dispus juntamente com a casa: e, para me manter bem comportado, na minha infância, meu pai transformou o velho, para mim,

numa espécie de bicho-papão.

— Mais uma coisa, Mr. Bellowes. Recorda-se dessa bandeja ou salva?

— Lembro que a vi.

— Havia alguma coisa nela? — perguntou o doutor, inclinando-se para diante.

— Na bandeja?

— Sim. Pense! Objetos vários e miúdos são postos em sua frente, e o senhor se recorda de todos. É o seu dom. Precisa usá-lo agora. Havia alguma coisa naquela bandeja?

Ritchie Bellowes ergueu a mão e esfregou a testa; olhava fixamente para a revista no chão; mudou a posição dos pés, e nada aconteceu.

— Lamento — desculpou-se ele pela décima vez. — Não. Talvez houvesse. Não me lembro.

— Muito grato — disse o Dr. Fell, com um tom de desânimo. — E só isso.

Mas sabia que ainda não tinha terminado. Quando já estavam de saída, ele resolveu voltar e fazer mais uma pergunta a Bellowes. Fosse ela qual fosse, o prisioneiro pareceu responder com uma negativa categórica, o que, de certo modo, pareceu alegrar o doutor. Durante essa entrevista, Hadley só a custo conseguiu manter-se em silêncio. Quando, porém, voltavam para Northfield, ele disse:

— Está bem; fale logo. Já fiz quase a mesma pergunta anteriormente. O que é que estava sendo carregado na bandeja? A cabeça de alguém?

— Sim — respondeu o Dr. Fell, aparentando muita seriedade. — A minha. Uma cabeça enorme, e orelhuda também. É que só a noite passada eu compreendi a finalidade ou o significado dessa bandeja. Parecia um verdadeiro problema; e, não obstante, é muito simples. Devo estar ficando velho.

— Ótimo — disse Hadley. — Quero dizer, ainda bem que descobriu isso com tanta facilidade. Eu confesso que até agora me escapa. Mas isso não é o ponto principal.

Você não vai conseguir me desviar da sólida informação que obtive da África do Sul.

Andou me bombardeando com um monte de pontos "sugestivos" na

noite de ontem; como por exemplo a sua nova idéia de que alguém teria convidado Bellows a comparecer à casa, no começo da noite do crime. Em que é que deu essa teoria?

O Dr. Fell fez uma elegante concessão:

— Eu a retiro na forma em que foi apresentada. E também chamo sua atenção...

— Mais pontos sugestivos?

— Você não encontrou nenhum?

— Assim que ouvi toda essa palhaçada — vociferou Hadley —, comecei a entreter a idéia (sim, admito isso) de que você talvez estivesse na pista certa. Mas, ainda assim, não me agradou. Qualquer dia desses, meu velho, você vai levar um tombo, e será o maior tombo da história. Por que quer você o grupo todo aqui de novo? Se

queria ver a casa, não podia fazer isso sem trazê-los para cá de novo? Quando estavam em Londres eu tinha ao menos o palpite de poder vigiá-los. Mas em Northfield não experimento nenhuma sensação tão confortável.

Por um instante o Dr. Fell não retrucou. O carro em que estavam contornou o gramado de Northfield e deslizou por uma estrada de cascalho junto à igreja: uma via polvilhada de neve com a mesma leveza com que se polvilham impressões digitais. Ao fim de um suave declive a sebe fazia uma curva, abrindo para os jardins da Quatro Portas. A casa era naquele estilo de arquitetura em moda no tempo da Rainha Ana, o qual parece ser ao mesmo tempo maciço e denso, como se o projetista tentasse abrir um número excessivo de janelas em arco nas reentrâncias das paredes. Os tijolos tinham uma coloração suja; a porta da frente, pintada de branco à semelhança dos paramentos das janelas, era um retângulo idêntico ao da planta da casa; e à sua fachada se aglutinavam glicínias mortas. Um jardimzinho abrupto, orlado de erva e com um relógio de sol numa pequena trilha ladrilhada, ao centro, também lhe ficava fronteiro. O grupo que viera de Londres tinha evidentemente acabado de chegar da estação: um grande sedã preto, com pontas de correias pendentes do gradil de bagagem, estava estacionado na estrada. Por trás da casa avistavam-se a encosta de uma colina e um grande olmo contra o céu. Uma lufada de vento proveniente do leste trouxe-lhes distintamente o som da igreja dando o meio-dia.

Contemplaram-na durante alguns instantes, enquanto o vento

ramalhava nos arbustos e fazia turbilhonar a neve em roda do relógio de sol.

— Entende o que eu quero dizer? — perguntou Hadley.

— Não entendo o que você quer dizer — respondeu o Dr. Fell. — Quer ter a fineza de aceitar a minha palavra de que não há perigo absolutamente nenhum?

Sir Gyles abriu-lhes a porta da casa, antes mesmo de frearem o carro, e deteve-se na soleira, tiritando como à beira de uma piscina, atitude com que muitos anfitriões costumam dar as boas-vindas a seus hóspedes ou despedi-los. Ainda parecia interessado; exibia o mesmo sorriso e tinha as mãos nas costas, como quem medita.

Entretanto, sua gravata, sempre muito correta, estava em desalinho, quando ele os saudou com alguma gravidade.

— Entrem, senhores. Estava pensando se ainda demorariam. Faz só uma hora que chegamos, mas apesar disso já aconteceram coisas. O ar do campo, ao que parece, tem efeitos muito curiosos.

Hadley estacou a porta.

— Não, não — assegurou-lhe o hospedeiro, assumindo uma expressão divertida que o encheu ainda mais de rugas.

— Não é nada do que possam estar pensando; nada sério. Eu quis dizer que o ar do campo parece provocar certo senso de humor na gente. Mas um humor raro e pervertido, e — Sir Gyles olhava, por cima do ombro, para um vestíbulo tépido e confortável — não posso dizer que o aprecie.

— Que aconteceu?

Gay tornou a olhar por cima do ombro; mas não fez menção de entrar.

— Lembram que eu disse ontem que aqui praticamos todo tipo de jogos de salão, inclusive o de espetar rabos de papel em burros de papel?

— Sim; e daí? — falou o Dr. Fell.

— Eu não soube, quando o senhor nos pediu que viéssemos todos para cá, se queria que ficássemos aqui só um dia ou mais. Por via das dúvidas, reservei quartos para os senhores, para o caso de que me

honrassem com uma visita.

— E olhava para o Dr. Fell. — É com relação ao quarto que pus à sua disposição, doutor. Na última meia hora alguém teve a idéia altamente humorística de prender um rabo de papel na porta de seu quarto.

Eles se entreolharam, mas ninguém se divertiu com aquilo.

— Mas não é só isso — prosseguia Gay, esticando o pescoço e olhando para cada ângulo da porta. — O humorista foi mais longe. Num lugar cuidadosamente escolhido (em que certamente seria logo encontrado) descobri isto.

Retirou as mãos das costas e estendeu para eles um pedaço de papel duro. Era o retrato de um grupo de pessoas, com cerca de oito por dez polegadas, batido por algum desses fotógrafos profissionais com ponto em logradouros públicos, que após tirar-nos o retrato nos convencem a comprá-lo. Kent logo reconheceu no cenário o interior de um parque de diversões do Luna Park, ao largo de Durban. Recordava-se do trecho visível de uma barraca de limonada, junto a uma vitrina. A foto fora tirada do alto da ampla plataforma de uma dessas grandes rampas ou escorregadores que nos embrenham na obscuridade. Todos os membros do grupo de Dan apareciam no alto da rampa, a maioria tinha rostos sorridentes voltados para a câmara, com exceção de Melitta, que sustentava uma pose cheia de dignidade, e de Francine, que se diria entediada. Alguém, que não podia ser identificado dado que o corpo de Dan lhe encobria o rosto, parecia sentado na borda da prancha fazendo um gesto brusco de protesto.

— Agora olhem no verso — disse-lhes Gay, virando a foto.

Havia algo em letras de forma, escritas a mão, e lembrava em tudo o aviso que tinham visto no hotel. Fora escrito com tinta vermelha e rezava:

"AINDA FALTA ALGUÉM".

XIV

Tinta Vermelha

— Divertido, não? — comentou Gay. — Quase morri de rir quando o encontrei.

Mas é melhor entrarmos.

A Quatro Portas, com seu aquecimento central, proporcionava-lhes uma temperatura tão amena quanto a que tinham deixado no hotel. Gay conduziu-os por um confortável vestíbulo para uma sala em que uma lareira tinha sido desnecessariamente acesa. Embora a casa fosse de construção sólida, com bandeiras semicirculares encimando portas com pilares, e com tetos circundados de madeira, o certo é que Gay a mobiliara de modo a proporcionar real conforto. Não se podia ouvir nem ver ninguém mais em torno. Ainda assim, Gay houve por bem fechar as portas.

— Onde encontrou isto? — perguntou Hadley em voz baixa.

— Ah, isto é só outro exemplo de humor sutil — tornou o dono da casa. — Tendo ido ao banheiro para me lavar, estendi depois o braço para apanhar a toalha e, de dentro dela, caiu isto.

— Quando se deu isso?

— Não faz dez minutos. Aliás, de uma coisa estou, certo. Quando chegamos aqui, às onze horas, ainda não havia nada nas toalhas. Como sabem, mantenho aqui uma cozinheira e duas outras criadas. Quando chegamos, Letty tinha acabado de arrumar o banheiro e de trocar as toalhas. Conseqüentemente...

— Quem mais sabe disso além do senhor?

— Só o humorista que o colocou lá. Espero que não pensem que eu cometeria a indiscrição de dizer alguma coisa a Letty. Também retirei da porta a cauda de burro antes (espero eu) que alguém mais a visse. Não sei quando a puseram lá. Só a notei quando saía do banheiro, atento ao princípio de que um gracejo nunca vem só.

— Compreendo. E o que acha que isto significa?

— Meu caro amigo — respondeu Gay, erguendo-se e olhando Hadley nos olhos

—, deve saber muito bem o que eu acho que isto significa. Aprecio bons crimes em abstrato; mas não gosto de funerais. Isto precisa acabar. — Teve um instante de hesitação, após o qual a expressão de seu rosto se alterou e ele se dirigiu para Kent com gravidade extrema, dizendo-lhe: — Desculpe.

— Claro — respondeu Kent, que gostava dele; — mas por quê?

— Porque eu me vi mais do que inclinado a suspeitar do senhor.

Humm... Estava com o Dr. Fell e o superintendente? Entre onze e doze horas?

— Sim. Estivemos no posto de polícia. Mas por que suspeitou de mim?

— Ué! Francamente — tornou Gay, com ar de sinceridade —, porque o seu

aparecimento no hotel, ontem, me pareceu bom demais para ser verdade. Também porque tenho ouvido um persistente rumor de que o senhor andou muito interessado em Mrs. Josephine Kent...

— Isso pode esperar — vociferou Hadley, que se voltou para o Dr. Fell e estendeu-lhe a fotografia. — Então você me dá a sua palavra de que não há nenhum perigo, não é? E como explica isto?

O doutor levou o chapéu ao sovaco e apoiou a bengala numa perna. Tendo ajustado o *pince-nez*, estudou a foto com um ar vagamente perturbado.

— Não me importo com a cauda de burro — disse ele.

— Na verdade, o autor da pilhéria até que foi moderado. Há ocasiões em que me sinto merecedor do mesmo fim de Botton e Tecelão. Mas esta, honestamente, não é uma delas. Por outro lado, isto representa uma complicação que positivamente não me agrada. Alguém começa a apavorar-se.

— E, dizendo isto, olhou para Gay. — A quem pertence esta foto? Já a tinha visto antes?

— Já; é minha. Isto é, não sei se está a par da paixão de Reaper por fazer-se fotografar. Ele me remeteu uma porção de fotos mostrando seus amigos ora sobre esquis aquáticos, ora segurando canecos de cerveja, e assim por diante.

— Aham, não diga! Onde a viu pela última vez?

— Creio que na escrivaninha do meu gabinete, junto com as outras.

— E, além do mais, isto aqui não é tinta comum — prosseguiu o Dr. Fell, passando a unha sobre a superfície espessa e irregular da inscrição no dorso do retrato. — É

viscosa demais. Até parece...

— Tinta para desenho. Não é outra coisa — esclareceu Gay. —

Venham comigo, por favor.

Parecia muito mais hirto que na véspera; ainda conservava o mesmo sorriso estranho. Como resultado de um impulso, ele os conduziu a outra porta de folha dupla ao fim do aposento em que estavam, e os fez passar para um cômodo arranjado como para servir de gabinete de trabalho, mais ao fundo da casa. As janelas davam para um jardim que o vento vergastava; mais além se viam um portão aberto num muro de tijolos e os olmos do cemitério. O gabinete era animado pelo fogo que ardia na lareira. Era bastante convencional, como sua estante de livros encimada por alguns bustos; tinha, ademais, uma escadinha interna que subia junto à parede do fundo: seria mais antiquado que propriamente antigo. Sir Gyles relanceou os olhos sobre a escada, antes de indicar uma escrivaninha de tampo roliço, aberta.

— Aí há quatro ou cinco vidros de tinta para desenho. De várias cores. Quase nunca as uso — acrescentou depois. — É que para mim os invernos custam a passar; e, certa feita, durante um inverno, fiz da arquitetura o meu passatempo. Pela aparência da escrita, eu diria que a pena usada foi esta.

E destampou um vidro de tinta preta. Presa à tampa, por dentro, havia uma ponta

para desenhar; coisa, aliás, comum em tais tinteiros. Kent não gostou da expressão que agora via no rosto de Gay.

— Acho que já adivinham para onde conduz essa escada, não é mesmo? A porta que estão vendo ali no alto, ao fim da escada, fica bem junto à porta do banheiro. O

nosso humorista, esse astuto indivíduo, pode simplesmente ter descido até aqui, escrito aquilo na fotografia, como uma criança o faria num muro, e tornado a subir levando-a consigo.

Pela primeira vez, Hadley mostrava-se indeciso. Evidentemente, ele também não gostava nada daquilo. Uma atmosfera de tensão pesava no recinto desde o instante em que tinham entrado na casa. Estudava Gay com muita curiosidade.

— O senhor costuma conservar essa escrivaninha trancada a chave?

— Não; para quê? Não há nada de valor nela. Mesmo o tampo roliço quase sempre fica erguido, como agora.

— Mas onde estão as fotos? — indagou o Dr. Fell. — Fiz uma longa

viagem só para vê-las.

Gay voltou-se abruptamente para ele:

— Hem? Como disse?

— Disse que viajei muito para ver essas fotos. Onde estão?

Sir Gyles apalpou o bolso das calças; depois encolheu os ombros e puxou uma gaveta, do lado direito do móvel.

— Creio que não pagou a pena — disse ele, com um sorriso forçado.

— Há bem pouco para... Oh, céus!

E Sir Gyles recuou rapidamente a mão. As gotas que lhe caíam dos dedos não eram de sangue, embora parecessem. Eram de tinta vermelha. Aproximando-se, os outros verificaram que o interior da gaveta era o que o Dr. Fell descreveu literalmente como uma mixórdia vermelha. Houvera fotografias ali; algumas avulsas, de todos os tamanhos, e outras que obviamente tinham sido tiradas ou de Gay ou por Gay, e reunidas em álbum. Todas estavam agora picadas em pedaços e sobre elas é que se tinha vertido talvez meio frasco de tinta vermelha para desenho.

O Dr. Fell lançou um gemido. Sir Gyles Gay é que não lançou gemido algum. De pé, com a mão aberta, que limpava com um lenço, começou a rogar pragas.

Praguejava com alinho, frieza de tom e autoridade: uma nova faceta da personalidade; um novo emprego para aqueles dentes marmóreos. Imprecou em inglês, africânder e no dialeto dos cafres algo que faria arrepiar um moço de estrebaria ou tremer todo um departamento do governo: todavia, Kent não pôde deixar de sentir já ter ouvido aquele mesmo tom de voz num campo de golfe, quando alguém acabava de perder, pela sexta vez, um arremesso fácil. Kent lhe viu as veias do pescoço.

— Espero — prosseguiu Gay, no mesmo tom — ser tido por bom anfitrião. Gosto de meus convidados. Tenho apreciado a companhia de todos imensamente. Mas, isto.

Por Deus! É demais. A tinta ainda está se espalhando pela gaveta. Não deve fazer

muito mais de meia hora que foi despejada. E onde estão os meus convidados agora?

Pois eu lhes digo. Sem a menor dúvida, cada um deles está no seu aposento. E é claro, também, que nenhum saiu do quarto: exatamente como das outras vezes. Todos lindamente quietos em seus lugares; podem apostar nisso. O Dr. Fell cocava o queixo.

— Importa-se de que eu diga — observou ele — que o senhor é um tipo bastante singular?

— Agradeço-lhe muitíssimo.

— Falei sério. Quando alguém comete um homicídio dentro da sua casa, o senhor se mostra prestativo, filosófico e tudo mais. É um enigma para recrear o intelecto.

Estimula-o. Mas fica fora de si quando alguém lhe prega uma peça tola emporcalhando-lhe as mãos. Pouco se lhe dá um estrangulamento; mas não tolera que o façam de tolo.

— Ora, posso bem entender que alguém pratique um assassinato — retrucou Gay, arregalando os olhos. — Mas não isto!

— Quer dizer que em sua opinião isto não tem nenhum significado?

— Ah, não estou qualificado para julgar isto. Mas quero saber o que andou acontecendo. Até aqui "alguém" vinha se limitando a praticar suas tolas rabiscaduras durante as noites. Agora esse (ou essa) humorista sai por aí em plena luz do dia a fazer das suas. Pipocas! — destemperou Sir Gyles.

Agora, sem se importar com a confusão da gaveta, começou a remexer-lhe dentro.

Com manifesto alívio extraiu-lhe um livro de cheques, encadernado em couro, do Capital Counties Bank; por milagre não estava manchado. Pegando-o com as pontas dos dedos, colocou-o em cima da escrivaninha. Depois extraiu uma pequena bolsa de couro, do tipo que a gente do campo usa para carregar trocados, e abriu-a.

— Temos novidades — proclamou ele noutro tom, natural desta vez. — Está faltando algum dinheiro aqui.

— Dinheiro? — exclamou Hadley. — Pensei tê-lo ouvido dizer que não guardava valores aí.

— É verdade, superintendente; não guardo mesmo. Tudo o que essa bolsa continha eram umas moedas de prata que eu conservava à mão

para o caso de ter que pagar algum frete, dar gorjeta e coisas assim. Nunca houve mais que uma libra aqui.

— Quanto falta?

— Doze xelins, suponho — respondeu Gay prontamente. — Será outra dessas brincadeiras sutis?

Hadley inspirou fundo e examinou o cômodo, com uma sede de vingança comparável à do próprio Gay. Com a mão envolta num lenço, extraiu o vidro de tinta vermelha. Realmente, tinham-no usado para empapar a gaveta; estava quase vazio.

— Sim — rosnou ele —, sim; tomo precauções com respeito a impressões digitais sempre que estou na pista de um gozador. Lembro-me de uma ocasião, Fell, no caso Mad Hatter, em que a solução de uma paspalhice desvendou um homicídio. — Hadley

fez uma pausa e acalmou-se. Depois disse: — Já vamos resolver isto. Alguém, por obséquio... O senhor — disse, dirigindo-se a Kent; — quer, por favor, reunir os outros hóspedes? Não, não quero que mande nenhuma criada, Sir Gyles; quero todas as criadas aqui neste momento, se me faz o favor de chamá-las. Vamos começar por elas. Se o senhor mantém duas criadas, não vejo por que uma delas não pudesse ter feito isto às escondidas. — E acrescentou sombriamente para Kent: — Sim. Pode dizer a eles o que quiser; isso não faz a mínima diferença.

Kent galgou a escada interna que levava para o corredor do outro pavimento; fizera-o às pressas, pois não queria ter tempo para pensar. A Quatro Portas, de acordo com a planta de seu (suposto) período, era uma edificação oblonga. E ele não teve dificuldade em achar três dentre as quatro pessoas que procurava. Francine, Dan e Melitta, que estavam juntos, numa espécie de antro de cuja enorme janela a sacada se debruçava sobre a porta principal. Estavam em torno do gás, murmurando queixas.

Dan saudou-o, irritado.

— Que bela espécie de amigo me sai você! A noite passada foi passear aí com a garota... Bem, compreende-se. Mas, hoje de manhã, você se levanta e sai com a polícia...!

Estava de volta à atmosfera familiar.

— Saí com a polícia — explicou Kent — com o beneplácito do Dr. Fell

e porque eu queria ver se descobria algo que nos ajudasse a sair desse rolo. E há muito mais para dizer agora. — E olhou em torno; a ausência de Wrayburn era visível. — Onde está Harvey?

A intuição de Dan era alguma coisa de desconcertante; mais notável, talvez, que a de Melitta. Estivera sentado, os cotovelos afastados do corpo, e as mãos sobre os joelhos; levantava-se agora, como quem erguesse um grande peso. De um lado dele estava Melitta, muito contrafeita em seu vestido Chanel. Do outro, Francine, com o cigarro entre os dedos, parecia convenientemente atenciosa. Sempre os recordou, depois, tais como estavam naquele momento, por causa da atmosfera familiar que parecia associar aquele lugarejo às aldeias coloridas de Parktown. O que acontecera naquela manhã tinha sido algo como uma pequena diferença doméstica que depois degenerasse: um conflito de vontades ou uma péssima piada, como o violar o barzinho de alguém ou equilibrar um balde de água em cima da porta. E o pior é que tinha sido real. Podia acontecer... Numa escala que acabasse em assassinato. E Dan sabia disso. Estava tão próximo do fogo que se podia sentir o cheiro de lã chamuscada.

— Harvey? — falou Dan. — Foi até a taverna comprar cigarros. Que há?

— Alguém andou fazendo gracinhas — começou Kent, e calou-se. Não seria bem isso, apesar de todo o esforço em fazer graça que transparecia nas práticas levadas a cabo naquela manhã. — Há quanto tempo vocês estão reunidos aqui em cima?

— Eu e Mel acabamos de chegar. Francine já estava aqui quando chegamos. Que houve?

Kent contou-lhes.

O modo como o ouviram podia ou não ser considerado curioso. Permaneceram tranquilos. Estariam naquele estado de espírito com que Melitta exclamaria "Que férias!" quando, depois de terem alugado quartos à beira-mar, lhes chovesse em cima regularmente durante duas semanas. Só bem depois é que algo pareceu despertar Dan.

— Nunca ouvi nada mais besta em toda a vida — comentou ele, como a procurar o responsável nos recantos do aposento. — Deixe ver se entendi bem: alguém pega essa fotografia, escreve alguma coisa no verso e a enfia no meio das toalhas. Pica todas as outras fotos, amontoa os pedaços e deita tinta vermelha em cima. Depois furta doze xel... Ora, espere aí! Por que furtar o dinheiro?

— Puxa, você pegou! — disse Kent. Compreendia, por fim, o que havia de errado naquilo. — Bem senti eu que alguma coisa não cheirava bem nisso; e você descobriu o que é. O dinheiro. O resto pode se explicar como um ato de humor perverso ou podia até mesmo ter uma explicação lógica; creio mesmo que posso imaginar uma. Mas isso do furto não se encaixa.

— Talvez uma coisa não tenha nada a ver com a outra

— ponderou Dan. — Pode ser que uma empregada pegasse o dinheiro, ou coisa assim...

— Jenny não tinha nenhuma, você sabe — interveio Melitta.

— Nenhuma o quê?

— Nenhuma moeda de prata ou cobre; nenhum trocado de qualquer espécie —

respondeu ela obedientemente.

— Na bolsa com que tinha ido para o hotel. Sei disso porque me pediram para vasculhar as coisas dela.

De fato, Kent lembrava-se de ter anotado aquilo em seu caderno de apontamentos.

Então Melitta, cujo belo nariz aquela manhã se apresentava rosado, tomou impulso.

— Agora não me venham dizer que eu não sei o que digo. Eu bem que achei isso estranho; e até comentei o caso com Mr. Hadley. Porque todo mundo que viaja costuma conservar alguns trocados à mão, e eu estou certa de que Jenny sempre fez assim. Quando notei que a bolsa dela estava sem moedas, imaginei que alguém as tivesse tirado; embora, é claro, eu soubesse que não seria conveniente dizer nada.

— Mas ela possuía trinta libras em notas, que nem foram tocadas.

— Não diga, querido! Mas como é que você sabe?

— Porque ficaram sob a minha guarda — respondeu Dan, sombrio. Não notara, evidentemente, nenhuma insinuação. — Alguém precisa assumir as responsabilidades no grupo. Sou eu quem depois arruma tudo. Pois bem, sou o executor; mas quero ver um fim posto nessa tolice. Você está querendo dizer que há alguém que costuma andar

por aí roubando moedinhas de prata e cobre e desprezando notas graúdas?!

— Estou certa de que não sei, querido — respondeu Melitta com furiosa placidez

enquanto alisava o vestido. — Como dizia meu avô...

Dan baixou a cabeça por alguns instantes.

— Mel — irrompeu ele —, há uma coisa que eu quero lhe dizer. E não leve a mal que eu o faça agora. Sou seu marido. Gosto mais de você que de qualquer pessoa no mundo. Mas pare com essa mania! O que eu desejo dizer é isto. Quero que o seu avô se dane, juntamente com o seu tio Lionel, sua tia Hester, a sua tia Harriet, o seu primo não-sei-qual, e todo o seu tesouro de sabedoria. Nunca houve alguém tão atormentado por parentes quanto eu; e cada um deles já está individualmente morto!

— Calma! — exortou Kent, quando Dan se punha a caminhar empertigado em direção da janela. — Esse negócio mexeu com os nervos de todos nós.

— Deve ser isso — admitiu Dan. — Desculpe, Mel. Daria qualquer coisa que possuo só para ouvi-la rir de novo. Bem, que devemos fazer agora?

— Se puderem demonstrar, para o governo de Hadley, por onde andaram desde as onze horas, quando chegaram aqui, até, digamos, doze menos um quarto...

— Na biblioteca — respondeu Dan prontamente. — Estava folheando aí uns livros, imaginando onde estaria todo mundo e por que afinal estamos aqui.

— Você se refere ao gabinete de Gay?

— Não, não; à biblioteca do outro lado da casa.

— E diz que Harvey saiu para comprar cigarros? Quando?

— Assim que chegamos. Voltou com o chofer que nos trouxe. E, desse modo, está livre de suspeitas... Outra vez.

Ambos olharam para Francine, que até ali se mantivera calada.

— Espero, Chris — começou ela, sorrindo para o fogo —, que não

esteja suspeitando de mim. Contei a eles toda a sua grave tese contra Hardwick; assim, imagino que ninguém esteja seguro.

— Não foi isso que eu quis dizer. — O que ele quisera dizer era que não tinha conseguido corrigir o ocorrido na noite da véspera, quando conversaram intimamente até que o mau humor de Francine se erguesse como uma barreira entre ambos. Mas isso não vinha ao caso. — A polícia deseja interrogá-la daqui a mais ou menos um minuto...

— Não diga! Estive aqui em cima, entre o meu velho quarto e este aqui. Nem cheguei a descer as escadas.

— E Melitta?

— Eu estava tomando banho. Houve um silêncio repentino.

— Você estava tomando banho? — repetiu Dan. — Ao que parece, você sempre está tomando banhos quando essas coisas acontecem! Aonde? Digo, onde?

E desta vez ela realmente riu; uma gargalhada franca e familiar.

— Ora essa, querido; só há um lugar onde eu costumo fazer isso. Apesar de eu saber e me lembrar de que, quando nos casamos, você costumava tomar os seus numa tina onde quase afogava o papagaio cada vez que o fazia. Eu estava no banheiro, é claro. Você nos fez levantar tão cedo lá no hotel. Chamei a criada... Letty ou Alice; acho que era Letty... E ela preparou a água para mim. Foi logo que chegamos.

"Sei disso porque ela acabava justamente de arrumar o banheiro e de trocar as toalhas quando eu pedi que me preparasse o banho."

— Então... — começou Kent. — Quanto tempo você levou no banheiro?

— Receio que bem mais de três quartos de hora — respondeu ela; e explicou enrugando a testa: — Renovei a água quente duas vezes. Nisso ouvi aquele belo relógio da igreja dar a meia hora, depois das onze, e em seguida o quarto de hora, antes de eu sair da banheira...

— Chegou a usar as toalhas?

— Essa é a maior! Claro que usei as toalhas. Duas delas. E garanto que a tal foto não estava lá.

Então Kent explicou, sem pressa:

— Nós chegamos aqui ao meio-dia, segundo o relógio da igreja; nós o ouvimos soar. Gay encontrou-nos na porta, já com a fotografia. Falou que a tinha encontrado no banheiro...

— É verdade que vocês chegaram ao meio-dia — irrompeu Francine.

— Eu estava sentada aqui em cima, junto à janela, e observei vocês; vi que ele estava lá parado, segurando a foto nas costas. Mas eu é que não ia descer para perguntar nada. Não quis que me mandassem tratar da minha própria vida.

— Esperem! — tornou ele, como hipnotizado. — Gay disse que a tinha encontrado no banheiro fazia dez minutos, ou, para usar as palavras dele, "ainda não fazia dez minutos".

— Bem — disse Melitta, tornando a alisar o vestido —, estou certa de que não pretendo dizer nada contra o caráter de ninguém, mas você deve se lembrar, Chris, e você também, Dan, de que eu bem os preveni. Claro que ele pode tê-la encontrado lá, mas eu realmente não vejo como. Porque só me ergui da banheira quando ouvi o relógio dar o quarto de hora: foi isto justamente o que me fez sair, percebo agora; então eu me enxuguei, tornei a arrumar o banheiro e abri a parte superior da janela para deixar sair o vapor, e, realmente, apenas me vesti, como estão vendo.

O rosto de Dan mudou de cor.

— Então acha que ele próprio escreveu aquilo na foto?

— O que eu acho — declarou Kent com firmeza — é que é melhor descermos logo, antes que eles comecem a pensar que estamos combinando os detalhes de uma boa história para contar-lhes. Há qualquer coisa muito estranha em tudo o que houve hoje de manhã. O comportamento de Gay foi esquisito. E o de Hadley não ficou atrás.

Ele tem alguma coisa em mente. Não fez a menor objeção a que eu viesse aqui e lhes

contasse tudo. Na verdade, praticamente me enviou para fazer exatamente isso. E eu a pensar que ele talvez preferisse contar-lhes a coisa de surpresa para estudar o efeito!

Digo que alguma coisa está acontecendo sob a superfície, e gostaria de saber o que é.

Dois minutos depois ele descobriu.

XV

O Duelo

Foi a voz de Hadley o que o fez parar com a mão na maçaneta da porta. Não falava alto; tinha o tom frio de alguém que negociasse os termos de uma transação; Kent nunca o ouvira falar daquele modo.

A porta, no alto da escada interna que conduzia para o gabinete de Gay, estava umas duas ou três polegadas aberta. Poderia vê-los por cima, com uma inclinação do corpo; uma cena como de teatro, porém próxima o bastante para poder enxergar cada contração de rosto ou movimento de olhos. Viu o tapete escuro estendido embaixo, seu antigo desenho com motivos florais esmaecido. Atrás do lustre despontava a cabeça do Superintendente Hadley. Este estava sentado junto à lareira, com o rosto voltado para fora, de costas para o seu observador secreto. À sua frente sentava-se Sir Gyles Gay, com as mãos erguidas e os dedos parcialmente entrecruzados: dir-se-ia um homem de negócios atento a uma proposta comercial. O claro do fogo dava em cheio sobre a face de Gay, ressaltando-lhe a expressão de vivacidade. Não se via sinal da presença do Dr. Fell. Fora, o vento vinha apertar ainda mais o frio da tarde invernal, trazendo após si o aroma de refeição recém-preparada.

— ...e, já que estamos sozinhos — dizia Hadley —, sinto-me inclinado a contar-lhe um pouco do que sei.

Não foi necessário o gesto brusco de Kent para frear e silenciar os três que o seguiam. Todos pararam e se puseram a ouvir.

Gay acolheu a proposta com um gesto de assentimento.

— Ouviu a declaração de sua criada Alice Weymiss? Gay repetiu o gesto anterior.

— Ouviu-a dizer que o senhor sempre conserva trancada a chave aquela gaveta da escrivaninha, em que estavam as fotos?

— Ouvi.

— E não é verdade?

— Ora, superintendente, escapa aos deveres de Alice o saber quais gavetas são e quais não são habitualmente trancadas. E se ela o sabe,

isto decerto a torna indigna de confiança. Como bem pode ver, a gaveta não está trancada agora.

Hadley inclinou-se para frente.

— Tem a chave dessa gaveta, Sir Gyles?

— Creio que sim; por aí, em algum canto.

— Estaria no bolso direito de sua calça, neste instante?

Gay não respondeu sim nem não; apenas aguardou alguns instantes e abanou

levemente a cabeça, como a responder a uma pergunta inconseqüente.

— Ouviu também o que disse a outra criada, chamada Letty King? Afirma ela que preparou o banho para Mrs. Reaper pouco depois das onze; que Mrs. Reaper permaneceu no banheiro até as doze menos cinco, e que sabe disso porque ficou de olho no banheiro para o caso de precisar tornar a limpá-lo e arrumá-lo depois.

Isso pareceu intrigar o dono da casa.

— Naturalmente. Não nego nada disso. Quando eu disse que tinha encontrado a foto no banheiro, "dez minutos antes", talvez devesse primeiro consultar o relógio.

Talvez fossem cinco. Mas não consultei. Apenas desci e procurei saber de Letty se, quando ela trocara as toalhas, a foto já estava lá.

— Logo, em sua opinião foi Mrs. Reaper que colocou lá o retrato?

— Ora vamos! — contraveio Gay, levemente desapontado. — Essa não é minha opinião, de modo algum. Não sei quem possa ter feito isso; quisera saber. Ninguém levaria mais de alguns segundos para fazê-lo, e, se assim prefere, podem tê-lo feito depois que Mrs. Reaper saiu do banheiro, ou em qualquer outra ocasião.

Depois de uma pausa, a voz de Hadley assumiu um tom que parecia trair certo divertimento; coisa nada agradável de se ouvir, é certo.

— Sir Gyles, será que pensa que todos nós somos cegos? Acaso imagina que estivemos cegos desde o começo disto? Tenho instruções para não molestá-lo mais do que o necessário. Deve saber que está sendo tratado com muita brandura. De modo que hesitei em levantar a questão enquanto não tivesse matéria suficiente para molestá-lo em

regra. Entretanto, depois do que declarou esta manhã, não me sobra alternativa. A verdade verdadeira é que o senhor andou nos pregando um punhado de mentiras.

— Desde quando? — perguntou o outro, com interesse.

— Desde ontem. Mas começemos com o dia de hoje. A história da cauda de burro encontrada na porta de Fell foi péssima. Não devia usar floreios desse tipo. Chegou a contar a algum dos hóspedes sua intenção de fazer que eu e Fell pernoitássemos aqui?

Melhor pensar antes de responder; olhe que eles se lembrarão.

— Não; suponho que não o fiz.

— Claro que não! E nessas condições é de se presumir que nenhum deles estivesse a par nem mesmo da vinda de Fell, quanto mais do quarto que lhe estaria

"reservado"! Não acha?

Certo é que a testa de Gay enrubesceu, mas ele se manteve impassível, e continuou falando como quem trata de negócios.

— Parece-me — respondeu sem hesitar — que a sua vinda e a do Dr. Fell já era um fato consabido. Esta casa, como não ignora, tem oito quartos. Os outros hóspedes haveriam de querer ocupar os mesmos quartos que tinham ocupado anteriormente; e decerto eu não iria enfiar ninguém no quarto em que assassinaram Mr. Kent. Portanto, só restavam dois. Assim sendo, não havia muita margem para erros. Afinal, é muito

possível que a cauda de burro estivesse destinada ao senhor.

— Cá entre nós, ainda vai insistir nessa intrujice?

— Nada de "cá entre nós"; o senhor não perde por esperar. Há de ver que o que eu disse é a verdade.

O fogo subia de uma pilha de carvões de ardósia, cujo crepitar distorcia a luz que banhava o rosto tranqüilo e interessado de Gay. Hadley inclinou-se na cadeira e apanhou a fotografia.

— Vejamos essa inscrição no dorso do retrato. Mesmo sem consultar nenhum especialista no assunto, creio podermos convir em que isto aqui foi escrito pela mesma pessoa que escreveu "Mulher morta"

naquele cartão. Concorda? Pois bem! Esta mensagem terá sido escrita entre as onze e as doze horas desta manhã?

— É óbvio.

— Pois não foi! E isto é decisivo, Sir Gyles — tornou Hadley. — Fell percebeu...

Creio que o senhor o viu raspar a tinta com a unha. Essa coisa leva tempo para secar.

E acontece que a tinta dessa mensagem não só estava seca como quebradiça; tanto que se descascou com uma simples esfregadela. O que o senhor bem viu. Conclui-se que essa inscrição foi feita há uma semana ou mais.

Ainda dessa vez Gay não se deixou levar pela emoção. Um brilho colérico raiou-lhe nos olhos; o mesmo que antes sugerira a Kent alguém acabando de perder uma boa tacada. Entretanto, fitou, sob vários ângulos, as mãos enclavinhas, e respondeu:

— Expus uma opinião, caro amigo.

— E eu expus um fato... *Sir!* A menos que isto realmente tivesse sido escrito na manhã de hoje, parece que não haveria razão para picar as outras fotos e lambuzá-las de tinta. Mas acontece que não foi. Até aqui, parece-me, eu e Fell estávamos em desacordo sobre o caso em geral. Mas concordamos plenamente nesse ponto, acho eu... Passemos adiante. A criada afirma que o senhor mantém essa gaveta trancada a chave. Ainda diz que não é verdade? Pois bem. Contudo, quando solicitado a abri-la para apanhar as fotos, o senhor, num gesto automático, levou a mão ao bolso direito, antes que pudesse lembrar que tinha de fazer parecer que a gaveta já estava aberta.

Então enfiou a mão na gaveta, com um gesto brusco mas pouco convincente, a fim de manchá-la de tinta e depois mostrar-nos quanto isso o surpreendia. Qualquer um olharia antes de enfiar a mão. O senhor não o fez. Conheço dois larápios e um extorsionista que caíram no mesmo erro.

Depois de refletir por alguns instantes, Gay cruzou as pernas, mudou de posição na cadeira, com o que pareceu sentir-se mais confortável.

— O senhor falou bastante — murmurou ele. — Agora é a minha vez. Suponho que me acusa de ter forjado tudo.

De haver posto a fotografia entre as toalhas; ter rasgado as outras fotos que havia na gaveta e ter-lhes despejado tinta em cima?

— Exato; a tinta ainda estava fresca.

— Perfeito. Devo entender, então, que me acusa de insanidade mental? Pois só existem dois caminhos. Primeiro sou informado de que fiz tudo isso no espaço de mais ou menos uma hora. Mas logo o senhor dá uma reviravolta para afirmar que a mensagem da fotografia foi escrita há mais de uma semana. Em que ficamos? Tentarei responder a suas acusações, Mr. Hadley, desde que primeiro me faça entendê-las.

— Pois bem. Para começar...

— Um momento. Estarei, que mal pergunte, sendo acusado, também, de furtar doze xelins do meu próprio bolso?

— Não; o senhor ficou genuinamente surpreso ao notar isso: foi uma atitude diferente da anterior.

— Ah, então reconhece que alguém mais pode ter fuçado na gaveta? Até aqui o senhor tem baseado sua acusação, em grande parte, no fato de ser eu o único que tem a chave dessa gaveta. Desculpe que insista nos pormenores — pedi Gay, tornando a mostrar os dentes —, mas, uma vez que não se baseia em outra coisa, peço-lhe que ao menos seja coerente.

O tom de Hadley tornou a se alterar; Kent não teria gostado de fitá-lo agora nos olhos.

— Vou dar-lhe um pormenor bem importante, Sir Gyles. Já conhecia Mrs.

Josephine Kent (então Josephine Parkes) quando ela esteve na Inglaterra, quatro anos atrás?

O fogo na lareira tornou a crepitar, produzindo um clarão mais intenso; uma fagulha de ardósia saltou no rumo de Gay, mas ele não deu por isso. Tinha os olhos escancarados.

— Isto eu admito já ser alguma coisa, se acha que é verdade. Mas que é que o leva a crer que ela já tivesse estado na Inglaterra antes? Ouviu os amigos dela, parentes e todos dizerem que ela nunca na vida saíra da África do Sul anteriormente.

— Ouvi — respondeu o superintendente, inflexível. — E também os ouvi jurar que ela nunca fez viagem alguma, que detestava viajar e mal suportava nem viagens curtas no interior de seu próprio país. Ontem, porém, tive ocasião de ver a mala dela... Fell me chamou a atenção para o fato. O senhor viu a mala?

— Não.

— Eu creio que viu. É muito velha e bastante usada; deve ter anos de uso. Não há dúvida de que pertencia mesmo a Mrs. Kent: ela não a herdou de ninguém que a tivesse utilizado em seu lugar. Tinha o seu nome de solteira, Josephine Parkes, gravado; e essa gravação, já bastante apagada, é tão antiga quanto a própria mala.

Percebe o que quero dizer? A mala foi usada por ela própria.

No topo da escada, Kent voltou-se e relanceou os olhos sobre Dan, cujo ar de culpa, em meio à penumbra, parecia ressaltar ainda mais. Ouvia-o respirar. Nenhum deles hesitara em pôr em prática o velho costume de escutar às escondidas; faziam-no de bom grado. E acresce que Kent se lembrava com clareza da gravação, já quase

obliterada, do nome naquela mala efetivamente muito viajada.

— Também nos disseram que ela se sentia mal em trens e que sofria enjoos marítimos; contudo, ela foi uma das poucas pessoas que suportaram corajosamente o mau tempo durante a viagem. Mas isso não importa. O caso é que soubemos que ela

"apareceu" inesperadamente lá por Johannesburg, há três anos. Vinha, dizia ela, de seu antigo lar na Rodésia. Todos se admiraram de que tivesse tanto dinheiro, que "herdara"

dos pais.

— Mas ainda...

— Um momento, Sir Gyles. A história pedia comprovação. Verifiquei-lhe a autenticidade. Eu tinha o passaporte dela; ou, mais exatamente, um passaporte conjunto de marido e mulher, expedido em nome de Mr. e Mrs. Rodney Kent. A noite passada telegrafei a Pretória solicitando informes sobre isso, e obtive resposta. Para tirar esse passaporte conjunto, ela teve de se desfazer do antigo, tirado ainda na União Sul-Africana sob o número 45 695, em nome de Miss Josephine Parkes. — Neste ponto e sem nenhuma pressa, Hadley tornou a abrir a pasta a fim de consultar algumas anotações. — Tenho aqui os papéis

chancelados pelo departamento de imigração.

"Ela desembarcou em Southampton, no dia 18 de setembro de 1932. Na época, já por várias ocasiões tinha visitado a França (tenho aqui todas as datas), mas estava domiciliada na Inglaterra. Daqui saiu a 20 de dezembro de 1933, e tornou a desembarcar na Cidade do Cabo em 6 de janeiro de 1934. Está satisfeito?"

Gay meneou a cabeça, como que aturrido.

— Não nego os fatos que está me apresentando, mas ainda não vejo o que tudo isso tem a ver comigo.

— É que ela veio à Inglaterra para vê-lo.

— Humm... O senhor pode provar isso?

— Já o fiz. Aqui estão os papéis. Na época o senhor era, como deve lembrar, subsecretário da União, e com certeza reconhece isto. Mrs. Kent afirmou que tencionava obter certo tipo de emprego. Deram-lhe um formulário a preencher, onde ela apenas escreveu esta impressiva coisa. . . Eis o formulário: "Para ver o meu amigo Sir Gyles Gay, que o arranjará para mim". Quer ver isto? Chegou da África a noite passada.

— Caro amigo, talvez o senhor não tenha idéia de quanta gente passou pelo meu gabinete durante minha gestão.

— Ela não era amiga sua?

— Não; não era. Jamais vi essa mulher na vida.

— Então dê uma olhada nisto. Dizem que é algo bem fora do comum, quase inédito mesmo, e dá provas da sua intervenção pessoal e direta no caso. Em diagonal, lê-se aqui: "Entrevista pessoal: satisfatória", escrito e assinado pelo senhor. Reconhece que esta caligrafia é sua?

Gay não pegou o papel que Hadley lhe estendia. Em vez disso, ergueu-se da cadeira, com um gesto brusco, e pôs-se a andar de um lado para outro, debaixo daqueles bustos inertes que enfeitavam a estante. O fogo baixara e a claridade diminuía. Parado junto à caixa de charutos sobre uma mesa lateral, Gay bateu-lhe na tampa com os dedos, abrindo-a, e extraiu-lhe um. Parecia mais pensativo que alarmado. Falou sem se voltar:

— Vejamos isto. O senhor supõe que eu soubesse, antes da chegada de Mr.

Reaper com seus amigos, que certa Mrs. Josephine Kent era em realidade uma tal de Miss Josephine Parkes?

— Pode ser que soubesse e pode ser que não. Ela tinha outro sobrenome.

— Contudo, eu devia saber quem era ela? Eu tinha as fotografias que Reaper me enviara recentemente.

Hadley fez uma pausa antes de responder.

— Sim, o senhor tinha as fotos, Sir Gyles. Esse o motivo por que todas tiveram de ser picadas em pedacinhos e lambuzadas de vermelho, para ficarem irreconhecíveis.

— Confesso que essa eu não entendi.

— Estou querendo dizer — tornou Hadley, erguendo parcialmente a voz — que as fotos enviadas por Mr. Reaper não eram as únicas que estavam naquela gaveta. Havia muitas outras, pertencentes ao senhor, em seu álbum. Estou insinuando que entre elas talvez houvesse alguma do senhor e Mrs. Kent juntos. Daí que precisassem ser destruídas.

Gay fechou a caixa de charutos com um safanão e voltou-se para o policial.

— Bolas para essa sua força imaginativa. Tudo isto é muito bonito e revela muita perspicácia, só que está basicamente errado. Posso ser o que for, mas não serei tão lunático como me inculca. Isso não resiste a um simples reexame. Se o que diz é verdade, eu teria tido tempo de sobra para destruí-las desde muito antes. Mas o senhor afirma que esperei até a manhã de hoje para fazê-lo, e que depois, contrariando meu próprio plano, chamei deliberadamente a atenção dos senhores para o fato. Como explica isso?

— Estou esperando as *suas* explicações.

— Quer dizer que não pode? E ainda há essa fotografia com uma óbvia ameaça no dorso. Em sua opinião a tinta está seca há mais de uma semana. Entretanto, sou acusado de havê-la usado esta manhã, para algum fim que até agora me escapa. Tem algo mais a dizer?

Evidentemente, o homem já recobrou fôlego e passava a reagir. A mordida com que extraiu a ponta do charuto quase lhe levou o dedo.

Hadley não se deixou impressionar.

— Tenho. Ontem andamos muito ocupados. O Sargento Betts, seguindo esta indicação, foi a Dorset interrogar as duas tias de Mrs. Kent. Podemos eliminá-las da lista de suspeitos. Elas nunca tinham visto a sobrinha antes. Ela não achara necessário

visitá-las em sua estada anterior na Inglaterra: parece que tinha outros planos. Mas desta vez elas lhe foram muito convenientes. Quando Mrs. Kent quis evitar um encontro com o senhor e por cima reforçar a falsa impressão de que nunca tinha estado aqui antes, decidiu ficar com elas...

— Ora essa! — exclamou Gay, num arroubo melodramático. — Por que iria ela ocultar que já tinha estado na Inglaterra anteriormente? Responda, se puder. Acaso teria cometido algum crime? Depois, acho que o senhor se esquece de que eu realmente a vi na noite de anteontem.

— Ocasão em que ela foi morta — concordou Hadley, como a confirmar simplesmente o fato. — Sim. Eu lhe disse que recebera duas cartas escritas daqui.

Uma era do marido... As tias já tinham visto aquela caligrafia antes. A caligrafia da outra não reconheceram.

— O senhor tem as cartas, naturalmente?

— Temos a carta de Rodney Kent. A outra ela destruiu. Por quê? Mas ela respondeu a ambas. — E Hadley se inclinou. — Estou tentando dizer, Sir Gyles, que o senhor reconheceu Mrs. Kent nas fotos enviadas por Mr. Reaper. (Não admira que ela não quisesse fazer essa viagem à Inglaterra!) Depois o senhor lhe escreveu assegurando estar disposto a recebê-la como pessoa estranha. E, na noite de anteontem, o senhor o fez.

Gay acendeu o charuto e respondeu:

— O senhor começou por me acusar de andar pregando peças absurdas nos outros. A meio caminho, as coisas parece que se transformaram. Começo a crer que estou sendo levado, em linha reta, a responder pela acusação de homicídio. —

Espalmou as mãos e exclamou por trás do charuto: — Por Deus, homem! Acha então

— perguntou abrindo e cerrando os punhos — que eu seria capaz de matar a sangue-frio dois inofensivos... — E sua voz acabou num profundo ganido. — É ab-b-surdo!

— Pedi-lhe a explicação de certas coisas, Sir Gyles. Até aqui o senhor não me respondeu a uma única pergunta por inteiro. Se não me der uma explicação, terei que convidá-lo a tornar comigo a Londres para sofrer um interrogatório em regra. E já deve saber o que isto significa.

Do outro lado do aposento, Kent viu a porta branca que levava ao vestíbulo em frente da casa. Do outro lado dessa porta prorrompeu o ruído de nervosas e insistentes batidas. Kent compreendeu o que o surpreendera nisso: o ser aquilo o primeiro vestígio de vida, de bulício vital, que se ouvia pela casa. Não seriam batidas propriamente fortes nem altas; mas assim lhes pareceram, dada a quietude da tarde.

Seguiu-se a voz forte de Harvey Wrayburn. Não parava para ouvir resposta: fazia as perguntas e bradava ele próprio as respostas.

— Toe, toe! — dizia. — Quem é? É Jack! Qual Jack? O carrasco! — Dizendo o quê, abriu repentinamente a porta, sorrindo-lhes. — Desculpem; sei que é vergonhoso e até contrário às normas; acontece que estive na taverna e resolvi aproveitar.

O rosto de Gay ficara turvo e pálido, e seu pomo-de-adão agitava-se visivelmente.

Os outros não esperaram para ouvir o que Wrayburn, manifestamente embriagado, diria a Hadley. Por trás de Kent, Dan sussurrou: — Vamos sair daqui. — E nenhum deles revelou interesse pelo aroma do almoço recém-feito, que lhes chegava dos fundos da casa. Melitta e Francine foram as primeiras a se voltar. Todos se retiravam nas pontas de pés como ladrões, que era exatamente como Kent se sentia na ocasião.

No percurso de volta, a primeira coisa que encontraram, sobranceira ao corredor como para bloquear-lhes a retirada, foi a vasta presença do Dr. Fell.

XVI

A Mulher no Escorregador

— Andei examinando o famoso Quarto Azul — começou o doutor, em tom afável.

— E acho que estão agindo certo; não haviam de ser bem-vindos lá embaixo, neste instante, nem eu. Por que não se sentam um pouco?

Indicou-lhes a porta aberta do cubículo que dava para a frente da casa e, com a bengala, tangeu-os para dentro, como um mestre-de-cerimônias. Kent, com a vaga sensação de que o faziam de tolo, obedeceu algo perplexo. Durante alguns segundos, ninguém fez comentários. Logo, porém, Melitta Reaper, que instintivamente caminhara até a lareira onde ardia o gás, voltou-se para eles e resumiu as coisas (ainda que mal) numa palavra explosiva:

— Bem!

— Ainda não tinham visto Hadley avançar as baterias, hem? — inquiriu o Dr. Fell, acomodando a volumosa papada no colarinho. — Sim, é um processo que vai se aprimorando com o tempo. E qualquer um que seja capaz de romper a guarda de Sir Gyles Gay é merecedor da minha sincera admiração. Pergunto-me se ele o terá feito.

Pergunto-me se o fará.

Dan relanceou sobre o doutor um olhar desconfiado e disse:

— O senhor ouviu tudo, não é?

— Sim, de fato. Estava tão interessado quanto os senhores. Mas é claro que eu já sabia o que ele trazia na manga. Aliás, eu próprio o ajudei a preparar o bote... Só não sabia ao certo quando ou como ele o aplicaria. Aham!

— Então Gay é o culpado, afinal? — perguntou Dan, como à beira de uma explosão que não acabava de vir. — Quem diria! E Jenny, pelo visto, nos fez a todos de bobos com a história de seu passado. Mas se ele o fez, que motivos tinha?

O Dr. Fell já se aquietara, sentado junto à janela.

— O senhor se sentiria mais feliz se soubesse que ele é o culpado? Hem?

— Isso limparia a atmosfera — conveyo Dan, relanceando os olhos sobre o outro.

— Toda vez que vou dobrar um ângulo da casa ou abrir uma porta qualquer, sinto o impulso de espreitar antes. Isto é uma coisa contra a qual não se pode reagir.

— Mas é ele o culpado? — perguntou Francine, serenamente. — O senhor não crê nisso, não é?

O doutor considerou a questão, por alguns instantes, antes de responder.

— Só desejo saber mais sobre o caso. E como sou dispersivo por natureza, conservo sempre uma enorme curiosidade por detalhes, inclinando-me a desprezar o essencial. Hah! — E descansou as mãos no castão da bengala. — Mas vou lhes dizer a

impressão que me causou esse pequeno episódio — aduziu impressivamente. —

Sempre supondo que as coisas sejam como parecem, Gay foi derrotado nos pontos principais. Nas questões de menor vulto, porém, quem perdeu foi Hadley. A gente talvez pudesse argüi-lo de homicida. Mas ninguém pode acusá-lo de "gozador". Explico-me: sou daqueles que honestamente acham divertido pintar uma estátua de vermelho; assim sendo estou em condições de julgar o fato.

— Que tem isso a ver com o caso?

— Bem, vejamos! Se naquela gaveta cheia de fotografias houvesse realmente uma foto dele e Mrs. Kent ou qualquer outra coisa capaz de comprometê-lo, por que iria ele esperar até hoje para destruí-las? E por que não fazê-lo às quietas, em vez de pintar tudo de vermelho e atrair a atenção de todos? Não levaria mais que um minuto para queimá-las, e ninguém ficaria sabendo. O próprio Gay salientou estes pontos. E são pontos tão pertinentes, que Hadley teve que fugir do assunto.

"A seguir, temos a questão da fotografia tirada num parque de diversões. Hadley tem razão: a mensagem nas costas da foto foi escrita, no mínimo, há uma semana.

Ora, psicologicamente, essa desagradável ameaça: 'Ainda falta alguém', foi concebida precisamente como se concebem as pilhérias. Mas, em se tratando de travessuras desse tipo, o essencial é executá-las de imediato; para saborear plenamente o efeito enquanto ainda se esteja com a necessária disposição. Darei um exemplo. Imaginem que eu seja um membro da Câmara dos Pares. Um belo dia, estando a devanear num banco dos fundos, reflito em como seria excelente escrever num papel 'Pode me chamar de Bobo' ou 'De confecção, £1 3s. 6d.', para pregar nas costas do cavalheiro desprevenido à minha frente e estudar o interessante efeito que isto produziria quando, todo

empreado, ele se retirasse."

"Pois bem, ou eu abandono esta idéia ou então (se tiver natureza mais nobre) decido pô-la em prática. Só há uma coisa que certamente eu não faria: escrever o cartaz e guardá-lo cuidadosamente no bolso, dizendo a meus botões: 'Vou pendurar isto nas costas do velho Plushbottom em exatamente uma semana a contar de quinta-feira próxima, ocasião das mais oportunas; enquanto isso, vou conservá-lo sempre à mão e ao abrigo de curiosos'. Por que haveria de fazer isso? Eu não levaria mais que alguns segundos para escrever; e no intervalo eu poderia mudar de idéia ou ter alguma outra mais brilhante que a primeira; é uma coisa embaraçosa de carregar e causaria muita surpresa se me caísse do bolso durante o jantar."

"Não pensem que eu não esteja falando a sério, só por ter escolhido esse exemplo.

O mesmíssimo princípio aplica-se ao nosso caso. E com muito maior razão. Se fosse descoberto, apenas me arriscaria a receber de Plushbottom um olhar feroz ou um soco no nariz. Mas a pessoa que escreveu isto na foto, ao conservá-la consigo arriscava o próprio pescoço. Assim sendo, por que iria Gay cometer a tolice de redigir a mensagem e guardá-la ao alcance da mão, durante semanas, à espera de ocasião oportuna para usá-la?"

Seguiu-se um breve silêncio.

— Eu estive imaginando — ponderou Francine depois, com gravidade —

exatamente em que ponto desta história o senhor começaria a fazer jus à sua fama e passasse a fazer preleções. Isto não se aplica a Sir Gyles unicamente. Aplica-se a qualquer um, não é?

— Exato. Daí eu estranhar que Hadley deixasse de fazer a única pergunta verdadeiramente importante e significativa a respeito daquele retrato.

— Qual pergunta?

— Ora, a respeito de quem aparece nele, é claro! — bradou o Dr. Fell desabando a mão sobre o cabo da bengala. — Ou, mais exatamente, a respeito de quem não aparece nele. Não é tão complicado, é? Se a foto tinha a finalidade de ameaçar, tal ameaça teria por alvo alguém dentre o grupo de pessoas retratadas. E se atentarmos no simbolismo distorcido e pilhérico, que é o único que o retrato pode ter, a pessoa

ameaçada é a que, na foto, está sendo empurrada prancha abaixo: a que parece estar fazendo um gesto de protesto. Mas essa é a única pessoa, no grupo todo, que não se pode ver. Mr. Reaper interpôs-se entre ela e a objetiva, ocultando-lhe o rosto. — O Dr.

Fell fez uma pausa, para tomar fôlego, depois acrescentou com brandura: — Bem, é para descobrir isto que estou aqui. Lembram quando a foto foi tirada? E, caso a resposta seja afirmativa, lembram, também, a identidade da pessoa que está sendo empurrada pelo escorregador?

Olhou para Dan, que fizera um gesto afirmativo.

— Essa doe — disse Reaper meditando. — Sim, claro que eu me lembro. Era Jenny. Ela não queria se lançar pela prancha, com receio de exhibir as pernas ou coisa assim; então eu a empurrei.

— Então isso significa...! — gritou Francine, subitamente inspirada. Ao que o Dr.

Fell fez que sim com a cabeça e logo acrescentou:

— Era Mrs. Kent. Foi o que pensei. E esta é toda a triste e medonha história.

Compreendem por que a mensagem na foto foi escrita semanas atrás? Hem? Quando Rodney Kent foi morto, o assassino rabiscou à pressa essa ameaça no dorso da fotografia, com a intenção de deixá-la na cena do crime; do mesmo modo como depois também escreveu cinicamente "Mulher morta" quando cumpriu a ameaça. "Ainda falta alguém" referia-se a Mrs. Kent. Entretanto, o assassino mudou de idéia e não deixou o recado: nosso homem, pelo visto, é alguém muito indeciso; aliás, foi isso o que o traiu.

Mas fez bem em não deixar a mensagem. Fazê-lo seria imprudência. Desde então a foto com a mensagem repousou tranqüilamente nesta casa, decerto na escrivaninha de Gay, vindo à luz, esta manhã, graças a uma brincadeira de mau gosto. Bem; será que essas profundas cogitações não levam algum dos senhores a inferir alguma coisa mais?

E examinou-os com ar sério mas afável. Sacando o cachimbo, desatarrachou-lhe o forninho e soprou pela haste, como quem desferisse um assobio particularmente sedutor. Certamente esperava resposta.

— Na escrivaninha de Gay — murmurou Christopher Kent. — Essas

profundas cogitações demonstram que Gay não pode, de modo algum, ser o assassino.

— Por que não?

— É perfeitamente claro. Se a finalidade da foto era representar um fio que conduzisse a Jenny, então o assassino já sabia quem era a pessoa empurrada. Mas isso ele não pôde deduzir simplesmente olhando a foto. Jenny está oculta lá. Mal se nota que é uma mulher. Assim sendo, o assassino deve ser alguém que também esteja no retrato ou que estivesse presente quando a chapa foi batida; e isto exclui Gay.

— Nada disso — objetou Dan, abanando decisivamente a cabeça. — Eu me recordo de ter revelado a Gay a identidade dessa pessoa; ou por escrito ou... Ei! Acho que tornei a ver essa foto ainda recentemente, em algum lugar...em algum lugar...

— Sim — concordou Francine bruscamente. — Eu também. Nós a vimos...

E calaram-se, esforçando-se ambos por recordar o mesmo fato, como duas pessoas que, em lados opostos, tentassem abrir a mesma porta. O Dr. Fell ainda soprou pela haste do cachimbo uma e outra vez. Mas nada aconteceu.

— Não adianta — disse Dan. — Não me lembro.

— Aham, ah! Bem, não faz mal. Ainda assim, não deduzem mais nada? — instigou-os o doutor.

— Mas, ainda com respeito à inocência de Gay — insistiu Kent —, eu gostaria de... Humm... Sim, eu gostaria de acreditar ser ele o culpado. Mesmo assim, voltamos ao que discutíamos há pouco: o clamoroso palerma que se precisaria ser para guardá-la durante umas duas semanas. O senhor diz que a foto estava com certeza na escrivaninha dele. Mas, caso fosse o assassino, ele não a teria destruído?

— Está esquentando — declarou o Dr. Fell. — Positivamente, está esquentando.

Logo?

— A única idéia que me ocorre é que a foto foi posta lá para incriminá-lo —

começou Kent; e parecia que sua visão entrava em outra espécie de foco, desvendando-lhe por assim dizer a outra face da lua. — Acho que encontrei! Ouçam.

Alguém colocou a foto na escrivaninha, duas semanas atrás. Mas Gay não deu por isso, já que não mexeu na gaveta durante esse tempo. Hoje, ao regressar para casa, abrindo a gaveta ele descobriu essa foto junto com as outras. Pois bem!. .

— Chris — interveio Francine, com frieza.

— Ele levou um grande susto, naturalmente, imaginando se alguém não a descobriria ou se já não a teriam visto lá entre as suas coisas. E a circunstância era tanto mais grave quanto é certo que no passado ele andara ligado a Jenny; fato que, por algum motivo, ele negara insistentemente. Assim é que fingiu "descobrir" a fotografia. Para garantir-se contra o que daí pudesse resultar, e querendo fazer crer que o assassino andava pregando novas peças, picou as fotos restantes e deu-lhes um banho de tinta vermelha. A seguir inventou uma história a respeito da cauda de burro e surrupiou de si próprio algumas moedas das que costumava trazer na gaveta. Aí está!

Isto esclareceria tanto as suas ações culpáveis como as inocentes; o seu comportamento de hoje e o péssimo modo como agiu quando...

— Está esquentando cada vez mais, acho eu — informou o Dr. Fell a sorrir. —

Mas receio que ainda não tenha atingido o alvo. É interessante notar que o único retrato que permaneceu intacto não tinha visível o rosto de Mrs. Kent. É bem verdade que consegui pescar um, no meio da balbúrdia, que não foi tingido nem rasgado; mas...

Nesse ponto o Dr. Fell calou-se. Ouviam-se passos pesados fora. Hadley, fazendo-se acompanhar de um Wrayburn abatido, espiou-os desde a porta. Depois lhes atirou um cumprimento superficial.

— Posso vê-lo em particular por um instante, Fell? — disse ele depois.

Assim que o doutor passou, Hadley teve o cuidado de fechar a porta após ele.

Fez-se um embaraçoso silêncio em que todos se entreolharam. Wrayburn, tornando a enfiar as mãos nos bolsos do sobretudo, procurou amenizar as coisas. Seu rosto estava luzidio.

— Talvez lhes interesse saber — começou — que acabo justamente de cometer a maior gafe da paróquia. Só que não sei bem como foi isso. Fiz um curso e tanto de psicologia, certa vez; mas isso de agora me deixou na mesma. Quando voltava da taverna, animado por uns dois quartilhos de bebida, carreguei sobre a porta do gabinete de Sir Gyles e disse alguma coisa tola; enfim, não vejo como possa ter sido tão tola. Hadley prefere o sarampo a mim. Nosso anfitrião, após confabular com o superintendente, ficou sentado lá embaixo, de mãos na cabeça, feito morto. Pobre coitado: tive pena dele. Conheci um fulano, certa vez, que se chamava...

— Cale a boca — disse Dan, lacônico.

— Oh, está bem. Mas isso não é justo: alguém devia falar comigo. Se ainda estou em desgraça junto a vocês só por ter bancado o trouxa com Jen...

— Cale essa boca — repetiu Dan. E houve silêncio outra vez.

— Sim; mas mesmo assim — continuou Wrayburn — não será essa a razão de todos terem gelado comigo? Precisei ingerir dois quartilhos para perguntar isso; mas que fiz eu, que outros não tenham feito? É que andei imaginando uma coisa em que nunca tinha pensado antes. Por que, afinal, nós a chamávamos de Jenny? Acaso é natural? O diminutivo de "Josephine" é "Jo" ou mesmo, com o perdão da palavra,

"Josie". Mas ela sempre se referia a si própria como Jenny. Seria Jenny Wren? Não, tenho uma idéia melhor...

— O que é que você está matracando, afinal? — perguntou Dan.

Ambos calaram-se quando a porta se abriu, no instante mesmo em que Kent recordava a observação do Dr. Fell, segundo a qual seu principal interesse no caso dizia respeito a nomes. Fora o Dr. Fell quem abrisse. Vinha só.

— Acho — disse ele, com gravidade — que infelizmente alguns de nós não ficaremos para o almoço. Mas...hummm...antes de irmos, querem me fazer um obséquio? Podem crer, é necessário. Querem vir comigo até o Quarto Azul, só por um instante?

Houve um ruidoso arrastar de pés quando saíram todos.

O longo corredor que dividia a casa, com reboco áspero e teto de traves, tinha em cada extremo uma janela ampla com pequenos caixilhos. As vidraças eram ligeiramente re-curvas e nelas assentavam

os flocos de neve. Kent soube logo qual seria o Quarto Azul, já que o famoso sofá, revestido de couro, lhe ficava próximo. Todos se sentiram mal ao cruzar-lhe a porta.

O cômodo em que Rodney Kent morrera ficava nos fundos da casa; suas janelas davam sobre o jardim, com vista para os olmos do cemitério, mais além. À semelhança dos outros, era grande mas estreito, forrado daquele papel azul-escuro que agora lhes parecia tão sombrio. A mobília, mais antiquada que propriamente antiga, era ao gosto de setenta anos antes: uma grande cama de carvalho, com as guardas dos pés e da cabeceira pontiagudas, exibia muitos arabescos e dominava agressivamente a vista do quarto. O aparador e o penteador, cujo espelho era muito pequeno, ostentavam tampos de mármore, da mesma forma que a mesa redonda ao centro. Havia duas cadeiras de espaldar empertigado e um lavatório (com tampo de mármore) sustentando peças de porcelana azul e branca. Ao lado havia um cabide de que pendiam toalhas de rosto limpas. O escuro tapete de motivos florais, próximo da mesa, exibia uma esfoladura. Nas janelas, as cortinas com borlas não estavam tão fechadas que por elas não se divisassem algumas lápides e a torre da igreja, cujo relógio agora fazia vibrar a vidraça ao som de uma pancada. O Dr. Fell deteve-se junto à mesa.

— Este quarto — perguntou ele — está exatamente como estava quando Mr. Kent foi assassinado?

Foi Dan quem respondeu que sim.

— Não havia indícios de luta?

— Nenhum.

— Já vi as fotos que a polícia tirou — trovejava o Dr. Fell —, mas não ajudaram a esclarecer minha dúvida. Quer, por favor, baixar-se no chão, imitando tanto quanto possível a posição do cadáver? Aham, obrigado; isto agora está perfeitamente claro.

Lado direito; cabeça quase tocando uma perna esquerda da cama; pés perto da mesa.

A contusão foi bem no alto da nuca, não?

— Sim.

— Onde estava a toalha?

— Solta em cima do ombro.

— Como no caso de Mrs. Kent?

— Sim.

As perguntas e as respostas eram peremptórias, como o bater do relógio.

— Bem, aí está — murmurou Dan. — Mas o que é que isso indica, agora que o viu ilustrado?

— Inclino-me a crer que indica muitas coisas — respondeu o Dr. Fell.

— Ora, até a manhã de hoje andei imaginando se eu não estaria enganado. Agora, sei que devo

estar certo. Ao menos, já se sabe de uma coisa que antes permanecia obscura.

Sabemos como foi que Rodney Kent de fato morreu.

Não havia tanta luz como seria de desejar, fosse no quarto ou em suas mentes; fitaram-no, pois, intrigados.

— Isto, na verdade, é um punhado de tolices — interveio Melitta, que estivera fungando como a pique de chorar. — O senhor sabe perfeitamente que nós sabemos muito bem como o pobre Rodney morreu.

— O assassino esteve conversando amigavelmente com ele — prosseguiu o Dr.

Fell. — Então o distraiu com alguma coisa, para que ele voltasse a cabeça para outro lado, e golpeou-lhe a nuca com um objeto menor que um atizador de lareira. Quando ele estava inconsciente, o assassino primeiramente o estrangulou, depois lhe feriu o rosto com o atizador. Não há dúvida. Mas o que eu disse é a pura verdade: não sabíamos, até aqui, como ele realmente tinha sido assassinado. Não estou fazendo nenhum mistério. Como sabem, o assassino era alguém que odiava muitíssimo Rodney Kent. Por conseguinte, quem assassinou Josephine Kent...

— Jenny — disse Wrayburn.

— Você quer ficar quieto? — instou Dan, voltando-se exasperado para ele.

— Não, eu falo sério — teimou Wrayburn. — Todos sabemos que Jenny era uma mulher muito atraente. Desculpem: eu ia dizer "sujeita", mas a palavra é imprópria, não assenta nem a martelo. Há mulheres assim. Elas como que...prendem.

— Está bêbado! — sentenciou Dan.

— Com apenas dois quartilhos? Nada disso. Estou em mim. Eu dizia a eles, doutor (ou tentava dizer-lhes), que agora a pouco eu estava refletindo em como teria ela passado a chamar-se Jenny. Não há dúvida de que gostava do apelido. Mas não foi ela mesma que o escolheu. Não. Isso é obra de homem. Sabe Deus quem será ele e onde estará agora; e, se eu fizesse alguma idéia, não diria nada. Mas só pode ser alguém de meia-idade; o tipo que Jenny apreciaria. Ela era o tipo que os velhos acham ideal; mas, parece que alguém já disse isto... Na certa ele agora não estará muito longe daqui; e deve estar se perguntando por que foi que a matou e imaginando como será a vida agora que não tem mais quem odiar.

— Oh, prossiga — rosnou Dan. — Estava ficando tão repousante ouvi-lo. Por que não faz alguns versos?

— Está bem — tornou Wrayburn. Fez um grave aceno com a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos, pôs os olhos na janela e recitou:

— "Jenny me beijava ao ver-me,

Saltando lesta de onde se sentasse;

Ó tempo, roubador, que gentilezas tais

Costumas memoriar em lista, assenta esta.

Diz que estou cansado, e triste e infeliz,

Que o ouro com o vigor me abandonaram, E que envelheço e, mais dizendo, diz... "

XVII

As Perguntas do Dr. Fell

— Homicídio... — começou afavelmente o doutor.

— Um momento — interrompeu Hadley, depondo o caneco em cima da mesa enquanto atirava ao outro um olhar suspeito. — Qualquer coisa nesta sua expressão

— e o doutor realmente denotava uma satisfação perversa e expansiva — me faz crer que você está a ponto de começar uma conferência. Nada disso! Não queremos ouvir conferência nenhuma agora. Temos mais o que fazer. Além disso,-quando Gay chegar...

— Com sua licença — atroou o Dr. Fell com dignidade, compondo uma expressão de dor. — Longe de querer aviltar-me a ponto de fazer-lhe uma conferência, eu estava mas era a pique de me submeter voluntariamente ao intolerável processo de ouvir sua preleção. Suponho que ao menos uma vez na vida você se dispõe a concordar parcialmente comigo com respeito a um caso. Pelo menos, vê-se que está disposto a conceder, ainda que por mera esportividade, o devido crédito a uma opinião alheia.

Pois bem! Quero formular-lhe algumas questões.

— Que questões?

Eram quase dez horas, e um grupo de fregueses de última hora acorria ao balcão.

O Dr. Fell, Hadley e Kent estavam confortavelmente instalados no salão da Stag and Glove. Nessa estalagem havia amplas acomodações, e, assim sendo, tinham eles alugado quartos para ali passarem aquela noite. Isto o sabia Kent; era tudo o que sabia. O dia consistira em misteriosas conferências sobre cuja importância não lhe forneceram (embora solicitasse) nenhuma indicação. O Dr. Fell desaparecera longo tempo durante a tarde, e, quando por fim reapareceu, Hadley sumiu. Houvera também uma conferência com o comprido e saturnino Inspetor Tanner.

Do que fariam com respeito a Sir Gyles Gay ou com respeito a qualquer coisa, não tivera notícia alguma. Não vira mais Sir Gyles, depois que o espreitara em conversa com Hadley. Para escapar à atmosfera tensa da Quatro Portas, ele e Francine saíram a dar um longo passeio pela neve; porém a mesma tensão acompanhou-os, e o tom prateado daquele pôr-do-sol invernal não lograra parecer, a seus olhos, mais que meramente enfarruscado. A única recordação que lhe ficava do episódio era a figura de Francine, com um gorro russo de astracã, sentada numa trave de mata-burro e coberta com um casaco de peles, sobre um fundo formado por encostas baixas e cinzentas.

A mesma tensão ainda os acompanhava agora, no bar da Stag and Glove. Eles esperavam alguma coisa. Contudo, o Dr. Fell deixava-o

transparecer bem menos que Hadley. A noite era agreste, embora sem vento. Um grande fogaréu estava aceso no bar; tão grande, que produzia reflexos quase ferozes na fisionomia do Dr. Fell, que

sorria entronizado no poial da janela, contra a vidraça de caixilhos de chumbo, e com um caneco de quartilho à frente.

Sorveu um demorado gole e assumiu ares argumentativos.

— Homicídio, dizia eu, é assunto sobre o qual minhas opiniões têm sido mal interpretadas: em grande parte, confesso, por eu não as ter exposto com a devida clareza, ou de tê-lo feito em meio ao ardor de controvérsias. Gostaria de retificá-las por uma razão muito boa.

"Não nego que tenha um fraco pelo grotesco e pelo quase fantástico. Na verdade, sempre me orgulhei disso. Aquele caso do Homem Vazio, e o assassinato de Driscoll na Torre de Londres, bem como aquele turbulento episódio a bordo do *Queen Victoria*, serão sempre os meus casos favoritos. Isso, porém, não quer dizer que eu, como aliás nenhuma criatura racional, apreciasse viver num mundo maluco. É precisamente o oposto disso o que eu quis significar: e esta é a única razão por que menciono o fato."

"Ora, o mais pacato ser humano, sentado no interior da mais tranqüila casa, sentirá, volta e meia, algum desejo de examinar as possibilidades ou impossibilidades de certas coisas. Imaginará se, de um momento para outro, o bule não passará a verter mel ou água salgada em lugar de chá; se ao relógio não aconteceria dar todas as horas simultaneamente; se a chama da vela não se tornaria verde ou purpurina; se a porta, em vez de abrir para uma rua londrina, passasse a dar para um lago ou para um campo de batatas. Aham; Ah. Até aqui, nada de mais. Como devaneio ou como pantomima, tudo isto é até muito bom. Mas, encarado como um plano para a vida cotidiana, basta para arrepiar qualquer um."

"Já tenho dificuldades de sobra apenas para encontrar meu *pince-nez* mesmo quando ele permaneça no lugar em que o costume pôr. Se então ele voasse, de repente, pela chaminé acima no instante em que eu estendesse o braço para apanhá-lo, acho que me seria difícil controlar a linguagem. Se o simples livro que me aconteça procurar pela estante não necessita de artes mágicas para despistar-me! Um espírito malevolente já habita em meu chapéu. Alguém que vá de Charing Cross para a Bernard Street, pelo metrô, pode dar-se por feliz em chegar a seu destino. Se, porém, faz o mesmo percurso (digamos, para comparecer a um encontro urgente no British Museum) e emerge

na Bernard Street, mas logo dá consigo, repentinamente, não mais na Bernard Street, mas na Broadway ou na Rue de La Paix, então ninguém poderia culpá-lo por achar que as coisas se tornaram realmente intoleráveis."

"Ora, este mesmo princípio tem especial aplicação em questões criminais. Seria coisa muitíssimo enfiada um criminoso calmo e mentalmente são num mundo maluco. Não despertaria interesse. Todos se interessariam mais em ir ver o poste de iluminação mais próximo dançar a rumba. As coisas exteriores não devem guiar-se pelo criminoso: ele é que deve pautar-se por elas. Isto explica o eterno fascínio que temos em observar um meliante levemente desequilibrado (assassino, no mais das vezes) em meio a um mundo normal."

"Isto não significa, é claro, que todos os homicidas sejam loucos. Mas é certo que todos eles têm uma disposição de espírito bem fantasista; ou não seriam homicidas. E,

pois, fazem coisas fantásticas. Penso que esta seria uma tese fácil de comprovar."

"Todos conhecemos as perguntas, aplicáveis a qualquer caso de assassinato, referentes a *quem*, ao *como* e ao *porquê*. "

Dentre essas três, a mais reveladora, embora normalmente seja também a mais intrigante, é a do *porquê*. Com isso não me refiro apenas ao real motivo do crime propriamente dito. Refiro-me antes ao porquê de algumas outras ações, de algumas excentricidades de comportamento, que cercam a perpetração do crime. Coisas que na ocasião nos atormentam: um chapéu colocado na cabeça de uma estátua, um atiçador de estufa removido do local do crime, quando a razão exige assim não fosse. No mais das vezes o porquê nos atormenta quando já conhecemos, ou pensamos conhecer, a verdade. Por que Mrs. Thompson terá escrito aquelas cartas a Bywaters? Por que Mrs. Maybrick mergulhou em água os papéis pega-moscas? Por que Thomas Bartlett entendeu de beber clorofórmio? Por que Julia Wallace haveria de ter um inimigo neste mundo? Por que Herbert Bennett cometeu uma agressão sexual contra a própria esposa? Por vezes são questões quase insignificantes: três anéis deixados para trás, um frasco de remédio partido, a total ausência de sangue numa roupa qualquer. Mas são detalhes fantásticos; tão fantásticos como relógios malucos ou como os crimes reais de Landru; e, se lhes conhecêssemos os porquês, decerto descobriríamos a verdade."

— Que questões? — indagou Hadley. O Dr. Fell pôs-se a pestanejar.

— As que acabo de indicar, ué! Todas essas.

— Não — tornou Hadley; — refiro-me às questões que você queria me formular.

— Hem?

— Estou esperando pacientemente para ouvi-las. Você prometeu que não iria fazer uma conferência; afirmou ser essa uma honra que preferia transferir para mim e que tinha umas questões a formular. Pois bem: vamos ouvi-las.

— O que falei até aqui — retrucou o doutor — deve ser encarado como introdução ao documento que vou estender diante de seus olhos. Andei anotando aqui, numa porção de pedaços de papel, algumas questões. A maioria diz respeito a *porquês*; algumas, da variedade *quê*, são da mesma natureza dos *porquês*. Todas devem ser esclarecidas, e esclarecidas a contento, antes de podermos dizer que encontramos a solução completa do caso. Olhe, vamos fazer que este aqui seja árbitro. — Indicou Kent e prosseguiu, com obstinação: — Entre a noite passada e a manhã de hoje, Hadley se convenceu de que Gay é o nosso homem. Já eu não tinha tanta certeza.

Duvidei disso antes, e agora estou seguro de que não é ele o culpado; mas vi-me forçado a examinar tal possibilidade. Foi dado a Gay um prazo de algumas horas para explicar certas coisas: ele deverá chegar a qualquer instante. Vamos, pois... Hum...

Submeter à prova uma teoria minha, que Hadley encara, pelo menos, sem prevenções.

São dez horas. Por volta de meia-noite já podemos ter o verdadeiro assassino. Agora, pergunto a ambos, como responder às questões que passarei a enumerar? Como se ajustam elas à culpabilidade de Gay ou de qualquer outra pessoa? E a última

oportunidade que os senhores têm de acertar, antes que soe o gongo.

Dizendo isso, espalhou uma multidão de tiras de papel em cima da mesa.

— 1. Por que, em ambas as ocasiões, o assassino usou uniforme de empregado de hotel? É uma pergunta antiga, mas mesmo assim estimulante.

- 2. Posteriormente, que fim levou esse uniforme?
- 3. Qual a razão de utilizar, em ambas as ocasiões, uma toalha no estrangulamento?
- 4. Por que terá sido necessário ao assassino ocultar de Josephine Kent o próprio rosto, quando não o ocultara de Rodney Kent?
- 5. Por que Josephine Kent só passou a usar um estranho bracelete, com pedra quadrangular e uma inscrição latina, algumas horas antes de morta?
- 6. Por que quis ela fazer crer nunca ter estado na Inglaterra antes?
- 7. Qual a explicação das últimas palavras por ela dirigidas a Miss Forbes, em resposta à pergunta de se teria algum sentido a inscrição do bracelete? Como estarão lembrados, a resposta que deu foi: 'Só se você for capaz de lê-la; nisso está todo o segredo'.
- 8. Como conseguiu o assassino introduzir-se numa rouparia, trancada, do Royal Scarlet Hotel?
- 9. E, igualmente, como pôde ele (supondo que não seja o próprio Gay) abrir uma gaveta, trancada, de uma escrivaninha na Quatro Portas, da qual somente Gay possuía a chave? Como observam, o assassino parece poder ir a qualquer parte sem dificuldade.
- 10. Por que um punhado de moedinhas terá sido furtado da bolsa de Mrs. Kent e da escrivaninha de Gay?
- 11. Temos de supor que, no caso de Mrs. Kent, o assassino colocou um par de sapatos que não combinam entre si junto à porta do quarto 707 e que também pendurou o cartão de silêncio na porta. Se isso tinha- por fim evitar possíveis interrupções, compreende-se. Mas ocorre que ele escreveu 'Mulher morta' com tinta vermelha, como para atrair a atenção para sua presença lá. Por quê?
- 12. Talvez a mais intrigante de todas. Nós acreditamos (e penso que corretamente) que o assassino, trajado como empregado de hotel e carregando sua pilha de toalhas, foi recebido no quarto 707 pela própria Mrs. Kent. Pois bem. Nessa ocasião, segundo nos informa outra testemunha (Wrayburn), a chave daquele quarto estava na bolsa dela. Na manhã seguinte, porém, essa mesma chave foi encontrada por Wrayburn na fechadura, do lado externo da porta. Percebem a fascinante reviravolta que isto revela? O assassino entra; por qualquer razão, retira da bolsa a chave, onde a encontrou durante uma busca

que deu pelo quarto, e a coloca no lado de fora da porta. Por quê?"

O Dr. Fell tornou a reunir as anotações num só monte e fez sobre elas como que

um passe de hipnotismo.

— Então? — perguntou depois. — Qual delas lhes parece mais interessante?

— Como árbitro — respondeu Kent —, eu diria que a segunda. Ou seja, que fim levou o infernal uniforme? Ela não se aplica a Gay mais que a qualquer outra pessoa.

Mas o uniforme parece ter se evaporado. Não vejo como o assassino pudesse se desfazer dele. Não podia tê-lo atirado pela janela, ou tê-lo queimado nem escondido: imagino que os senhores se incumbiram de verificar isso. Ao que parece ficamos reduzidos à certeza lógica de que o uniforme só pode estar em alguma parte do hotel.

O que faz dele um uniforme genuíno, tomado por empréstimo ou surripiado de alguém.

Não é possível que o assassino perambulasse por aí, à cata de um uniforme qualquer: a coisa cheira a conluio. O que nos traz de volta ao hotel... Daí a minha tese contra o gerente.

— Mais alguma sugestão? — perguntou o Dr. Fell, com um olhar cheio de curiosidade. — Nenhum de seus amigos arriscou algum palpite? Vamos! Alguém deve ter uma teoria engenhosa. Wrayburn não terá lá a sua, por exemplo?

— Não o tenho visto muito, mas creio que ele não fez nenhuma sugestão, exceto...

Kent calou-se de súbito.

— Exceto o quê? — acudiu o Dr. Fell, com avidez.

— Oh, nada. Foi só...

— E já não é pouco. Como estamos conferindo nossas forças, acho melhor revelar-nos isso.

— É apenas uma idéia cerebrina sobre a possibilidade de o assassino ser uma mulher. Creio que os senhores ainda não pensaram nisso, não?

O Dr. Fell e Hadley trocaram olhares. O doutor mal conteve o riso.

— Essa pergunta não me faz justiça — respondeu ele, com brusca afabilidade. —

Esse foi um dos primeiríssimos pensamentos que me ocorreram. Refere-se ao fato de que o uniforme teria sido usado para nos forçar a crer que o culpado seria um homem?

— Sim. Mas entrevê o senhor a razão por que isso não poderia ser verdade?

Refiro-me — prosseguiu Kent — aos sapatos de camurça. Em primeiro lugar, é pouco provável que uma mulher cometesse o engano de reunir dois sapatos pertencentes a pares distintos. Em segundo lugar, e isto é ainda mais importante, nunca iria colocar à porta sapatos de camurça, que não levam graxa. Isto indica que o assassino é homem.

Bem posso compreender (uma vez que me ponha a refletir nisso) que esse tipo de sapatos não se engraxa. Mas, se eu fosse o assassino e tivesse simplesmente de empurrar para fora da porta um par de sapatos, é duvidoso que esse detalhe me ocorresse. Eu reuniria os dois primeiros sapatos que achasse ao meu alcance, como o assassino obviamente fez.

— A menos — assinalou o Dr. Fell com manifesto deleite — que isto fosse uma sutileza de propósito para nos desorientar. Sendo mulher a pessoa e querendo que pensemos que seja homem, seria, creio que concordam, uma possível razão para idear

semelhante ardil. Nesse caso, ela reforça ainda mais tal impressão escolhendo deliberadamente um par de sapatos que nenhuma mulher escolheria.

Kent considerou, com ar sério, o caneco que tinha na mão.

— Sei disso — conveyo ele. — Esse recurso é muito útil em ficção, porque ajuda a provar quase tudo. Mas aqui no meu íntimo nunca acreditei realmente nele. O senhor recorda da famosa passagem em que Dupin demonstra a possibilidade de prever o funcionamento da mente de alguém, para o que usa como exemplo o jogo de par-ou-ímpar? Um garoto oculta uma bola de gude numa das mãos, e seu companheiro lhe ganha a bola se com um toque indicar a mão certa; e assim por diante até acabarem as bolas. Após aquilatar a inteligência ou obtusidade do oponente, pomo-nos mentalmente no lugar dele, pensamos no que ele faria e, assim, ganhamos todas as bolas. Pois

bem, não funciona. Já experimentei. E não funciona porque, mesmo que existam duas mentes ajustadas à perfeição uma com a outra, elas infalivelmente divergirão quanto à estratégia. E, se tentarmos pôr em prática esse jogo quando o adversário apenas se esteja deixando levar pelo acaso, então nossa estratégia será comparável a construirmos um edifício de tal modo complicado que em pouco já não nos lembra onde o começamos... O senhor não acha, honestamente, que a maioria dos assassinos não é nada sutil, mas bem o contrário disso? Eles não têm tempo; e creio que receariam muitíssimo ser mal interpretados.

Do lado oposto do salão, a porta que conduzia à cavalaria abriu-se e Sir Gyles Gay entrou. Pela expressão de seu rosto, via-se que ouvira as últimas palavras, e agora as revolvia na mente. Com ele, entrara uma rajada de ar frio, fazendo tremular as chamas da lareira. O relógio da igreja acabava de dar, ruidosamente, as dez.

Despediam-se os últimos fregueses do bar, com um ruído distinto de portas que se cerravam com firmeza e das últimas saudações da noite. Gay usava um chapéu mole, caído sobre a testa, e um grosso sobretudo. Trazia também uma bengala debaixo do braço.

— Estou um pouco atrasado, senhores — explicou-se, com formalidade. — Peço-lhes perdão.

— Não quer beber alguma coisa? — indagou o Dr. Fell, já levando a mão à campainha. — Estamos hospedados aqui, como sabe; e, assim sendo, podemos pedir algo, se quiser, mesmo depois do horário.

— Sim. Eu sei — respondeu o recém-chegado, descalçando as luvas. Estudava-os. — Os senhores preferiram isto à minha hospitalidade. Será por escrúpulo de comer à mesa em companhia de um indivíduo que tencionam prender? Em todo caso, não posso aceitar sua oferta.

— Ainda não cogitamos em prender ninguém, Sir Gyles — informou Hadley. — O

senhor apenas foi convidado a esclarecer certos pontos. Por algum motivo o senhor quis ter algumas horas para "pensar no assunto". A instâncias de Fell, concedi-lhe algum prazo. Tem alguma coisa a dizer, agora?

Gay descansou o chapéu e a bengala na mesa, sorrindo como a escarnecer do

próprio chapéu. Puxou uma cadeira, e sentou-se com alguma cautela; parecia atento ao rumor da chaminé sob o céu gelado.

— Sim; vim disposto a contar tudo — disse, e voltou-se. — Mas previno-os de que ficarão desapontados. Quando eu acabar, os senhores poderão, é claro, tomar as medidas que entenderem. O que eu queria era algum tempo para refletir. Para tentar lembrar se alguma vez na vida me encontrei com Mrs. Kent anteriormente. Um momento! — pediu, erguendo a mão. — Sei muito bem o que revelam os dados que o senhor tem em mãos, superintendente. Sei que devo tê-la encontrado, no sentido de apenas a ter visto. O senhor não acreditou em mim, esta tarde, quando eu disse que uma mulher bem pode ter vindo à Inglaterra e alegado conhecer-me (na verdade, muita gente faz isso); e o número de pessoas que passam pelo gabinete de um subsecretário durante um ano é tão grande que, para lembrar apenas um quarto delas, seria necessário ter um fichário na mente. Mas a verdade nua é esta: não me recordo dessa mulher. Repassei cuidadosamente tudo o que pude lembrar com referência ao ano em questão. Eu então morava em Norfolk. Com a ajuda de meu diário, quase pude reconstituir todo esse ano. Mrs. Kent não figura em fase alguma dele. Jamais entretive alguma "relação" com ela, do tipo que os senhores insinuam; e não partilhamos nenhum segredo que me obrigasse depois a matá-la. Esta é a minha última palavra sobre o caso.

Houve um silêncio. Hadley tamborilava na mesa, com ar indeciso. Tal parecia ser a sinceridade daquele homem, que ele ficara visivelmente impressionado.

— E é só isso o que tem para nos dizer?

— Não; não é. Agora vem minha confissão. Fui eu, realmente, que coloquei a fotografia entre as toalhas no banheiro; ou melhor, não precisei fazer isso e nem cheguei a passar pelo banheiro; apenas quis fazer crer que a tinha encontrado lá.

Também fui eu que despejei tinta na gaveta. Mas foi só isso que eu fiz.

Por qualquer razão, o Dr. Fell, à vista disso, pôs-se a esfregar as mãos com manifesto prazer. Hadley estudava o rosto de Gay, que com um sorriso escarninho lhe sustentava o olhar.

— Oh, sim, foi uma perfeita asneira, se é o que o senhor está querendo dizer.

— De modo algum — consolou-o o Dr. Fell. — Mas vejamos agora uma questão mais importante. Foi o senhor quem tirou as outras fotos?

— Não.

— Ótimo. Nesse caso — tornou o doutor —, acho melhor contar-nos isso direito.

— É preciso reconhecer que a minha primeira e única incursão no submundo do crime foi um fracasso completo — observou Gay. E isto parecia afligi-lo mais que tudo.

Viera preparado para sofrer um ataque e, assim sendo, surpreendia-o aquele ar de despreocupação com que o ouviam.

— Tive a ilusão de que fazendo a coisa parecer grotesca a tornaria mais verossímil. Esta é uma fraqueza que eu tenho e que...

— Podemos dispensar isso — interrompeu-o Hadley.

— Por que o senhor fez tais coisas?

— Porque na certa eu iria ser acusado falsamente — retrucou Gay, rosto rubro de cólera. Inclinou-se para diante e prosseguiu: — Se ainda puderem conceder algum crédito a minha palavra, ouçam a verdade sem retoques. Eu não tinha a sua habilidade para notar que a tinta no dorso da foto era tão velha; isso me ocorreu depois e me levou a maldizer-me a mim próprio. Pensei que tivesse sido colocada lá esta manhã.

"Voltamos a Quatro Portas às onze horas. Ótimo. Isso ao menos os senhores não põem em dúvida. E existe algo que infelizmente não percebem, malgrado as suas deduções. Eu não mantenho um chofer regular. Contrato sempre o mesmo indivíduo, quando necessário. Esse indivíduo, Burns, trouxe-nos da estação para minha residência hoje de manhã. Conseqüentemente, tive que pagar-lhe. Ia fazê-lo com o que tinha na pequena bolsa de trocados, que costumo conservar na gaveta daquela escrivaninha.

Logo que chegamos e todos subiram para seus quartos, fui ao meu gabinete, nos fundos da casa, enquanto Burns tirava a bagagem do veículo..."

— Um momento. Essa gaveta, como dizem as criadas, costuma ficar trancada?

— Sim, sempre. Só que eu ignorava que minhas astutas auxiliares o soubessem.

Hei de me lembrar dessas possibilidades ao cometer meu próximo crime. Pois bem. Fui ao meu gabinete. Quando atravessava o

vestíbulo, ouvi que alguém se movia por lá. E, ao abrir a porta, mal tive tempo de notar alguém, homem ou mulher, retirando-se furtivamente pela porta ao topo da escada interior.

— E quem era?

— Ah, isso é que eu honestamente não sei. Gostaria que acreditassem. Só tive tempo de ver a porta se fechando.

— Mas não ouviu ruídos, passos?

— Sim, creio que os ruídos eram de passos. Mas não sei descrevê-los. Chamei, e não obtive resposta. Se dissesse que não estava nervoso, estaria mentindo; estava tenso, tanto mais que não fazia idéia do que ocorria. Refletindo nisso, abri a gaveta da escrivaninha e dei com todas aquelas fotos feitas em pedaços. Em cima delas, estava o retrato com a mensagem anunciando outro...assassinato. Pelo menos, foi assim que a interpretei.

— Há quanto tempo não abria essa gaveta?

— Provavelmente há umas três semanas.

— Prossiga — autorizou Hadley com serenidade. Mas o tom de Gay como que esfriara.

— O senhor não é nenhum tolo, caro amigo — disse ele. — Deve saber o que eu pensei e ainda penso. Aquilo era uma tentativa clara de me atribuir à autoria desses crimes. Querem saber por que tive uma explosão contra meus hóspedes esta tarde? É

esta a razão: um deles colocou lá aquela foto. Em brevíssimo tempo esse alguém faria com que o retrato fosse "achado". É assim que certos amigos nos retribuem a

hospitalidade. — Gay torceu os dedos e a seguir espalmou as mãos sobre os joelhos.

— Não é óbvio? Sou o único que tem a chave daquele móvel. Contudo, parece que alguém conseguiu uma cópia. Como, não sei. Mas sei muito bem por quê. Se conhecem melhor exemplo de tentativa premeditada de passar adiante a própria culpa, gostaria que me informassem.

— E em vista disso...

— Bem, há um preceito antigo que nos recomenda atacar primeiro. Devo ter agido como tolo, não sei. O que sei é que naquele momento fiquei furioso como nunca, desde os tempos dos meus conflitos com a estupidez oficial no governo. Senti como o efeito acumulado de vários anos de cólera. E ainda agora não recobrei meu bom humor costumeiro.

Na verdade, quase não se lhe notava vestígio algum de bom humor. Contudo, era evidente que ele acreditava com sinceridade possuir tal característica. Ninguém fez comentários. Após lançar um ruidoso suspiro, Gay prosseguiu:

— Ah, se naquele momento eu soubesse quem tinha posto a fotografia na gaveta!

— Uma fotografia — aduziu o Dr. Fell, como de improviso — em que a mensagem tinha sido escrita fazia duas semanas.

— Circunstância — replicou Gay no mesmo tom — que eu ignorava. É fora de dúvida que alguém andou pelo meu gabinete pouco depois das onze, e não para me fazer algum bem. Repito: se eu soubesse quem fez isso, eu o teria perseguido com prazer e contra-atacado. Mas não sabia, e também não queria arriscar uma suposição que poderia revelar-se injusta. Por onde se vê que, em muitos pontos, sou mais caridoso que o verdadeiro assassino. Mas, acima de tudo, eu estava muitíssimo ansioso por observar o efeito que um contragolpe meu teria sobre esse "alguém".

Talvez tivesse sido mais sensato livrar-me da foto e dos pedaços picados. Mas eu não queria que o assunto morresse aí. Sendo inocente, eu queria que a polícia encontrasse esses indícios. Mas, senhores, não desejava que os encontrasse na minha escrivania!

— Não lhe ocorreu vir até nós e contar tudo?

— Não — respondeu Gay com simplicidade. — Essa foi a única coisa em que não pensei.

— Prossiga.

Gay inclinou a cabeça para o lado, e um ar folgazão insinuou-se-lhe no rosto, compondo-lhe uma expressão de divertimento que havia horas não lhe viam.

— Reconheço que fui meio estabanado. A cauda de burro foi outro erro meu, e não estou certo de ter lucrado nada com tingir de

vermelho o interior daquela gaveta. Mas eu queria chamar a atenção para o fato. Acreditem, nem me passou pela mente a idéia de, com isso, tornar irreconhecível os instantâneos que estavam lá. Admirei, mesmo arrepiando-me até o último fio de cabelo, a habilidade com que os senhores juntaram esses pequenos indícios. Serão capazes de entender isto: que no meu aturdimento

ainda mantivesse uma espécie de interesse distante, como num estado auto-contemplativo, pelo modo como os senhores desencavavam os fatos do caso a partir de tais ninharias? Eu estava como Pickwick a ouvir o Sargento Buzfuz e vendo minhas costeletas e meu molho de tomates sendo usados contra mim. — Fez uma curta pausa e concluiu: — Acho que isso é tudo o que tenho a dizer. Mas entendam que não precisei inventar o intruso. Havia realmente alguém em meu gabinete quando me dirigi para lá. Os senhores obtiveram um precioso indício, ainda que de um modo lamentável por mim. Não tenho nenhum segredo obscuro nem terrível associado ao passado de Mrs. Kent. Essa é a minha história, quer creiam quer não; e (cá entre nós) não me importa que a condenem.

Hadley e o Dr. Fell entreolharam-se. Tendo encolhido ainda mais o pescoço sob a gola erguida do sobretudo, Gay pestanejava à luz do fogo.

— A atmosfera já não lhe parece tão hostil agora, não é mesmo? — indagou-lhe afavelmente o Dr. Fell.

— Bem... Não. Para dizer a verdade, não mesmo.

— Só mais uma ou duas perguntinhas — sugeriu o doutor, enquanto Hadley franzia o cenho sobre o livrinho de notas. — Não consegue imaginar uma razão que levasse essa pessoa a picar todas as fotos restantes da gaveta?

— Não, não consigo. Isso, ao menos, não pode ter sido feito para lançar as suspeitas sobre mim. Ou, pelo menos, eu não vejo como poderia.

— Aham, não. Seria fácil obter uma cópia da chave dessa gaveta?

— Eu diria que sim. A fechadura é um tanto complicada demais para uma simples gaveta. Mas é bem possível, já que o fizeram. Não sei exatamente como se faz isto.

Da minha ampla familiaridade com literatura de mistério, sei que para isso é costume usar-se cera ou sabão. Mas se me dessem um pouco de

cera ou um pedaço de sabão para que eu o fizesse, creio que não saberia como.

— Disse ter ouvido som de passos no gabinete quando se dirigia para lá. Seriam leves ou pesados?

— A isso só posso responder — tornou Gay após reflexão — com o velho e inútil

"mais ou menos".

— Não poderia ter sido uma das criadas?

— Por que haveria de ser? Elas me contariam.

— Estão com o senhor há bastante tempo?

— Oh, sim. Vieram comigo de Norfolk. Eu... Humm... Bem, sim, posso dizer que confio nelas plenamente, tanto quanto possa confiar em alguém neste mundo.

— Creio tê-lo ouvido dizer que estava morando em Norfolk, por ocasião da primeira estada de Mrs. Kent neste país, não é certo?

— Sim, se anotei certo as datas.

— Aham. Bem... Sir Gyles, o senhor não faz a mínima idéia de quem seja o

responsável por tudo isso, nem seria capaz de arriscar um palpite?

Sem tirar os olhos do fogo, Gay abanou a cabeça, um sorriso estranho a retorcer-lhe os lábios:

— Isto é assunto seu. Meu também, reconheço; mas só de um modo diferente.

Podem me responder com franqueza a uma pergunta?

— Depende da pergunta, Sir Gyles — interveio Hadley, com prudência, antes que o Dr. Fell falasse. — Qual é ela?

— Por que — prosseguiu o outro, ainda sem tirar os olhos do fogo —, por que puseram um policial para vigiar Miss Forbes?

Mãos Sobre Uma Lápide

Kent lembrava-se do ruído surdo que seu caneco de cerveja produzira quando o depôs sobre a mesa. Relanceou os olhos por aquele pequeno grupo de pessoas e compreendeu, pela quietude em que estava, que Hadley e o Dr. Fell tinham tomado muito a sério aquelas últimas palavras.

— De onde tirou essa idéia? — perguntou o superintendente, em resposta.

— Percebo — disse Gay, com certo humor. — Será possível que os senhores nunca dão informações sobre nada a ninguém? Quando Miss Forbes e aqui o nosso Mr. Kent saíram a passeio, esta tarde, os senhores designaram um homem para segui-los. Não sei dizer qual foi, mas sei que era um dos sargentos que vi no Royal Scarlet Hotel. Quando eles voltaram a Quatro Portas ele seguiu Miss Forbes. Começo a suspeitar que...hummm...atraíram-me aqui para a taverna esta noite, em lugar de irem à minha casa, só para dar ocasião a algum de seus homens de entrar lá durante a minha ausência. Não tenho nada a opor. Mas se vão utilizar a minha casa para alguma coisa, creio ter o direito de saber o que se passa. O lugar todo parece coalhado de policiais.

Havia outro no bar esta noite. Não se pode esperar que tais coisas passem despercebidas em lugarejos como este. De modo que eu próprio andei imaginando o que haveria.

— É melhor contar a ele, Hadley — sugeriu o Dr. Fell. — Insisti nisso o tempo todo. Ele podia nos ajudar muito e, se alguma coisa saísse errada, poderia arruinar o plano.

— Por que — interveio Kent — vigiar Miss Forbes? Hadley sorriu-lhe, mas sem entusiasmo.

— Não pelo motivo que está pensando. Foi só para garantir que ela não se meteria em encrencas. O que bem podia acontecer. — E voltando-se para Gay: — Está bem.

O caso todo é este: com sorte, poderemos apanhar o assassino ainda esta noite.

Gay assobiou duas notas e aprumou-se na cadeira.

— Interessante — disse ele —, e atraente! Onde e como?

— Sua casa é bastante incomum — disse Hadley. — Pois realmente faz jus ao apelido que tem. Ao contrário de outros lugares, como Seaview ou Parkside, ela realmente tem quatro portas. Se Fell estiver certo, esperamos encontrar alguém saindo de lá, por uma dessas portas, no meio da noite.

— Saindo? Por quê?

— Por enquanto a história termina aí. Gay ficou intrigado.

— Mas ainda não compreendi. Se surpreenderem alguém que se esteja

esgueirando da casa, durante a noite, isto, por si só, é suficiente para provar ser ele o assassino? Sempre pensei — continuou com ar meditativo — que quando se preparam armadilhas como essa, e alguém é pego em atitude suspeita, tal pessoa logo se dispõe a falar e a admitir a própria culpa. Mas suponhamos que ela cruze os braços e declare:

"Estou sendo vítima de uma falsa acusação; falem com os meus advogados". Então que provas teriam os senhores contra ela?

— Temos razões para esperar — tornou Hadley — que não nos falem provas. —

E mudando o tom de voz acrescentou: — O que eu gostaria de lhe pedir, Sir Gyles, é isto. Se por acaso vir em casa um policial, e mesmo independentemente do que possa ver, ou parecer-lhe suspeito, não faça coisa alguma nem diga nada a ninguém. Deixe que todos se recolham normalmente, como sempre. A qualquer hora da manhã, bem cedo, pode ser que o acordem; mas a essa altura, se tivermos tido sorte, tudo já estará acabado. Promete que fará assim?

— Com prazer. Eu...hummm...devo concluir que os senhores acreditaram na minha história?

— Se não tivéssemos acreditado, acha que lhe confiaria esse segredo?

— Não sei, não — respondeu Gay, com franqueza. — Mas, seja como for, podem contar comigo. Quando farejo algo sórdido, gosto de saber que meu faro não me enganou. Boa noite, senhores. Espero revê-los logo.

Tornou a empurrar o chapéu para a testa, ergueu-se e levou a bengala sob o braço. À mesma porta por que entrara deteve-se por alguns instantes a estudá-los, antes de executar um leve gesto de saudação e

retirar-se. A noite, ainda fria, cuja quietude era quase absoluta, bafejou um ar gelado sobre os outros, no instante em que Sir Gyles saiu.

Hadley consultou o relógio.

— É melhor eu ir ver o estalajadeiro — disse ele. — Não queremos interferência.

Dizendo o quê, ergueu o braço e apagou as luzes elétricas.

Enquanto o claro do fogo se erguia incerto, e eles ouviam Hadley retirar-se aos tropeções para o bar, Kent olhou para o Dr. Fell, que sorvia a cerveja do caneco, sem comentários; parecia aguardar atento o som do relógio da igreja, que estaria por dar a meia hora.

— Posso saber o que se passa? — inquiriu Kent, num quase sussurro.
— Que história é essa a respeito de Francine, afinal? Eu tenho o direito de saber...

Mal enxergava o doutor, mas ouvia-lhe a respiração ofegante.

— Miss Forbes — declarou ele — não corre nenhum perigo de se ferir. Quanto a isto, pode ficar tranqüilo.

— Mas se ela está correndo qualquer perigo que seja, eu quero...

— Aham, sim. Isso, acho eu, faz parte da idéia.

— Quero dizer que eu desejo estar por perto para...

— Não — interrompeu-o o Dr. Fell. — Nunca mais. Permite isso no caso do Oito de Espadas; e jurei com meus botões que nunca mais o faria. Foi simplesmente uma tragédia. Essa é uma tarefa para profissionais, meu rapaz, e há um profissional encarregado dela. Mesmo assim, você pode ser útil, se quiser. Queremos dois homens em cada uma das quatro portas, mas estamos com falta de pessoal. Se quiser, pode cooperar na vigília. Sem sombra de exagero, posso afirmar que talvez nos choquemos com alguém capaz de se tornar uma fera se certas coisas saírem erradas.

O relógio da igreja deu a meia hora.

Hadley voltou, trazendo os canecos cheios. Pouquíssimas palavras foram trocadas entre eles. Sentado junto do fogo, a fim de poder enxergar o próprio relógio, Hadley inclinou-se. Quase não se ouvia

ruído algum além do produzido pelas vasilhas de estanho arrastando-se na mesa, o tique-taque dos relógios e o crepitar do fogo agora de um rubro intenso. Ouviram ainda bater o quarto de hora, depois a hora. Northfield adormeceu.

Minutos depois das onze, Hadley, que passara de uma janela a outra puxando-lhes as cortinas, atravessou o recinto em direção da porta que dava para a cavalaria.

Escancarou-a e pôs-se a espreitar fora. Um ar frio alastrou-se pelo cômodo, enquanto o vapor do hálito de Hadley lhe era impelido pelas costas. Houve um rangido na cavalaria, depois um sussurro.

— Tanner?

— Superintendente?

— Todos a postos?

— Está tudo pronto, senhor.

— Fiquem atentos.

Hadley deu mais alguns passos para fora, fazendo ranger uma tábua do assoalho, e ambos confabularam em voz baixa. Quando voltou a entrar, recolheu o sobretudo que deixara numa cadeira e encarou Kent.

— Seu setor — disse ele — será o mesmo do inspetor, na porta dos fundos da casa. Ele já tem todas as instruções; é só imitá-lo. Não entre no jardim dos fundos. O

apartamento de Miss Forbes tem vista para lá, e, assim sendo, o senhor poderia ser avistado se a lua saísse. Fique junto dos portões de ferro do jardim, mas do lado de fora, pegado ao cemitério. Daí terá uma boa visão da porta traseira. Não está com medo, está?

— Acho que não.

— Em todo caso... — Hadley, inclinando-se, pegou o atizador da lareira e entregou-o ao outro. — Em todo caso, leve isto. O senhor é civil, de modo que não posso dar-lhe outra arma. É só.

O superintendente acompanhou-o até a porta. O Inspetor Tanner aguardava-os, com o boné disposto de um modo que lhe dava um ar beligerante, murmurando quase inaudivelmente. Saíram em silêncio

por um portão que abria para o bosque.

Ou, pelo menos, Kent supunha que fosse o bosque. Era a primeira vez que testemunhava esse estranho e inquietante fenômeno da escuridão e silêncio absolutos em que mergulham as cidadezinhas inglesas à noite. Poucas ruas urbanas, poucas zonas da mais remota cidade, às horas mais mortas da noite, estarão *completamente* às escuras ou *absolutamente* quietas. Sempre haverá alguém acordado. Há mais luz e vida numa estepe sul-africana que no coração de um populoso distrito interiorano da Inglaterra. Quem, ao cair da noite, se meta por um desses lugarejos mal saberá onde está e quando mal se precate, qualquer coisa começará a lhe parecer tão assustadora quanto um fantasma. Tem-se a impressão de que os cidadãos locais caem narcotizados, com a chegada da noite. Mesmo que uma taverna permaneça aberta até as dez, seus estores ficam tão cerrados ou suas luzes serão tão remotas que parecerá tão morta quanto o resto; podia ser alguma taverna de Pompéia.

Embora caminhasse devagar ao lado do inspetor, Kent escutava tão distintamente o som dos próprios passos sobre a terra enregelada, que se diria estivessem marcando a trilha para rastreadores. Era uma noite muito fria, e podia-se farejar o nevoeiro mesmo sem enxergá-lo. Depois a lua talvez aparecesse. O pesado som de seus passos precedia-os pela orla do bosque. Ao que parecia, pensava Kent, não havia cães em Northfield.

Em lugar de enveredar pela estrada escura após a igreja, o Inspetor Tanner abriu silenciosamente o portão desta última. Kent seguiu-o pelos grandes pilares de madeira.

O atíça-dor gelava-lhe a mão ainda mais; segurava-o com demasiada força; então, enfiou-lhe o cabo num bolso fundo do capote e dobrou-lhe o braço em torno.

Percorriam uma senda lajeada, escorregadia em consequência da neve, que contornava a igreja. Atrás dela a escuridão era tal que tiveram de caminhar com um braço estendido à frente. Depois adentraram o cemitério, que ficava num declive; um verdadeiro labirinto, coalhado de lápides obstrutivas.

— Por onde, agora?

— Por aqui. Abra bem os olhos!

Grandes olmeiros iam se materializando diante deles. Mais além se estendia um muro com portões de ferro, para além do qual ele

distinguiu uma luz mortíça.

Evidentemente, alguém na Quatro Portas ainda permanecia acordado.

Kent, a quem incutiram, em criança, o pavor supersticioso de pisar em túmulos, vinha agora caminhando de modo grotesco para evitá-los. Esfolou os joelhos enregelados, chocando-os várias vezes contra as lápides. Então, no instante mesmo em que pararam à beira do cemitério, a luz da casa extinguiu-se; seus olhos, porém, mais acostumados com a escuridão, já viam melhor; perdera a sensação que a princípio se tem ao entrar num cinema após o início da exibição. Já podia distinguir certo brilho nos portões de ferro. Mais além, o branco da armação das janelas e da porta aos fundos da casa começava a ressaltar do escuro. Já podia até divisar o contorno das chaminés. Se ao menos não fizesse tanto frio...

O relógio da igreja deu o quarto de hora.

Contrariamente a seus princípios, Kent reclinou-se sobre uma sepultura a poucos passos do portão. As coisas já assumiam o aspecto que costumam ter em horas noturnas; divisou os degraus que levavam à porta dos fundos, bem como a lata do lixo; e tudo o que era branco já parecia rebrilhar. Quisera ter trazido luvas. Sentiu as mãos crisparem, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. "Devo ter pisado num túmulo", pensou.

Mas que estaria se passando no interior daquela casa? Quem esperavam que saísse por alguma daquelas portas, em meio ao silêncio que só o relógio da igreja ousava quebrar? Descansou o atizador, que começava a molestá-lo, sobre a relva úmida, junto a uma lápide. Inclinando-se, certificou-se de que o portão não estava trancado. Em resposta ao seu toque, ouviu-o ranger ligeiramente. Então voltou à posição primitiva. Todos pareciam acreditar que não haveria perigo. Mas não dentro da casa, do contrário não estaria cercada de policiais. Se o tivessem deixado entrar para ver Francine, ele agora se sentiria bem melhor. Parecia-lhe curiosa aquela inversão de coisas: os que estavam dentro da casa, entre sólidas paredes aquecidas a vapor, eram os que corriam toda a espécie de risco; os de fora, postados em pontos ermos e ao desabrigo, é que estavam seguros.

Inclinando-se ainda uma vez, experimentou o cadeado do portão e tornou a recostar-se na laje. Se permanecesse mais tempo naquela posição, não tardaria a ter câibra nas costas. Que tal sentar, então? Seria a coisa mais fácil de fazer. A lápide úmida, gasta pelo tempo, tinha ornatos em espiral no topo, como a cama do quarto em que

Rodney morrerá. Kent roçou-os com os dedos ao inclinar-se para recolher o atizador. Porém o atizador não estava lá.

Não estava mais lá! Seus dedos apenas tocaram a neve que ali havia. Agachou-se e apalpou em roda. Bem sabia onde deveria achar-lhe o cabo, porém não estava mais lá.

— Ora essa, com todos os...! — começou, chamando a atenção do companheiro.

— Está comigo — esclareceu o outro.

Kent voltou-se, aliviado, para ele, que permanecia no mesmo lugar desde que assumiram o posto, ainda imóvel. Os olhos de Kent, embora afeitos à escuridão, não distinguiam pormenores. Via-lhe a túnica azul, mas notava que não usava o sobretudo; distinguiu, igualmente, o brilho fraco dos botões prateados; viu, porém, outra coisa.

Não era o inspetor de polícia aquele indivíduo em cuja companhia Kent se embrenhara cemitério adentro.

O vulto estranho se moveu, e o ar zuniu ao golpe do atizador que foi chocar-se contra a lápide. O agressor tivera em mira acertar-lhe a cabeça. Kent não se esquivara; somente tropeçou, ou assim lhe pareceu depois. Ouviu o ruído do joelho a chocar-se contra o solo. Girou o corpo e, num salto, pôs-se em pé, com a agilidade de um gato, no instante mesmo em que o atizador desabava sobre ele. Então os dois homens estacaram, com a lápide de permeio.

A Kent parecia já se ter passado largo tempo, minutos pelo relógio da igreja, antes que qualquer deles executasse outro gesto. O reajustamento mais demorado é o do

pensamento. Diante de Kent, a não muito maior distância que a de um braço, estava a pessoa que procuravam. Como aparecera ali não vinha ao caso. A questão agora era o que fazer. Não lhe ocorreu gritar por socorro; e não por bravura, pois estava branco de medo e sentia o coração nas orelhas. É possível que não tivesse tempo de pensar.

Imóvel, fitava o outro através do vapor de seu próprio hálito.

— Largue isso — sussurrou ele. — Quem é você? Largue isso!

Em lugar de responder, o outro se pôs a contornar a lápide.

— Largue isso!

Se aquele atizador fosse um pouco mais comprido, Kent talvez se aventurasse a tomá-lo do adversário. Mas era arma muito própria para matar de perto; aquele golpe, se acertasse o alvo, ter-lhe-ia esmagado o crânio como uma laranja. Quando o outro passou a rodear o túmulo, Kent se afastou. O vulto movimentava levemente o atizador, como um pugilista antes de bater. Por fim, vibrou outro golpe...que passou por sobre o alvo.

Ambos contornavam o sepulcro ao mesmo tempo. Kent não sentiu mais que uma leve sensação de queimadura no polegar, algo como um formigamento. O ressalto de terra sobre o túmulo é que fez seu agressor tropeçar durante a arremetida. Seu corpo chocou-se contra a lápide. Ao cair, tendo quase atingido o peito de Kent, ficou com o pescoço atravessado sobre a pedra tumular, onde o atizador retiniu no instante em que tentara novo golpe. De puro medo, Kent aproveitou a ocasião para desferir-lhe o pior golpe que sabia dar: com o punho cerrado, bateu-lhe na nuca, prensando-lhe o pescoço contra a pedra, do modo como se bate ferro em bigorna. Ao mesmo tempo em que ouvia o atizador cair na relva enregelada, distinguiu o som de passos que se aproximavam. Três homens embrenhavam-se no escuro, andando sob os olmeiros desnudos; dois deles traziam lanternas. Podia ouvi-los respirar. Em breve reconheceu a voz grave, embora não tão firme, do Superintendente Hadley.

— Não, não me chame de nada — começou Hadley. — Não fui eu que o soltei em cima de você. Eu nem ao menos sabia que ele estava por perto. O bandido antecipou-se a nós...

Fez uma pausa para cobrar fôlego. Kent permaneceu tossindo alguns instantes.

— Seja como for — observou depois —, acho que desta vez quem cometeu assassinato fui eu. Não pude evitar. Melhor verem se o pescoço dele não se deslocou.

O vulto tinha resvalado da pedra para o chão, em que rolara como o atizador antes fizera. Hadley inclinou-se sobre ele, e nesse instante ouviram-se os passos pesados de alguém que se acercava. Era o Dr. Fell que, ofegante, vinha reunir-se a eles.

— Não, ele está bem — informou Hadley. — Em perfeita forma para tê-lo deslocado de outro modo. Mas por pouco não morreu como uma de suas vítimas. Pois bem, homens! Podem levá-lo. Verifiquem se não caiu nada dos bolsos dele.

Kent mirou perplexo o rosto do adversário, no instante em que o facho de uma lanterna o colheu.

— Mas, então, é ele...? — começou a dizer.

O Dr. Fell, que vinha enxugando a testa com o lenço, tomava fôlego. Passou o lenço pelos dedos, pestanejou e baixou os olhos, como desolado.

— Sim — disse ele. — Este é o verdadeiro assassino, não há dúvida: Ritchie Bellowes.

XIX

Um Crime Mais Brando

— E ele vestia...? — murmurou Kent.

À cabeceira da mesa, o Dr. Fell recostou-se, expansivo, na cadeira.

— Vestia — explicou ele —, por razões que logo esclarecerei, o uniforme sobressalente de um inspetor de polícia; que é tão parecido com o dos empregados do Royal Scarlet Hotel que eu mesmo já me vi tentado a chamá-los de "guardas". Lembra-se da descrição dos uniformes dos ascensoristas, que Hardwick nos forneceu? "Túnica azul, curta, de peito simples, abotoada até o pescoço; botões prateados, dragonas nos ombros." Observe que são os únicos homens uniformizados a usarem túnicas curtas, como um policial: os outros empregados têm casaca ou sobrecasaca. A única testemunha real e honesta que chegara a ver o fantasma de azul (Mr. Reaper) disse achar que a aparição usava túnica curta. Assim, o campo para as analogias se reduziu bastante. Mas Ritchie Bellowes só queria que notassem que seu uniforme era azul e de botões prateados.

— Mas como é que ele escapou da cadeia? — bradou Dan. — E por quê...?

Dizer que a antiga atmosfera de tensão já tinha abandonado aquele grupo de pessoas, como um diabrete que, passando em turbilhão por eles, só deixasse após si um mau odor que agora se dissipava, equivaleria a amesquinhar o caso passado na Quatro Portas naquela gélida manha de 2 de fevereiro. Falou-se que Melitta Reaper chorara a noite toda, fato que lhe valeu demonstrações de estima e admiração por parte de todos. Um sol amortecido mostrava-se nas janelas da sala de jantar, onde Gay oferecia um almoço que, de certo modo, era comemorativo. O polegar de Kent fizera-o passar pessimamente a

noite, pois com ele aparara um dos golpes que Ritchie Bellows lhe desfechara com o atizador; mas agora que ao natural alívio se somavam os efeitos sedativos do vinho, o dedo parecia não mais importuná-lo. O Dr. Fell, à cabeceira da mesa, como o Espectro do Presente de Natal, presidia à cerimônia. Foi ele que, meneando preguiçosamente o charuto, disse, após limpar a garganta numa tossidela:

— Aham. Sim, sinto ganas de fazer um discurso, só para lubrificar a eloquência; já que até aqui não se me deparou ocasião oportuna. Mas tenho ainda outro motivo.

Teoricamente, gosto deste caso. Ele nos proporciona uma oportunidade das melhores para exercitar nossa habilidade de juntar vários fragmentos com vistas a compor um todo íntegro e harmônico; o que deve despertar o interesse de quantos não desgostem de orgias dedutivas. Eu e o superintendente — neste ponto, acenou o charuto em direção de Hadley — juntamente o temos investigado. E se sou eu quem lhes fala a respeito, não será senão porque, dentre os dois, sou eu o falador mais entusiasta e inexorável.

"A melhor maneira de tratar o caso será expô-lo em linhas gerais, tal como se nos figurou desde o princípio. Ora bem, quando fui ao Royal Scarlet Hotel, no princípio, só uma idéia me ficou da confusão geral: que Mrs. Josephine Kent não seria o que aparentava. Hadley, em seu inteligente confronto de ontem com o nosso anfitrião, fez uma síntese das razões por que investigamos tal fato; começaram pela gravação, que o tempo já quase obliterou por completo, do nome da velha mala de viagem, e *não* terminaram com algumas informações muito sugestivas que recebemos da África do Sul. Levantaram certas dúvidas que vieram somar-se às demais."

"No princípio, repito, eu pouco duvidei da história contada por Ritchie Bellows. A polícia parecia convicta de que não era ele o culpado: havia demasiadas objeções de ordem física a contrariar tal hipótese, notadamente, seu braço esquerdo paralisado, que lhe tornaria impossível estrangular Rodney Kent. Acresce que estava obviamente embriagado demais, às duas horas da madrugada, quando o encontraram. Se tivesse cometido um homicídio à meia-noite, não iria, logo após, estender-se num sofá, à porta da vítima, e dormir até que, duas horas depois, o encontrassem. De resto, a arma desaparecera. Além disso, não parecia haver motivo para o crime. Assim, pois, vi-me propenso a crer em sua história, referente ao 'indivíduo uniformizado como um empregado de hotel', apenas porque era absurda demais para não ser verídica. E isto não é simpatia congênita pelo absurdo. É

que a referida história não era do tipo capaz de acarretar nenhum bem a um mentiroso deliberado. Se Bellowes fosse o assassino, ele tentaria defender-se com alguma mentira; não, porém, com uma mentira (aparentemente) tão desprovida de nexo e tão alheia ao caso em geral. À primeira vista, a história sobre o empregado de hotel não tinha sentido a não ser que verdadeira. Fosse ele um mentiroso, e talvez dissesse ter visto um gatuno no corredor; mas nunca pensaria em dizer ter visto um explorador polar ou um dançarino ou um carteiro."

"Assim sendo, quando chegamos ao hotel, no princípio, vi-me inclinado a crer que o assassino fosse efetivamente alguém do hotel. Especificando: que seria alguém dentre os hóspedes do sétimo andar. Então surgiram dois pontos que me intrigaram terrivelmente. "O primeiro deles era o desaparecimento puro e simples do uniforme.

Onde raios teria ele ido parar? Não podia ter sido escondido, nem queimado, ou atirado pela janela. Se assim fora, nós o teríamos descoberto. Se quem o tinha usado fosse um dos hóspedes, como iria fazê-lo sumir depois? Como vêm, tudo se resumia nisto.

Poder-se-á argumentar que qualquer hóspede conluiado com algum funcionário do hotel podia ter-lhe tomado de empréstimo um uniforme de verdade para usar durante a farsa e depois devolver. Dado que assim fosse, como poderia escamoteá-lo da ala A? A única via de acesso a essa ala esteve, durante toda a noite e as primeiras horas da manhã, até a chegada da polícia, sob os olhos dos três homens que estavam consertando o elevador. E não teria sido lançado da janela, por tal hóspede, a fim de ser recolhido em Piccadilly ou no poço de ventilação do edifício, por algum empregado envolvido na conspiração? Isto parece improvável. "Não obstante, o uniforme desapareceu."

"A segunda coisa que me intrigou muitíssimo foi também uma circunstância que

ajudou a esclarecer muitos pontos. Cismando no problema, ocorreu-me que uma porta se encontrava estranhamente aberta. A porta da rouparia, com fecho de mola. Ora, já ouvimos bastante sobre tais fechaduras para saber que ninguém as pode abrir de fora.

A criada fechara-a na noite anterior. Acharam-na aberta de manhã. Por conseguinte (e compreensivelmente), olhares tortos incidiram na pessoa de Mr. Hardwick, o gerente."

"Mas a minha mente é de natureza mais simples. Ninguém poderia ter

aberto aquela porta pelo lado de fora. Mas qualquer um pode abrir uma fechadura de mola, por dentro. É só virar a maçaneta. Onde o meu interesse em dar uma olhadela no interior da rouparia em questão. Aham, ah! Por falar nisso, alguém mais, dentre os presentes, terá feito isso?"

Kent fez um aceno afirmativo.

— Sim. Eu a examinei quando a pedido do superintendente fui buscar Melitta —

respondeu ele, ainda com uma vivida lembrança do local. — Por quê?

— Ótimo — disse o Dr. Fell. — Pois bem, no princípio do caso, investigamos todos os diversos modos pelos quais algum estranho pudesse ter entrado no hotel, e depois saído, sem ser notado pelos mecânicos que trabalhavam no elevador. Eram eles: *a)* escalar a parede lateral do edifício, que faz rosto com Piccadilly, e depois sair pela mesma via; *b)* escalar outra parede, pelo poço de ventilação, e depois descer por ela, ao sair; *c)* subir pela escada de incêndio que está junto à janela no extremo do corredor. Todos esses métodos de acesso foram eliminados, por "tão improváveis que quase se diriam impossíveis". Haveria objeções óbvias a "*a*" e "*b*". Quanto a "*c*", seria uma ampla via de acesso e de fuga (uma via óbvia) salvo por uma razão decisiva. A janela trancada que dá para a escada de incêndio não podia ser aberta, pois estava emperrada. Daí que abandonássemos, com tristeza, a hipótese "*c*". Mas examinamos a rouparia, e ficamos perplexos. O senhor — prosseguia o Dr. Fell, dirigindo-se a Kent —

examinou-a depois, pela manhã. Que foi que viu?

— Uma janela — respondeu Kent.

— Aberta ou fechada?

— Aberta.

— Aham, exato. Como seria uma grande maçada reconduzi-los ao hotel só para demonstrar isto — continuava o doutor —, passemos uma rápida vista d'olhos na planta da ala A. Aqui está a janela da rouparia. Como bem podem ver, a ampla escada de emergência, no exterior do prédio, fica a um passo, somente a um passo, dessa janela.

Ninguém precisaria ser acrobata para, da escada de incêndio, alcançar a janela e entrar.

"Fiquei perplexo ao ver essa janela. Inquietei-me. Pois era algo que vinha imprimir uma reviravolta em tudo. A não ser por Hardwick ou pela criada, a porta da rouparia não poderia ter sido aberta por fora, do corredor; isto é, não poderia ter sido aberta por nenhum dos hóspedes. E mesmo Hardwick e a criada, para abri-la, teriam que subir àquele pavimento, passando pelos homens que estavam no elevador: o que nenhum deles fez. Por conseguinte, a porta da rouparia foi aberta por dentro, com um

simples giro de maçaneta. Foi, pois, pela rouparia que o assassino entrou no edifício; donde se conclui que era alguém de fora."

O Dr. Fell descansou os cotovelos na mesa, não sem algum risco de chameuscar a testa com o charuto, e desferiu uma carranca sobre a xícara do café.

— Confesso que hesitei diante dessa conclusão. Ela não me alegrava em nada.

Não é normal resolverem-se casos com simplicidade. O indivíduo que diga: "A verdade só pode ser esta; não existe outra explicação" é, a meu ver, digo de admiração tanto quanto de pena. Porém, das doze questões mais importantes a serem respondidas (que propus ontem a Hadley e a Christopher Kent), duas ficariam esclarecidas por esta teoria. São estas a de número 7: "Como o assassino entrou numa rouparia trancada?"

"e a de número 2: "Que fim levou, posteriormente, o uniforme?", cujas respostas são:

"Ele veio de fora do edifício" e "Ao deixar o hotel, ele levou no próprio corpo o uniforme".

"Mas, se fosse (se fosse, bem entendido) alguém de fora, quem poderia ser?"

Nosso seletor grupinho estava todo inteiro debaixo deste teto. Todas as pessoas que tinham estado na Quatro Portas na noite da primeira tragédia, quando o vulto de uniforme foi visto pela primeira vez, estavam, nessa noite, no Royal Scarlet Hotel; e, portanto, segregados. Todas elas? Aham, bem, não exatamente. Faltava Ritchie Bellows, por exemplo. E por uma razão muito boa, já que estava preso num posto de polícia. De qualquer modo, ele nunca encontrara Mrs. Josephine Kent; pois ela não fora a Northfield com os outros."

"Este foi um ponto fascinante desde o princípio: por que é que ela

abalou para a residência das tias? Por que se recusava a ir a Northfield, fosse quando fosse, logo após o assassinato do marido? Tínhamos razões para suspeitar, o que logo após constatamos, que ela não era o que parecia. Já antes tinha passado na Inglaterra bem mais de um ano; de onde regressara para a África do Sul com uma boa soma de dinheiro. Contudo, ela manteve zelosamente em segredo sua estada anterior neste país, chegando a ponto de jurar nunca ter estado aqui antes. Por quê? Agora, observem: ela não faz realmente objeções a viajar; não se opõe a vir a Londres; não se esquivava a nenhum encontro (como com Sir Gyles, por exemplo); mas insiste em não ir a Northfield. Numa mulher cujo verdadeiro caráter começávamos a conhecer, aquele ataque de 'absoluta prostração nervosa' após a morte do esposo parecia algo exagerado."

"Isto, pois, foi o que uma parte de nossas mentes registrou. A outra parte registrou outra questão."

"Tão intrigante quanto o uniforme era a inveterada fraqueza do assassino por toalhas. Por que, em ambos os homicídios, usou ele uma toalha para estrangular as vítimas? Como salientei a Hadley, essa é sem dúvida uma maneira canhestra e singular de atacar; uma maneira nada natural de atacar. Inútil, além do mais. Seguramente, não foi por receio de deixar impressões digitais que o assassino a usou: pois ele devia saber, como sabem todos, que a carne humana não registra tais impressões, e que não é possível identificar marcas de mãos impressas num pescoço. Também sabemos,



a julgar pela ausência completa de impressões na mobília e em outras superfícies, que o assassino usava luvas. Depara-se-nos, portanto, o incrível espetáculo de um assassino que, para evitar deixar marcas, usa uma toalha, além de luvas. E isto não pode ser. Temos pois que procurar outra razão."

"Tenham a bondade de notar, antes do mais, que Mrs. Kent não foi estrangulada.

Não, senhores. Ela foi colocada dentro da própria mala de roupas e esta lhe foi cerrada de modo a prensar-lhe o pescoço, que uma toalha envolvia para evitar corte: a fim de imprimir-lhe marcas semelhantes

às que resultariam de um estrangulamento puro e simples. Entretanto, qual a razão de tal artifício? Seria mais fácil estrangulá-la da maneira usual, como (presumivelmente) o fora Rodney Kent. Essa excentricidade somada ao pormenor da toalha começou a fazer crescer uma muralha de incoerências, sólida demais para ser desprovida de método. Que é que, de relance, essa improvisada guilhotina nos sugere?"

"Ora, sugere que o assassino seja alguém fraco demais para levar a cabo um estrangulamento comum; ou que só podia valer-se de um dos braços."

"De um dos braços; o direito, apenas."

"Que mais? O corpo é arrastado para o interior da mala. Apoiando a mala contra a perna esquerda, o assassino, com a mão direita, empurra vigorosamente a tampa, como para fechá-la, servindo-se da perna esquerda como apoio, e está feito."

"Isto, porém, não combina com o vigoroso estrangulamento que pôs fim à vida de Rodney Kent, executado com as duas mãos. Isto, por si só, parecia eliminar a hipótese como uma sugestão fantástica, até que me pus a refletir melhor no assassinato de Rodney Kent. Hadley já tinha descrito a mobília do Quarto Azul aqui da Quatro Portas.

A coisa não me ficou clara enquanto não vim examiná-lo pessoalmente, apesar de poder imaginar a cena. Tenho visto mobílias mais ou menos semelhantes. Basta lembrar a configuração da guarda dos pés da cama. É de aspecto muito grave; com o topo em forma de vértice, a suave declividade dos lados termina numa reentrância semicircular junto aos pilares laterais. Assim."

Apanhou um lápis e traçou rapidamente no dorso de um envelope o seguinte esboço:

— Essas reentrâncias, podiam os senhores dizer, lembram o lugar, na guilhotina, onde se encaixa o pescoço da vítima. O corpo de Rodney Kent estava estendido no chão, a cabeça quase roçando uma perna da cama. Supondo que o pescoço de alguém desacordado seja encaixado nessa guilhotina improvisada; supondo que tal pescoço estivesse envolto numa toalha de rosto (não de banho, que seria grossa demais para deixar as desejadas marcas); supondo que o assassino, pondo-se sobre ele, segurasse, com uma das mãos, um lado do pescoço da vítima e o prensasse contra a guarda da cama; terminada a proeza, temos as marcas impressas com

clareza e, graças à toalha, semelhantes às que teriam sido deixadas por dedos: eis todos os sinais indicativos de um estrangulamento feito com duas mãos.

"Uma vez podia ser coincidência. Duas, não. Isso explicava a finalidade das toalhas. Seria indicação de que o assassino seria alguém incapacitado de um braço."

"Aham, ah! Bem! Comecei a ver os indícios expandirem-se como a casa que aquele Jack construiu: a) o assassino veio de fora do Royal Scarlet Hotel; b) usava um uniforme com o qual veio e se foi; c) ele tem, para todos os fins e propósitos, um só braço. A única pessoa que correspondia a essa descrição era Ritchie Bellows. A mesma circunstância que tanto depusera em seu favor, no começo das investigações, a saber: a paralisia parcial do braço esquerdo, era o que agora o denunciava. Tudo passava a voltar-se contra ele, uma vez que começávamos a refletir. Pois, ainda que o acreditássemos livre de suspeitas por estar trancafiado no posto policial, havia nisto uma relação que qualquer mente arejada perceberia: refiro-me à relação entre postos policiais e uniformes azuis."

"Há pouco indiquei este ponto. Túnica azul curta, com peito simples, fechada até o pescoço, botões prateados, dragonas nos ombros. Senhoras e senhores, temos visto esse traje nas ruas todos os dias; se tal associação de idéias não lhes ocorreu, terá sido porque a nossa aparição fantasmagórica trazia a cabeça descoberta. Tivesse eu a pretensão (que não tenho) de propor um enigma, indagaria: Quando é que um policial não é policial? E responderia, em meio aos protestos universais, mas com muita sinceridade: Quando está sem o capacete. Esta surpreendente diferença já terá sido notada por quem quer que alguma vez tenha assistido a um julgamento e visto alguns policiais sem cobertura. Quando apenas encimados do próprio cabelo, parecem um tipo completamente diverso de pessoas. Chegam a lembrar simples criados; e, de fato, não deixam de ser servidores."

"Mas voltemos ao ponto. Ritchie Bellows estava confinado no posto policial. E não seria razoável presumir que tivesse dito ao carcereiro: 'Ei, quer me soltar e emprestar um uniforme? Tenho de ir até Londres cometer um assassinato; mas prometo voltar ainda esta noite'."

"Entretanto, começamos a refletir numa característica da vida nacional: os postos policiais dos vilarejos. Tanto quanto os bancos do interior, eles surpreendem, às vezes, um observador desprevenido. Não são os graves e imponentes templos de pedra, que em algumas cidades se erigem para o fim específico de agasalhar uma centena de

ébrio durante a noite. Não, senhores. São apenas moradias comuns (como é o caso em Northfield) semelhantes a qualquer habitação em que pudéssemos residir, e que, de uma hora para outra, se vêem convertidas em delegacias locais. São arrendadas para esse fim. Mas têm de haver sido construídas por alguém. E é nesse ponto que me ocorre a lembrança de que o pai de Ritchie Bellowes, velha e célebre 'personalidade'

local, era arquiteto. E, segundo Hadley me informou, edificara a metade das residências modernas de todo o distrito."

"Estamos informados do gosto que Bellowes pai tinha por executar o trabalho com as próprias mãos. Temos notícia, especialmente, do seu peculiaríssimo senso de

humor, o qual, na alma degenerada do filho, não produziu senão atrocidades. Estamos, igualmente, inteirados do fraco que o velho tinha por truques, artimanhas e simulações bem-feitas: notadamente por passagens ou portas secretas. Ouvimos falar na 'maior pilhéria do mundo' que ele pretendia legar à cidade. Como sofre de igual fraqueza, posso ter um radioso vislumbre do que seria uma pilhéria assim; uma piada da melhor qualidade: dar a semelhantes dispositivos uma função que nunca dantes tiveram.

Refiro-me, senhoras e senhores, a uma porta secreta aberta nas celas de um posto policial."

O Dr. Fell recostou-se na cadeira e assumiu um ar meditativo.

— É certo que temos um precedente, ocorrido já há milênios. Recordem a passagem em Heródoto referente ao zombeteiro arquiteto que fez o mesmo à câmara do tesouro do Rei Rhampsinitus. Mas, com respeito à Bellowes filho, observa-se um fato muito sugestivo. A história que ele contou (do empregado de hotel vislumbrado na Quatro Portas por ocasião do assassinato de Rodney Kent), quando é que ele a contou pela primeira vez? Teria sido logo ao ser preso, na mesma noite do crime? De modo algum. Só lhe ocorreu contá-la no dia seguinte, ao dar consigo no posto policial. Eh?

Não só no posto, mas em determinada cela. Suponham que ele soubesse muito bem que poderia safar-se dali quando bem lhe aprouvesse. Suponham que tivesse cometido um erro grave e comprometedor na execução do primeiro crime, o que logo indicarei.

Mas, se fosse cometido outro crime, ele estaria ao abrigo de suspeitas. Assim sendo, com uma histérica vivacidade que não posso furtar-me a

admirar (pois, como talvez tenham observado quando da visita que lhe fizemos na cadeia, certa histeria juvenil constitui o traço predominante de sua personalidade), contou-nos ele uma certa história...

"História que, no dizer de Hadley, ou seria *delirium tremens*, ou profecia ou verdade. Mas era profecia! Examinada com serenidade, vê-se que a história se revelou excessivamente profética. Não só punha o carro diante dos bois, como até o fazia disparar encosta acima sem bois que o puxassem. Não só descreveu um empregado de hotel, como ainda nos forneceu, ousadamente, o nome do hotel que o empregava.

Devem lembrar-se: 'Eu o descreveria como um indivíduo de estatura mediana, metido num uniforme igual aos que a gente vê nos grandes hotéis como o Royal Scarlet ou o Royal Purple'."

"De fato, isto era necessário para gravar tal imagem em nossa mente. Precisava ser muitíssimo bem definida, a qualquer risco; e é certo que ele tinha por si a reputação de possuir memória fotográfica. Precisava transformar a túnica azul com botões prateados ou de bronze, que podia significar qualquer coisa (e a um observador desprevenido talvez até sugerisse coisa bem diversa), numa figura concreta. Daí a bandeja. Parafusando na razão de ser dessa bandeja, despenhei-me num abismo intelectual, até que me pus a considerar a culpabilidade de Ritchie Bellows. É fora de dúvida que tal objeto não passava de um simples detalhe acessório destinado a definir com clareza aquele vulto; jamais houve, *nunca*, bandeja nem vulto algum. Mas receio que esteja me adiantando aos fatos. Por falar nisto, Hadley, onde foi que descobriram a tal saída secreta do posto policial?"

O superintendente circunvolveu os olhos pela mesa, como a tomar-se de escrúpulos por tratar o assunto em companhia tão mista. Mas só o que viu foram fisionomias interessadas: o ar sempre alerta de Gay e de Harvey Wrayburn, a expressão gravemente admirativa de Dan Reaper, a surpreendente jovialidade de Melitta e a descolorida absorção de Francine.

— Onde? — rosnou Hadley. — A manhã inteira não se viu outra coisa. Havia três delas, e ninguém sabia! Isso vai dar motivo a comentários violentos pela imprensa, quando divulgado. Mas claro que a coisa não foi tão simples como Bellows achava. As portas secretas apenas davam para o porão da casa vizinha, que é a residência particular dum inspetor. O que não bastava para uma fuga completa.

Conseqüentemente, apesar de que podia sair através da casa do

inspetor, não poderia ir...

— Ir aonde? — perguntou Gay.

— Aonde, acima de tudo, ele, na verdade, pretendia ir — esclareceu o Dr. Fell; —

e precisava ir. Isto é, sem sair do próprio posto subir das celas para o paiol, daí passando para as salas de espera. Mas havia, de permeio, várias portas gradeadas, inclusive a da sua própria cela. Além disso, costumava haver guardas de serviço, nas horas mais inconvenientes, naquela parte do posto. Foi um golpe duro, pois para quem planejava o que ele tinha planejado, duas coisas são imprescindíveis: roupas e algum dinheiro.

"Bellowes, como sabem, tinha sido preso por invasão domiciliar. Ora, isto sempre envolve certas formalidades. Costuma-se tirar do preso, antes de trancafiá-lo, todo o dinheiro que tiver consigo, fumo, sobretudo, etc. E todos os objetos pessoais de Bellowes foram depositados num cofre no pavimento superior do posto, para o qual ele não tinha acesso; e eis que ele estaria praticamente nu sem a maioria deles. Já vão percebendo? Não poderia voltar a seu quarto em Northfield sem despertar alguma curiosidade no espírito da senhoria. Não poderia acordar um amigo no meio da noite e pedir emprestada uma capa impermeável ou dez xelins para a passagem de trem. Ou ele estava na cadeia ou não estava. Não havia meio termo. E, pois, não podia ser visto por ninguém. A única coisa que podia vestir à noite, sem despertar suspeitas, era um uniforme sobressalente surripiado da casa vizinha do inspetor. Teve que pegá-lo porque, ó Baco, como ele necessitava desse uniforme! Devem recordar que, quando o visitamos na cadeia, vimo-lo em mangas de camisa; e o dia não estava tão quente. Não vimos nenhum sinal de capote, paletó ou malha dentro da cela, porque ele não usava tais roupas quando o prenderam. Mas a cela estava suficientemente aquecida para ele não sentir nenhum desconforto. Mas não poderia sair por aí, numa nevosa noite de janeiro, sem desconforto; para não falar na sua necessidade mais vital de não atrair a atenção de ninguém. Daí a brilhante idéia do uniforme, que, aliás, tinha três funções: a de cobertura, a de excelente disfarce e a de fazê-lo parecer um empregado do Royal Scarlet. No espaço que medeou entre a noite de 14 de janeiro, em que Rodney Kent foi assassinado, e a noite de 31, ele teve tempo de sobra para se preparar; e para preparar o terreno. Já sabia, como qualquer um saberia (o que logo os senhores verão), que todo aquele grupo de pessoas iria se hospedar no Royal Scarlet; que Mr.

Reaper tinha insistido especificamente em reservar quartos na ala A do sétimo andar, recém-anexado ao edifício; que seria lá que Josephine Kent iria se reunir aos companheiros em data específica..."

— Mas como podia saber disso? — esganiçou Francine.

— Hum, um momento. Finalmente, matar a pequena Josephine tornara-se para ele a mais profunda e irresistível obsessão. Bem podem adivinhar por quê.

— Por quê?

— É que legalmente ela era a esposa de Ritchie Bellows — informou o Dr. Fell.

— E não podia soltar demasiado a língua sem admitir-se culpada de bigamia.

XX

A Razão da Pedra

— Uma vez estabelecido este ponto — prosseguiu o Dr. Fell —, o resto explica-se por si. Já percebem por que é que ela fazia questão de manter em segredo a sua estada anterior na Inglaterra. Compreendem, igualmente, a ansiedade que tinha em conservar-se longe de Northfield, onde vivera anteriormente. Entendem, também, por que, mesmo sabendo sem sombra de dúvidas que Ritchie Bellows tinha assassinado Rodney Kent, ela não ousou denunciá-lo nem expor seus motivos. Percebem, outrossim, por que ela não se inquietava com respeito à própria segurança, pois pensava que Bellows estivesse na cadeia. E o ponto central disso é o seguinte: todos, com exceção do marido, acreditavam que Josephine Parkes Bellows estivesse morta.

Mas queiram perdoar-me: devo expor as razões que nos levaram a pensar assim.

Nesse instante, Kent recordava-se de um rosto. O de Ritchie Bellows quando o vira sentado na beirada do beliche em sua cela; parecia irrequieto. Alto, magro e de olhos fundos, parecia agora encará-lo de novo, como o fizera na noite da véspera junto à sepultura. Recordava-lhe, principalmente, certo ar que assumira e dois gestos que fizera. O primeiro, ao perpassar os dedos sobre as veias da mão esquerda. O

segundo, quando de repente bateu o pé no chão em face de uma pergunta que não lhe agradara: como uma criança num acesso de

cólera. Fora um gesto estranhamente revelador, como aliás o era, igualmente, todo o ar daquele indivíduo que nunca chegara realmente a se fazer adulto.

— Expus-lhes — dizia o Dr. Fell — as razões que levam a crer na culpabilidade de Bellowes, bem como na anterior vinculação de Josephine Kent com o distrito de Northfield. Se quiséssemos um motivo, só o poderíamos encontrar em alguma antiga relação existente entre essa mulher e Bellowes. Que podemos afirmar, de improviso, que sabemos a respeito de Bellowes? Inteirei-me desde o início (por intermédio de Hadley) de alguns fatos acerca de sua vida pregressa, bem como do repentino colapso moral em que se precipitou esse filho de um bem-sucedido arquiteto. Casou-se e a esposa morreu-lhe "de tifo, no litoral"; frase que me despertou muito interesse logo que a ouvi. Não morrera sob as vistas dos habitantes de Northfield, portanto. Em todo caso, começa aí a abrupta decadência moral de Bellowes, que acabou transformado num bêbado cismarento, pacato e cordial. Tipos assim são perigosos. Especialmente quando se retiram para bosques invernosos a fim de beber sozinhos e "recitar" versos à lua, como Bellowes admite ter feito. Mas observem que a transformação por ele sofrida não foi apenas de ordem moral: ele sofreu, igualmente, um estrondoso colapso financeiro. Num momento sabiam-no abastado; instantes depois, ei-lo sem nada. Muita gente se surpreendeu. Nos julgamentos de casos de homicídios costuma-se citar o provérbio latino segundo o qual "ninguém nunca se transforma, de repente, no mais vil dos homens". Eu afirmo que ninguém jamais se transforma tão de repente no mais falido dos homens, salvo em resultado de alguma perda de grandes proporções. E dá-

se que "Miss Josephine Parkes", ao regressar a Johannesburg proveniente da Inglaterra, possuía. . . Ora, consideremo-la, assim como algumas de suas ações. Na noite de sua morte, a primeira em que arriscou sair de sob a proteção das tias, ela usava uma pulseira de aspecto interessante. Ninguém jamais a vira antes. Parecia improvável que a tivesse adquirido no campo. Uma mente simples imaginaria que fosse algo desenterrado de sua vida pregressa: algo que até então permanecera cuidadosamente escondido. Por quê? Por que fazê-la surgir agora? Ela própria insinuara a Miss Forbes ser aquilo um presente recebido de alguém a quem ela temia.

Sugeriu que talvez pudesse estar em perigo e que a jóia representava uma garantia contra tal perigo, por conter uma indicação da identidade do homem a que temia. Disse ela a Miss Forbes: "Se algo me acontecer, pode ficar com isto". Logo, porém, muda de idéia e, em meio a um acesso de terrores noturnos, confia-a a Mr. Wrayburn,

dizendo-lhe: "Guarde-a para sempre. Assim, ninguém se atreverá a despertar os mortos".

"Despertar os mortos... Que realmente seus receios se justificavam, e que o assassino também reconhecia em tal peça um risco pessoal, depreende-se da busca frenética que ele deu no quarto dela, no hotel, com o fim de encontrar o bracelete: a ponto mesmo de chegar a surripiar outro, semelhante, na suposição de que fosse o primeiro disfarçado. Mas não pude furtar-me a pensar na esposa de Bellows 'morta'

no litoral. Estaria morta? Ou teria antes beijado as tristes pontas dos dedos do esposo e calmamente escapulido, levando consigo o dinheiro de Bellows a quem deixava o encargo de explicar como melhor pudesse o papel de tolo que fizera? Também isso merecia investigação."

O gesto que neste ponto Wrayburn fez foi tão espalhafatoso como o que faria a fim de parar um ônibus.

— Um momento! — bradou ele. — Qual o papel desse maldito bracelete, afinal?

Qual é o tal segredo?

— Explicarei a posição do bracelete sucintamente — respondeu o Dr. Fell. — E

aqui desejo expor-lhes, em poucas palavras, os fatos, que agora obtivemos, sobre o casamento Bellows-Parkes. Hadley arrancou esses dados, na manhã de hoje, do próprio Ritchie Bellows. Ele não nega a própria culpa. Nem vejo como pudesse fazê-lo, em vista das provas contra ele existentes.

"Ele conheceu Josephine Parkes e, duas semanas depois, desposou-a em Londres, em março de 1933. Era, quiçá, inevitável. Ela tinha vindo a este país à procura de um novo ambiente; no que falhara. Sua afirmação, aliás falsa, de que conhecia Sir Gyles Gay e de que procurara emprego, apenas lhe valeu uma entrevista com ele..."

— Muito grato — acudiu Gay com gravidade.

— Para ela isto deve ter representado um grande desaponto, pois imagino que era dotada de muita autoconfiança. Alguém como Ritchie Bellows vinha-lhe, portanto, bem a calhar, como solução natural do problema. Era quieto, apagado, emocionalmente imaturo, idealista e

comprazia-se em adorar; sendo, além do mais, moderadamente rico, o que não deixava de ser interessante. Em suma, creio que os senhores acharão

essa descrição muito parecida com a de Rodney Kent. Desposou Bellowes sob o verdadeiro nome, mas não lhe disse que vinha da África do Sul. Se de futuro resolvesse alterar os planos, não queria atrás de si nenhum fio pelo qual a pudessem rastrear.

Casaram-se, pois, e foram para North-field, onde ela não se saiu mal como esposa (admirada de todos por sua devoção) pelo espaço de uns oito ou nove meses. Mas ela não podia suportar o estar aqui encravada. De resto, abstinência que era, via com maus olhos a inclinação que o marido manifestava para a bebida. As instâncias dela, e como sólido princípio de negócios para o caso de que algo acontecesse ao negócio já um tanto minguado que ele herdara do pai, a maior parte do dinheiro dele foi transferido para a conta dela. É então que a vemos partir para o litoral. Mas, pouco antes, ela fez um saque bancário no valor de seis mil e oitocentas libras; deixou-lhe uma carta exprobatória, e desapareceu. Bem, não poderia fazer isto sem cobrir o marido de dívidas, deixando-o mesmo ao ponto da insolvência. Conseqüentemente, Bellowes, para fazer frente à nova situação, precisou vender quase tudo o que possuía. Mas, como se sabe, não é costume dos bancos fornecerem informações indiscretas.

"Há algo, todavia, que não se deve fazer a alguém como Bellowes: não se deve fazê-lo de tolo."

"Na noite de anteontem eu ignorava esses fatos. Mas, na certeza de que Bellowes faria tudo para impedir que isso se divulgasse, suspeitando que ele se desdobraria para criar uma 'morte' mítica que pudesse apresentar aos vizinhos, novas questões se nos deparavam. Como Ritchie Bellowes soubera que 'Josephine Kent', atraente esposa de um sul-africano de visita a Sir Gyles Gay, era na realidade a sua sagaz esposa?

Pelas fotos, é claro."

"O senhor, Sir Gyles, não morava em Northfield na ocasião em que Josephine Bellowes-Kent esteve na Inglaterra. O senhor residia em Norfolk, conforme nos contou, e só se transferiu para cá quando Bellowes viu-se obrigado a vender a casa. (Percebe, porém, como isto harmoniza nossas datas com a partida dessa senhora para fora do país?) Entretanto, o senhor já conhecia Bellowes muito bem. Por diversas vezes ele viera aqui vê-lo. O senhor estava absorvido com

seus visitantes. Mostrou a ele todas as fotos, não é verdade?"

— Sim — respondeu Gay, com pesar. — E falei, ainda por cima. Ele parecia tão interessado!

— Por outro lado, não é provável que muitos habitantes de Northfield vissem tais fotos e tivessem a curiosidade despertada pelo estranho reaparecimento de Mrs.

Bellows. Como o senhor mesmo nos disse, seus modos fazem com que as pessoas se ponham de reserva; para com Bellows, porém (a que o afeto pelo antigo lar atraía para cá), o senhor deve ter-se mostrado calorosamente amistoso, como aliás se esforça por ser com qualquer pessoa. Os criados, normalmente cidadãos locais, não perceberiam nada, pois o senhor os trouxe consigo de Norfolk. Mas Bellows não quereria correr riscos. Cedo ou tarde ele faria com que aquelas infelizes fotografias fossem destruídas: pois quando a matasse não deveria restar nenhum retrato dela para ser estampado nos jornais.

"Infelizmente, foi o senhor que, na noite de anteontem, introduziu um elemento consideravelmente desconcertante no curso das nossas especulações. Pouco antes de eu sair para jantar com estes dois", e o doutor nesse ponto atirou um olhar tristonho sobre Francine e Kent, "tive uma conferência com Hadley. Ele acabara de receber um cabograma da África com a informação que solicitara à South África House. O

cabograma atirava novas luzes sobre a pessoa de Mrs. Kent; mas, por todas as cartolas do inferno, também lançava suspeitas contra o senhor. E, pois, meu avanço ficou temporariamente interrompido. Era possível que a minha idéia fosse extravagante; que um certo Sir Gyles Gay fosse o homem do caso, e bem assim o assassino do Royal Scarlet Hotel. Aham. Eh! Por conseguinte, Miss Forbes, quando a senhorita me perguntou: 'Não nos dirá o senhor quem é o culpado, para podermos dormir em paz?', ou outra coisa qualquer do gênero..."

Francine endireitou-se na cadeira.

— Sim — disse ela. — Estive esperando uma oportunidade para fazer uma pergunta sobre isso. Por que foi que o senhor esteve lá despreocupadamente a formular (em parte, ao menos) uma tese destinada a demonstrar que Bellows era inocente, e só figurara como testemunha no assassinato de Rod...?

— Creio que a senhorita não me compreendeu — atalhou, com humildade, o Dr.

Fell. — Estive lá despreocupadamente, como o diz, tentando elaborar a melhor defesa que pudesse em favor de Bellows, com o propósito único de convencer-me a mim mesmo e aos senhores de que ele era indubitavelmente o culpado. Sobretudo, para me convencer a mim mesmo.

— Quê! — exclamou Kent. — Um momento! Estão surgindo paradoxos demais...

— Não é tão complicado, é? No meu íntimo, eu desejava ardentemente que os senhores apontassem falhas na minha argumentação. Eu receberia com avidez até mesmo um simples motejo inteligente que me atirassem. Mas ninguém o fez; pior para mim. É que eu estava enumerando todos os pontos que no meu fraco entender depunham contra Bellows: 1) o trazer ele no bolso uma chave desta casa, circunstância que sugere premeditação; 2) o ter bebido uísque para animar-se a liquidar Rodney Kent, o que depois o levou a executar mal o serviço; 3) o fato de impressões digitais suas terem sido encontradas no Quarto Azul. Eu pelejava por descobrir algo capaz de explicar satisfatoriamente tais pontos. Se Bellows não fosse o culpado, a explicação desses fatos bastaria para inocentá-lo. Reuni todo o meu equipamento intelectual na tentativa de explicá-los, mas não me convenci. Esperava que alguém me contradissesse dizendo algo como: "Gideon, *mon vieux*, isto tudo são lérias, os fatos estão contra Bellows, e você não pode torcê-los à força de argumentos. Ora, testemunha! Então se pode lá crer que um assassino fique tão ansioso de que lhe testemunhem o crime a ponto de contratar alguém especialmente para isso? Onde está o sentido de toda essa nuvem de palavras?" Ao que, radiante de alegria, lhes replicaria eu: "Ótimo. Esplêndido. Deve ser isto, realmente". Mas não o fizeram. Todos pareceram aceitar minhas razões. Devem ter notado meu estranho comportamento na ocasião, que me obrigava a enxugar resolutamente a testa; e, fato

assaz extraordinário, fui para casa antes de o grupo se dispersar.

"O que mais me acabrunhava era que, pouco antes, a senhorita, Miss Forbes, quase tocou num ponto que a meu ver elucidava o motivo da farsa do uniforme azul.

Ainda agora quase posso ouvi-la dizer: 'Isto deve significar que ele estava preparando a mente de todos para a segunda aparição, quando então surgisse para matar Jenny. . .

Mas, onde haveria alguma indicação num simples conjunto formado

de túnica e calças?'

Ao ouvi-la estive perto de bradar um *burra*; tentei mesmo estimulá-la com um olhar feroso, que, todavia, logo se apagou."

"Pois foi isto o que eu então supunha e agora sei ter de fato acontecido (começando pelo primeiro crime):

Bellows determinou friamente matar Rodney, de uma maneira silenciosa e segundo os preceitos da arte. Ainda não concebera nada sobre nenhum empregado de hotel. Deparou com este grupo de pessoas por ocasião do entretenimento que lhes proporcionou; então ficou conhecendo Rodney; fácil lhe seria descobrir qual era o quarto por ele ocupado na casa. Por falar nisso, ele cometeu um pavoroso deslize quando nos pregou uma mentira desnecessária no posto policial: disse-me que ele (um perito em memorização) não conseguia recordar nenhum traço das feições de Rodney.

Mas, onde o motivo? A senhorita, Miss Forbes, falou-me a tal respeito naquele nosso célebre jantar. Muita gente acreditava que Rodney Kent tivesse desposado Josephine por dinheiro; suspeita que, aliás, Sir Gyles aqui bem conhecia, já que pilheriava a respeito. Dinheiro dela? Não; de Ritchie Bellows. Não é prudente abusar de indivíduos deste tipo. Posso bem imaginá-lo a contemplar a figura descorada de Rodney; o amável e apagado Rodney; e imagino-lhe o ódio a crescer cada vez mais. Forme cada qual, em seu próprio íntimo, uma imagem do rosto de Bellows, e todos entenderão ao que me refiro."

"Mas o assassinato deveria ser feito em regra. Seria morte por 'estrangulamento', de vez que Bellows tem um braço paralisado e, por isso mesmo, não poderia estrangular ninguém. Tivera tempo de sobra para refletir no caso, como se sabe. Teria alguma notícia da útil mobília do Quarto Azul, que lhe possibilitaria fazê-lo? Claro que sim; essa mobília estava ali desde os tempos de seu pai, e Sir Gyles Gay a adquirira juntamente com a casa; o próprio Bellows declarou isto."

"Ele deixou a taverna às dez horas, e até então só tinha bebido o indispensável para manter-se firme; e levava consigo um frasco extra de uísque para conservar-se assim. Esperou todos se recolherem na Quatro Portas, o que se deu por volta de meia-noite. Aguardou ainda alguns minutos mais e, depois, usando a própria chave, entrou na casa e galgou silenciosamente as escadas. No momento usava luvas; levava uma maça de borracha no bolso e um atizador de lareira encoberto pelo sobretudo e preso sob o seu mais ou menos inútil braço esquerdo. Introduziu-se no quarto de Rodney; e como este mal acabara de se

recolher, com certeza admirou-se ao vê-lo; mas decerto não ficou perplexo nem alarmado. Qualquer desculpa explicaria a presença do outro ali. É

então que este lhe distrai a atenção e o golpeia com a maça, fazendo-o perder os sentidos. Depois faz o que precisa ser feito."

"Posteriormente (digamos, cerca de meia-noite e vinte) ei-lo a esgueirar-se escada abaixo; sua tarefa na casa ainda não terminara. Dirige-se...para o gabinete de Sir Gyles, é claro, cuja mobília também se conservava lá desde os tempos de seu pai, a exemplo do que acontecia com o Quarto Azul no andar de cima. Ele abre...a gaveta da escrivaninha, que estava trancada, decerto com as chaves herdadas do pai e que sempre conservava consigo, como de resto conservara tudo o que pudera. Quem mais poderia ter aberto aquela fechadura, que segundo Sir Gyles é complicada? E ele sabe que as fotos estão ali."

"Todo o plano já está ideado. Josephine deverá ser a próxima vítima. Na verdade, até já lhe escrevera anunciando-o friamente; pois sabia que ela não iria mostrar a carta a ninguém. (Recordem que ela recebeu duas cartas com o carimbo postal de Northfield; uma do marido, outra não se soube de quem.) A esta ela respondeu, com igual frieza, advertindo que melhor seria que ele não tentasse nenhuma tolice, pois ainda conserva certo bracelete capaz de levá-lo à força se algo acontecesse a ela. Daí o reaparecimento do bracelete. Nesse entretempo Bellows aumenta ainda mais a tensão emocional da esposa, matando-lhe o marido ilegítimo, certo de que, ainda dessa vez, ela não ousará denunciá-lo."

"Após a morte de Rodney, portanto, Bellows rumou furtivamente para o gabinete de Sir Gyles. Cerrou as cortinas e acendeu uma luz fraca. Os senhores hão de gostar de saber o que descobrimos esta manhã, ou seja, o local por ele escolhido para ocultar os apetrechos que usou nos crimes (o atizador, a maça de borracha, as luvas, a chave da escrivaninha, etc.) até que precisasse deles novamente. Bem, estiveram todo o tempo na escrivaninha. Num compartimento falso no fundo, outra artimanha de seu pai.

Era o melhor esconderijo: se, por um remoto azar, fossem descobertos, só incriminariam Sir Gyles ou algum de seus hóspedes."

"Depois de ocultá-los bem, passou à tarefa de picar as fotos da gaveta, inclusive as do próprio Sir Gyles. Mas ocorreu-lhe uma nova idéia. Bem lhes dizia eu que esse indivíduo nunca se dá por satisfeito. Falei que ele não pôde restringir-se unicamente ao essencial; o que acabou

por traí-lo. A única foto que não destruiu foi a de um grupo de pessoas, tirada do escorregador de um parque de diversões..."

— Aqui surge uma outra questão — interrompeu Gay. — Decerto ele conservou essa foto porque com ela poderia ameaçar Mrs. Kent sem expor-se ao risco de deixar uma foto com o rosto dela visível. Mas como saberia ele que a figura parcialmente oculta na foto era de Mrs. Kent? Imagino que mostrei a ele o retrato, numa ocasião ou noutra, mas eu próprio só vim a saber desse detalhe depois que todos os senhores chegaram aqui...

— O teste de memorização! — exclamou Francine.

— Como disse?

— Isso mesmo — concordou Dan, arregalando os olhos. — Raios, tentei lembrar de onde tinha visto esse retrato pela última vez. Eu e Francine tentamos lembrar disso ontem. O teste de memória, claro. Ou seja, foi quando Bellowes nos deu uma demonstração de seu talento. Uma prova infalível nesse tipo de teste consiste em

passar uma foto sob o nariz de alguém, geralmente algum retrato tirado em grupo por ter uma porção de detalhes, e desafiá-lo a mencionar algum detalhe mínimo após um único olhar. Utilizamos esta foto! E, na ocasião, alguém assinalou que a figura semi-encoberta do retrato era Jenny. Perfeito. Prossiga.

— A vista dos frascos de tinta para desenho — tornou o Dr. Fell obedientemente

— despertou-lhe o impulso de escrever "Ainda falta alguém" e deixar o recado junto ao corpo da primeira vítima. Escreveu-o realmente. Mas logo recuou da idéia, por achá-la perigosa demais. Queria mostrar à mulher que ela estava em perigo. Mas não queria que outros o soubessem. Assim sendo, deteve-se junto da escrivaninha, no meio da noite, e pôs-se a revolver o assunto no pequenino cérebro, ao mesmo tempo em que, uma vez terminada a tarefa que se propusera, mamava compridamente o uísque puro de um frasco.

— Quer dizer — irrompeu Wrayburn estarrecido — que, com um cadáver no andar de cima, ele se sentou, frio como um peixe, no recesso de uma casa alheia...!

— Só que não estava em casa alheia — interrompeu-o o doutor. — É esse o ponto fundamental. Ele estava em sua própria ex-casa; o único lugar que lhe era familiar. Os outros eram intrusos que ele odiava. E,

pois, em lugar de sair apressadamente da casa, começou a embriagar-se. Como devem adivinhar, quanto mais bebia, mais indeciso ficava; pois não era capaz de se ater unicamente ao necessário. Estaria tudo bem no pavimento superior? Não teria omitido nada? Era essa a forma de Ritchie Bellowes se torturar. E quando, por efeito da bebida, a indecisão ganhou vulto, ele teve que certificar-se. Deixou a foto na escrivaninha e, em meio à penumbra, tornou a galgar as escadas, sem luvas nas mãos e precaução nenhuma em mente. Mal podendo enxergar, abriu a porta do Quarto Azul às escancaras, como a encontraram depois, e começou por deixar impressões digitais acendendo a luz. Restava-lhe ainda juízo bastante para compreender que cometera uma tolice; mas era tarde demais. Apenas apagou a luz e, sob o claro da lua, se retirou, o senhor, Mr. Reaper, abriu a porta de seu próprio quarto. Ele não poderia correr; mal podia ter-se em pé. E, pois, fez o que o instinto lhe ditou. Atirou-se no sofá e exibiu um estupor que só em parte era simulado.

"Esta, tendo-se arruinado o plano, foi à história do primeiro crime e a razão do segundo."

"Já lhes disse como, por necessidade e de si mesmo, concebeu ele o astucioso plano do segundo homicídio. Assentou matar Josephine no Royal Scarlet e bem assim fazer-se passar por um empregado da casa em seu uniforme; daí a história que contou.

Ele sabia que todo este grupo de pessoas iria se hospedar no Royal Scarlet; sabia da existência de um novo andar, recém-anexado ao prédio; sabia até a data em que chegariam: assuntos sobre o qual os senhores já tinham falado até cansar. Então os senhores alteraram a data, partindo um dia mais cedo; informação que lhe foi obsequiosamente confiada pelo Inspetor Tanner durante as investigações que por então fazia."

"A ala das celas foi trancada às nove e meia da noite. Antes de dez menos um quarto ele se pôs fora da cadeia, todo vestido, numa dessas escuríssimas noites

campestres em que ninguém o notaria ainda que o visse. E se de fato iria a Londres, como lhes falei, precisava de dinheiro. Nada podia ser mais simples que obtê-lo. Ainda tinha a chave da Quatro Portas. Não havia ninguém aqui além de criados. Na gaveta da escrivaninha daquele gabinete, conforme soubera durante a visita que tinha feito duas semanas atrás, havia uma bolsa com dinheiro suficiente ao menos para a condução até a cidade."

"De resto, tinha mesmo que vir apanhar o inestimável aticador..."

"Donde o misterioso furto de alguns trocados. Correndo tudo bem, o tempo que se leva daqui à cidade é uma hora e dez minutos. Isso o deixaria em Charing Cross pouco depois das onze. Tomava um ônibus para o hotel, tendo envolvido o aticador num jornal; com a dignidade do seu uniforme policial que (circunstância notável!) não apenas era um passaporte para qualquer parte, como ainda lhe permitiria, sem perigo de despertar suspeitas, inquirir garagistas ou porteiros sobre as escadas de incêndio; e em quinze minutos ei-lo junto ao corredor da ala A, em tempo de observá-los quando regressavam do teatro."

"Compreende-se que precisasse esperar a saída da criada, antes de, pulando a janela da rouparia, ganhar o interior do edifício. Mas, ainda assim, esperou até a meia-noite para atacar. Por quê? Porque estivera, até então, aguardando pacientemente o aparecimento de alguém que o visse em seu uniforme. Sem o capacete já estaria transformado em criado de hotel. Só não podia deixar-se avistar por algum criado verdadeiro. Mas era necessário que alguém dentre os hóspedes o visse; e dá-se que eles se obstinaram em permanecer em seus quartos até àquela hora. A rouparia lhe serviria de refúgio, caso alguém se aproximasse demais. Foi uma sorte, para ele, que esperasse mais para atacar. Wrayburn estava no quarto da mulher, o que ele não podia saber, pois o outro entrou e saiu pela porta lateral do 707; e por pouco não se encontram."

"E menos ainda seria esse pouco, se Mrs. Kent, por prudência, não aguardasse uns dois minutos, a fim de certificar-se de que a costa estava livre, antes de abrir a porta para o criado, que murmurou: 'Toalhas extras, madame'. No momento não estava atemorizada; sua crise de nervos já tinha passado; sabia que Bellowes estava seguro debaixo de chave, e Wrayburn ao alcance de sua voz. Nesse breve intervalo, Mr.

Reaper, o senhor surgiu à porta de seu quarto a fim de espiar a hora no relógio do corredor para acertar o seu. Se nisso levasse um segundo mais, veria um criado, carregando uma pilha de toalhas, entrar no 707; com o que ele não se importaria nada.

Na verdade, era justamente isso o que esperava que o senhor fizesse. Estava desfilando para o senhor."

"Mrs. Kent, com o coração reconfortado, abre a porta para um monte de toalhas e diz: 'Pois não?' O assassino transpõe a soleira e baixa as toalhas, exibindo-lhe o rosto claramente, antes de fazer o que tinha de

ser feito. Não podia golpear-lhe a nuca, como fizera a Rodney, pois ela o conhecia."

"Mas ele precisava sobretudo encontrar aquele bracelete. Isto lhe exigiria, como já vimos, uma busca intensiva no aposento. Para prevenir interrupções, apressa-se em

pôr dois sapatos (que julgava pertencerem ao mesmo par) junto à porta, fora, e pendura o cartão de silêncio à maçaneta. Nessa ocasião está usando as mesmas luvas de que se servira para matar Rodney. Mas eis que não encontra o bracelete! Durante a busca dá com uma chave do quarto e alguns trocados, que toma, na bolsa dela. Não é (vai dizer-lhes agora, um tanto exaltado) nenhum ladrão, e não deseja mais que o necessário. Mas o caso é que não consegue achar bracelete algum, salvo o de Mrs.

Jopley-Dunne. È, por falar nisso, sabem o que fez ele depois com essa jóia? Jogou-a dentro de um bueiro, por puro despeito, provando assim que até os assassinos mais altruístas têm lá os seus momentos de veneta."

"Observem, porém, como a técnica deste crime é em tudo idêntica à empregada no primeiro. Novamente, ainda que desta vez com melhores motivos, não consegue ater-se exclusivamente ao essencial. Convence-se de que o verdadeiro bracelete não está em parte alguma do quarto. Entretanto sente-se indeciso, e isto o enfurece. Chega mesmo a deixar o quarto, a certa altura, levando consigo a chave, pois sabe que só irá até o cubículo da rouparia, voltando logo depois. Tem lá as mesmas hesitações que aqui. Todavia, sabe que não pode demorar muito; ou pode perder o último trem de volta. Ei-lo, pois, que retorna ao quarto para dar uma derradeira busca. A diabinha lhe pregara uma peça, apesar de que agora já estivesse morta. Onde raios estaria aquele maldito bracelete? Com a mesma intenção de escárnio que já antes concebera, apanha o cartão de silêncio e nele escreve, com uma caneta encontrada na mala, as palavras

'Mulher morta'. E, deixando a chave na porta, retira-se por fim."

O Dr. Fell aspirou o ar profunda e ruidosamente; depôs no cinzeiro os restos do charuto que acabara, e foi adiante:

— Bem, talvez adivinhem qual fosse o nosso plano de campanha. Se nossos juízos acerca de Bellows fossem corretos, já teríamos provas suficientes para mandar prendê-lo. Mas ele estaria completamente perdido se conseguíssemos induzi-lo a aparecer de uniforme uma vez

mais. Tive de tratá-lo com cautela quando falei com ele no posto policial; não queria dar a Hadley ocasião de interpor nenhuma pergunta. Tanto mais que Bellowes estava seriamente nervoso: fazia duas semanas que não molhava a garganta, de modo. que se achava realmente num estado de forçada abstinência tão grave como se não lhe restasse esperança de escapada alguma. É que ele só podia escapar durante a noite, período em que relaxavam a vigilância; e, até que chegasse a alguma taverna em que não pudesse ser reconhecido, todas as tavernas já estariam fechadas, em obediência à nossa maravilhosa legislação.

"Dei-lhe a entender que acreditava piamente em sua inocência. Expus-lhe em linhas gerais a minha suposta teoria em que ele apenas figurava como 'testemunha' no episódio do crime. A novidade da idéia tanto o surpreendeu que por alguns instantes ficou transtornado e não pôde corresponder à minha expectativa; creiam que o amaldiçoei secretamente por isso. Quando por fim fez algumas tentativas para concordar comigo, já era tarde. O que, sobretudo, me cumpria fazer era encaminhar a conversação para o bracelete perdido, sem levantar suspeitas. Acabei por acercar-me do assunto valendo-me do rude expediente de sugerir que o 'criado fantasma' levava algo numa bandeja quando da sua primeira aparição na Quatro Portas. Mais longe que

isto eu não poderia ir sem revelar minhas intenções. Quando já saíamos, devem lembrar-se, resolvi voltar à cela e falar-lhe ainda uma vez. Fiz-lhe ver que tínhamos descoberto um indíciozinho que, no entender da finada Mrs. Kent, seria importante: um bracelete. Descrevi-o. Perguntei-lhe depois se não o vira com o fantasma de azul.

Respondeu que não. Nisso, deixei escapar, com um pensativo movimento de ombros (que receio só um sismógrafo poderia detectar), a informação de que enviaríamos o referido bracelete aos peritos para exame e que também o exibiríamos a algumas pessoas; revelei, enfim, que a jóia tinha sido confiada a Miss Forbes, que a guardava para nós.

"Contava, como vêem, que ele fosse bastante tolo e atravessasse uma crise nervosa suficientemente forte para deixar-se seduzir pela idéia de tentar nova arremetida em busca da pulseira, e que não hesitaria em fazê-lo ao saber que nisso apenas teria de haver-se com uma mulher. Ele não hesitou. Mas o plano quase foi pelos ares. Tudo estava ajustado: nós o deixaríamos entrar na Quatro Portas para furtar o bracelete e o surpreenderíamos na saída. Garanto-lhes (ora, tenham a bondade de acabar com esse tumulto) que Miss Forbes não corria perigo nenhum: havia dois policiais no quarto dela, embora ela não

soubesse, os quais estavam prontos para cair sobre ele, caso se aproximasse dela. Tudo ia bem até que Bellowes, sabendo que eu e Hadley estávamos na estalagem, entendeu de fazer um giro de reconhecimento. Hadley (como era natural em meio àquela escuridão espessa) tomou-o por Tanner. E, de novo, Bellowes não podia correr. Do que ouvira de Hadley concluiu já estar tudo descoberto. Restava-lhe apenas decidir que fazer a respeito. Creio que lá à sua maneira cogitou nisso com afinco. E, após reflexão, assentou que antes de ser preso haveria de agarrar alguém, fosse quem fosse. Quando o verdadeiro Tanner surgiu na estalagem, dez minutos depois, este seu humilde criado esteve a ponto de adoecer. Se daí não resultaram baixas, não terá sido por culpa nossa. Parabéns por sua coragem, cavalheiro. Congratulo-me, outrossim, com sua futura esposa. E creio que é só."

Todos se entreolharam, após o que Wrayburn esmurrou a mesa.

— Não! Pelos deuses! — bradou. — E o bracelete? E a inscrição secreta, acróstico ou o que for, que havia nele? Sou bamba para decifrar enigmas, mas este ainda não matei.

— O segredo — acudiu o Dr. Fell — estava em não haver nenhuma inscrição secreta nele.

— Mas não pode ser! O senhor mesmo acaba de lembrar o que Jenny me disse. E

o que disse a Francine; especificamente: "A inscrição tem algum significado?" "Só se você for capaz de ler; nisso está todo o segredo."

O Dr. Fell conteve o riso.

— Está muito bem dito e literalmente certo. E não me refiro ao fato, que aliás não nos diz respeito, de que originalmente havia uma inscrição, a saber: "A J. P., de R. B.", gravada no lado interno da jóia e que a proprietária removera havia algum tempo.

Bellowes, é claro, pensou que essa dedicatória ainda estivesse lá, oculta de algum

modo. O real segredo é coisa muito diversa. Josephine acreditava ser isso mais que suficiente para arruinar Bellowes, se fosse descoberto; e tinha razão. Só existiam duas daquelas pedras (que originalmente pertenciam ao pai de Bellowes), e ambas estavam engastadas em anéis. Com uma delas Ritchie mandou fazer o bracelete, que ofereceu à mulher, ficando ele próprio com a outra. Muita gente chegou a vê-

las; e o segredo era tão curioso que não seria esquecido com facilidade. Querem saber qual era esse segredo? Não estava propriamente na jóia, mas na finalidade que a pedra uma vez teve.

— E o que era, afinal?

— Tratava-se de uma "pedra da sobriedade" — explicou o Dr. Fell.

Ao fim de curta pausa, Wrayburn tornou a golpear a mesa; com menos força desta vez.

— Mas claro! — exclamou. — Pelos Dez Mil de Xenofonte! Claro! Como é que eu não pensei nisso? O uso de anéis com tais pedras, durante banquetes, era uma característica dos romanos de fina estirpe. Suetônio se refere a isto com muita gravidade. — E Wrayburn começava a inflamar-se. — Raios, é um instrumento tão útil e prático que devíamos restaurar-lhe o emprego hoje em dia. A pedra da sobriedade era qualquer jóia semipreciosa em cuja superfície se pudessem gravar algumas palavras. Qualquer coisa de bom texto. O dito era sempre apropriado e vinha escrito em caracteres nítidos, porém miúdos. O nobre romano punha-se a beber num banquete e, vez por outra, consultava o anel. Quando passasse a enxergar mal os dizeres da pedra, compreendia ter ultrapassado os limites da sobriedade e já ser tempo de parar.

"Claudite jam rivos, pueri, sat prata biberunt." "Parem de cantar; a diversão acabou."

E: "Só se você puder ler; nisso está todo o segredo". Oh, olhos meus!

— Exato — interveio o Dr. Fell com benevolência; — só que, longe de se me figurar recomendável, esse antigo emprego da pedra, tão exaltadamente escrupuloso, chega a fazer-me arrepiar. O que interessa é que Ritchie Bellowes deu tal pedra à mulher. As pedras eram, pois, um símbolo do compromisso entre eles firmado. Foi a boa influência dela, como sabem, sua meiguice e suavidade, o que transformou Bellowes de indivíduo potencialmente solvável e estimável num assassino obcecado por uma idéia fixa. Não digo que moralmente o condene.

Dan Reaper inspirou fundo.

— Eu, só o que digo — declarou — é que ninguém me faria passar por isso de novo, nem...por muito dinheiro. Eu nem sabia o que pensar. Durante quase todo o tempo...

— De quem é que você suspeitava, querido? — perguntou-lhe Melitta placidamente.

Tal pergunta surpreendeu o grupo todo, e eles se entreolharam. Responder àquilo seria revelar um segredo, aliviar uma tensão, que os desconstruía a todos. Logo, porém, um ar de embaraço apontou em vários rostos.

— Sim — secundou-a Wrayburn. — Diga-nos; de quem?

— Meu suspeito era você, seu cafajeste — respondeu Dan com certa violência na voz. — Devo ter lido demais as idéias tolas de Chris. Mas, como você apresentou um sólido álibi que logo o pôs ao abrigo de suspeitas...bem, a coisa ficou parecendo engraçada. Desculpe os meus maus modos...

— Oh, não se preocupe. Ouçam, que tal outro copo de vinho? Para ser franco, eu teria votado em nosso bom anfitrião.

— Essa idéia — conveio Gay — parece ter ocorrido a muita gente. Eu, por mim, já que a franqueza não parece desgostá-los, digo que meu contemplado, a princípio, foi aqui o nosso Mr. Kent. Mas logo mudei de parecer, elegendo Miss Forbes...

— A mim?

— Especialmente — insistiu Gay — por ter sido a senhora a pessoa que andou bisbilhotando no meu gabinete, ontem, pouco antes de eu encontrar na escrivaninha aquela foto que há tempos estava sumida. Vi-a fechando a porta no topo da escada...

— Mas eu só espiei tentando descobrir o que tinha acontecido com todos! Nem me lembrei disso depois.

— ...e, quando vi que a polícia tinha posto um homem para vigiá-la — prosseguiu Gay —, não tive mais dúvidas. Lamentei-a muitíssimo. Mas, como vê, não a denunciei.

E a senhora, que nos diz, Mrs. Reaper?

— Bem — respondeu ela prontamente, quase radiante; — é claro que não queria arriscar nenhuma opinião, mas estava convencida de que meu marido tinha algo a ver com o caso. Não estou dizendo, entendam bem, que ele é pior que os outros homens; mas, seja como for, é assim mesmo que os outros homens fazem, e eu me senti infelicíssima com isso. Como meu avô costumava...

— Eu, culpado? — admirou-se Dan. — Bem, ao que parece você teve mais sorte, minha cara. Com a tese de Chris, contra o gerente do hotel, o círculo se fecha e vê-se que você foi a única a não inspirar suspeitas a ninguém.

— Não é verdade — contraveio Kent. — Ela foi alvo das suspeitas aqui de Francine...

— Chris — acudiu Francine, atirando-lhe um olhar de pena —, não me diga que você caiu mesmo nessa! — E fitou-o sinceramente estarecida.

— Acreditar? Ué; se você mesma me disse...

— Chris, você é um cabeça-dura! Está claro que o meu suspeito era você. Então por que acha que eu me comportei como uma megera? Imaginei-o de amores com ela.

Daí a minha ansiedade em pegar aquele bracelete; queria verificar se ele tinha algo a ver com você. E no restaurante, e mais ainda depois no táxi, sugeri que talvez fosse Melitta a culpada apenas para fazê-lo confessar...

Kent, perplexo, olhou em torno.

— Deixe ver se entendi — disse ele. — É o cúmulo! Chegamos ao ponto de não mais saber o que os outros pensam mesmo depois de nos contarem. Ora, como se há

de classificar uma coisa dessas?!

Da cabeceira da mesa, o Dr. Fell tirou os óculos antes de responder:

— Eu a classificaria de "história policial".

O Autor e sua Obra

Reconhecido como um dos expoentes da novela policial de suspense, Dickson Carr foi um escritor extremamente produtivo. Em sua melhor fase chegou a escrever de quatro a seis novelas por ano. Utilizando-se de seu próprio nome, ou do pseudônimo de Carter Dickson, criou duas personagens que se tornaram familiares aos leitores da literatura de mistério: o Dr. Gideon Fell e Sir Henry Merrivale.

Além de escritor policial, Dickson Carr também praticou outros gêneros, tais como romances históricos e biografias. É de sua autoria a biografia do

criador de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle. Aliás, em colaboração com o filho do biografado, Adrian Conan Doyle, Dickson Carr escreveu uma série de contos, utilizando-se da famosa personagem Sherlock Holmes, que mais tarde foram reunidos sob o título geral de "As explorações de Sherlock Holmes".

Apesar de nascido nos Estados Unidos em 1905, John Dickson Carr passou grande parte de sua vida na Inglaterra, somente retornando ao seu país após o fim da Segunda Guerra Mundial. Permaneceria em seu país até sua morte, a 27 de fevereiro de 1977.

Como escritor policial, Dickson Carr sempre teve em suas narrativas o extremo cuidado de dar aos seus leitores todas as pistas para a descoberta dos mistérios ou a solução dos crimes. Disse certa vez: "Nunca me preocupo em enganar os leitores."

Estabeleço todas as evidências, e cabe aos leitores encontrar a solução do crime".

Proprietário de uma das maiores bibliotecas sobre livros de mistério, chegou a ser presidente da associação Mystery Writers of America, em 1951.

Suas principais obras traduzidas no Brasil foram: "Não despertem os mortos", "A esfinge, adormecida" e "Os crimes do unicórnio".

{1} "Pai de família." Em francês no original.

{2} "Conversa." Em francês no original.

{3} Sei que é tolice impingir ao leitor notas explicativas que lhe venham como que dos bastidores; mas, para o caso de se pensar que estou plagiando, esclareço que isto realmente aconteceu. É óbvio que não posso revelar o nome do hotel em questão, mas é um dos grandes de Bloomsbury, em Londres. — J. D. C.

{4} "Master of Arts", ou seja, licenciado em letras.

Document Outline

- [Folha de Rosto](#)
- [I](#)
- [II](#)
- [III](#)
- [IV](#)
- [V](#)
- [VI](#)
- [VII](#)
- [VIII](#)
- [IX](#)
- [X](#)
- [XI](#)
- [XII](#)
- [XIII](#)
- [XIV](#)
- [XV](#)
- [XVI](#)
- [XVII](#)
- [XVIII](#)
- [XIX](#)
- [XX](#)
- [O Autor e sua Obra](#)